



PROJETO DE VIDA

Organizador:

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.

Editora responsáve' Anna Helena Alter

MANUAL DO PROFESSOR

THE COLOR OF THE PARTY OF THE P





ANA PAULA SEVERIANO

Bacharel em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora.

DANILO EIJI LOPES

Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), no programa História Social.

Professor e pesquisador.

GISELLE ROCHA

Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na área de concentração Literatura Brasileira. Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

Gestora de projetos educacionais e professora.

RENATA ALENCAR

Doutora em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),
na área de concentração Comunicação e Sociabilidade Contemporânea.

Professora e pesquisadora.



PROJETO DE VIDA

Organizador:

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.

Editora responsável:

Anna Helena Altenfelder

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na área de concentração Psicologia da Educação. Gestora de projetos educacionais.

MANUAL DO PROFESSOR

1ª edição

São Paulo, 2020



Coordenação editorial: Ana Paula Souza Nani

Edição de texto: Carolina Tomasi, Hosana Zotelli dos Santos, Patrícia Santana Tenguan

Colaboração pedagógica: Rebeca Toledo Bergamaschi, Carolina Tomasi

Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula

Coordenação de produção: Patricia Costa

Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues Coordenação de *design* e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Bruno Tonel, Adriano Moreno Barbosa **Capa:** Yan Comunicação e Design, Douglas Rodrigues José

Ilustrações: Aine/Shutterstock (fundo), PROKOPEVA IRINA/Shutterstock (pessoa), Dilen/Shutterstock (porta), Edilus/Shutterstock (escada)

Coordenação de arte: Denis Torquato
Edição de arte: Iara Susue Rikimaru
Editoração eletrônica: Homart
Ilustrações de vinhetas: Daniel Klein
Coordenação de revisão: Elaine C. del Nero

Revisão: Arali Gomes, Renata Palermo, Viviane T. Mendes

Coordenação de pesquisa iconográfica: Luciano Baneza Gabarron Pesquisa iconográfica: Cristina Mota, Maria Marques Mendonça

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos

Costa, Marina M. Buzzinaro

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Marcio H. Kamoto,

Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educação para a vida: manual do professor /
Ana Paula Severiano...[et al.]; organizador
CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em
Educação, Cultura e Ação Comunitária; editora
responsável Anna Helena Altenfelder. – 1. ed. –
São Paulo: Moderna, 2020.

Outros autores: Danilo Eiji Lopes, Giselle Rocha, Renata Alencar.

na, Renata Alencar. Projeto de vida.

1. Autoestima 2. Cultura 3. Educação emocional

4. Educação social I. Severiano, Ana Paula.

II. Lopes, Danilo Eiji. III. Rocha, Giselle.

IV. Alencar, Renata. V. CENPEC - Centro de Estudos

e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.

VI. Altenfelder, Anna Helena.

20-32476

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação emocional e social 370.115

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904 Vendas e Atendimento: Tel. (0__11) 2602-5510 Fax (0__11) 2790-1501 www.moderna.com.br 2020 Impresso no Brasil

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Por que trabalhar projetos de vida e narrativas juvenis no Ensino Médio?

Convidamos você a embarcar nesta jornada para realizar uma proposta com cada um de seus alunos: a construção de um projeto de vida.

Você, como professor, terá um papel fundamental para qualificar as tantas e distintas conexões que se mostrarão possíveis para seus estudantes, ao longo desta jornada. O desafio e a responsabilidade são grandes, sabemos disso.

Como deve ser uma abordagem para o uso das histórias de vida dos jovens nas práticas escolares? Como o olhar para as histórias de vida juvenis pode ser um poderoso instrumento pedagógico? Como você, professor, pode dialogar com essas narrativas, tanto para associá-las aos conteúdos curriculares, como para favorecer a aprendizagem e provocar nos estudantes uma reflexão sobre seu próprio projeto de futuro?

A jornada formativa que propomos se organiza em três grandes momentos que identificamos como Unidades 1, 2 e 3.

A Unidade 1, "Quem sou: o encontro comigo", dá centralidade ao "autoconhecimento", cuja reflexão necessariamente passa pelo entendimento das identidades juvenis no que diz respeito ao jovem na condição de sujeito e no seu relacionamento com a família, a comunidade e o contexto sociocultural. Esta Unidade é composta de três capítulos que elaboram recortes para essas questões, articulando-as a dez atividades a serem propostas aos estudantes. Uma outra dimensão que atravessa toda a Unidade diz diretamente das narrativas juvenis pela via de uma interessante reflexão sobre as multimodalidades textuais.

A Unidade 2, "Expansão e exploração: o encontro com o outro", se aprofunda na dimensão relacional e promove reflexões sobre o bem comum, sobre a vida comunitária, sobre a cidade e sobre os territórios. Todo esse debate é, claro, articulado à noção de projeto de vida e introduz questões pertinentes ao mundo do trabalho. Assim como a primeira, a Unidade 2 também é composta de três capítulos que, em seus percursos, propõem nove atividades aos estudantes.

À jornada se encerra na Unidade 3, "Para onde vamos: o encontro com o *nós*". Nesse momento, nos dedicamos à criação de um campo de reflexões diretamente atrelado ao desenvolvimento profissional e à sistematização de um olhar sobre o projeto de futuro. Essa Unidade é composta de dois capítulos, permeados por oito atividades.

SUMÁRIO

ORIENTAÇÕES GERAISVI
Juventudes - diversos modos de ser e conhecerVI
Juventude e vulnerabilidadeVII
Projetos de vida - concepções que atravessam o fazerVIII
Base Nacional Comum Curricular (BNCC)X
ESTRUTURA DA OBRAXIV
Metodologias de aprendizagem ativaXIV
Sala de aula invertidaXV
Aprendizagem baseada em projetosXV
Aprendizagem mão na massaXV
A cartografia e seu uso pedagógicoXV
Sugestões de cronogramaXVI
TEXTOS COMPLEMENTARESXVII
Texto 1XVII
Texto 2XVII
Texto 3XVII
Texto 4XVIII
Texto 5XIX
Texto 6XX
Texto 7xx
Texto 8xx
Texto 9XXI
PARA ONDE O PROJETO DE VIDA PODE LEVAR O ESTUDANTEXXII
O papel do professor: reposicionamento e ressignificações à luz dos projetos de vidaXXII
Por que trabalhar com projetos de vida na escola?XXII

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	XXIV
ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE AS UNIDADES	XXVIII
Unidade 1: Quem sou:	
o encontro comigo	XXVIII
Objetivos	XXIX
Competências gerais da BNCC em destaque	XXIX
Temas contemporâneos transversais	XXX
Estratégias pedagógicas priorizadas	XXX
Atitudes esperadas do professor na condução da Unidade	XXXI
Aquecimento: sensibilização para a Unidade	XXXI
Capítulo 1: Autobiografias: narrativas de si	XXXII
Objetivos	XXXII
Rede conceitual (palavras-chave)	XXXII
Mão na massa	XXXII
Atividade 1: Selfies: imagens de mim	
Atividade 2; O autorretrato: uma criação	
biográfica	XXXIII
Atividade 3: Ateliê de autorretratos	XXXIII
Atividade 4: Circuito de escritas: eu, tu e n	ós XXXIV
Capítulo 2: Minha identidade	XXXV
Objetivos	XXXV
Rede conceitual (palavra-chave)	XXXV
Mão na massa	XXXV
Atividade 1: Árvore genealógica	XXXV
Atividade 2: Linha do tempo	XXXVI
Capítulo 3: Meus desejos, meus talentos	
e meus desafios	XXXVI
Objetivos	XXXVI
Rede conceitual	XXXVI
Mão na massa	XXXVII
Atividade 1: Painel de inspirações	
(ou moodboard)	XXXVII
Atividade 2: Mapa mental	XXXVII
Atividade 3: Brainwriting	XXXVIII
Atividade 4: Carta	XXXIX

Unidade 2: Expansão e exploração:	
o encontro com o outro	XL
Objetivos	XLI
Competências gerais da BNCC em destaque	XLI
Temas contemporâneos transversais	XLI
Estratégias pedagógicas priorizadas	XLI
Atitudes esperadas do professor na	
condução da Unidade	XLI
Aquecimento: sensibilização para a Unidade	XLII
Capítulo 1: Territórios e saberes	XLII
Definição de território	XLIII
O direito à cidade	XLIII
A exploração como atitude para conhecer	
o bairro	XLIII
Objetivos	XLIV
Rede conceitual (palavras-chave)	XLIV
Mão na massa	XLIV
Atividade 1: Expedição investigativa	
e hand maps	XLIV
Atividade 2: A busca pelo outro	XLVI
Atividade 3: Encontro com o outro	XLVII
Capítulo 2: Jovem cidadão	XLIX
Objetivos	XLIX
Rede conceitual (palavras-chave)	XLIX
Mão na massa	XLIX
Atividade 1: O que nos guia?	XLIX
Atividade 2: Coletivos juvenis	LI
Atividade 3: O que queremos dizer	
ao mundo?	LII
Capítulo 3: Uma rede em expansão	LII
Objetivos	LIII
Rede conceitual (palavras-chave)	LIII
Mão na massa	LIII
Atividade 1: O universo do trabalho	LIII
Atividade 2: Cenário crítico	LIV
Atividade 3: Minha rede intersetorial	LIV

Unidade 3: Para onde vamos:
o encontro com o <i>nós</i> LV
ObjetivosLVI
Competências gerais da BNCC em destaqueLVI
Temas contemporâneos transversaisLVII
Estratégias pedagógicas priorizadasLVII
Atitudes esperadas do professor na
condução da UnidadeLVII
Aquecimento: sensibilização para a UnidadeLVII
Capítulo 1: Uma jornada para mapear
significados e contextosLVIII
ObjetivosLVIII
Rede conceitual (palavras-chave)LVIII
Mão na massaLVIII
Atividade 1: Painel de significadosLVIII
Atividade 2: Mapa afetivo de pessoas
e profissõesLIX
Atividade 3: Expectativa × realidadeLX
Capítulo 2: Sonhos em perspectiva:
diagnóstico de habilidades e de oportunidadesLXI
ObjetivosLXII
Rede conceitual (palavras-chave)LXII
Mão na massaLXII
Atividade 1: Minha vocaçãoLXII
Atividade 2: Meu futuro em desenho
e vídeoLXII
Atividade 3: Escolha sua rotaLXIII
Atividade 4: Um portfólio para chamar
de seuLXIII
Atividade 5: Um passo a mais:
carta de motivaçãoLXIV
ODIENTAÇÃO ESDECÍCICA SODDE
ORIENTAÇÃO ESPECÍFICA SOBRE O PROJETO DE INTERVENÇÃOLXV

ORIENTAÇÕES GERAIS

Juventudes - diversos modos de ser e conhecer

E como esse material auxiliará seus alunos a construir um projeto de vida? Para começar, vamos pensar sobre quem sãos seus alunos. O que revela a faixa etária dos estudantes do Ensino Médio? O que querem esses jovens? Qual é, afinal, o conceito de juventude?

Rebeldia, desinteresse, irresponsabilidade, apatia? São esses os conceitos principais que associamos à juventude? Historicamente, o jovem foi visto como um problema, a juventude foi compreendida como uma etapa transitória para a fase adulta, etapa esta tempestuosa, e seu cerceamento resultou em rebeldia ou em conformismo, sendo mais comum encontrar as duas características juntas. Você já passou por isso?

Não nos faltam exemplos de diferentes mídias culturais que tonificaram e ainda reforçam os lados negativos de uma suposta juventude. As próprias políticas públicas demoraram para ser concretizadas em relação a esse grupo. O Estatuto da Criança e do Adolescente é de 1990, e se trata de um marco, pois foi o reconhecimento de que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos e demandas. Somente em 2013, com a Lei nº 12.852, foi instituído o Estatuto da Juventude, apresentando princípios e diretrizes das políticas públicas em relação à juventude no país. Dentre outros pontos, a lei determinou que são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos, e assegurou-se a esse grupo o direito à participação social e política, e na formulação, execução e avaliação das políticas públicas referentes à juventude.



Dados obtidos em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742compilado.htm; https://www.camara.leg.br/noticias/132341-comissao-especial-da-juventude-ouviu-sugestoes-da-sociedade/; https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra:jsessionid=CFF918 http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Juventude/caderno_propostas_1_conferencia_juventude.pdf; https://www.lanalto.gov.br/clivll_03/_ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acessos em 19 jan. 2020.

A lei estabelece um parâmetro etário para definir quais são as pessoas consideradas jovens, mas como lembra Paulo Carrano em seu texto "Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência", a definição de ser jovem através da idade é apenas um dos critérios possíveis, que por sinal muda de país para país, de coletividade para coletividade. O autor ainda nos recorda de que a juventude é uma categoria socialmente produzida, resultante de um longo processo histórico longe de estar finalizado. Algumas sociedades possuem rituais claros que marcam a passagem da juventude para a fase adulta. Para nós, o que representaria tal passagem? Casar-se? Ter filhos? Ter independência financeira? O senso comum nos apontaria para algo semelhante, acrescentando-se a posse de uma inteligência emocional mais robusta e a responsabilidade pelos próprios atos e de suas consequências com terceiros.

Na atualidade, a passagem da juventude para a vida adulta tornou-se cada vez mais fluida e imprecisa. Antes, talvez existisse um caminho mais claro para esse jovem, mas, hoje, essas certezas não existem mais, e os contextos são tão diversos que não permitem generalizações. O Brasil, país de proporções continentais, apresenta desigualdades sociais, diferenças regionais, diversos graus de urbanização, de infraestrutura, e isso nos traz a um ponto de suma importância: **não há uma juventude definida, mas sim juventudes, com todas as suas semelhanças e diferenças; conceito que reforça a diversidade e a ideia de ser um momento na vida de um sujeito, imprescindível para sua formação como indivíduo, e que não se reduz a uma simples passagem. E como você bem sabe, pelas diversas circunstâncias da vida, alguns assumem responsabilidades muito cedo e outros seguem "eternamente jovens".**

É importante destacar que a juventude é uma categoria dinâmica, e que os jovens estão igualmente em constante transformação. A escola e o professor exercem papéis fundamentais na formação dos jovens, mas não se pode desconsiderar toda a experiência juvenil acumulada em espaços independentes do contexto escolar; vivências de lazer, consumo, conflito, reflexão, que, pelo contrário, os estudantes trazem para dentro da escola, transformando-a com a mesma potência com que são influenciados.

A sociedade brasileira tem tido avanços no que se refere à busca pelo reconhecimento das identidades étnico-raciais, às mudanças nas relações de gênero, às orientações afetivo-sexuais, ao convívio com as diferenças (claro, assuntos cercados de contendas e ainda longe de estar resolvidos), além da produção de novos conteúdos, produtos e mercados de consumo. É notória a importante contribuição, militância, experimentação por parte dos jovens. Neste instante, chegamos a outro ponto de atenção: os jovens nunca tiveram tanto acesso à informação e nunca tiveram tantos meios de produção e divulgação de seus conhecimentos. Isso é revolucionário! Atente-se à riqueza e potência disso.

Juventude e vulnerabilidade

De acordo com a Pesquisa Agenda Juventude Brasil (2013), a juventude brasileira, de modo geral, se configura como o alvo mais frequente da violência, em suas diversas formas, principalmente nas periferias das grandes cidades, além de também ser vítima indireta da violência, considerada quando os atingidos são semelhantes ou pessoas próximas de seu convívio. A pesquisa ainda nos lembra que, no país, a violência letal tem cor, renda e território. Somente em 2012, mais de 30 mil jovens (entre 15 e 29 anos) foram assassinados, a maioria deles, 79,9%, negra, de baixa renda e das periferias.

E os desafios não param. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 23% dos jovens brasileiros não trabalham nem estudam (são os jovens "nem-nem"), geralmente mulheres de baixa renda. Podemos ainda comentar sobre a evasão escolar, somar o número altíssimo de jovens mortos em acidentes de trânsito, o aumento dos casos de suicídio e do sentimento de solidão e a depressão, um dos grandes males do século XXI. Também tratar sobre o envolvimento de jovens com o consumo e tráfico de drogas, o aumento da incidência de aids e outras DSTs, além da gravidez precoce. Aqui chegamos a mais um ponto de destaque: é preciso se informar sobre as diferentes juventudes e seus contextos. É importante conhecer seus alunos, olhar essa diversidade e buscar informações sobre seus dilemas. Vale destacar que as pesquisas citadas também trataram sobre expectativas futuras de uma parcela representativa da juventude brasileira. Ao serem questionados sobre seus sonhos, 48% dos jovens responderam sonhar com um emprego. Em seguida, estudo, realização financeira, moradia e família. Talvez você tenha considerado aspirações conservadoras, quiçá novas pesquisas tragam outras tendências, mas aqui destacamos que é uma geração que ainda sonha. E como isso é importante!

Em setembro de 2015, representantes dos 193 Estados-membros da ONU se reuniram em Nova York, nos Estados Unidos, e acordaram que a erradicação da pobreza é o maior desafio para o desenvolvimento sustentável do globo. Para tal cruzada, adotaram o documento "Transformando o nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável". Com tal declaração, os países signatários se comprometeram em tomar medidas orientadas por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), 17 objetivos para transformar o mundo; como não poderia ser diferente, educação e trabalho são pautas prioritárias, e, não à toa, igualmente são temas presentes nos desejos e sonhos da juventude brasileira.

Este material aposta na valorização dos jovens, compreende que cada indivíduo tem sua trajetória pessoal e que ela deve ser ouvida e considerada. É imprescindível fortalecer a autonomia e oportunizar situações e espaços onde os jovens desenvolvam seu papel de cidadãos e que ajudem a construir a história dos territórios onde vivem. Aqui temos lugar para uma quinta intervenção — na verdade, um questionamento: **qual é a educação que queremos proporcionar a esses jovens?** Não importam as plataformas

digitais, os livros, as formações continuadas se não tivermos clareza do que queremos em relação ao ensino. Uma coisa é certa: se queremos alunos participantes, solidários, críticos, cientes de seus direitos e deveres, teremos que propor situações em que eles aprendam e vivenciem isso.

Fato é que a sociedade contemporânea está passando por transformações basilares, dentre elas, o meio ambiente e a obsolescência humana em relação às novas tecnologias talvez sejam os principais focos de preocupação com o que ainda está por vir. Solidariedade, colaboração e consciência coletiva serão competências imprescindíveis, e essa geração atual já nasceu em um mundo interconectado e *on-line*: as distâncias encurtaram, as fronteiras são menos tangíveis, e muitos jovens se veem inseridos em amplas e diferentes redes. Noções de coletividade, de responsabilidade sobre bens comuns, de partilha de dados e informações orbitam com naturalidade nesses grupos.

As opções são muitas, as informações são tantas, mas tenha certeza de que o papel do professor e da escola continuam fundamentais para esse processo de aprendizagem; inclusive, o ganho de escolaridade dessa geração de jovens se destaca ao observarmos as pesquisas dos últimos anos sobre o país. Que a inclusão dos jovens nos espaços públicos e comunitários, a partir da concepção de que são pessoas ativas, livres, responsáveis e dignas de ocupar uma posição central nos processos políticos e sociais, objetivo presente no Estatuto da Juventude, seja um guia nessa empreitada formativa.

O importante é aproveitar os desafios que esta nova geração nos traz, sempre tendo como princípios de formação o respeito à diversidade cultural e à autonomia desses jovens, além de acolhê-los com empatia e uma escuta qualificada. A nova geração carrega consigo uma curiosidade pelo mundo e uma potência de inovação que torna essa caminhada ainda mais prazerosa.

Consideramos a juventude como um momento bastante significativo na história da vida pessoal e no fortalecimento da autonomia para que desenvolvam seu papel de agentes culturais e sociais transformando os territórios em que vivem e direcionando sua vida para a realização de seus desejos e propósitos. Ao mesmo tempo, sabemos que as mudanças na configuração econômica e das relações de trabalho nas sociedades atuais, aliadas à intensificação tecnológica, têm trazido desafios enormes para os jovens, provocando estagnação, medo, paralisando-os e subordinando-os a situações vulneráveis de confinamento social, causando um gargalo na garantia de direito à educação.

Por isso, a necessidade de uma escola que acolha esses jovens e os faça projetar ideias, desejos e vontades. Uma escola que os faça acreditar e construir um projeto de vida. Uma escola que os faça sonhar.

Projetos de vida - concepções que atravessam o fazer

Viktor Frankl nasceu em Viena, Áustria, em 1905, onde se dedicou à medicina, principalmente à psiquiatria, até que seu país natal fosse invadido pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e ele, enviado a um campo de concentração. Frankl registrou as atrocidades que testemunhou em anotações durante os anos de aprisionamento. Ele sobreviveu aos campos, apesar de ter perdido a esposa, os pais e o irmão. Com o fim da guerra, em 1945, usou seus registros para publicar um livro que, ao longo da segunda metade do século XX, se transformou em *best-seller* mundial, *Em busca de sentido: um psicó-logo no campo de concentração*. Frankl é um dos pioneiros a discutir, unindo a perspectiva científica à experiência pessoal, a importância de encontrar um sentido para a vida, fundamental para manter-se firme em contextos de adversidade.

O médico vienense representa uma das pedras de fundação de uma discussão que ganha força, principalmente, na academia estadunidense, em fins do século XX, com a ascensão da psicologia positiva – que não se foca nas patologias, mas em como os sujeitos podem ser mais satisfeitos e felizes. Carol Diane Ryff, professora de psicologia na Universidade de Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos, faz parte desse grupo e estuda de que modo se alcança bem-estar mental. Ainda nos anos 1980, ela apontava como preditores dessa satisfação a autoaceitação, o relacionamento interpessoal positivo, a autonomia, o manejo do ambiente, o crescimento pessoal e o que os pesquisadores estadunidenses chamam de *purpose* e vem sendo traduzido no Brasil como projeto vital.

Mais recentemente, soma-se ao debate o trabalho de William Damon, psicólogo e professor da Universidade de Stanford, instituição onde também dirige o centro de pesquisas para a adolescência. Um de seus livros mais importantes é *O que o jovem quer da vida?*. Na obra, ele constata problemas da juventude como a sensação de apatia, a falta de sentido e a ansiedade. Em relação aos autores

anteriores que se debruçaram sobre a questão, a reflexão de Damon avança para a prática: projetos de vida não são apenas idealizações, é possível colocá-los em prática por meio de ações e com o apoio de pais e professores.

Damon define *purpose*, conceito que, desdobrado, pode ser traduzido como projeto vital, da seguinte maneira: "é uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu". Dessa maneira, um projeto vital não se restringe ao sujeito, mas às suas interações com o mundo e com as pessoas que dele são próximas.

Ao se estudar e pensar práticas e políticas públicas para a juventude, essa definição ganha destaque. Projetos vitais não são uma característica da natureza humana dada. Como afirma Damon, projetos vitais "são uma intenção". Essa intenção não é inata, é racional e pode ser desenvolvida a partir do processo de socialização na escola e nos territórios nos quais os jovens transitam e atuam. Há, porém, a necessidade de compreender obstáculos a esse processo e alinhar as expectativas para que a elaboração de projetos vitais efetivamente aconteça. Com base em estudos da psicologia do desenvolvimento humano, a pesquisadora e professora Wivian Weller, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, aponta que, ao concretizar a passagem da adolescência para a idade adulta, espera-se que o indivíduo tenha autonomia financeira, reflita sobre o desejo de construir família e criar filhos, participe da produção cultural, do consumo e da política. A professora afirma, contudo, que essa transição não ocorre de forma linear e nem sempre depende exclusivamente do jovem. Ademais, há variáveis a serem consideradas antes que se projetem expectativas sobre um grupo de jovens: se são homens ou mulheres, se vivem na zona urbana ou na zona rural, se estão inseridos em contextos de vulnerabilidade social. Weller ressalta ainda:

Sabemos que o primeiro emprego formal, a conquista de um teto próprio, a celebração de determinados rituais, entre outros, costumam ser vistos como marcadores de transição para a vida adulta. No entanto, alguns desses eventos passaram por ressignificações ou perderam o *status* de "ritos de passagem", transformando-se em "ritos de impasse". Verifica-se também uma imprecisão com relação à idade em que determinados eventos acontecem (se é que eles acontecem), tornado as fronteiras "cada vez mais borradas".

(WELLER, 2014, p. 137.)

É nesse contexto de "fronteiras borradas" que a Base Nacional Comum Curricular oferece novos horizontes de trabalho aos professores. No documento, o projeto de vida é citado como eixo central que pode organizar as práticas da escola. Como mencionado no Capítulo 2 da Unidade 2, são inúmeras e diversificadas as barreiras enfrentadas por professores e gestores nas instituições de ensino brasileiras, entre eles a evasão escolar e a relação superficial, pouco participativa com os territórios em que os jovens e suas famílias vivem.

É claro que a constatação dessas dificuldades não é recente e a importância de pensar projetos de vida já aparecia, em alguma medida, na Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e também nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, em 2011. Agora, entretanto, o projeto de vida vem contemplado de forma ampla no documento oficial e ocupa lugar central nos currículos escolares, estendendo as relações da escola com o que se encontra além dos muros:

Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma escola que acolha as diversidades, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos.

(BRASIL, 2018, p. 463.)

Fomentar a construção de projetos de vida dialoga também com a nova proposta de oferecer itinerários formativos no Ensino Médio. Ora, ao ter que escolher entre Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas ou Formação técnica e profissional, o jovem começa a dar forma ao seu futuro e a desenhar perspectivas para o ingresso no Ensino Superior ou no mundo do trabalho.

Ademais, a BNCC pressupõe a valorização de histórias pessoais e de contextos locais tanto quanto a formação integral dos sujeitos, o que quer dizer que se estabelece uma educação que não tem como foco apenas o conteúdo, mas o desenvolvimento de habilidades. Daí que o projeto de vida olha para aspectos afetivos, relacionais, culturais, sociais e políticos. Há, ainda assim, uma preocupação com o ingresso no mercado de trabalho, pois a preparação básica para este e a cidadania [...] supõe o desenvolvimento de competências que possibilitem aos estudantes inserir-se de forma ativa, crítica, criativa e responsável em um mundo cada vez mais complexo e imprevisível, criando possibilidades para viabilizar seu projeto de vida e continuar aprendendo, de modo a ser capazes de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores.

(BRASIL, 2018, p. 465-466.)

Diante do exposto, seria impossível basilar as atividades presentes nesta obra sem perpassar conceitos que abrangem a mencionada formação integral: na Unidade 1, discutimos identidades e autoconhecimento; na Unidade 2, exploramos territórios e possibilidades de ação política, ética, coletiva; na Unidade 3, propomos uma imersão nas reflexões sobre o trabalho.

Dialogamos, por fim, nas atividades aqui propostas, com os diferentes campos da Base Nacional Comum Curricular, propondo sua interlocução com a construção de projetos de vida. Ao propor atividades de entrevista e de leitura de artigos de opinião e crônicas sobre temas correlatos, inserimo-nos no campo jornalístico-midiático e contribuímos para o desenvolvimento de um olhar mais crítico sobre a produção de conteúdo nessa esfera. Dialogamos também com o campo de atuação na vida pública, em especial na Unidade 2, em que a reflexão sobre a cidadania e a inserção no coletivo é protagonista dos textos e atividades. Na construção de portfólio e na escrita do diário de bordo, avançamos à esfera pessoal, que também é contemplada nas rodas de história e nas reflexões sobre identidade da Unidade 1. Entrevistas, mapas e outras estratégias cartográficas fazem parte das respostas que temos à necessidade de pensar o campo das práticas de estudo e de pesquisa. Por fim, nos valemos das ferramentas da comunicação digital, das referências literárias, das artes plásticas e da fotografia e de algumas propostas de experimentação para aproximar os projetos de vida do campo artístico.

A BNCC na prática

Campo jornalístico-midiático → Unidades 1 e 2

Campo de atuação na vida pública → Unidade 2

Campo da vida pessoal → Unidade 1

Campo das práticas de estudo e de pesquisa → Unidades 1, 2 e 3

Campo artístico → Unidades 1, 2 e 3

Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A temática do projeto de vida orientada por essa perspectiva é em si um convite à interdisciplinaridade e à conexão de saberes. A interdisciplinaridade diz, sobretudo, de uma postura pedagógica que o educador assume ao proporcionar ao estudante um processo de aprendizagem que estimula o diálogo entre metodologias e concepções de distintas áreas de conhecimento. E vai além: dessa conexão, criam-se novos pensamentos, novas ferramentas e novas linguagens.

Interdisciplinaridade: pressupõe uma nova forma de produção do conhecimento voltada aos fenômenos complexos. Em seus pressupostos, busca operar entre as fronteiras disciplinares não somente a partir de trocas teóricas, metodológicas e tecnológicas, mas igualmente criando novas linguagens e instrumentais, além do compromisso de (re)ligar conhecimentos gerados pelo pensamento disciplinar. Suas várias trocas, mais complexas que a pluri[disciplinaridade], ocorrem entre diferentes áreas do conhecimento, mas permanecem circunscritas ao âmbito do conhecimento considerado científico.

A Base Nacional Comum Curricular possui 10 competências gerais a serem desenvolvidas ao longo da educação básica. A nossa proposta com o trabalho com projeto de vida dialoga com esses objetivos. Mas quais são essas competências?

- 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- 2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas), com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- 4. Utilizar diferentes linguagens verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(BNCC, 2017, p. 9-10.)

Nas páginas a seguir, apresentamos um quadro que traz como as atividades apresentadas para o desenvolvimento do conteúdo se articulam as competências gerais da Educação Básica previstas na BNCC e aos campos de atuação social:

- campo de vida pessoal,
- campo das práticas de estudo e de pesquisa,
- · campo jornalístico-midiático,
- campo de atuação na vida pública,
- campo artístico.

Unidade	Capítulo	Atividade				
		Selfies: imagens de mim: convite à autopercepção e reflexão acerca de si mesmo. Apesar de a etapa inicial se tratar de uma análise individual, a segunda etapa da atividade prevê um momento coletivo de trocas.				
		O autorretrato: uma criação biográfica: reflexão sobre autorretratos como um modo de narrativa autobiográfica.				
	Capítulo 1	Ateliê de autorretratos: produção de um autorretrato em que a imagem ou criação artística reflita não apenas os aspectos físicos mas também aspectos importantes da personalidade, a fim de traduzir de maneira visual o que se deseja destacar sobre si mesmo.				
		Circuito de escritas: eu, tu e nós: momento de partilha das histórias de vida que possibilita não só a escuta da história e jornada do outro, mas também propõe a criação de uma continuação imaginativa para as histórias contadas.				
Unidade 1	5 (1.1.5)	Árvore genealógica : construção de uma árvore genealógica que retrate os laços familiares, biológicos ou não, que compõem a história de cada um, tendo como base as descobertas realizadas em uma pesquisa.				
Capítulo 2		Linha do tempo : construção de uma linha do tempo com trajetória, a partir da reflexão sobre aspectos da narrativa de vida.				
		Painel de inspirações (ou <i>moodboard</i>): mapeamento de referências do universo cultural e criação de um grande painel de inspirações.				
	Cantrula 2	Mapa mental: sistematização de características pessoais como talentos, desejos, habilidades, atitudes e desafios que partem da questão principal "Afinal, quem sou eu?".				
	Capítulo 3	Brainwriting: debate de ideias realizado a partir da produção do mapa mental.				
		Carta: escrita de uma carta na qual destinatário e remetente coincidem. É um momento de se voltar para si mesmo e registrar seus desejos, medos, sonhos e anseios.				
	Capítulo 1	Expedição investigativa e <i>hand maps</i> : exercício de exploração e observação do território, com enfoque em aspectos sensoriais e espaciais que marcaram a vivência de cada um, seguido da construção de um mapa desenhado à mão coletivamente.				
		A busca pelo <i>outro</i> : pesquisa sobre o bairro em que a escola está localizada, considerando aspectos da história, os problemas existentes, as potencialidades do bairro, curiosidades e também manifestações culturais presentes.				
		Encontro com o outro : pesquisa de campo, por meio da coleta de dados quantitativos e qualitativos nas residências do entorno escolar.				
		O que nos guia?: atividade que propõe, por meio da simbolização, a percepção das forças pessoais, inquietações e sentimentos além de princípios que são importantes ao grupo.				
Unidade 2	Capítulo 2	Coletivos juvenis: a criação de uma ação coletiva visando uma mobilização com possíveis parceiros para atuação, a partir de pesquisa a respeito da formação e atuação de coletivos juvenis.				
		O que queremos dizer ao mundo?: sistematização por meio de um manifesto, compartilhando ideias, reivindicações, desejos, críticas e predileções.				
		O universo do trabalho: reflexão sobre a geração "nem-nem" e construção de infográfico a partir de estudo de caso.				
	Capítulo 3	Cenário crítico: criação de estudos de caso que apresentem um problema, um conflito e com perguntas que devem estimular a reflexão dos colegas.				
		Minha rede intersetorial: construção de um mapa mental que materializa a rede de saberes, equipamentos e lugares do território que sejam relevantes para o projeto de vida de cada um.				
		Painel de significados: momento de reflexão coletiva acerca do que significa o trabalho, com tudo o que uma ocupação envolve, considerando não só aspectos práticos mas também subjetivos.				
	Capítulo 1	Mapa afetivo de pessoas e profissões: construção coletiva de um mapa afetivo, ou seja, uma produção que revela lembranças relacionadas a algum local evidenciando assim lugares da memória de cada um.				
		Expectativa x realidade : atividade em que deverão acompanhar a jornada de trabalho de uma pessoa que escolherem.				
Unidade 3		Minha vocação : reflexão acerca da temática vocacional, de modo que seja possível identificar semelhanças e diferenças entre o grupo.				
officace 3		Meu futuro em desenho e vídeo : a partir da temática escolhida, com foco nas realizações e no mundo do trabalho, produzir um vídeo imaginando o futuro profissional.				
	Capítulo 2	Escolha sua rota : registro de metas que compõem o projeto de vida de cada um, considerando as instituições presentes no território, as ações e meios que podem ser realizados para o alcance de tais metas.				
		Um portfólio para chamar de seu: elaboração de um documento com o registro individual acerca das experiências.				
		Um passo a mais: carta de motivação: elaboração de carta de motivação de acordo com o cotidiano.				

Campos de atuação social					
Campo da vida pessoal	Campo das práticas de estudo e de pesquisa	Campo jornalístico- -midiático	Campo de atuação na vida pública	Campo artístico	Competências gerais da BNCC trabalhadas na Unidade
					Competências gerais: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 O autoconhecimento é temática central da Unidade. Ao longo das atividades propostas, o estudante tem oportunidade de exercitar o olhar para si mesmo, a fim de se aprofundar em seus aspectos mais íntimos que o constituem como sujeito. O desenvolvimento dessa percepção permite ampliar a consciência de si,
					o que possibilita não só a noção das potencialidades e fragilidades que possui, mas também da apropria- ção de tais aspectos e características. Para além do aspecto individual, as atividades realizadas em grupo possibilitam a prática da empatia, do diálogo, coope- ração e acolhimento para com o outro, entendendo-
					-o como alguém que se encontra no mesmo proces- so de se conhecer.
					Competências gerais: 1, 4, 5, 6, 7, 9, 10 A pesquisa é um eixo fundamental desta Unidade. Por meio da exploração realizada nas atividades propostas, os estudantes se aproximam dos objetos de estudo, dando assim a importância à argumentação
					baseada em fatos, dados e estudos. O debate que se segue a cada investigação no território promove a reflexão crítica alinhada diretamente aos direitos hu- manos e às demandas e características locais em ter-
		,			mos quantitativos e qualitativos. O conhecimento e a apropriação do território fomentam a valorização das produções culturais existentes, uma vez que o acesso
					a diversidade cultural promove identificação e conta- to com diferentes linguagens. A ênfase na noção de cidadania e no agir pessoal e coletivo reforça o com-
					promisso para com os deveres e responsabilidades com a sociedade como um todo, ponto que permeia o projeto de vida de cada um.
					6 10 1 25 6 7
					Competências gerais: 2, 5, 6, 7 O enfoque no mundo do trabalho não apenas de maneira teórica mas também prática é um exemplo
					de como a Unidade propõe e incentiva a valorização de diferentes saberes e vivências. A apropriação de conhecimentos e experiências permite escolhas coe-
					rentes, de modo que os objetivos e metas estejam alinhados ao exercício da cidadania e principalmente à autonomia, liberdade, consciência crítica e respon-
					sabilidade. A investigação presencial em campos de interesse auxilia no desenvolvimento do pensamento científico, tanto para buscar a causa, quanto para
					elaborar hipóteses e encontrar possíveis soluções. Para isso, o jovem deve se valer de seu repertório cultural e apropriação dos diferentes tipos de lingua-
					gem sem deixar de considerar o contexto digital em que está inserido.

ESTRUTURA DA OBRA

A obra é composta de três Unidades que se denominam:

- Unidade 1 Quem sou: o encontro comigo
- Unidade 2 Expansão e exploração: o encontro com o outro
- Unidade 3 Para onde vamos: o encontro com o nós

Esta obra didática pretende auxiliar os estudantes a construir o seu projeto de vida, a encontrar as peças-chave capazes de dar sentido a tudo o que eles fizeram, fazem e ainda vão fazer.

A estrutura do projeto de vida contempla os seguintes itens:

- Nuvens de palavras: nesse diagrama estão representados os principais conceitos trabalhados na Unidade;
- Rede conceitual: onde s\u00e3o apresentados os conceitos a serem desenvolvidos na Unidade:
- Mão na massa: atividades diversificadas para os alunos, com passo a passo;
- Nesta atividade, exercitamos: apresenta as vivências, competências gerais e específicas, habilidades e tema contemporâneo transversal trabalhados na atividade;
- Vá lá!: sugere uma pesquisa para que os alunos aprofundem sobre um tema e/ou conteúdo;
- Na estante: são indicações literárias, filmográficas, dentre outras, para ampliar o repertório dos alunos;
- Balanço final: sistematização das aprendizagens da Unidade;
- Para guardar e progredir: esse último campo está presente em todas as Unidades. Todas as atividades registradas aqui vão compor o portfólio do aluno.

As atividades propostas se estruturam por metodologias ativas de ensino e aprendizagem, que se baseiam em referenciais cartográficos, propondo ações pedagógicas que desenvolvam nos jovens um olhar aprofundado sobre a realidade, considerando que "cada vista é a vista de um ponto" e que necessitam olhar um objeto, um acontecimento, os espaços, as relações pessoais e os territórios, por diversos ângulos e perspectivas, de forma que superem pré-conceitos, visões parciais e fragmentadas e construam progressivamente um olhar que integre parte e todo. São procedimentos próprios dessa metodologia a análise de contexto, a escuta e observações criteriosas, a elaboração de registros que documentem os percursos e as reflexões. A integração dessas estratégias permite desenvolver a consciência de si e do outro, aperfeiçoar as habilidades interpessoais, a capacidade de resolver problemas e a postura diante da vida.

Metodologias de aprendizagem ativa

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. Um ruído, por exemplo, pode provocar minha curiosidade. Observo o espaço onde parece que se está verificando. Aguço o ouvido. Procuro comparar com outro ruído cuja razão de ser já conheço. Investigo melhor o espaço. Admito hipóteses

várias em torno da possível origem do ruído. Elimino algumas até que chego a sua explicação.

Satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietar-me e buscar continua em pé. Não haveria existência humana sem a transitividade de nossa consciência.

Quanto mais faço estas operações com maior rigor metódico tanto mais me aproximo da maior exatidão dos achados da minha curiosidade.

Um dos saberes fundamentais à minha prática educativo-crítica é o que me adverte da necessária promoção da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica.

(FREIRE, 2019, p. 85-86.)

As denominadas metodologias ativas para a educação são um conjunto de estratégias pedagógicas que, de distintos modos, colocam o estudante no centro do processo de aprendizagem. Nesse sentido, toda a engrenagem que movimenta a construção de conhecimento depende da postura ativa do educando. Isso, no entanto, não pode significar ausência de intencionalidade pedagógica, tampouco recaídas em discursos que tornam elásticas as noções de autonomia e curiosidade.

Para fugirmos desses riscos diante das tão citadas metodologias ativas é que optamos por introduzir este debate com as palavras de Paulo Freire. Ainda que ele não operasse diretamente sobre a terminologia das metodologias ativas de aprendizagem, encontramos no autor subsídios para o exercício pedagógico que valoriza a autonomia do educando, que respeita o seu repertório, as suas linguagens, a sua diversidade e que se nutre de sua curiosidade. Todos esses aspectos, no entanto, para o autor, devem compor uma atmosfera dialógica em que ambos, "professor e alunos, se assumam *epistemologicamente curiosos*" (FREIRE, 2019, p. 83).

Na formação sobre projetos de vida que aqui propomos, buscamos valorizar exatamente o espaço relacional configurado entre estudantes e professores, capaz de estimular a curiosidade sobre si e sobre os outros. Tal postura curiosa atua como condicionante para a construção de saberes e "sentidos para os saberes". É nessa perspectiva que nos alinhamos às chamadas metodologias ativas para a educação. José Moran destaca que esse contexto

[...] pede uma mudança de postura, em que gradativamente o educador se posicione como um mediador, um parceiro na construção de conhecimentos que não está no centro do processo. Quem está no centro, nessa concepção, são o aluno e as relações que ele estabelece com o educador, com os pares e, principalmente, com o objeto do conhecimento.

(MORAN, 2018.)

Acreditamos que o investimento em processos de aprendizagem ativa oportuniza o desenvolvimento de competências diversas que constam na BNCC. Quando propomos um percurso priorizando a competência geral 6, "Projeto de vida", não há como ter êxito nesse trabalho se não engajarmos os alunos em uma busca ativa por se conhecer e se projetar, no

presente e no futuro. Para isso, convidamos você, professor, a assumir também uma postura ativa como "designer de caminhos", como Moran destaca.

O papel ativo do professor como *designer* de caminhos, de atividades individuais e em grupo é decisivo e diferente. O professor torna-se, cada vez mais, um gestor e orientador de caminhos coletivos e individuais, previsíveis e imprevisíveis, em uma construção mais aberta, criativa e empreendedora.

(MORAN, 2018.)

Destacamos a seguir três estratégias das várias existentes no escopo do que se denomina metodologias ativas para a educação. São elas: "sala de aula invertida", "aprendizagem baseada em projetos" e "aprendizagem mão na massa". Decerto que há outras, mas você vai reconhecer algumas dessas três no conjunto das 27 atividades que propomos no livro do estudante. Nesse contexto, vale lembrar: "o seu papel é ajudar os alunos a irem além de onde conseguiriam ir sozinhos, motivando, questionando, orientando" (MORAN, 2018).

Sala de aula invertida

Os autores Jonathan Bergmann e Aaron Sams escreveram um livro totalmente dedicado à estratégia da sala de aula invertida. Nesse tipo de proposta, o gerenciamento habitual de uma aula é completamente transformado. Mas como isso funciona?

O processo se inicia com uma curadoria, por parte do professor, de materiais sobre um determinado tema. Esses materiais podem ser vídeos, músicas, textos, sites etc. Os estudantes devem estudar em casa, explorar esses materiais, fazer registros, anotações e descobrir outras referências sobre o assunto. A partir daí, eles vão criar um percurso para apresentar suas descobertas à turma. Você pode, inclusive, propor aos estudantes que criem algo (um vídeo, uma apresentação teatral, um show etc. como forma de socializar seus estudos). O professor tem, nesse contexto da sala de aula invertida, o papel de curador de conteúdos, o papel de orientador e de mediador.

O grande destaque da sala de aula invertida é favorecer o envolvimento dos estudantes com distintas habilidades e fazer com que eles próprios atuem no gerenciamento da aula. Além disso, a estratégia favorece o fortalecimento da relação entre professor e estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

Aprendizagem baseada em projetos

Se falamos no início deste texto sobre a curiosidade epistemológica, a denominada aprendizagem baseada em projetos (ABP) incorpora literalmente essa ideia. Trata-se de uma promissora metodologia para a educação que incentiva os estudantes a elaborar caminhos possíveis para desafios que o mundo apresenta. Trata-se, portanto, de engajar os estudantes em uma busca ativa pelo conhecimento. Colegas e professores, no contexto da ABP, exercitam competências colaborativas na construção de conhecimento. O professor é aqui um orientador e um facilitador. Esse tipo de metodologia pode contribuir para o trabalho sobre distintas competências da BNCC, principalmente o desenvolvimento do pensamento científico, crítico e

criativo, assim como a competência de argumentação. A aprendizagem baseada em projetos oportuniza ainda a promoção da interdisciplinaridade, possibilitando ao professor despertar nos estudantes a "conectividade das grandes ideias dentro das várias áreas do currículo" (BENDER, 2014, p. 25).

Aprendizagem mão na massa

A aprendizagem mão na massa se articulada na relação entre teoria e prática, ampliando o espaço de experimentação ofertado aos estudantes. Podemos falar em experimentação tecnológica, em experimentação de metodologias, de linguagens etc.

Com frequência, a aprendizagem mão na massa é articulada com outras estratégias. O que ela tem de mais especial é promover um ciclo de conhecimento que se constrói no processo de pensar, fazer, testar, fazer de novo etc., até que se alcance uma solução interessante para um desafio (criativo, científico, tecnológico etc.).

A cartografia e seu uso pedagógico

No desenho metodológico do percurso formativo proposto no livro do estudante, a cartografia ocupa um lugar de destaque. O que é uma cartografia? Como ela foi utilizada como ferramenta pedagógica para a construção de projetos de vida?

Ao ler "cartografia", você, provavelmente, pensou em um mapa. No entanto, apesar de serem os mapas representações cartográficas, eles não são a única forma de cartografia. Vamos refletir um pouco sobre essa instigante expressividade.

A cartografia é uma forma de sistematização de conhecimento e um plano expressivo capaz de desvelar relações de distintas naturezas. A cartografia é uma linguagem que orienta a leitura e a produção de sentidos sobre a vida, a realidade e o território. Esse tipo de representação objetiva produz uma percepção mais atenta aos percursos e caminhos rotineiros e suas culturas habituais, promovendo o desenvolvimento de sensibilidades e o envolvimento reflexivo dos jovens consigo mesmos e com os territórios da cidade.

Ela foi utilizada nesta obra como ferramenta para os jovens desvendarem a vida em toda sua complexidade. Várias camadas cartográficas são sobrepostas no percurso proposto nestas orientações, tendo como objetos o próprio jovem, sua cultura, sua comunidade e sua cidade. Essas investigações podem enfocar as relações espaciais, as relações de poder, as relações econômicas, os espaços formativos, os movimentos culturais, a história local, a história pessoal, os desejos e projetos juvenis. Cartografia é tão somente a representação multimodal de relações, ou seja, são textos verbovisuais. Como exemplos de cartografias temos: uma linha do tempo que representa os acontecimentos significativos da vida de uma pessoa, um mapa que representa os locais mais ou menos frequentados pelos jovens, um organograma que mostra as responsabilidades de uma equipe de projeto etc. No livro do estudante, diversas atividades são propostas para compreender relações complexas e desnaturalizar as categorias que perpetuam leituras estigmatizadas sobre os territórios vulneráveis e seus moradores.

Destaca-se, como parte das estratégias da cartografia, o trabalho com as histórias de vida. Ao mesmo tempo que promove identificação entre os jovens – constituindo-se também uma estratégia de fortalecimento das turmas –, o levantamento das histórias de vida possibilita que os educadores possam construir uma leitura mais profunda dos potenciais e desafios dos jovens, aprimorando o planejamento das atividades educativas.

Mas, sobretudo, a construção dessas narrativas pessoais permite desnaturalizar as categorias com as quais, ordinariamente, compreendemos e vivemos o cotidiano e focalizá-las de uma perspectiva subjetiva. Além disso, quando compartilhamos nossas narrativas, estabelecemos novos significados sociais. Assim, a perspectiva multicultural contida no trabalho com história de vida evoca também discussões sobre a diversidade étnico-cultural, de gênero, entre outras.

Ao associarmos as histórias de vida aos outros exercícios cartográficos sobre o território, buscamos que o jovem aprimore sua reflexão sobre o futuro e inspire-se para caminhar na direção da conclusão do ensino básico e ampliação da formação educacional.

Além das histórias de vida, o livro do estudante articula as seguintes representações cartográficas atreladas à construção dos projetos vitais:

- Linha do tempo;
- Painel de inspirações;
- Autobiografia;
- Mapas mentais;
- Autorretrato:
- Mapas de trajetos, entre outras.

Árvore genealógica;

As representações cartográficas propostas têm dupla intenção pedagógica:

- a) proporcionar a materialização gradual dos conhecimentos construídos pelos jovens em cada etapa da jornada, oportunizando que sejam resgatados na etapa final;
- b) estimular a habilidade de escrita e leitura sobre multimodos textuais, contribuindo para o multiletramento dos estudantes.

Sugestões de cronograma

A seguir, apresentamos sugestões de cronograma para a adequação do trabalho em sala de aula dependendo da carga horária disponível.

Sugestão de cronograma bimestral - 10 semanas

- Unidade 1 Capítulo 1: desenvolvimento das atividades na 1ª e 2ª semanas.
- Unidade 1 Capítulo 2: desenvolvimento das atividades na 3ª semana.
- Unidade 1 Capítulo 3: desenvolvimento das atividades na 4ª semana.
- Unidade 2 Capítulo 1: desenvolvimento das atividades na 5ª e 6ª semanas.
- Unidade 2 Capítulo 2: desenvolvimento das atividades na 6ª semana.
- Unidade 2 Capítulo 3: desenvolvimento das atividades na 7ª semana.

- Unidade 3 Capítulo 1: desenvolvimento das atividades na 8ª semana.
- Unidade 3 Capítulo 2: desenvolvimento das atividades na 9ª e 10ª semanas.

Sugestão de cronograma trimestral - 14 semanas

- Unidade 1 Capítulo 1: desenvolvimento das atividades na 1ª e 2ª semanas.
- Unidade 1 Capítulo 2: desenvolvimento das atividades na 3ª semana.
- Unidade 1 Capítulo 3: desenvolvimento das atividades na 4ª e 5ª semanas.
- Unidade 2 Capítulo 1: desenvolvimento das atividades na 6ª e 7ª semanas.
- Unidade 2 Capítulo 2: desenvolvimento das atividades na 8ª e 9ª semanas.
- Unidade 2 Capítulo 3: desenvolvimento das atividades na 9ª e 10ª semanas.
- Unidade 3 Capítulo 1: desenvolvimento das atividades na 11ª e 12ª semanas.
- Unidade 3 Capítulo 2: desenvolvimento das atividades na 12ª, 13ª e 14ª semanas.

Sugestão de cronograma semestral - 6 meses

- Unidade 1 Capítulos 1 e 2: desenvolvimento das atividades no 1º mês.
- Unidade 1 Capítulo 3: desenvolvimento das atividades no 2º mês.
- Unidade 2 Capítulo 1: desenvolvimento das atividades no 3º mês.
- Unidade 2 Capítulo 2: desenvolvimento das atividades no 4º mês.
- Unidade 2 Capítulo 3: desenvolvimento das atividades no 4º e 5º meses.
- Unidade 3 Capítulo 1: desenvolvimento das atividades no 5º mês.
- Unidade 3 Capítulo 2: desenvolvimento das atividades no 5º e 6º meses.

Sugestão de cronograma anual - 10 meses

- Unidade 1 Capítulo 1: desenvolvimento das atividades no 1º e 2º meses.
- Unidade 1 Capítulo 2: desenvolvimento das atividades no 3º mês.
- Unidade 1 Capítulo 3: desenvolvimento das atividades no 4º mês.
- Unidade 2 Capítulo 1: desenvolvimento das atividades no 5º e 6º meses.
- Unidade 2 Capítulo 2: desenvolvimento das atividades no 6º mês.
- Unidade 2 Capítulo 3: desenvolvimento das atividades no 7º mês.
- Unidade 3 Capítulo 1: desenvolvimento das atividades no 8º mês.
- Unidade 3 Capítulo 2: desenvolvimento das atividades no 9º e 10º meses.

TEXTOS COMPLEMENTARES

Texto 1

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que venho tentando desenvolver, identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. Numa visão mais ampla radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como O processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferenca (compreendida aqui como resultado) são produzidas. Na origem estaria a diferença - compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação. [...]

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

Texto 2

Nesse sentido, e buscando afastar-se dessas armadilhas, a autora propõe pensar a família como uma categoria nativa, ou seja, demarcada simbolicamente por um discurso sobre si própria. Assim, dentro de cada cultura, cada família constrói sua própria história - criando sua identidade - e incorpora elementos exteriores, ao elaborar os discursos sobre si, construindo-se, então, dialeticamente. Esse discurso é internalizado e ressignificado pelos indivíduos que têm, na família, o espaço privilegiado para elaboração e significação das primeiras experiências vividas. Ao reelaborarem suas experiências, os indivíduos "crescem". Esse processo de crescimento é ao mesmo tempo biológico e simbólico. A família, um universo de relações recíprocas e complementares, tem no jovem a figura privilegiada que introduz "o outro necessário", por meio da inserção de novos referenciais, representados pelos "vários grupos de pares" com os quais convive. De qualquer maneira, para os jovens, a família é uma esfera de suma importância, em virtude de se firmar como espaço de afetividade e também de conflitos. Ela representa o "eixo de referências simbólicas".

OLIVEIRA, Régia Cristina. Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 386-392, nov. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-20702005000200018. Acesso em: 6 dez. 2019.

Texto 3

[...] Paulo Carrano: o professor, mesmo nessas condições dadas, pode fazer muito, principalmente se ele compreender que esse jovem que se encontra diante dele não é o jovem que ele foi. Esta talvez seja uma dificuldade nossa, enquanto adultos, enquanto professores e enquanto pais: achar que vai acertar porque foi jovem também e, portanto, sabe o que é ser jovem. Só sabe o que é ser jovem hoje guem está vivendo a juventude hoje. O gue dá para fazer é estudar, tentar compreender se aproximando e, assim, ter uma visão aproximada, analítica, do que é ser jovem hoje, mas a experiência corpórea da juventude é do jovem e da jovem. Então, é preciso abandonar essa certeza de que eu sei o que é ser jovem porque já fui jovem também. Como dizia a [poeta e educadora brasileira, 1901-1964] Cecília Meireles, "quem trata com a juventude deve aprender a ser jovem". É preciso fazer esse esforço para se aproximar do jovem. Estar atento ao que acontece no âmbito da música, da cultura, do esporte, da afetividade, das novas sociabilidades. A toda hora está se descobrindo uma nova forma de encontro musical dos jovens nas periferias das grandes cidades, algo que faz sentido para os jovens e não faria para mim, nem na minha época de juventude. Por isso que a formação do professor que trabalha com juventude no Ensino Médio, na EJA e na própria universidade deveria ser uma formação nucleada nos estudos de juventude, para entendê-la em sua amplitude corpórea, cultural e política. Outra tendência que temos, como educadores, é a de apontar caminhos, de contribuir para que aquele sujeito seja melhor do que é. Isso é um papel formativo da educação, mas é preciso que seja feito dentro dessa ambiência contemporânea. Não é mais aquilo de falar "um dia você vai descobrir para que serve isso que estou ensinando". Quantas vezes a gente ouviu esse tipo de coisa? Os jovens vão aprender, e apreender, aquilo que faz sentido para a sua experiência no tempo presente. Não que o futuro não seja importante. Pelo contrário: os jovens pensam, e muito, no futuro. E muitas vezes até de maneira angustiada: "O que eu vou fazer amanhã?" E isso faz com que, muitas vezes, eles não fluam no presente. A quantidade de jovens que estão fazendo uma coisa e mudam, pensando que, no futuro, poderão fazer outra coisa, é muito grande. Então, o jovem não é um despreocupado do futuro, mas, por outro lado, ele coloca o seu esforço naquilo que dialoga com a sua experiência. Assim, o professor que trabalha com juventude deve estar atento não à prescrição (e nós somos muito bons nisso de planejar, de prescrever...), mas à atenção pedagógica. Ou seja, é preciso combinar a intenção pedagógica, porque é preciso saber aonde se quer chegar, com a atenção ao sujeito humano que está diante de mim, e que muitas vezes eu desconheço. E os estudos mostram isto: assim como nós, os jovens são interessados e desinteressados relativamente. Ninquém é interessado em tudo por todo o tempo! O desinteresse é uma relação. Eu costumo citar a [filósofa alemã, 1906-1975] Hannah Arendt, que em seu estudo A condição humana mostra que a origem da palavra interesse é interomniesses, ou seja, "viver entre esses homens". Quando você morre, deixa de estar entre esses (desinereomniesses), daí a palavra desinteresse, que está associada à morte. Então, o desinteresse na sala de aula, num relacionamento, no ambiente de trabalho é uma morte em vida. Eu costumo dizer que, muitas vezes, o abandono da escola acontece antes mesmo da saída do jovem da escola; ele ainda está lá, mas os pensamentos estão longe e ele se pergunta "o que eu tô fazendo aqui?". Isso é o desinteresse, que é fruto de uma má relação na construção social do interesse. Então, é um erro do campo educacional colocar o desinteresse em um único polo porque se o interesse é uma relação "entre esses", é a minha relação que está problemática, e não o outro que está desinteressado. Se o aluno jovem está desinteressado, o professor deve se perguntar: "Será que eu não estou construindo relações desinteressantes? Será que não é preciso melhorar as relações de interesse?" É preciso se perguntar se o desinteresse do jovem não é, em última instância, resultado de uma relação desinteressante. Na formação do professor tem que entrar também essa busca em assumir mais um papel de mediador, desse que faz a liga entre a intenção e a atenção, do que do sujeito que prescreve. Isso é uma preocupação com o outro, e aí entra também a questão importante do reconhecimento, porque os mitos que nós criamos pelo outro em geral são formados pela distância, tanto física quanto simbólica. Se eu tenho uma imagem de aluno de Ensino Médio ideal, quando me deparo com um jovem que não corresponde àquela imagem idealizada, costumo dizer que ele não está bem preparado, que a família faltou, que ele vem de um bairro que não ajuda, e por aí vai. A aproximação com a vida do jovem mostra que nós estamos nos interessando por ele; aí, entra o reconhecimento. Por exemplo, o jovem chega com o boné, e esse é um caso de estudo... Eu gostaria de fazer um estudo só sobre o uso do boné nas diferentes escolas do Brasil.

Revista Veras: Há, inclusive, em um dos seus artigos a expressão "Ah, o boné!"...

Paulo Carrano: O boné representa um registro cultural e simbólico que não cabe na função uniformizadora do uniforme de escola. E o uniforme é uma ideia positiva, porque representa a igualdade: é um conceito republicano esse de uniformizar todos os alunos, de modo a não distinguir os conteúdos que serão ministrados. Mas, e a ideia da diferença? O boné expressa essa diferença maltratada. E as desculpas para se proibir o uso do boné são as mais esfarrapadas possíveis: que ele pode ocultar drogas, que é uma afronta ao professor, mexe com a autoridade... Mas, de alguma maneira, o boné representa para o jovem um estilo de vida, uma identidade cultural que a escola não aceita, ou não sabe trabalhar com ela. Então, essa dimensão do reconhecimento é muito importante porque, e aí eu concordo com o [filósofo francês,

1903-2005] Paul Ricoeur, "o reconhecimento precede o conhecimento". A escola, sendo uma instituição muito preocupada com o conhecimento, ainda que hoje o conhecimento não esteja só nela – e cada vez menos o conhecimento está só nela, está na ponta dos dedos, na internet, nos bancos de dados –, ela é, e deve ser, também um local de reconhecimento do interessante. Se eu não reconheço o outro, não posso educá-lo. Daí a importância do reconhecimento.

Revista Veras: Nesse sentido, é como aquela expressão que você usa de que a escola precisa reconhecer as trajetórias não escolares de seus alunos, não?

Paulo Carrano: Esse é o esforço que estamos fazendo aqui no Observatório Jovem, o de tentar fazer uma sintonia fina dessa realidade escolar por meio da escuta biográfica, sem descurar de trabalhar com métodos quantitativos. A ideia é que a escola, para ser democrática e republicana, precisa ser para todos, mas, cada vez mais, precisa também fazer sentido para cada um. Assim, ela precisaria ser o mais singularista possível. E não se consegue fazer isso sem ferramentas e métodos para fazer a escuta desses percursos biográficos singulares; por isso que a escuta biográfica é tão importante. Está-se diante de um aluno que é um sujeito cultural completo.

CARRANO, Paulo. *O jovem, seu boné e a escola*. Entrevista concedida a Ricardo Prado e Lisandra Ogg Gomes. *Revista Veras*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 183-202, jul./dez. 2017. p. 189-191.

Texto 4

Influenciador pessoal: o Professor

No Dia do Professor deste ano, dei uma palestra no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, para professores e pessoas ligadas à Educação Pública. Na ocasião, uma professora da plateia, chamada Maria Alcina Quintela, fez uma intervenção que eu adorei: "neste mundo em que influenciadores digitais são cada vez mais poderosos, precisamos entender que os docentes são os maiores influenciadores pessoais". Ela tem razão. Professores são influenciadores de uma vida toda!

Apesar das diferenças entre as gerações, eu mesma tive vários professores que me marcaram muito. A primeira foi a "Tia Angela", Angela Santos Caruso, minha professora no Jardim I e depois no Pré II, nomes que usávamos para a Pré-Escola naquela época. A Angela foi quem me alfabetizou, com quem eu primeiro me correspondi por cartinhas; ela foi a primeira a me dizer que eu escrevia bem (até me estimulou a escrever um livrinho aos sete anos) e a me dar livros com dedicatórias lindas. Foi a Angela que me ensinou a gostar de estudar e, por isso, a ser uma boa aluna. Esse é o poder de um bom professor.

Para muita gente, infelizmente, o primeiro bom professor demora muito mais a chegar. Pode aparecer apenas nos anos finais do Ensino Fundamental ou ainda mais tarde, no Ensino Médio. Independentemente de quando essa empatia pedagógica ocorre, quando ela acontece, nossas vidas ficam marcadas para sempre.

Tendo dedicado a minha carreira às políticas educacionais, sei bem o valor desse profissional. O impacto de um professor melhor ou pior qualificado pode equivaler

à perda de um ano escolar, conforme indicam estudos do pesquisador norte-americano Eric Hanushek. Diferentemente do que se imagina, os bons professores não são essenciais apenas para os estudantes, mas também para seus pares na escola, como aponta pesquisa recente da Fundação Carlos Chagas.

[...]

Assim como a minha professora Angela, ou como o professor Jayse Antônio, educador de destaque em Pernambuco; ou ainda Débora Seabra, docente com Síndrome de Down que vem quebrando paradigmas, milhares de professores podem liderar uma guinada na aprendizagem brasileira, nossa principal e mais grave crise. Nem todas as pessoas terão a oportunidade de ir ao Memorial do Holocausto, em Berlim, Alemanha, por exemplo, nem a um centro espacial, mas bons professores podem colocar esses e outros assuntos no rol de referências dos estudantes, contribuindo para uma formação crítica. [...]

Grande parte da vida de crianças e jovens dá-se nas escolas e precisamos usar esse tempo para uma aprendizagem significativa. Os professores devem estar preparados para mediar o conhecimento cientificamente comprovado e acumulado pela humanidade e, assim, lançar as bases para o progresso do Brasil. Essa é uma responsabilidade e tanto para os docentes, incumbência que só poderá ser efetuada com qualidade a partir do apoio de todos nós. Que isso nos sirva de combustível para que, neste mês dos professores, façamos da docência uma causa de toda a sociedade brasileira.

CRUZ, Priscila. Influenciador pessoal: o Professor. *UOL Educação*, 2018. Disponível em: https://educacao.uol.com.br/colunas/priscila-cruz/2018/10/17/influenciador-pessoal-o-professor.htm. Acesso em: 17 dez. 2019.

Texto 5

Por que vivemos na sociedade do cansaço, segundo este filósofo

Para o coreano Byung-chul Han, a contemporaneidade é marcada por um excesso de positividade que culmina nas mais diversas patologias psicológicas

Em 2013, uma pesquisa realizada pelo Ibope demonstrou que 98% dos brasileiros se sentem cansados mental e fisicamente. Os jovens de 20 a 29 anos representam a maior fatia dos exaustos.

A tendência aparece em outros lugares. De acordo com o Conselho Nacional de Segurança dos Estados Unidos de 2015, 43% dos trabalhadores do país dormem menos do que o período recomendado pela Fundação Nacional do Sono, ONG americana que promove a conscientização pública da importância do sono e dos distúrbios decorrentes da falta dele.

O filósofo sul-coreano Byung-chul Han se debruçou sobre o tema da exaustão e produziu o ensaio "Sociedade do cansaço", publicado no Brasil em formato de livro pela editora Vozes. No texto, Han argumenta que cada época possui epidemias próprias, como as doenças bacteriológicas e virais que marcaram o século 20. Para ele,

as patologias neurais definem o século 21 – e todas elas surgem a partir de um denominador comum: o excesso de positividade.

A positividade e a sociedade do desempenho

Para Han, os males da alma surgem de um excesso de positividade presente em todas as esferas da sociedade contemporânea. Nesses discursos, predominam as mensagens de ação produtiva e as ideias de que todas as metas são alcançáveis. O autor simboliza esse fenômeno a partir do *slogan* da campanha presidencial de Barack Obama em 2008: "Yes, we can" ("Sim, nós podemos", em tradução livre) e do *slogan* da Nike, "just do it" ("simplesmente faça").

De acordo com o filósofo, o excesso de positividade presente na contemporaneidade culmina na criação de uma "sociedade do desempenho", um cenário em que a produtividade se torna um norte para os indivíduos. [...]

O excesso de desempenho no trabalho

Em um dos capítulos de "Sociedade do cansaço", Han usa o conto "Bartleby, o escrivão", de Herman Melville, para demonstrar como o excesso de positividade pode levar ao excesso de trabalho.

No conto de Melville, o escrivão Bartleby passa muito tempo produzindo grandes quantidades de trabalho de qualidade, até que, um dia, passa a recusar todas as demandas que chegam até ele e demonstra uma profunda desilusão com a vida.

Escrito por Vicki Robin e Joe Dominguez, o livro "Dinheiro e vida" argumenta que nunca se trabalhou tanto na história humana, e que a vida profissional se tornou uma nova espécie de religião.

"Nossos empregos agora exercem a função que tradicionalmente pertencia à religião", escrevem os autores. "Eles são o lugar onde buscamos respostas para questões fundamentais como 'quem sou eu?', 'por que estou aqui?' e 'qual o sentido disso tudo?'. Os empregos também exercem a função de família, respondendo questões como 'quem são os meus?' e 'onde eu me encaixo?'".

Estudos documentam as consequências do excesso de trabalho. Uma pesquisa de professores da Universidade de Angers, na França, publicada em junho de 2019, apontou que trabalhar mais de 10 horas diárias, por pelo menos 50 dias ao ano, é um fator de risco para a ocorrência de Acidente Vascular Cerebral nos trabalhadores.

Uma pesquisa de 2003, publicada pelo Instituto de Estudos do Emprego do Reino Unido, indicou uma relação entre longas jornadas de trabalho e o desenvolvimento de tabagismo, problemas relacionados ao sono, doenças cardiovasculares e retardamento no crescimento fetal em trabalhadoras grávidas.

Além dos efeitos na saúde, a pesquisa do instituto britânico demonstrou que mais horas de trabalho estão relacionadas a uma queda de produtividade nos trabalhadores, decorrente do cansaço físico e mental.

GAGLIONI, Cesar. Por que vivemos na sociedade do cansaço, segundo este filósofo. *Nexo Jornal*, 2019. Disponível em: . Acesso em: 17 dez. 2019.

Texto 6

Cartografias colaborativas, mapas afetivos e uma década de Google Maps

Mapear coisas tornou-se, assim, uma espécie de fetiche, de moda, de tendência, mas não apenas. Mapas ajudam a entender o mundo ao redor, e a entender o nosso lugar nele

Em 2014 o Google Maps completa 10 anos. Nessa última década, não apenas o Google, mas muitos outros softwares e iniciativas, tornaram possível, e cada vez mais fácil, criar plataformas que colocam coordenadas geográficas em pontos, áreas, regiões, sentimentos. Ao mesmo tempo, os celulares com GPS tornaram-se mais e mais comuns, e até a internet 3G, mesmo ruim e cara como é no Brasil, permite o uso destes sistemas de localização com alguma facilidade.

Isso fez com que nos últimos anos houvesse uma incrível explosão no uso de mapas digitais, praticamente para tudo. Temos mapas de arte nas ruas, mapas de trabalho degradante em frigoríficos, mapas de ciclovias, mapas de restaurantes, cruzamentos de incêndios em favelas com a alta imobiliária das regiões de São Paulo, mapas de incêndios na Amazônia, mapas do amor, mapa da cultura nas quebradas. [...]

Mapear coisas tornou-se, assim, uma espécie de fetiche, de moda, de tendência, mas não apenas. Mapas ajudam a entender o mundo ao redor, e a entender o nosso lugar nele. Também tornam visíveis pessoas, sentimentos, histórias que não estão nos mapas oficiais. Se a história é contada pelos vencedores, os mapas também são feitos por eles – e são eles que decidem o que ou quem está ou não no mapa. Felizmente, agora todos podemos contar nossas histórias, construir nossos próprios mapas. As ferramentas estão nas nossas mãos.

Mas a abundância de mapas e mapeamentos tem gerado um problema interessante: como combinar todos estes mapas? Será que não seria interessante cruzar, talvez, desmatamento com violência? (digo porque já fizemos isso em 2007: a faixa de maior desmatamento na Amazônia é justamente onde estavam os municípios mais violentos do país). Que relações poderíamos tirar do cruzamento espacial de informações diversas? [...]

DEAK, André. Cartografias colaborativas, mapas afetivos e uma década de Google Maps. *Observatório da Imprensa*, 2014. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/_ed784_cartografias_colaborativas_mapas_afetivos_e_uma_decada_de_google_maps/>. Acesso em: 17 dez. 2019.

Texto 7

[...] as discussões relacionadas ao processamento do estímulo verbal acabam servindo também para as discussões a respeito do processamento de imagens. Sabe-se que a compreensão de imagens é um processo complexo que envolve a percepção e o processamento de estímulos visuais (não verbais) como formas, cores, movimentos, tamanhos, diferença figura e fundo, etc. Apesar de ser diferente da leitura em relação ao tipo de estímulo a ser processado, a construção da representação mental de uma imagem possui muitas semelhanças com a da leitura da

escrita. A diferença entre a construção da representação mental de um texto verbal e de imagens parece residir principalmente nas operações normalmente consideradas mais modulares do processamento, ou melhor, naquelas operações que lidam diretamente com o estímulo externo, que corresponderiam na leitura às operações do processamento lexical e sintático.

COSCARELLI, Carla Viana. Leitura em ambiente multimídia e produção de inferências. *In:* GUIMARÃES, Ângelo de M. (ed.). *Anais do VII* Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Belo Horizonte: DCC/UFMG, nov. 1996.

Texto 8

Oito razões para adotar o documentário na escola

Em sua edição de 2019, a Olimpíada de Língua Portuguesa está com uma supernovidade: a inclusão do documentário como um dos gêneros contemplados pelo concurso. Agora, seu(sua) aluno(a) poderá criar textos multimodais, com imagens e sons. Legal, não é mesmo? Para que você se engaje com afinco nessa proposta, apresentamos a seguir oito razões para o trabalho com o documentário em sala de aula.

Nº 1 - Vivemos em uma civilização audiovisual

Desde o surgimento do cinema, primeiramente, e depois, da televisão, o mundo da vida é o mundo das imagens em movimento. Essa realidade torna-se ainda mais acentuada na contemporaneidade com a produção e o compartilhamento de materiais audiovisuais na internet. A geração dos nativos digitais vive com uma câmera de celular na mão registrando tudo o que vê a sua frente e postando esses registros nas redes sociais.

Apesar do destaque que a linguagem audiovisual usufrui no mundo da vida, ela não desfruta da mesma atenção no ambiente escolar. Raras são as instituições que desenvolvem atividades sistemáticas voltadas para a educação do olhar e para a produção audiovisual.

O trabalho com o documentário na escola permite ao aluno se familiarizar não apenas com o gênero, mas com o funcionamento da linguagem do audiovisual em geral, adquirindo condições de ter uma postura mais crítica a respeito da representação do mundo em imagens em movimento.

Nº 2 - Ampliação do letramento escolar

Cabe à escola, mais especificamente ao componente de língua portuguesa, capacitar o aluno a ler e produzir textos dos mais variados tipos (verbais, não verbais e multimodais). Trazer o documentário para sala de aula cumpre esse papel de ampliar o letramento dos estudantes.

Por sua abrangência social e cultural, o gênero documentário propicia o ensino de saberes diversos na aula de língua portuguesa, por exemplo: integração de múltiplas semioses, argumentação, progressão temática, coesão e coerência textual etc.

Além disso, como já enfatizado, o documentário pode ser utilizado pedagogicamente em proveito da formação de um posicionamento ético e político diante das imagens.

Nº 3 - Domínio da linguagem audiovisual

Como representante da arte cinematográfica, a produção de um documentário segue os preceitos da gramática audiovisual, o que inclui uma série de cuidados com a elaboração de planos, enquadramentos, movimentos de câmera, montagem etc. Um aluno familiarizado com a gramática do cinema estará mais habilitado a conectar os recursos de linguagem utilizados aos seus efeitos de sentido.

N^{o} 4 – Fácil manejo da tecnologia e baixo custo de equipamentos e softwares

Hoje, câmeras digitais de fotografia ou até mesmo câmeras de celulares são capazes de produzir registros audiovisuais de relativa qualidade. Por sua vez, a internet dispõe de programas de edição gratuitos e de fácil manuseio. Para completar esse cenário, muitos dos jovens já dominam a tecnologia de captação e edição de imagens. Tudo isso permite um trabalho satisfatório com o audiovisual na escola. E mesmo se as condições técnicas não são ideais, é preciso enfrentar esse desafio para benefício dos estudantes.

$N^{\!\scriptscriptstyle \Omega}$ 5 – Possibilidade de realizar filmes documentários para além dos muros da escola

O aprendizado da linguagem audiovisual, e mais especificamente da prática documentária, capacita o aluno a atuar no circuito amador ou profissional de cinema, abrindo-lhe novas perspectivas de futuro.

N^{o} 6 – Cumprimento de preceitos legais estabelecidos para a Educação Básica

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio incluem o cinema como uma das formas artísticas que podem ser lecionadas nas aulas obrigatórias de arte. A Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014, por seu turno, obriga a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de Educação Básica de no mínimo 2 horas mensais. Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância do trabalho com as práticas de linguagem contemporâneas. Assim, trazer o documentário para a escola vai ao encontro desses preceitos legais.

Nº 7 – Estar em sintonia com uma prática social que só cresce

Nas últimas décadas, é notável o aumento da produção nacional de filmes de não ficção. Muitos são os cineastas, consagrados ou iniciantes, que estão se dedicando à realização de documentários dos mais variados tipos. Há editais de financiamento exclusivos para a realização de filmes desse gênero, como o DOCTV América Latina e o DOCTV Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Há também plataformas *on-line* e canais de TV dedicados ao gênero, como o CurtaDoc.

A existência de um festival como o "É tudo verdade", destinado exclusivamente à exibição de documentários, que em 2018 completou a sua 23ª edição, também comprova o crescimento desse campo.

Nos festivais de cinema, seja de nível profissional, seja universitário ou aqueles destinados às produções de estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, o documentário ocupa também um espaço relevante.

Deve-se ressaltar ainda uma ampliação da bibliografia assinada por pesquisadores brasileiros referente ao tema do documentário.

N^{Ω} 8 – Instrumento de transformação social capaz de inventar novos sujeitos e novas cenas políticas

As novas tecnologias de informação e comunicação permitiram uma mudança significativa no eixo da produção e disseminação de produtos culturais/midiáticos. Diferentemente da época do reinado da mídia massiva, em que o cidadão comum apenas recebia conteúdos prontos, hoje, ele próprio produz e faz circular as peças audiovisuais que cria. Isso é capaz de provocar uma revolução nos modos de perceber o mundo e, consequentemente, nos modos de ser. Por exemplo, se antes eram tão somente as celebridades que apareciam nas telas, atualmente, todos e qualquer um podem ocupálas. Não é à toa que cresceu a circulação de imagens de negros, índios, quilombolas e outras minorias relegadas por muito tempo a um papel secundário ou mesmo à invisibilidade.

Nesse contexto, o documentário ocupa posição privilegiada. Muitas vezes, o desejo de mudar uma realidade social e política está na raiz da produção de um documentário. [...]

OITO razões para adotar o documentário na escola.

Escrevendo o Futuro, 2019.

Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario-introducao/oito-razoes-para-adotar-o-documentario-na-escola/, Acesso em: 17 dez. 2019.

Texto 9

[...] Gosto muito do grupo de escolas Summit, da Califórnia, que combinam projeto de vida, projetos de aprendizagem pessoais, grupais e forte inserção nos espaços da cidade. No Brasil podemos destacar escolas de educação integral como o Colégio Estadual Chico Anysio, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), que possui uma proposta curricular inovadora para o ensino médio, em tempo integral, feita em parceria com o Instituto Ayrton Senna. Algumas das escolas de Ensino Integral da Rede Estadual de São Paulo e diversos estados e municípios, apesar das dificuldades, estão desenvolvendo o Projeto de Vida através de projetos multidisciplinares e disciplinas eletivas. Esse modelo está sendo replicado em outros estados. Muito importante também os projetos da rede de 280 Escolas Transformadoras (rede Global e Nacional da Ashoka: https://escolastransformadoras.com.br/). [...] Muitas escolas chamadas democráticas, de diversas formas, desenvolvem a personalização e colaboração como projetos fundamentais para a vida do aluno. O que está claro é que, apesar de todos os problemas estruturais, há muitas iniciativas que trabalham com projetos e que apontam para uma outra escola mais próxima dos alunos que nasceram no século XXI.

> MORAN, José. A importância de construir Projetos de Vida na Educação. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/10/vida.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

PARA ONDE O PROJETO DE VIDA PODE LEVAR O ESTUDANTE

O papel do professor: reposicionamento e ressignificações à luz dos projetos de vida

Como vem sendo discutido há muito nos estudos sobre educação, a ascensão de tecnologias informacionais transformou o papel do professor. Com acesso a videoaulas, enciclopédias virtuais, cujo conteúdo é alimentado por milhares de pessoas simultaneamente em diferentes partes do globo, e mecanismos de buscas cada vez mais precisos e rápidos, o lugar da transmissão de conteúdo é tido como ultrapassado. Esses recursos todos, porém, não preenchem outras lacunas: a da investigação, a da mediação, a da escuta, a da tessitura das relações tanto com o conhecimento quanto com aqueles que nos cercam. Para António Nóvoa, pesquisador e autor português na área de educação e reitor honorário da Universidade de Lisboa, "o professor tem de ajudar o aluno a transformar a informação em conhecimento. O que define a aprendizagem não é saber muito, é compreender bem aquilo que se sabe. É preciso desenvolver nos alunos a capacidade de estudar, de procurar, de pesquisar, de seleccionar, de comunicar. Para isso, o professor é insubstituível" (NÓVOA, 2015). Além da discussão sobre tecnologia, ele ainda enfatiza que é necessário aos dias de hoje pensar uma nova pedagogia, que valorize os percursos individualizados, o diálogo com professores e colegas e também um vínculo mais forte com espaços familiares e sociais.

O reposicionamento é também da escola, como apontam Juan Carlos Tedesco e Emilio Tenti Fanfani. De acordo com os autores, as instituições de educação básica, e não apenas as de ensino superior, passam a ter também que olhar para as mudanças do mercado de trabalho e para a formação de pessoas aptas a ingressar nesse mundo: "as mudanças na economia e no mercado de trabalho que vivem a maioria das sociedades latino-americanas apresentam novos desafios aos velhos sistemas escolares. Vivemos a expansão permanente da chamada 'sociedade do conhecimento'. [...] [Nesse contexto], o professor deve ser também um orientador vocacional e como tal deve ter conhecimento do comportamento do mercado de trabalho. Formar recursos humanos obriga a escola e os docentes a multiplicar as ocasiões de aprendizagem para além dos limites da escola, o que, por sua vez, requer novas atitudes e competências". É essa também a expectativa dos jovens brasileiros que chegam ao Ensino Médio atualmente. A pesquisa "Nossa Escola em (Re)Construção", realizada pelo Porvir com 260.344 jovens e divulgada em 2019, mostrou que eles seriam mais felizes e aprenderiam mais em uma escola que os ajudasse a planejar seu futuro.

Os dados e reflexões supracitados dialogam com as mudanças promovidas pela Base Nacional Comum Curricular, que coloca o foco não sobre o conteúdo descontextualizado e fragmentado, mas sobre o conhecimento e sobre o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, entendendo a escola além de seus próprios muros. Muda a escola e muda o professor, mencionado na Base como peça-chave no desenvolvimento de competências e habilidades.

Interessa-nos aqui, em especial, a competência geral 6, que aborda a perspectiva do Trabalho e Projeto de Vida, da

BNCC: "Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade". Qual é a importância de cuidar – planejar, gerir, governar – da própria vida?

Adiante, você verá que encerramos a obra com uma referência ao samba "Timoneiro", de Paulinho da Viola. Na canção, a voz expressa pelo poeta vive ao sabor das marés, ou seja, confia no destino como guia condutor da própria vida. O que propomos nesta obra é, em parte, o contrário do que registra o poeta: se há, em nossas trajetórias pessoais e das sociedades humanas, o incalculável, há também aquilo que se pode prever e planejar.

Nesse sentido, novamente ressaltamos que o professor ocupa um lugar fundamental, uma vez que é o timoneiro, ou seja, aquele que guia a embarcação, em nossa metáfora, uma turma de jovens, à construção de rotas possíveis, isto é, de seus projetos de vida. Não se trata, evidentemente, do trabalho de um homem só: a escola tem em sua equipe timoneiros, de diferentes áreas, responsáveis pela condução desse barco. Em razão justamente da diversidade de pontos de vista é que se ampliam, por sua vez, as perspectivas dos estudantes. Entende-se, pois, que o professor não é coadjuvante na construção do projeto de seus alunos – pelo contrário. Em cada atividade aqui proposta, está pensada a figura do educador, que ocupa posição destacada na orientação de cada dinâmica.

Nessa embarcação, porém, há poucas chances de repetição de rotas. Quer em razão do contexto no qual está inserido, quer em razão das necessidades culturais e sociais que chegam à escola, o próprio professor é convidado a colocar seu projeto de vida em perspectiva, refazendo-o constantemente para dar respostas às novas demandas de seu ofício. O professor, assim, não ocupa, em nosso modo de ver, a posição de conselheiro ou de oráculo, que tem sempre as melhores respostas. Seu papel é de orientador, é de contribuir para limpar lentes, por vezes, embaçadas pelas tensões da adolescência, por problemas emocionais ou por condições sociais de vulnerabilidade.

Por que trabalhar com projetos de vida na escola?

Comecemos o tópico com a leitura do texto a seguir, escrito por Nayra Lays, compositora, cantora, MC e comunicadora.

Hoje eu quero atravessar em mim

Escrevo este texto numa noite anterior à minha primeira viagem de avião a trabalho. Meu primeiro voo, literalmente, proporcionado pela música. Achei que registrar esse momento em texto aqui seria necessário, afinal é exatamente sobre travessias de que estamos falando, certo? Não é necessariamente sobre um destino final, mas sobre o ato de se propor mergulhar para buscar outros lados. É a tentativa.

E se você, assim como eu, está conscientemente trilhando seu próprio caminho sabe que cada realização causa uma explosão dentro da gente, uma sensação que os versos-mantras do poeta Igor Chico traduzem bem:

"Mas comemore cada passo,

Cada sol.

Cada sim,

Já que só nóis sabe o peso de cada não"

Dia desses, reencontrei um pedaço de mim datado de 2015, há exatos quatro anos. Era um momento de transição, no qual comecei a traçar alguns planos: sair do emprego de Jovem Aprendiz, estudar jornalismo, trabalhar com arte e comunicação e buscar ao menos algumas, das muitas, respostas para a pergunta: quem sou eu de verdade? [...]

Não sabia, necessariamente, a grandeza dos meus passos e, na leveza de moleca querendo descobrir meu próprio universo, comecei o curso de jornalismo em uma agência-escola para jovens de periferias, me dividindo entre um trabalho onde só executava coisas sem saber a razão daquilo e aulas nas quais era instigada a pensar, buscar e criar.

No mesmo ano, idealizei um projeto com algumas minas do meu bairro para falarmos sobre autoestima e descoberta de nossas potências individuais. No fluxo de despedidas do que já não me cabia, em uma tarde quente e alaranjada, decretei o fim de um molde religioso que seguia desde os 12 anos. Preferi dizer adeus a viver uma mentira, mesmo sabendo que minha decisão implicaria abdicar de algumas relações familiares importantes. Eu começava a fazer tudo o que me ensinaram que não devia: sonhar sem freio.

Mas se engana quem acha que saí ilesa do crime da escolha. A culpa não me permitiria – e eu demorei algum tempo para entender esse sentimento como o responsável pelas vozes que ainda hoje ouço – cada conquista. Vozes essas que caminham com cada um de nós, nos dizendo grandes bobagens contra nosso desejo de liberdade. Dia desses, lendo Café, de Dona Jacira, deparei com uma descrição interessante, que peço permissão para compartilhar aqui:

"E quantas vezes aqui, nesta revisão, ainda tenho a voz que me nega, de todas elas, me amaldiçoando as parcerias, como se pra mim nunca coubesse um final feliz.

[...]

E com certeza irão estar na editora, nos saraus, nas livrarias, bibliotecas, no mundo. Com outras caras, outras palavras, mas com a mesma inveja. Com o mesmo medo da minha vitória, já que tudo fizeram pra impedir minha voz"

O que é que a gente faz quando o barulho de dogmas, regras, limitações, medos e monstros nos faz colocar em xeque a batalha diária da autoconstrução? Como é que se toca os músculos que sustentam toda a energia vital que nos alimenta o sonho para desatar os nós doloridos dos traumas? Como entender o ponto exato da tensão, e chorar, falar e sentir tanto quanto necessário? Chegar ao magma da dor para ver o que há, afinal, nesse peso entre o umbigo e a garganta?

Eu escolho cantar, caminhar no mundo por todo lugar e pedir ajuda. Escolho me manter viva.

Acho importante escrever este texto, repito, algumas horas antes de embarcar rumo a mais um passo – e nem falo apenas da música. É sobre a promessa que me fiz, de ser paciente com um processo de lapidação enquanto ser humano, entendendo que é minha responsabilidade estar atenta à minha história, para contá-la hoje e em um futuro próximo. Firmo meus passos e me permito sentir (de verdade) tudo o que tem chegado e há de vir.

Amanhã, enquanto passear entre as nuvens, sobrevoando a cidade e o mar, cruzando o muro do impossível e da culpa, eu me lembrarei que a vida é para ser vista de cima. Só assim deixamos de nos apegar a qualquer pequenez imposta.

Tintim.

LAYS, Nayra. *Hoje eu quero atravessar em mim.* Itaú Cultural, 2019. Diponível em: https://www.itaucultural.org.br/ hoje-eu-quero-atravessar-em-mim>. Acesso em: 16 dez. 2019.

Nayra escreve do lugar da mulher negra e periférica, mas que vem sendo capaz, por meio de esforço, do planejamento e do mapeamento de atores e instituições sociais – como um projeto em que cursou aulas de jornalismo em sua região –, de descobrir sua potência sem ignorar sua identidade em construção e o lugar de onde veio. Nayra reconhece os obstáculos, sofre com eles, como evidencia o texto, mas tem objetivos e é a certeza de trilhar um percurso que, ao final da reflexão, faz com que ela celebre: "a vida é para ser vista de cima. [...] Tintim".

Pensamos que trabalhar com projetos de vida na escola, por meio de estratégias cartográficas como as que propomos nesta obra, contribua para um processo em que os estudantes possam enxergar a própria vida de cima. Evitamos, ainda assim, no desenvolvimento dessas atividades, os extremos: para enxergar a própria vida é necessário manter sob controle as visões sonhadoras e, também, as deterministas. Ambas podem paralisar a caminhada. No percurso que propomos, optamos pela visão realista, mas de longo alcance. Trabalhamos com objetividades e subjetividades tendo em vista o autoconhecimento, a autovalorização, o reconhecimento do território e das oportunidades que nele se apresentam.

A partir desse processo, é possível que os estudantes façam escolhas e assumam o controle da própria vida. Propiciar um espaço para a reflexão sobre projetos de vida é, dessa maneira, propiciar descobertas que podem levar o estudante a fazer boas escolhas profissionais, pensar um percurso de formação, encontrar caminhos para financiar os estudos, descobrir habilidades e valorizá-las, reconhecer as próprias fragilidades, vincular-se a uma ocupação digna e relacionar-se de modo tão crítico quanto afetivo com as pessoas e com o lugar onde vive. Como docente que lidera esse caminhar – ou como timoneiro que conduz a embarcação – o professor não leva todos ao mesmo lugar, mas permite que os horizontes se alarguem e que cada um encontre seu próprio jeito de avançar. Temos ponto de partida, mas o ponto de chegada é uma incógnita a que responderemos, juntos, nas páginas do livro do estudante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Augusta Thereza de; ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza; SOMMERMAN, Américo; PHILLIPPI JR, Arlindo. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade nas tramas da complexidade e desafios aos processos investigativos. *In*: PHILIPPI JR, Arlindo; FERNANDES, Valdir (ed.). *Práticas da interdisciplinaridade no ensino e na pesquisa*. Barueri, SP: Manole, 2015. p. 37-89.

O artigo focaliza o processo de formação de um corpo de conhecimento recente sobre a transdisciplinaridade. Baseia-se em fontes documentais de congressos e simpósios internacionais sobre o tema e apresenta tal processo como parte do amplo movimento de crítica, na atualidade, ao paradigma dominante que preside a ciência moderna, considerado fragmentador e redutor da realidade, porque centrado em disciplinas cujo pressuposto é ignorar o que existe "entre" e "além" de suas fronteiras. Discute as possibilidades do surgimento desse novo referencial relacionadas ao poder heurístico do termo "transdisciplinaridade", considerado capaz de congregar cientistas de diferentes áreas e humanistas em geral em torno de um conjunto de ideias passível de representar a consecução de um grande ideal: integrar o conhecimento e humanizar a ciência. Essa proposta é considerada inovadora, por não colocar a transdisciplinaridade como uma hiperdisciplina, mas considerá-la, ao lado da pluri, da inter e também da disciplina, como uma das quatro pontas de um mesmo arco: o do conhecimento. Também por propor o diálogo entre as ciências, assim como com a filosofia, a arte, a literatura, a experiência humana etc. Destaca, igualmente, a capacidade heurística desse referencial, organizado sobre três pilares – "a complexidade", "os diferentes níveis de realidade" e "a lógica do terceiro incluído" –, por possibilitar avanços em estudos que o têm empregado objetivando a construção de uma metodologia transdisciplinar. Aponta, finalmente, para a contribuição que a adoção desse referencial poderá trazer para pesquisas no campo da saúde pública e coletiva.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora*. Porto Alegre: Penso, 2018.

A proposta de Bacich e Moran é realizar a integração entre sala de aula e ambientes virtuais, para abrir a escola para o mundo e trazer o mundo para dentro da escola. Essa prática mostra que, de um lado, ensinar e aprender nunca foi tão fascinante, em função das muitas oportunidades oferecidas; de outro lado, pode ser um pouco frustrante, devido às muitas dificuldades em fazer com que todos desenvolvam seu potencial e se mobilizem para evoluir cada vez mais. Nesse sentido, as autoras propõem que as atividades sejam diversificadas, com metodologias mais ativas, que combinem o melhor do percurso individual e grupal.

BENDER, William N. Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2014.

O livro Aprendizagem baseada em projetos (ABP) apresenta uma metodologia para as salas de aula do século XXI; para isso, exige-se que a experiência de ensino-aprendizagem seja profunda, para poder ser transformadora. Para satisfazer esses anseios pedagógicos e lidar com as inúmeras mudanças e atualizações tecnológicas que despontam no mundo e encontram ressonância na escola, a ABP propõe trabalhar com os estudantes, promovendo a autoiniciativa, autoconfiança, com questões e problemas do mundo real, que sejam significativos para os estudantes. O autor propõe o modo de abordar tais problemas e estabelecer

uma ação cooperativa em busca de soluções, desenvolvendo os aspectos da aplicação da ABP, de uma maneira muito prática, ilustrando com exemplos de projetos e indicando/sugerindo sites para consulta. Embora todos os capítulos sejam importantes, o capítulo 6 é o que mais se destaca, pois trata das oportunidades e das opções da avaliação discente.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. *Sala de aula invertida*: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

O livro Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem, dos estadunidenses Jonathan Bergmann e Aaron Sams, ganhou a versão em português em 2016. O livro é uma adaptação da obra em língua inglesa Flip your classroom: reach every student in every class day, publicado em 2012 nos Estados Unidos. Destinado a professores do Ensino Básico e Superior e a pesquisadores da área da Educação e do Ensino interessados em conhecer a metodologia dos autores, o livro é relevante para a área de Ciências, uma vez que os autores eram professores de Química no High School (equivalente ao Ensino Médio). Na época, eles já desenvolviam as experiências com a sala de aula invertida. Em relação ao livro, nota-se que ambos desenvolveram experiências inovadoras na sala de aula, durante seu trabalho em uma escola do Colorado (EUA). Tanto um quanto o outro tiveram reconhecimento nacional por suas atuações no ensino.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

A Base Nacional Comum Curricular é um documento que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos precisam desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no Brasil por meio do estabelecimento de um parâmetro de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito.

BRASIL. Pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013. *Secretaria Nacional de Juventude*. Brasília, 2013. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/estatisticas/agenda_juventude_brasil_vs_jan2014.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

A Pesquisa Agenda Juventude Brasil é uma pesquisa de opinião de caráter nacional que pretende levantar as questões da juventude brasileira de forma ampla e abrangente, de modo que possibilite a análise e reflexão sobre perfil, demandas e formas de participação da juventude brasileira. Pretende subsidiar a elaboração de políticas públicas pensadas de forma integrada, a partir do universo juvenil. De responsabilidade da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) da Secretaria Geral da Presidência da República, inseriu-se nas atividades do Participatório – Observatório Participativo da Juventude. Foi desenvolvida por um conjunto de consultoras, aplicada entre abril e maio de 2013, com a coordenação geral de Gustavo Venturi. A pesquisa contou com o apoio da Unesco Brasil.

CIASCA, Kaian Nóbrega Maryssael. Memória, identidade e território: mapas afetivos como indicadores de hábitos culturais. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 6,

jun. 2018. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/files/artigo/11d46835/c9a3/4d4c/bbea/20adb48df00f.pdf. Acesso em: 16 dez. 2019.

O objetivo do artigo é propor a utilização do conceito de mapas afetivos para qualificar indicadores culturais, normalmente quantitativos, tendo a finalidade de obter diagnósticos mais aprofundados dos hábitos culturais de um recorte da população da cidade de São Paulo. Para isso, o autor analisou uma experiência de construção desse recurso cartográfico, o Laboratório CEU: Território Novo Mundo, em diálogo com dados de indicadores culturais levantados em pesquisas realizadas nos últimos anos sobre satisfação e bem-estar. Na análise realizada por Ciasca, são levados em conta a relação entre a memória e o território, a importância dessa relação na construção da identidade de um indivíduo ou coletivo e processos de legitimação cultural que, normalmente, permeiam essas abordagens. O autor propõe, portanto, que a proposição de um mapa afetivo pode atingir camadas de percepção de hábitos culturais de uma população, abordando a complexidade envolvida no diagnóstico desses hábitos, podendo, inclusive, ser utilizado na proposição de políticas públicas.

COSCARELLI, Carla Viana. Leitura em ambiente multimídia e produção de inferências. *In*: GUIMARÃES, Ângelo de M. (ed.). *Anais do VII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação*. Belo Horizonte: DCC/UFMG, nov. 1996, p. 449-456.

Nos Anais do VII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, Coscarelli defende que a multimídia tem sido vista como um recurso que pode revolucionar o ensino. Contudo, para ela ainda não há muitas pesquisas que comprovem a superioridade dela em relação aos meios tradicionalmente empregados nas situações de ensino-aprendizagem. O trabalho da autora propõe-se a dar alguns passos e investigar a influência do estímulo na produção de inferências durante a leitura de textos verbais, de textos verbais acompanhados de imagens estáticas e de textos verbais apresentados em multimídia.

DAMON, William. *O que o jovem quer da vida?* Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. Tradução Jacqueline Valpassos. São Paulo: Summus, 2009.

O principal interesse de Damon no livro é estudar o projeto vital (o termo utilizado por ele é purpose) como caraterística motivacional da existência do sujeito jovem, já que o projeto vital pode motivar e influenciar positivamente toda uma existência, conferindo sentido e significado aos esforços e realizações diárias. Ao estudar o projeto vital, o principal objetivo de Damon na obra é demonstrar a importância primordial dos projetos e objetivos na vida dos sujeitos, especialmente para os jovens. A proposição teórica de Damon para projeto vital está bastante influenciada não apenas pela literatura a respeito de projetos e objetivos existenciais, mas também pela literatura sobre valores e formação moral. Durante toda sua vida acadêmica, o autor esteve interessado em estudar a importância da formação moral na educação de crianças e jovens. Damon afirma que ao longo de seu trabalho com moralidade, defendeu a importância da formação do caráter e da formação de valores, admitindo que essas ideias não são suficientes para responder à dificuldade dos sujeitos, especialmente dos jovens, para encontrar algo significativo a que se dedicar em suas vidas. Assim sendo, Damon tem interesse em estudar o projeto vital na juventude, pois este é um período importante de realizações e de projeções para o futuro, representando, portanto, um momento crucial para o desenvolvimento de comprometimento com papéis sociais do mundo adulto. Damon acredita, então, que o projeto vital durante a juventude pode auxiliar o indivíduo a definir o modo como quer viver sua vida inteira, conferindo na trajetória do estudante um senso de direcionamento, auxiliando-o a encontrar estratégias para desenvolver comportamentos saudáveis e positivos e estratégias para o enfrentamento de situações adversas. Diante das incertezas no mundo contemporâneo, grande parte dos jovens tem dificuldade em encontrar algo a que dedicar seus esforços e acaba apresentando apatia e desinteresse diante da própria vida e diante da sociedade.

DEAK, Andre. Cartografias colaborativas, mapas afetivos e uma década de Google Maps. Huffpost, 2014. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/andre-deak/cartografias-colaborativas-mapas-afetivos-e-uma-decada-de-googl_b_4705028.html?guacounter=1. Acesso em: 16 dez. 2019.

A matéria mostra que mapear coisas tornou-se uma espécie de fetiche, de moda, de tendência, pois mapas ajudam a entender o mundo ao redor e a entender o nosso lugar nele. Além disso, tornam visíveis pessoas, sentimentos, histórias que não estão nos mapas oficiais. Daí a importância em se buscar ferramentas de mapeamento. Nesse sentido, o desafio do século XXI é conseguir organizar tudo isso e ter um olhar integrado.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido*; um psicólogo no campo de concentração. 25. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2013.

Em sua obra Em busca de sentido, Frankl relata a experiência que o levou a descobrir e desenvolver a Logoterapia. Austríaco e de religião judaica em plena Segunda Guerra Mundial, Frankl foi capturado pelo exército nazista em 1942, ficando prisioneiro em campos de concentração até o final da guerra. No campo de concentração, ele perdeu a mãe, o pai e a esposa. Perdendo os seus entes mais queridos e todas as suas coisas, o autor se deparou com a redução da sua vida à "existência nua e crua". O livro (edição de 2013) é dividido em três partes, sendo a primeira uma autobiografia do autor, em que é narrada sua experiência como prisioneiro em campo de concentração nazista. Na segunda parte, Frankl expõe brevemente os princípios e pontos básicos da Logoterapia e, por fim, o livro encerra com um capítulo chamado "A tese do otimismo trágico", que se baseou em uma palestra apresentada pelo autor em 1983 no III Congresso Mundial de Logoterapia, na Universidade de Regensburg, na Alemanha.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 58. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

A obra *Pedagogia da autonomia* apresenta elementos que compreendem a prática docente como dimensão social da formação humana. Paulo Freire nos alerta para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização. Assim, o docente, embalado por essa reflexão, deve fazer uma leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana e do discurso fatalista da globalização. Em um contexto dominado exageradamente pelo ideário neoliberal, a categoria da autonomia se faz uma peça essencial, sendo preciso também atentar para a força de seu discurso ideológico e para as inversões que podem operar no pensamento e na prática pedagógica ao estimular o individualismo e a competitividade. Como contraponto, Paulo Freire aponta o mal-estar produzido pela ética do mercado, anunciando a solidariedade enquanto compromisso histórico de homens e mulheres, como forma de luta capaz de promover e instaurar um

tipo de *ética universal do ser humano*. Essa dimensão ética tem na pedagogia da autonomia uma de suas possibilidades. Finalmente, Freire problematiza sua obra com muita sensibilidade, mostrando ao educador uma dimensão estética da prática docente. E por ser uma tarefa estética pode ser movida pelo desejo (e não pela obrigação nua e crua) e vivenciada com alegria. Com leveza, porém, sem deixar de lado a esfera do sonho, do rigor, da simplicidade e da prática docente regida, sobretudo, pelo saber.

JORGE, Simone Aparecida; BARRETO JR., Irineu Francisco. Um retrato dos jovens urbanos que participaram do programa. *Cadernos Cenpec* | *Nova série*, [S. I.], v. 3, n. 5, fev. 2008. ISSN 2237-9983. Disponível em: http://cadernos/index.php/cadernos/article/view/86. Acesso em: 16 dez. 2019.

O artigo de Jorge e Barreto Jr. mostra os resultados de um estudo que teve como objetivo analisar dados sobre os jovens participantes do Programa Jovens Urbanos, comparando-os com dados estatísticos sobre as características gerais da população de 16 a 21 anos das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, expandindo-se ainda pelo Brasil. O estudo conclui que o Programa seleciona participantes caracterizados por viver em regiões de elevada vulnerabilidade socioeconômica e com perfis semelhantes nessas duas cidades.

LAYS, Nayra. *Hoje eu quero atravessar em mim.* Itaú Cultural, 2019. Diponível em: https://www.itaucultural.org.br/hoje-eu-quero-atravessar-em-mim>. Acesso em: 16 dez. 2019.

A matéria narra a história de Nayra Lays, que, aos 18 anos, subverteu três coisas que o racismo e o machismo tentam, de modo cruel, introjetar nas pessoas: (1) não dar a jovens como Nayra o direito de escolher um mundo fora das "quebradas" (lugar onde nasceu); (2) designar desejo e vontade próprias como egoísmo; (3) achar que Deus só habita em igrejas cristãs e fora delas as pessoas não teriam paz. Ela não sabia para onde iria fluir a grandeza de suas ideias. Ela começou a cursar Jornalismo em uma agência--escola para jovens de periferias e se dividia entre trabalho e aulas. Ainda cursando Jornalismo, idealizou um projeto com "algumas minas" de seu bairro para discutir autoestima, dando a cada uma do grupo a tarefa de descobrir potências e valores individuais. Nayra, ao longo desse percurso, deu fim em um molde religioso que seguia desde os 12 anos e começou a realizar uma tarefa de autoconhecimento que tinha por objetivo fazer tudo o que lhe ensinaram que não devia fazer: sonhar sem limites.

LOPES, Marina. *Jovens esperam da escola apoio para construir projeto de vida*. Porvir, 2019. Disponível em: https://porvir.org/jovens-esperam-da-escola-apoio-para-construir-projeto-de-vida/. Acesso em: 16 dez. 2019.

Esta matéria mostra que a pesquisa "Nossa Escola em (Re)Construção" traz reflexões de mais de 258 mil estudantes de todo o país sobre o Novo Ensino Médio e a escola dos sonhos. Os participantes da terceira edição dessa pesquisa, promovida pelo Porvir, em parceria com a Rede Conhecimento Social, fazem coro com outros adolescentes e jovens de diferentes regiões do país que expressaram seus sonhos e preocupações em relação à escola e ao Novo Ensino Médio. Os jovens, mais do que apenas conteúdos, esperam encontrar na escola um espaço para descobrir suas vocações, sonhos e receber orientação para fazer escolhas de vida. Para que esse objetivo se realize, quatro cada dez estudantes gostariam de ter um orientador vocacional na escola dos sonhos.

MORAN, José. *A importância de construir Projetos de Vida na Educação*. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/10/vida.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

O artigo de José Moran defende que projetos de vida são orientações para que cada pessoa se conheça melhor, descobrindo seus potenciais, sua força e os caminhos mais promissores para a realização de sonhos em todas as dimensões. Para ele, em qualquer etapa em que nos encontremos, podemos ampliar a consciência da vida como um projeto que se redefine continuamente com novos conhecimentos, experiências e novas vivências. Daí ser um processo que pode tornar-se muito mais enriquecedor, quando estamos atentos e o desenvolvemos intencionalmente em nós mesmos e no coletivo em que vivemos. Para isso, o autor reforça que é urgente começar essas ações na família e na escola, com crianças e jovens e de forma cada vez mais central no processo de ensino e aprendizagem. Tudo isso pode ser feito por meio de projetos, com metodologias ativas e modelos híbridos. Moran acredita ser preciso viver a vida que se pretende mudar. Aos professores, ele aconselha que quanto mais se avançar em conhecimento, valores, competências e práticas de vida libertadores, mais poderão auxiliar os estudantes a perceber que eles também desenvolverão seus próprios percursos de aprendizagem ao longo da vida.

NÓVOA, António. António Nóvoa: aprendizagem não é saber muito. [Entrevista concedida a Cinthia Rodrigues]. *Carta Capital*, 2015. Disponível em: https://www.cartacapital.com. br/educacao/antonio-novoa-aprendizagem-nao-e-sabermuito/>. Acesso em: 16 dez. 2019.

Entrevista realizada com António Nóvoa, autor de mais de duas centenas de trabalhos científicos na área de História e Educação, reitor honorário da Universidade de Lisboa e professor convidado em Colúmbia (Estados Unidos), Oxford (Inglaterra), Paris (França). Seu discurso evoca para a sala de aula a recuperação do básico. Para ele, "o professor tem de ajudar o aluno a transformar informação em conhecimento", diz, resumindo em outro ponto que o bom profissional é aquele capaz de "conseguir que, no fim, o aluno goste daquilo que, no princípio, não gostava nada". Nóvoa propõe mudanças profundas na formação inicial e continuada, com maior participação da sociedade. Nesse sentido, cada educador precisaria assumir seu papel de formador de si próprio e de seus colegas também (uma rede solidária). Na opinião do entrevistado, as novas tecnologias nos tornam personagens ativos da terceira grande revolução da humanidade, sendo necessário utilizar o potencial tecnológico, o que não substitui o papel de um bom professor.

SILVA, Enid Rocha Andrade da; SILVA, Claudia Jakelline Barbosa; COSTA, Joana Simões de Melo (colaboradores). Voces da Juventud en Brasil: aspiraciones y prioridades. *In: Millennials en América Latina y el Caribe: ¿trabajar o estudiar?*. Instituto de Investigação Econômica Aplicada (Ipea), Programa das Nações Unidas para El Desarrollo (PNUD), 2018.

O estudo *Millennials na América e no Caribe: trabalhar ou estudar?*, lançado no Brasil em 2018, na sede do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em Brasília, apresenta uma radiografia da juventude da América Central e do Sul, a partir de dados de 15 mil jovens entre 15 e 24 anos moradores de áreas urbanas de nove países: Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Haiti, México, Paraguai, Peru e Uruguai. A pesquisa revela que, em média, 21% dos jovens (20 milhões de pessoas) não estudam nem trabalham. Enquanto isso, 41% se dedicam exclusivamente ao estudo e/ou capacitação, 21% só

trabalham e 17% trabalham e estudam ao mesmo tempo. Realizado pelo Ipea, em parceria com a Fundación Espacio Público do Chile, o trabalho mostra que, apesar das habilidades cognitivas, técnicas e socioemocionais dessa geração, as possibilidades educacionais e as oportunidades do mercado de trabalho limitam o desenvolvimento dos jovens e sua posição na sociedade. Nesse sentido, em todos os países pesquisados, há um contingente expressivo de jovens, com menos recursos, que não trabalham nem estudam. Essas taxas são maiores no México (25%), em El Salvador (24%), no Brasil (23%) e no Haiti (19%), por razões como crise econômica, falta de políticas públicas, problemas de saúde ou de ordem médica e obrigações familiares com parentes e filhos. Além disso, as diferenças entre homens e mulheres jovens são evidentes no levantamento. Entre aqueles que não trabalham e não estudam, o número de mulheres chega a ser o dobro do de homens. A pesquisa indica, ainda, que 70% dos jovens que trabalham são empregados em atividades informais e sem registro ou qualquer garantia em carteira. Embora a pesquisa demonstre que quase 40% dos entrevistados não sabem fazer cálculos matemáticos simples (úteis para o dia a dia), há alguns resultados animadores: os jovens entrevistados, com exceção dos haitianos, lidam facilmente com tecnologias, tendo muita habilidade socioemocional. Os jovens da região possuem, ainda, altos níveis de autoestima e de autoconfiança e autoeficácia (capacidade de se organizar para atingir suas próprias metas). Tendo em vista esse cenário, o estudo realizado indica a necessidade de investimentos em treinamento e educação dos jovens. Na conclusão da pesquisa, os pesquisadores sugerem, também, a adoção de políticas públicas que auxiliem os jovens a fazer uma transição bem-sucedida de seus estudos para o mercado de trabalho.

TEDESCO, Juan Carlos; FANFANI, Emílio Tenti. *Nuevos tiempos y nuevos docentes*. Unesco. Brasília, 2002. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000134675. Acesso em: 16 dez. 2019.

A conferência teve como cenário a Unesco no ano de 2002, mais precisamente julho. Tedesco e Fanfani têm por objetivo fazer uma reflexão sobre alguns fatores que têm contribuído para modificar o papel dos docentes de educação básica na América Latina. Para os autores, será preciso (e necessário) realizar uma análise das tendências gerais de mudanças e transformações do ofício de ensinar, tendo como fator algumas evidências relacionadas às mudanças nas mais diversas esferas da vida social. Com base nisso, podem-se desenvolver algumas linhas de propostas tendo em vista as consequências que esses novos desafios implicam no papel do docente contemporâneo.

USP. *Profissões*. Disponível em: https://prceu.usp.br/uspprofissoes/>. Acesso em: 16 dez. 2019.

Site da USP que auxilia os jovens a buscar e a conhecer algumas profissões da contemporaneidade. Nesse site, há indicações de feiras de profissões, de alguns lugares, em que os estudantes do Ensino Médio podem entrar em contato e conhecer a profissão dos sonhos, a fim de verificar se essa profissão tão sonhada é, de fato, aquela que o jovem quer seguir.

VALLADARES, Lícia. Os dez mandamentos da observação participante. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 22, n. 63, São Paulo, fev. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n63/a12v2263.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

Lícia Valladares nos apresenta a resenha de *Street corner society*, de William Foote Whyte, um clássico dos estudos urbanos, matéria obrigatória em todo curso de métodos qualitativos e pesquisa

social. Para além do interesse temático, Lícia comenta que o livro constitui verdadeiro guia de observação ativa em sociedades complexas. Ela reforça a contribuição metodológica do autor, que tem como objetivo investigar a verdadeira "moda" no Brasil, a de estudos de caso em comunidades periféricas e mais carentes ou em territórios urbanos demarcados social e geograficamente.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Na obra A ética protestante e o espírito do capitalismo, Weber observa, na origem do capitalismo, a correlação entre a ética protestante e o espírito capitalista. Ele afirma que os agentes decisivos no desenvolvimento do capitalismo alemão eram predominantemente protestantes, visto que o maior desenvolvimento do capitalismo se deu em países assumidamente protestantes. Para Weber (2004, p. 40-41), o papel que os protestantes desempenharam no nascimento do capitalismo se explica pelo "caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas, e não apenas pelas situações temporárias externas, históricas e políticas". Assim, Weber constatou que os protestantes, aparentemente por causa das suas crenças, deram uma importante contribuição para a formação do espírito capitalista. Depois de muitas análises aprofundadas, Weber postula a tese de que a explicação para o fato deveria ser encontrada no elo estreito entre o capitalismo e o protestantismo. Ele enfatiza existir uma noção mais ingênua de capitalismo em todas as culturas. Ou, ainda, existe algo no estilo de vida dos que cultuam o protestantismo que nutre o espírito do capitalismo. Segundo Weber, os protestantes, que se consideram eleitos por Deus, devem viver em santificação e purificação na vida cotidiana, como seres vocacionados que se dedicam ao aprimoramento moral, intelectual e profissional, e o seu trabalho deve ser realizado sobretudo com ética. Essa ideia de vocação para a conduta de uma vida ética advém da ideia (presente nas escrituras sagradas) de que os homens têm "vocacionados" e são eleitos para a "salvação". E aceitar essa premissa é uma escolha racional. Weber mostra, ainda, que a conduta dos homens nas mais variadas sociedades só pode ser compreendida tendo como parâmetro um quadro da concepção geral que esses indivíduos têm da sociedade. É preciso compreender as concepções religiosas e a interpretação delas, para, então, compreender a conduta do indivíduo e dos grupos e, por consequência, seu comportamento. Weber tentou provar que essas concepções religiosas influenciam certa conduta e alterações econômicas nas sociedades. Em resumo, o que Weber quis comprovar é que a atitude econômica pode ser orientada pelo sistema de crenças, assim como o sistema de crenças pode ser comandado pelo sistema econômico

WELLER, Wivian. Jovens no Ensino Médio: projetos de vida e perspectiva de futuro. *In*: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org.). *Juventude e Ensino Médio*: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

No artigo Jovens no Ensino Médio: projetos de vida e perspectiva de futuro, os autores buscam refletir sobre a noção de transição e sobre os impasses relacionados a esse momento, pois as mudanças dos padrões culturais entre as gerações anteriores e a geração atual, de certa forma, representam o reconhecimento público de que os jovens já passaram pelo período da adolescência e estão aptos a assumir novos papéis próprios da vida adulta. Os autores, no texto, pretendem compreender a importância dos projetos de vida e as dificuldades que muitos jovens enfrentam quando a sociedade espera, com certa pressão e ansiedade, que eles possam estar preparados para tomar os rumos de suas vidas, assumir responsabilidades e, o pior, responder pelas consequências das decisões tomadas.

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE AS UNIDADES

UNIDADE 1

Quem sou: o encontro comigo

A Unidade visa uma parte importante da jornada rumo à elaboração dos projetos de vida dos estudantes: o **autoconhecimento**. Este, portanto, é o foco a ser trabalhado com eles. A organização da Unidade em três capítulos permite uma navegação sobre essa rica temática, de modo a oportunizar seu gradual aprofundamento.

Antes de detalharmos os pontos de destaque de cada Capítulo, é importante esclarecer que a proposta é uma trilha de experiências que pode e deve ser apropriada também por você, professor. Entendemos que cada escola, cada jovem estudante e cada turma são únicos, e que o professor também é único e traz consigo uma série de saberes e experiências que podem, de forma bastante significativa, contribuir para as vivências propostas.

Em síntese, queremos evidenciar que esta Unidade é um importante orientador que garantirá a clareza da intencionalidade pedagógica de todo o debate que atravessa o autoconhecimento atrelado aos projetos de vida. No entanto, este material também se apresenta suficientemente aberto para receber as contribuições do educador, de modo a atender as singularidades do território onde a escola está situada e as singularidades de seus grupos de estudantes. Todas as atividades propostas no percurso oportunizam que diferentes perfis de estudantes se engajem e se reconheçam.

Ninguém melhor que o professor para reconhecer a diversidade dos jovens que se encontram na sua sala de aula. Por isso, recomendamos que você sistematize as transformações que realizou nos percursos formativos sugeridos. Essas transformações certamente articulam as suas próprias experiências e saberes, e também o conhecimento sobre os estudantes e sobre o território onde a escola se insere.

Ao longo da Unidade 1, é perceptível o trabalho sobre diversas competências gerais estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular, a BNCC. No entanto, julgamos necessário destacar as duas competências gerais que se fazem fundantes: competência geral 8 e competência geral 6, pois é desse encontro que nasce a proposição central da primeira Unidade da obra.

O que diz a BNCC sobre "Autoconhecimento e Autocuidado" (competência geral 8)? Em que medida tal competência contribui para o "Projeto de Vida" (competência geral 6), que é em si outra competência?

Quando a BNCC insere o autoconhecimento e o autocuidado como competências a serem trabalhadas com os jovens, há um claro sinal sobre o quanto a consciência de si impacta na formação, no aprendizado e na condição cidadã. A escola, portanto, é chamada ao seu papel de oportunizar ao estudante se conhecer como sujeito, com emoções, sentimentos, diverso nos modos de ser.

Nessa concepção mais ampla, articulam-se subdimensões que dizem quanto o estudante sabe lidar com as suas emoções, quanto ele conhece seus talentos, quanto compreende seus limites e suas fragilidades, quanto é capaz de operar em desafios, em conviver, em cuidar da sua mente e do seu corpo, em manter uma relação saudável e construtiva diante da vida. Destacamos, portanto, algumas subdimensões que compõem a noção ampla de autoconhecimento e autocuidado. São elas: autoconsciência, autoestima, autoconfiança, equilíbrio emocional e saúde (física e emocional).

Saber colocar em perspectiva desejos e interesses e, assim, projetar um futuro diz diretamente da competência sobre o projeto de vida. Se o projeto de vida diz em parte da nossa capacidade de articular conhecimentos e experiências, de modo a ter clareza e responsabilidade sobre escolhas e propósitos, não é possível pensar nesta orientação sem um conhecimento basilar: o conhecimento sobre si.

A capacidade de autoavaliação, conforme a BNCC, é uma dimensão importante para a elaboração de nosso projeto de vida, pois ela nos orienta a pensar sobre o nosso próprio desenvolvimento e, inclusive, sobre a transformação de nossos propósitos. Lembremos que um projeto de vida não é algo estanque, ele é vivo, se movimenta e se transforma com as nossas experiências de mundo.

Uma outra subdimensão importante sobre o projeto de vida e que dialoga com o autoconhecimento é a autoeficácia. Temos consciência das nossas fragilidades? Diante dessa consciência, sabemos operar com os desafios para alcançar nossas metas? A esse debate, soma-se ainda a perseverança como um atributo necessário ao projeto de vida. Ser perseverante é saber atuar em meio às adversidades e entender os momentos de fracasso, pois eles existirão.

Experimente com você!

Se considerarmos que o projeto de vida está em constante construção e reformulação, você, professor, já parou para pensar sobre o seu próprio projeto de vida? O que na sua trajetória particular se mostra como uma partícula de desejo a ser perseguida? Quais são os novos sentidos e significados que habitam os seus propósitos na vida?

Você é um sujeito e, como tal, está em constante transformação. Decerto que já alcançou conquistas importantes de propósitos, mas você já refletiu sobre como eles se transformaram ou mesmo pensou na emergência de novos propósitos?

Este momento de trabalho com os estudantes é um bom ensejo para você também pensar sobre isso na sua vida. Como sugere William Damon (2009), um dos principais pesquisadores no desenvolvimento de propósitos na vida, a felicidade verdadeira passa exatamente pela consciência de nossos propósitos. Então, eis um "convite paralelo" para você: revisite seus objetivos e se inclua no debate; um chamado para que atualize o seu autoconhecimento. Certamente, nesse exercício, você vai refinar o seu olhar sobre si mesmo, mas também poderá ter uma visão mais aprofundada das competências com as quais está trabalhando com os estudantes.

Nas atividades cotidianas com os nossos estudantes, são poucos os momentos pedagógicos dedicados a partilhar projetos de vida em uma perspectiva ampliada. Essa é uma das provocações que faz Damon e que cabe destacarmos, pois dialoga diretamente com o motivo pedagógico que acompanha o "convite paralelo" que acabamos de fazer. Nas palavras do pesquisador:

"Por que as pessoas leem ou escrevem poesia? Por que os cientistas isolam os genes? Por que, de fato, batalhei para me tornar um professor? Por incrível que pareça, em todos esses anos como estudioso do desenvolvimento e da educação de jovens, nunca vi um caso sequer de um professor que compartilhasse com os alunos as razões pelas quais ele ou ela escolheu a profissão de educador. Aliás, também não costumo ouvir esse tipo de conversa sobre o significado mais profundo de nossos esforços, nem nas famílias nem em qualquer programa da mídia direcionado ao jovem. Como podemos esperar que ele encontre significado no que está fazendo, se tão raramente atraímos sua atenção para o projeto vital e o significado pessoal do trabalho que executamos em nosso dia a dia?".

DAMON, William. O que o jovem quer da vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. Trad.: Jacqueline Valpassos. São Paulo: Summus, 2009. p. 21.

Com base nessas breves reflexões iniciais, esperamos que você explore o percurso a seguir tendo como lente a importância do autoconhecimento para a construção de um projeto de vida. É a interface entre essas duas competências que configura a intencionalidade pedagógica desta primeira Unidade, qual seja, oportunizar ao estudante que ele se conheça como sujeito em suas múltiplas dimensões, que conheça a sua história, os seus desejos, as suas fragilidades e as suas potencialidades. E ainda desenvolver sua habilidade de articular narrativas a partir dessa pluralidade que o habita.

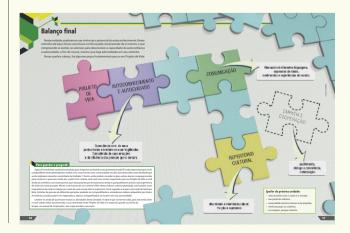
Objetivos

Oportunizar ao estudante vivências múltiplas de aprendizagem sobre si mesmo, aptas a contribuírem para a elaboração de seu projeto de vida. Além de visitar a sua própria história, elaborar seus desejos, suas fragílidades e suas potencialidades, esta Unidade promove ainda a habilidade do educando de articular narrativas em distintas modalidades textuais.

Competências gerais da BNCC em destaque

A interação entre as competências gerais que dizem respeito a "projeto de vida" e a "autoconhecimento" (competências 6 e 8, respectivamente) compõe o núcleo propositivo desta primeira Unidade.

Observe que, ao final da Unidade 1 do livro do estudante (conforme reprodução a seguir), há uma arte especial que representa o início da montagem deste "quebra-cabeça dinâmico", que é o projeto vital. Além disso, a dupla final de páginas preza pelo princípio da transição entre o que se caminhou durante a Unidade e o que se projeta para o futuro na próxima Unidade. Trata-se de um modo de levar ao estudante o entendimento da contribuição que os vários momentos da formação oferecem para a elaboração de seus propósitos. Para que essa informação fique "fresca", inserimos abaixo uma miniatura da referida arte especial que mostra as interações exploradas entre competências e habilidades nesta primeira Unidade.



Note que, destacadas, encontram-se as competências "Projeto de vida" e "Autoconhecimento e autocuidado", a principal conexão desta Unidade. No entanto, outras três peças participam da construção diagramática. São elas: "Comunicação", "Repertório Cultural" e "Empatia e Cooperação". Elas representam outras três competências gerais articuladas nesta Unidade: 4, 3 e 9, respectivamente.

Em consonância com a BNCC, a comunicação foi explorada nas várias atividades que compõem os três capítulos da Unidade, sobretudo no que diz respeito ao manuseio de diferentes linguagens, à expressão de ideias, sentimentos e experiências de mundo. E pôde ser exercitada em todas as suas subdimensões, que são: escuta, expressão, discussão e multiletramento.

A competência geral 3, sobre cultura, foi trabalhada nas abordagens a respeito das diversidades e identidades culturais, no âmbito da fruição estética e na ampliação de repertórios, em especial nos campos da literatura e das artes visuais. Destacamos aqui o manuseio criativo dos campos expressivos que compõem algumas de nossas estratégias cartográficas, como o autorretrato, os mapas mentais, os painéis de inspiração e a árvore genealógica, por exemplo.

Desse quebra-cabeças, você deve ter percebido que a peça "Empatia e Cooperação" aparece apenas pontilhada. Isso porque, nesta Unidade específica, tal competência apenas aparece para o estudante como pano de fundo. Trata-se de um importante conector com a temática da próxima Unidade que vai explorá-la de modo mais explícito. No entanto, é importante que já deixemos sinalizadas as perspectivas do acolhimento, do diálogo, da convivência e da colaboração que já se anunciam e se exercitam nesta Unidade.

Temas contemporâneos transversais

A BNCC estabelece seis macroáreas temáticas que respondem a demandas sociais para que o processo educativo oportunize o desenvolvimento integral dos sujeitos. As seis macroáreas temáticas são: Cidadania e Civismo, Ciência e Tecnologia, Economia, Meio Ambiente, Multiculturalismo e Saúde. Tais macrocampos incorporam 15 temas contemporâneos que se oferecem a um trabalho pedagógico transversal, ou seja, para além das conexões interdisciplinares, trata-se de um conjunto de temas que solicita a articulação entre os saberes curriculares e a vida cotidiana.

Os Temas Contemporâneos Transversais abordados na BNCC são Ciência e Tecnologia, Direitos da Criança e do Adolescente; Diversidade Cultural, Educação Alimentar e Nutricional, Educação Ambiental; Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais Brasileiras; Educação em Direitos Humanos; Educação Financeira; Educação Fiscal; Educação para o Consumo; Educação para o Trânsito; Processo de envelhecimento, respeito e valorização do Idoso; Saúde; Trabalho e Vida Familiar e Social. (BRASIL, 2017).

Esta Unidade enfatiza a macroárea Multiculturalismo, em especial a Diversidade Cultural. No entanto, ao longo das atividades propostas, a macroárea Cidadania e Civismo também se estabelece gradualmente nos debates, na medida em que introduzimos a vida familiar e a vida social como dinâmicas inerentes ao autoconhecimento. A atenção à vida familiar e vida social coloca em evidência a interação com os outros como fundantes das nossas condições de sujeitos culturais. No escopo da competência do Autoconhecimento, vale observar que tal concepção aparece junto de autocuidado. Portanto, é inegável que a Saúde também se apresenta como macroárea temática a ser priorizada neste momento da nossa jornada.

Fique de olho!

Ao final de cada atividade proposta no livro do estudante, o quadro especial "Nesta atividade, exercitamos" sistematiza: Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades e Temas contemporâneos transversais.

Mas por que essas informações são importantes tanto para o educador quanto para o jovem educando?

Entendemos que tais destaques evidenciam quais atenções especiais estão sendo trabalhadas em sintonia com a BNCC, em cada momento deste material. É como se colocássemos uma lupa que lhe permitirá ver com mais clareza as conexões das redes de conhecimentos articuladas em cada atividade.

Para o jovem educando, o quadro de sistematizações torna visível a progressão do conhecimento rumo ao projeto de vida. A elaboração de um projeto de vida é, por natureza, uma atividade que exige múltiplas competências, múltiplas habilidades, pensamento interdisciplinar e a articulação transversal de saberes curriculares e do cotidiano. Tudo isso estará evidenciado no quadro especial que encerra cada atividade. É importante o jovem ter conhecimento de seu processo de formação.

Estratégias pedagógicas priorizadas

As estratégias pedagógicas indicadas nesta Unidade dialogam com o panorama das metodologias de aprendizagem ativa. Todo o percurso formativo opera pela retroalimentação entre teoria e prática, demandando atitude ativa do estudante na elaboração de narrativas em distintas estratégias de produção textual.

As atividades dialogam com a chamada "educação mão na massa", podendo também articular aspectos do ensino híbrido. O intercâmbio entre manualidades e contextos de criação digitais depende das estruturas particulares de cada escola. Pensando nos distintos contextos e estruturas disponíveis para o professor, indicamos, para algumas atividades, modos de fazer artesanais e também digitais. É o caso, por exemplo, das atividades que envolvem os mapas mentais e os painéis

de inspiração. Há ainda, sempre a depender dos contextos particulares, a possibilidade de utilização pedagógica dos aparelhos celulares dos próprios estudantes para pesquisas, atividades de criação e registros.

Atividades como a árvore genealógica proposta no Capítulo 2, ao demandar pesquisa prévia para alimentar os debates e as criações em sala de aula, se articulam com uma interessante metodologia ativa denominada sala de aula invertida.

Há ainda adaptações feitas em atividades que preveem etapas no formato de rotação por estações de aprendizagem. No caso das atividades desta primeira Unidade, destacamos a rotação por estações de trabalho, presente nas tarefas de escrita colaborativa e do *brainwriting*.

Atitudes esperadas do professor na condução da Unidade

Nas atividades sugeridas, o professor deve se colocar como um **tutor** a orientar as etapas de trabalhos e também atuar como um qualificado **mediador** nos debates que cercam as atividades. Nessa ação de mediar, você deve buscar sempre o exercício de uma escuta ativa, se esforçar para a construção de uma atmosfera dialógica com a turma de estudantes. Para tanto, mantenha-se curioso para as contribuições dos estudantes, pois as produções da Unidade muito dependem do que eles revelam de si mesmos.

Atente-se aos registros e ao arquivamento das produções para que elas possam contribuir nos momentos futuros da elaboração dos projetos de vida, nas Unidades seguintes.

Busque renovar exemplos e valorizar aqueles que os jovens trazem para a aula sobre o seu próprio universo, evitando julgar gêneros musicais, manifestações culturais etc.

Aquecimento: sensibilização para a Unidade

Inicie o trabalho com os estudantes, explorando a nuvem de palavras que abre a Unidade. Note que as palavras autoconhecimento, identidades e juventudes aparecem em destaque entremeadas por outras: multimodalidade, relações, textos, narrativas, autobiografia, talentos, sujeitos, em construção, desejos, vida. A exploração de tais expressões pode ser feita com o auxílio das questões disparadoras, também indicadas em um quadro especial, logo na abertura da Unidade.

As questões conduzem a outros questionamentos: Os estudantes conhecem todas essas palavras? Com quais eles mais se identificam? Eles vislumbram relações entre algumas delas? Que relações são essas?

Neste momento inicial de sensibilização, é importante coletar as percepções dos estudantes. Durante a conversa, você pode registrar na lousa ou em uma cartolina termos e expressões-chave que eles atribuíram às palavras conhecidas

e também àquelas com as quais mais se identificam. Dessa forma, uma espécie de glossário se formará. Ao término dessa exploração da nuvem de palavras, lembre-se de listar em um canto as palavras que não foram mencionadas pelos estudantes. Este também será um dado importante.

Dica

Caso a escola disponha de conexão à internet e caixas de som, você pode reproduzir para a turma a música "Kaça", da cantora Karol Conka. Veja abaixo um trecho da letra.

É, é, é, é, é

Eles querem meu sangue na taça

Eu até acho graça

Isso não é uma ameaça, é a temporada de caça

É Karol Conka, dona do Lalá, do próprio nariz

E tudo o que eu criar

Pode até tentar me imitar

Assume que odeia me amar

Você não consegue evitar

Você não consegue me rotular

Pra nos levantar, precisei tombar

Me cansei de quem fala de empoderar

Pra se aproximar, pra se apropriar

Quer falar de superação?

Muito prazer, sou a própria

Uma em um milhão

Original sem cópia

Sem me comparar eu não vou mudar

Nem me rotular

Original sem cópia

Original sem cópia

[...]

CONKA, Karol. "Kaça". *In: Ambulante*. São Paulo: Sony Music Entertainment Brasil, 2018.

Provoque os seus estudantes a pensarem: o que essa música diz sobre identidade? Quais atitudes transmitem a letra, a música e a forma de cantar? Todos da turma conhecem essa artista? Todos gostam dela? Quem gosta, por que gosta? Quem não gosta, por que não gosta?

Avalie se, após o debate, há algo novo que poderia completar as percepções registradas no glossário feito.

De todas as reflexões geradas nesse momento de sensibilização, a mais importante diz respeito aos diversos modos de ser juvenis e às múltiplas identidades que ali se encontram. Esses aspectos são enfatizados também no texto que abre a Unidade 1.

Não se preocupe em fornecer acepções precisas para cada uma das palavras da nuvem. Importe-se mais em provocar o exercício de pensamento da turma. Alimente o debate com novas perguntas que a participação dos estudantes possibilite introduzir. No final da aula, fotografe a lousa com o glossário produzido durante a conversa de sensibilização. Caso o registro tenha sido feito em cartolina, basta guardá-la. Será interessante, no final da Unidade, retomar essas primeiras percepções colhidas sobre a paisagem conceitual trabalhada.

É importante ainda esclarecer para os estudantes que o autoconhecimento é o primeiro passo para a construção de um projeto de vida. E é isso que esta Unidade inaugural vai propor a eles.



Autobiografias: narrativas de si

Inquietações e motivos

- Quais representações eu crio de mim?
- Como eu me vejo e como me projeto para o outro?
- O que existe em mim que não está diretamente visível no meu corpo, na minha aparência?
- Como eu sinto o mundo?
- Como expressar o invisível de mim?

A série de quatro atividades proposta neste Capítulo busca refletir sobre essas questões de distintas formas e de diferentes ângulos, como você verá a seguir.

Objetivos

- Propiciar ao estudante se perceber e se apreciar em suas características físicas e emocionais;
- Estimular a experimentação de linguagens na construção de narrativas de si.

Rede conceitual (palavras-chave)

Narrativas; textos multimodais; autobiografia.

Mão na massa

Atividade 1 - Selfies: imagens de mim (p. 14)

Campos expressivos articulados à produção: fotografia e autorretrato.

Materiais necessários

- Uma selfie impressa (a de que o estudante mais goste e que tenha compartilhado em uma rede social; pedir com antecedência);
- Folhas de papel A4 em branco (uma por estudante);
- Canetas ou lápis;
- Lousa ou cartolina para registro do professor no debate de encerramento da atividade.

Reflexões ativadas

Para esta atividade, tomamos como ponto de partida um tipo de imagem autobiográfica bastante familiar para os jovens contemporâneos: a *selfie*. No percurso das etapas da atividade, espera-se que o estudante adquira a consciência de que a imagem é um texto heterogêneo construído que comunica ações, sensações e intenções. Estamos aqui introduzindo aspectos que tangenciam as multimodalidades textuais. Uma das subdimensões que a BNCC estipula no âmbito da Comunicação se dirige ao multiletramento, ou seja, à habilidade do educando ler, compreender, interpretar e criar multimodos textuais.

Dialogando com a atividade específica das selfies, uma boa forma de expor a dimensão heretogênea das imagens para os estudantes é chamar a atenção para as outras modalidades textuais que interagem com essas fotografias autobiográficas nas redes. A utilização de filtros e inscrições verbais sobre a fotografia, ou mesmo de textos verbais (as legendas) elaborados para compartilhá-la, atua diretamente em sua construção de sentido, orientando a leitura que um outro membro daquela rede social fará da imagem.

Além, portanto, de introduzir a questão da multimodalidade, em uma outra camada de leitura, você, professor, pode estimular o pensamento sobre a "verdade" desse tipo de texto visual. É comum pensarmos nas práticas biográficas como neutras e descritivas de acontecimentos reais. No entanto, sempre que produzimos uma narrativa estamos a hierarquizar informações, enaltecer ângulos e impor um modo de dizer que também é o dito. E as selfies não fogem a essa regra. Pelo contrário: há todo um pensamento crítico que pode ser tecido quando o assunto é a selfie. Passeando pela timeline de uma rede social, as imagens que vemos (entre elas, inúmeras selfies) mostram as pessoas felizes, sempre cercadas de amigos ou em situações "perfeitas". O mundo é tão feliz assim? A vida dos outros é tão incrível quanto parece? E a minha vida?

Um último aspecto a ser destacado nesta atividade é o fato de, em sua dinâmica, ela comportar o exercício de olhar o outro. É importante pensarmos que ao falarmos do outro estamos também falando de nós. Isso porque olhamos o mundo pela lente da nossa cultura – do nosso conjunto de hábitos, costumes, crenças, valores, gostos etc.

Para você, professor, acreditamos que esta atividade exigirá uma postura de escuta ativa do modo como o seu grupo de estudantes se comportará diante da liberdade de falar do outro a partir de uma imagem. Por isso, será fundamental que os estudantes compreendam a importância da atividade e que as regras de respeito mútuo sejam postas de forma bastante clara. Chamamos aqui a atenção para tal aspecto, pois podem surgir situações que, apesar de aparentarem tom de brincadeira, podem ser preconceituosas e agressivas. Vale ter clareza que uma importante temática contemporânea acionada nesta atividade e em todas as outras desta Unidade 1 diz respeito à diversidade cultural. Portanto, faz parte deste processo formativo a educação para a diversidade.

Ainda que a noção de empatia seja explorada, prioritariamente, na próxima Unidade, vale aqui anunciar brevemente a ideia para os estudantes.

Fique de olho!

Revisite na página 16 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências*, *Competências gerais*, *Competências específicas*, *Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 2 - O autorretrato: uma criação biográfica (p. 17)

Campos expressivos articulados à produção: autorretrato, pintura e literatura.

Reflexões ativadas

A reflexão sobre autorretratos como um modo de narrativa autobiográfica, agora, se torna mais assimilável pelos estudantes, pois essa temática de certa forma já foi antecipada com as selfies trabalhadas na atividade anterior. É hora, portanto, de oferecermos um aprofundamento sobre esta importante estratégia de representação da história pessoal. A segunda atividade que propomos, nesse sentido, promove a ampliação de repertório estético nos campos das artes visuais e da literatura, introduzindo novos elementos para os processos de leitura e interpretação de textos.

Além disso, a atividade solicita o deslocamento das fotografias instantâneas produzidas com celulares para imagens elaboradas em processos analógicos e/ou híbridos (aqueles que misturam ferramentas analógicas e digitais). As manualidades são pontes importantes – não as únicas, é bom que se esclareça – de acesso ao lúdico, propondo uma outra relação temporal durante o processo de criação. São importantes vetores da imaginação, ou seja, da nossa habilidade de criar e ler imagens.

A leitura do Capítulo como se apresenta ao estudante permite perceber que dedicamos um espaço ampliado para a mostra de obras diversas do campo das artes visuais e da literatura. Este é um momento precioso para a sua turma e cabe a você, professor, investir nele. Buscamos reunir no conjunto de exemplos estilos bem diferentes de autorretratos. É importante explorar com seus estudantes as várias possibilidades de interpretações que as obras comportam e deixar claro que, ao falarmos de obras artísticas, não há somente uma interpretação correta; o que temos é uma rede de significações possíveis.

Os exemplos do campo da literatura também o ajudarão a mostrar aos estudantes que podemos criar narrativas autobiográficas com as palavras em estado poético.

Figue de olho!

Revisite na página 22 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 3 - Ateliê de autorretratos (p. 23)

Campos expressivos articulados à produção: pintura, arte digital e autorretrato.

Materiais necessários

- Folhas de papel (de preferência A3) para servir como base para os estudantes criarem seu autorretrato (uma para cada estudante);
- Canetinhas coloridas e lápis de cor;
- Tintas e pincéis;
- Revistas e jornais para recortar;
- Retalhos de papéis coloridos;
- Fita adesiva colorida;
- Cola e tesoura com pontas arredondadas;
- Linhas de bordado, agulhas e outros materiais que julgar interessantes para o ateliê de autorretratos.

Reflexões ativadas

Nesta atividade, estimule os estudantes a representarem o invisível, ou seja, para além da habilidade de fazer um desenho fiel de sua aparência, eles devem ser capazes de expressar um sentimento, uma sensação e um estado de espírito.

Quando eles estiverem com a mão na massa, experimente colocar uma trilha sonora, com músicas alegres e tranquilas, em volume baixo. A música, certamente, vai contribuir para a formação de uma atmosfera de produção criativa mais prazerosa.

Fique de olho!

Revisite na página 24 do livro do estudante o quadro especial com as Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades e os Temas contemporâneos transversais articulados nesta atividade.

Vá além

Uma reflexão bonita e que muito contribui para a prática do autorretrato está no conceito de olhar. Na concepção que nos interessa destacar, o olhar não está preso à visão – à capacidade de enxergar visualmente as coisas. O olhar se associa mais à percepção, que não passa necessariamente pelo ver com os olhos.

O documentário Janela da alma (2001) explora exatamente este tema: o olhar. O filme, dirigido por João Jardim e Walter Carvalho, entrevista vários personagens famosos e anônimos. Entre eles, o poeta Manoel de Barros, o escritor José Saramago, o músico Hermeto Pascoal, o neurologista Oliver Sacks e muitos outros. Em comum, esses personagens possuem algum distúrbio de visão – desde a cegueira total até alguns poucos graus de miopia.

O jornalista e crítico de cinema Alessandro Giannini entrevistou João Jardim para a revista *Trópico*. Em seu texto de abertura da entrevista, "Histórias do olhar", ele destaca:

"Todos falam sobre as 'janelas da alma', as pequenas fendas através das quais o mundo se desenha para os seres humanos.

Num dos depoimentos que melhor sintetizam o filme, o escritor português e Nobel de Literatura José Saramago compara os dias de hoje à caverna de Platão. Diz ele que, com a globalização e a quantidade excessiva de informação em circulação, as pessoas estão cada vez mais enxergando o mundo por meio de sombras".

GIANINNI, Alessandro. Histórias do olhar. *In*:
Revista *Trópico*. Disponível em: http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/1285,1.shl, Acesso em: 4 dez. 2019.

Atividade 4 - Circuito de escritas: eu, tu e nós (p. 25)

Campos expressivos articulados à produção: textos orais e textos escritos.

Materiais necessários

- Folhas avulsas para produção de texto;
- Lápis, borracha e caneta.

Reflexões ativadas

A atividade é, de fato, como o título sugere, um circuito. Inicia-se com a estratégia da roda de histórias e culmina na ênfase ao processo de uma escrita colaborativa.

O momento de abertura da atividade com a roda de histórias atua diretamente sobre a habilidade do estudante em destacar um acontecimento da vida e elaborá-lo oralmente. A prática aciona ainda a habilidade de escuta dos colegas. Portanto, para que a roda aconteça, é fundamental que todos conheçam e sigam as regras. Você, professor, tem a missão de destacá-las logo no início. Outra orientação importante: os estudantes devem apenas exercitar a escuta, não se distraindo com anotações e conversas durante a fala dos colegas.

Após a primeira etapa, a roda de histórias, há todo um roteiro de atividades de escrita contemplando etapas individuais, trocas, acréscimos, edições etc. São esses momentos que ativam um circuito orientado de produção de textos verbais que operam como práticas de produção que se denominam retextualização e reescrita.

Apesar de tais conceitos não serem explicitados para os estudantes, tendo em vista o risco de nos perdermos nos propósitos centrais da Unidade, vale uma breve contextualização para você, professor.

Não é consensual a distinção entre reescrita e retextualização. No entanto, os estudos sobre as multimodalidades textuais acabam por reforçar a necessidade de diferenciar essas duas práticas de produção de textos. Em linhas gerais, a reescrita produz versões de um texto original. Já a retextualização transforma não apenas o propósito do texto, mas também suas modalidades em formas expressivas próprias.

Dito isso, quando os estudantes são convidados a tomar um acontecimento narrado oralmente durante a roda de história como base para a produção de um texto escrito, estamos investindo na sua capacidade de transformar um modo textual em outro: estamos trabalhando no âmbito da retextualização. A partir do texto produzido de forma escrita, dá-se início a um processo de trocas em que outros colegas fazem intervenções na própria folha do texto-base. Imagine um autor que dispõe seu manuscrito para a leitura de editores que sugerem transformações naquele texto. Tais transformações, no entanto, não possuem a intenção de transformar a modalidade textual, mas de oferecer contribuições para o desenvolvimento (estilístico, narrativo, linguístico etc.) daquele texto. O texto escrito, repleto de anotações à margem de terceiros, exigirá de um último colega do circuito o exercício da reescrita: o "passar a limpo" que mencionamos na atividade.

Finalizado o circuito indicado com seus estudantes, algumas questões podem orientar o debate com a turma:

- A simples prática de "passar a limpo" é ingênua e imparcial?
 Ela transforma o texto?
- O estudante, cuja história contada oralmente na roda serviu de base para o texto final, se reconhece na nova narrativa?
 O que há de novo na narrativa criada no circuito de retextualizações e reescritas?
- A narrativa criada no texto final é de quem?

Essas questões são importantes para enaltecer a dimensão criativa das narrativas que produzimos sobre nós mesmos e sobre os outros. Mesmo que nossa intenção primeira fosse preservar algo que nos foi dito ou que vivenciamos, elementos novos são inseridos pela ação de nossa própria memória. A nossa memória nunca é neutra: ela sempre organiza os acontecimentos em conformidade com o nosso momento, o nosso repertório, com o nosso olhar e com aquilo que nos afeta especialmente em um dado acontecimento.

Por isso mesmo, professor, durante as várias camadas de escrita presentes neste circuito-atividade, evite tomar a fidelidade à "história original" como um parâmetro de êxito na construção dos textos.

Figue de olho!

Revisite na página 27 do livro do estudante o quadro especial com as Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades e os Temas contemporâneos transversais articulados nesta atividade.



Minha identidade



Inquietações e motivos

- O que é identidade?
- Qual é a minha identidade?
- Como a minha família participa da constituição da minha identidade?
- O que as pessoas com as quais convivo têm a ver com a minha identidade?
- As pessoas diferentes de mim participam da minha identidade?

Este segundo Capítulo tem suas discussões estimuladas por duas atividades: árvore genealógica e linha do tempo.

Destacamos na seção *Textos complementares* (Texto 1), dois fragmentos do texto "A produção social da identidade e da diferença", do pesquisador Tomaz Tadeu da Silva. A discussão do autor está diretamente articulada ao contexto educacional sobre o qual se dedica na perspectiva dos estudos culturais.

É possível observar que ele ressalta a relação que se estabelece entre identidade e diferença na condição de constructos sociais, e como tais constructos estão condicionados por relações de poder. É importante ainda chamarmos a atenção para as reflexões do autor sobre a condição de inacabamento da identidade. Ao contrário do senso comum que atribui à identidade a concepção de uma totalidade estanque, ela está sempre em construção. Vale a leitura!

Objetivos

- Promover o contato do estudante com a sua história de vida, considerando em especial os vínculos familiares;
- Desenvolver a percepção sobre a íntima relação que se estabelece entre identidade e diferença;
- Sensibilizar o estudante para que se compreenda como um sujeito em constante formação e transformação;
- Estimular a sistematização de histórias de vida em textos verbo-visuais.

Rede conceitual (palavra-chave)

Identidades.

Mão na massa



Campo expressivo articulado à produção: árvore genealógica.

Materiais necessários

- Folhas de papel pardo, cartolina ou outro tipo de papel (de preferência A3) para servir como base para os estudantes criarem sua árvore (uma para cada estudante);
- Canetinhas coloridas e lápis de cor;
- Revistas e jornais para recortar;
- Retalhos de papéis coloridos;
- Fita adesiva colorida;
- Cola e tesoura com pontas arredondadas.

Reflexões ativadas

A condução da atividade da árvore genealógica precisa estimular o estudante a querer saber mais sobre sua família. Vale incentivá-lo a conversar com as pessoas que integram o ambiente familiar, procurar capturar histórias dos parentes mais velhos, buscar documentos e álbuns de fotografias guardados. Trata-se de incentivar diálogos intergeracionais com amigos e familiares.

É importante, cuidar para que esta tarefa não se transforme em motivo de constrangimento para nenhum dos estudantes. Chamamos a atenção para este aspecto no sentido de garantir que a noção de família não se restrinja a exemplos de um núcleo familiar formado por pai, mãe e irmãos.

Indicamos a leitura de um fragmento para ajudar na reflexão sobre o tema "família". Trata-se do Texto 2 da seção *Textos complementares*. Nele, Régia Cristina Oliveira comenta sobre o texto da antropóloga Cynthia Andersen Sarti. Sarti tem a família como objeto de estudo e problematiza a habitual abordagem da família ancorada nas relações biológicas presentes no tripé pai, mãe e filhos.

Tal fragmento se mostra especial para o nosso contexto à medida que, além de esclarecer os contornos demandados para a compreensão da concepção de família, sinaliza também o lugar do jovem nesse contexto. Isso para nós é importante, pois podemos pensar que a árvore genealógica que o jovem produzir na sua atividade vai revelar parte do referencial simbólico que ele capturou da sua história familiar. A atividade pode ainda explicitar os afetos e os conflitos, as relações de poder que participam da construção de sua identidade.

Trata-se de uma trama complexa que você, professor, vai ter o privilégio de conhecer – ainda que parcialmente, sabemos. E você vai ver como o próprio jovem, por meio deste exercício, vai se surpreender com descobertas. Todo esse processo colabora para a elaboração de sua própria história e para a compreensão de algumas dimensões da sua identidade.

Fique de olho!

Revisite na página 34 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências*, *Competências gerais*, *Competências específicas*, *Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 2 - Linha do tempo (p. 35)

Campos expressivos articulados à produção: linha do tempo e infográfico.

Materiais necessários

Esta atividade é possível de ser feita no laboratório de informática da escola, com conexão à internet. Se for essa a situação, os estudantes podem utilizar sites gratuitos que, entre suas ferramentas, disponibilizam modelos para infográficos de linhas do tempo. No entanto, sabemos que nem sempre há um laboratório com quantidade de máquinas que atenda a todos os estudantes. Por isso, nossa sugestão é que a prática seja desenvolvida artesanalmente. Abaixo, apresentamos a relação de alguns materiais possíveis:

- Folhas de papel pardo, cartolina ou outro tipo de papel (de preferência A3) para servir como base para os estudantes criarem sua linha do tempo (uma para cada estudante);
- Canetinhas coloridas e lápis de cor;
- Retalhos de papéis coloridos ou tarjetas adesivas;
- Fita adesiva colorida:
- Cola e tesoura com pontas arredondadas.

Reflexões ativadas

A linha do tempo é uma criação gráfico-verbal que organiza eventos em uma sucessividade. É bastante presente nos livros de História, por exemplo, como modo de apresentar marcos temporais ou encadeamento de fatos.

Nesta atividade, o convite é para que o estudante eleja situações, momentos e acontecimentos que considera marcantes na sua vida. Quando perguntamos para alguém sobre os momentos que o marcaram, é comum nos depararmos com respostas que destacam os "grandes momentos": o primeiro beijo, uma viagem incrível, uma festa de aniversário especial, o nascimento de um filho, a formatura, a perda de um ente querido etc. Decerto que estes são mesmo momentos especiais e marcantes que podem e devem ser considerados. Porém, estimule os seus estudantes a pensarem também nos "pequenos grandes momentos".

E o que isso significa? Significa compreender que, por vezes, acontecimentos aparentemente irrelevantes podem marcar profundamente. O dia que uma certa pessoa o olhou esquisito, o dia em que sua calça de festa simplesmente não fechou e isso o desconcertou de alguma forma, o dia em que você se emocionou com um palhaço fazendo malabarismo na rua. Se essas coisas aparentemente banais provocaram algo em você, pode ser que sejam dignas de se tornarem marcos.

No tutorial da atividade, no livro do estudante, há um poema em prosa de Marcelino Freire que descreve alguns marcos da sua vida. Percorrendo o poema, você vai perceber que há marcos de grandes eventos e também marcos de pequenos acontecimentos cotidianos que se tornam importantes para o autor. Muitas vezes, o que é aparentemente invisível nos afeta.



Figue de olho!

Revisite na página 40 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências*, *Competências gerais*, *Competências específicas*, *Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados na atividade.

CAPÍTULO



Meus desejos, meus talentos e meus desafios



Inquietações e motivos

- O que eu, jovem, costumo consumir no mundo da cultura?
- O que isso tem a ver comigo?
- Quais talentos e habilidades percebo em mim?
- Quais desafios pessoais consigo identificar?

O terceiro e último Capítulo da Unidade 1 se dedica a sistematizar os conhecimentos construídos no gradativo movimento de se conhecer. Podemos dizer que as produções articuladas a este Capítulo são mais explícitas em sua estratégia de oferecer subsídios para a construção de projetos de vida.

Objetivos

- Apresentar ao estudante novos tipos de textos multimodais, especificamente o painel de inspiração (moodboard), o mapa mental, brainwriting e a carta;
- Oportunizar a constituição de uma cartografia sobre os bens culturais que os jovens deste grupo consomem;
- Promover o mapeamento de talentos, competências e desafios pessoais/fragillidades do educando;
- Incentivar o estudante a estabelecer pactos consigo mesmo e exercitar a projeção de futuro;
- Estimular o grupo de estudantes a se apoiar.

Rede conceitual

Este Capítulo não possui uma rede conceitual específica, pois se nutre das concepções partilhadas nos Capítulos anteriores. Isso não significa, no entanto, que ele não traga novidades. As multimodalidades textuais atreladas às produções práticas das atividades, em si, são novas estratégias de textos com as quais os jovens terão contato. No entanto, o professor, durante a condução das atividades, deve atentar para a ampliação dos

espaços de colaboração e também de responsabilidades que elas provocam. Essas são dimensões fundamentais que precisam ficar claras para o grupo de estudantes.

Em função das singularidades deste Capítulo, nossas orientações e comentários fogem um pouco da estrutura adotada nos Capítulos anteriores que optou por abrir janelas de discussão para cada atividade. Aqui, o importante é que você compreenda o conjunto das atividades, pois elas se movimentam de forma bastante conectada no exercício de sistematização que propõem.

Vá além!

Indicamos, na seção *Textos complementares*, a leitura do Texto 3, de Paulo Carrano, professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense. Carrano também é diretor do filme *Fora de série* (2018), fruto de uma pesquisa do Observatório. O documentário entrevista estudantes do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de 13 escolas públicas do Rio de Janeiro.

Carrano concedeu uma entrevista à revista *Veras*, falando da pesquisa que compõe o filme. Destacamos um trecho da entrevista, pois ela aglutina vários aspectos que tratamos até aqui sobre juventudes, identidades e narrativas juvenis.

No site do filme há acesso para a obra e também um convite para organizar uma exibição pública gratuita: https://www.filmeforadeserie.com/> (Acesso em: 6 dez. 2019).

Mão na massa

Atividade 1 - Painel de inspirações (ou moodboard) (p. 41)

Campo expressivo articulado à produção: painel de inspirações (ou *moodboard*).

Materiais necessários

Esta atividade é possível de ser feita no laboratório de informática da escola, com conexão à internet ou mesmo pelo celular. Há diversos sites que apresentam ferramentas gratuitas para a produção de peças gráficas, inclusive de painéis de inspiração. Alguns sites também dispõem de versão mobile, e os aplicativos podem ser baixados gratuitamente no celular dos estudantes. Não sendo possível produzir o moodboard de forma digital, ele pode ser feito artesanalmente. Para esse caso, relacionamos abaixo alguns materiais que podem ser interessantes:

- Folhas de papel pardo, cartolina ou outro tipo de papel (de preferência A2) para servir como base para os estudantes criarem (uma para cada estudante);
- Canetinhas coloridas e lápis de cor;
- Tintas e pincéis;
- Retalhos de papéis coloridos;
- Jornais e revistas para recortar;

- Fita adesiva colorida;
- Cola e tesoura com pontas arredondadas.

Importante: o ideal é que, para esta atividade, o estudante se prepare antes e já leve para a aula algumas imagens e recortes a serem trabalhados em seu painel.

Reflexões ativadas

Professor, para esta primeira atividade preocupe-se em não emitir juízos de valor sobre as referências que seus estudantes vão colocar no painel. Tome a provocação de Carrano, na entrevista que disponibilizamos na Seção *Textos complementares* (Texto 3), como um incentivo para entender os destaques que os estudantes farão nos *moodboards* como "registros culturais" que fazem sentido para eles.

No conjunto dos painéis da turma, busque observar as similaridades e as diferenças entre os estudantes. É importante valorizar esses dois aspectos. Vale lembrar que a noção de identidade passa pelo reconhecimento dos pontos partilhados, mas também pelas diferenças que nos marcam como sujeitos.

Você também pode fazer a atividade e criar um painel seu. Isso pode enriquecer o debate para a dimensão intergeracional; no entanto, lembre-se de não mostrar o seu painel como um contraponto ao universo dos estudantes. O painel de cada um da turma, assim como o seu, são valorosos!

Fique de olho!

Revisite na página 44 do livro do estudante o quadro especial com as Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades e os Temas contemporâneos transversais articulados nesta atividade.

Atividade 2 - Mapa mental (p. 46)

Campo expressivo articulado à produção: mapa mental.

Materiais necessários

- Folhas (de preferência A3) para servir como base para os estudantes criarem seu mapa mental (uma para cada estudante);
- Canetinhas coloridas e lápis de cor;
- Retalhos de papéis coloridos ou tarjetas adesivas;
- Jornais e revistas para recortar;
- Fita adesiva colorida;
- Cola e tesoura com pontas arredondadas.

Reflexões ativadas

No livro do estudante, ressaltamos que a primeira etapa para a elaboração de um mapa mental é ter clareza quanto ao seu objetivo. Por isso, a atividade estabelece como propósito para o mapa mental do estudante a sistematização de dimensões particulares que ele pode destacar sobre si mesmo (talentos, competências, questões comportamentais, desejos, atitudes, desafios pessoais etc.).

Você vai observar que vários aspectos que a atividade propõe ao estudante mapear só se tornaram possíveis de serem elaborados em função de todo o percurso anterior de atividades. Este momento do mapa mental é, portanto, também um momento de refletir sobre os aprendizados sobre si que os Capítulos anteriores oportunizaram.

Para você, professor, vale destacarmos outros usos possíveis do mapa mental como estratégia de sistematização de conhecimento. Ele pode ser usado em vários tipos e contextos de aula. Por exemplo, após uma pesquisa realizada pela turma sobre um determinado tema, os estudantes podem ser incentivados a organizar suas descobertas em um mapa mental. Ao ler um livro de literatura, outra situação possível, o jovem pode representar os destaques daquele universo ficcional em um mapa mental. Nesses casos, sobretudo quando abordamos uma obra literária, é interessante observar as distintas relações que aquela obra suscitou nos diferentes leitores-estudantes.

Cabe a você explorar em outros contextos a utilização dessa instigante estratégia de construção textual. Sim, como vimos nas reflexões sobre multimodalidade, o mapa mental também pode ser abordado como um texto multimodal.



Figue de olho!

Revisite na página 48 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 3 - Brainwriting (p. 49)

Campos expressivos articulados à produção: mapeamento de desafios e construção coletiva de soluções.



Recomendações

No livro do estudante, mencionamos a existência de um instrumental que o professor vai distribuir para organizar a atividade do *brainwriting*. Esse instrumental está disponível abaixo, para facilitar a reprodução de cópias.

Materiais necessários

- Tarjetas coloridas;
- Lápis ou caneta esferográfica;
- Instrumental fornecido pelo professor.

Reunião de <i>brainwriting</i>			
Rodada	Ideia 1	Ideia 2	Ideia 3
1			
2			
3			
4			
5			
6			

Reflexões ativadas

Para inspirar você, detalhamos desafios pessoais registrados por um grupo de estudantes. Acompanhe os passos e o exemplo a seguir. Quais foram os desafios listados pelos estudantes? Como você os auxiliaria a agrupar os desafios?

Agrupar os sentimentos por cores é uma possibilidade para que os estudantes possam deixar seu *brainwriting* mais visual. É uma atividade importante para que o estudante identifique seus medos, receios e inseguranças.

- Passo 1: Peça aos estudantes que escrevam em uma tarjeta um desafio pessoal que deseja enfrentar. Sem identificar a tarjeta.
- Passo 2: Junte as tarjetas e, com a turma, agrupe os desafios por grupos. Dê nome aos grupos. Veja o exemplo.

GRUPO I: Inseguro

- Estudo e não vou bem nas provas.
- Dá branco sempre que o professor pergunta algo.
- Tenho dor de barriga em dia de prova.
- Tenho medo de falar em público.

Grupo II: Displicente

- Durmo durante a aula.
- Converso muito.
- Esqueço de fazer as tarefas.

Grupo III: Irritadiço

- Sou estressado.
- Não aguento provocações.
- Tenho pavio curto.
- Sou impaciente.

Grupo IV: Antissocial

- Distraio-me no celular.
- Não consigo trabalhar em grupo.
- Não gosto do intervalo porque fico sozinho.
- Não tenho amigos.

Quais seriam as soluções para enfrentarmos esse desafio?

- Não deitar a cabeça na carteira.
- Deixar o celular com o amigo.
- Anotar as tarefas na porta da geladeira.
- Pedir para o amigo me cutucar quando eu cair no sono.

Fique de olho!

Revisite na página 51 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

📦 Atividade 4 - Carta (p. 53)

Campo expressivo articulado à produção: carta.

Recomendações

Provavelmente, a relação dos jovens da sua turma com a carta é bem diferente das gerações anteriores. Para eles, as cartas devem estar associadas a cartas comerciais ou "contas" e boletos que recebem via Correios. Por isso, professor, contextualize o que é uma carta, tal como ela será tratada nesta atividade. Antes do *e-mail*, mantínhamos relações com familiares e amigos distantes via carta. Fale sobre esse tipo de comunicação e também do caráter estritamente pessoal desses escritos. É um crime abrir uma carta que foi lacrada e endereçada a outra pessoa. Invadir uma correspondência é algo análogo a um *hacker* invadir uma conta de *e-mails*.

Na atividade que propomos, a carta será endereçada a si mesmo. Portanto, ela só interessa ao estudante que a escreveu. Converse com a turma para que, de fato, todos lacrem a carta escrita e se comprometam a reabri-la alguns anos à frente.

Materiais necessários

- Folhas de papel para a escrita da carta;
- Caneta, lápis e borracha;
- Envelope;
- Cola.

Reflexões ativadas

Para esta atividade, deve-se partir do exercício de pensar no futuro de maneira imaginativa, ou seja, deixando o caminho livre para os sonhos, desejos, planos, anseios e também medos. É um momento que o estudante deve se voltar para ele mesmo, encarando e escrevendo sobre todos os conteúdos que vierem à mente.

A conclusão desta atividade se dará a longo prazo, porém tal fato não deve ser tido como desmotivador. Muito pelo contrário – o fato de daqui a alguns anos se deparar com uma versão de si mesmo do passado, pode ser entendido como mobilizador, uma vez que, por meio deste (re)encontro, o estudante poderá se perceber de maneira diferente, além de revisitar sua trajetória até ali. A ação de observar quais planos e sonhos se concretizaram ou não, quais deles se modificaram e até mesmo que medos foram superados, promove maior conhecimento sobre si, afinal, descobrir e enxergar as mudanças vivenciadas, das mais simples às mais profundas, gera grande aprendizado. A partir desse olhar, pessoal e intransferível para a plasticidade da própria história, pode-se refletir a respeito do porquê de todas as mudanças observadas.

É importante criar um ambiente em sala de aula em que os estudantes se sintam confortáveis para esse mergulho pessoal. Vale ressaltar a eles que a carta será guardada por você, professor, entretanto, lida apenas por eles.

Fique de olho!

Revisite na página 54 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Já fizemos uma parte da caminhada. Na Unidade 1, nossa trajetória teve como ponto central o autoconhecimento, e voltamos nossa atenção para conhecer os estudantes, suas famílias, seus desejos. Nesta Unidade, vamos estender o olhar para a relação com o *outro*, ou melhor, o *encontro com o outro*. Todo o percurso formativo se volta para a retroalimentação entre teoria e prática, demandando atitude ativa do estudante na elaboração de práticas que promovem a reflexão sobre o passado o presente, tendo em vista a programação, a organização e a construção do futuro por meio do projeto de vida.

Antes de seguirmos às definições e objetivos desta Unidade, existe uma conversa necessária a ser realizada: você já se questionou sobre como será o mundo daqui a trinta, quarenta, cinquenta anos?

As possibilidades são inúmeras, não é mesmo?

Agora, imagine os estudantes. O que eles vislumbram sobre esse futuro?

Sabemos que, mesmo diante de muita imprevisibilidade, nossas decisões e escolhas serão importantes, e não estaremos sozinhos, o que torna a busca pela compreensão do bem comum, e todas as questões relacionadas a coexistência e convivência com o outro, de vital importância.

E será isso que trataremos nesta Unidade. A ideia é orientar os estudantes a perceberem-se como cidadãos, diante de direitos e deveres, pertencentes a um coletivo e como parte interdependente de redes locais e virtuais. Compreenderem-se como sujeitos ativos e protagonistas, que integram a construção da vida familiar, escolar, comunitária, nacional e internacional.

E afinal, o que entendemos como "encontro com o outro"?

Inicialmente, destaca-se a essencial compreensão de que o *outro* se refere a *muitos outros*. Veja que para se definir o *outro*, é possível se enveredar pelas diferenças, como os gregos fizeram com os "bárba-ros", ou os tupis fizeram com os "tapuias", podemos dicotomizar entre intelectuais e incultos, abonados e desprovidos, ou elencar critérios e com eles definir inúmeros agentes e grupos sociais.

Fato é que qualquer coisa só existe diante da outra. No livro do estudante, citamos o eremita. Esse personagem é interessante, pois, por mais segregado e autônomo que aparente ser, ele é eremita porque há outros que vivem em sociedade; se a tal vida em sociedade não existisse, provavelmente ele teria uma outra definição.

Como trabalhado na Unidade anterior, a identidade de um sujeito é plástica e se encontra em constante transformação, e ela só se delineia com base na constante interação com o outro, compreendido não somente como pessoa, mas também como espaços e seus usos. Dessa perspectiva, o *encontro com o outro* se refere a todo o agir pessoal em relação ao coletivo, em que se evidencia a necessária reflexão sobre sua autonomia em relação à interatividade, à colaboração, à solidariedade e à responsabilidade diante dos outros e do mundo.

Marilena Chaui, filósofa, nos lembra que nossa vida cotidiana é cercada por *crenças silenciosas*, da aceitação de coisas e ideias que parecem naturais, óbvias, absolutas. Ninguém contesta a existência do tempo e do espaço, não é mesmo? Ao perguntar as horas para alguém, dentro de seu questionamento se encontra a crença de que existe o tempo, organizado em horas e dias, dentro de um determinado espaço. Você sabe diferenciar se está acordado lendo este material ou se está sonhando com ele, não sabe? Partimos da crença de que a realidade está separada do sonho. Os exemplos são inúmeros, o importante é atentar-se sobre a centralidade do *eu* (com suas crenças e verdades) em relação a todo o restante para se realizar uma análise e apreensão de um contexto.

Edward Said, professor, crítico literário, escreveu a obra *Orientalismo*: o *Oriente como invenção do Ocidente* na década de 1970, e colocou em discussão que o Ocidente criou um conjunto de concepções falsas e estereotipadas sobre o Oriente a partir de seu eurocentrismo. E não que isso tenha sido necessariamente intencional, mas o olhar sobre o Oriente, seja pela arte, seja pela pesquisa ou pela diplomacia, incidiu no exótico, no misterioso e na incompreensão de seus costumes, criando uma grande fábula sobre o Oriente.

O autor então nos alerta que seguir ensimesmados e imersos em nossas próprias crenças e "verdades" pode resultar em compreensões distorcidas de nosso entorno, de nossa "realidade". Questionar-se sobre os porquês das coisas é o primeiro passo para a compreensão, mobilização e busca de sentido de nossas ações. Então, encontrar-se com o outro é, antes de tudo, estar aberto a conhecer o outro. Mas não de qualquer

maneira e, sim, com propósito e método. Tarefa longe de ser simples, pois, segundo o autor já citado no livro do estudante, o escritor e historiador Joel Rufino dos Santos, "aceitar" o outro é fácil, o difícil é "hospedar" o outro, porque para tanto é preciso largar um pouco de si, abandonar ideias e "pré-conceitos". O que objetivamos aqui não é que os estudantes apenas tolerem diferenças e a existência de outros, mas que as compreendam e reflitam sobre a diversidade de pessoas, grupos, sobretudo tendo em vista o lugar de onde partem e a forma como eles interagem com as disparidades que encontram.

Os autores referenciados conversam entre si e trazem reflexões importantes. Diante da incerteza do devir, trabalhar em grupo, colocar-se no lugar dos outros, valorizar a diversidade de saberes e vivências, saber dialogar e resolver conflitos serão competências imprescindíveis, e para tanto, teremos que nos lembrar de nos indagar sobre nosso lugar de fala, nossas certezas, nos despirmos de nossos pressupostos e nos questionarmos sobre nosso entorno para não simplesmente "aceitarmos as coisas como elas são", tampouco as impor de acordo com nossos humores.

O encontro com o outro, então, na acepção apresentada, é imprescindível para a formação dos discentes. E para auxiliá-lo na moderação com os estudantes para tratar sobre este encontro em seus projetos de vida, esta Unidade está organizada em uma introdução seguida de três Capítulos: "Territórios e saberes", "Jovem cidadão" e "Uma rede em expansão".

Objetivos

Oportunizar ao estudante diferentes situações pedagógicas onde ele possa se perceber como cidadão, diante de direitos e deveres; trabalhar em grupo reforçando os laços de pertencimento; ampliar a concepção de ser integrante de um coletivo, tanto de redes locais quanto de virtuais, e valorizar a diversidade em todas as suas formas de expressão; proporcionar circunstâncias de pesquisa e investigação nas quais ele possa construir suas argumentações e se colocar apto para a apresentação de dados e debates; promover ocasiões em que atue como protagonista, sendo responsável por seus atos; favorecer conjunturas que exercitem a empatia e a resolução de conflitos tendo em vista seus papéis sociais, que integram a construção da vida familiar, escolar, comunitária, nacional e internacional.

Competências gerais da BNCC em destaque

Ao longo da Unidade 2, trabalharemos diversas competências gerais estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular, a BNCC. Cada uma delas será abordada no decorrer das atividades indicadas.

Nesta Unidade, estão evidenciadas as seguintes competências gerais: 1, que diz respeito aos conhecimentos historicamente construídos; 4, à comunicação; 5, à cultura digital; 6, ao trabalho e projeto de vida; 7, à argumentação; 9, à empatia e cooperação; 10, à responsabilidade e cidadania.

▼ Temas contemporâneos transversais

Esta Unidade enfatiza as macroáreas Cidadania e Civismo e Multiculturalismo, prioriza a reflexão sobre engajamento social responsável, direitos e deveres como cidadãos, e oportuniza diversos espaços de escuta e troca de informações entre os estudantes, fortificando laços e promovendo a reflexão sobre a diversidade cultural. Os demais Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) também são acessados e podem ganhar destaque de acordo com os encaminhamentos realizados, por exemplo, não há controle sobre a curiosidade e os questionamentos dos estudantes diante da tarefa de realizar uma pesquisa; perante a exploração de seu entorno escolar, eles podem destacar aspectos voltados ao Meio Ambiente, como uma análise sobre áreas de manejo ou sobre o saneamento básico da localidade.

Estratégias pedagógicas priorizadas

As atividades propostas nesta Unidade exploram o olhar, a observação e a pesquisa como elementos essenciais. O diálogo entre a autopercepção e a percepção daquilo que faz parte da realidade e o contexto em que o estudante está inserido fomentam a ampliação do olhar para além das reflexões individuais.

A cartografia é trazida como um meio de olhar para o território e para a comunidade, o local em que se vive. Por se tratar de uma linguagem que orienta a leitura e a produção de sentidos sobre a vida, a realidade e o território, a representação objetiva trazida na cartografia produz uma percepção que atenta aos diversos detalhes presentes na rotina, no cotidiano e nas culturas habituais dos jovens, possibilitando experiências de aprendizagem mais vivas e significativas.

Atue, ajudando os estudantes a relacionar o que é trazido por eles, além de escutar e auxiliar na organização dos conhecimentos adquiridos. Neste modelo proposto, o protagonista de todo o aprendizado é o estudante. Por meio da pesquisa, das explorações e das entrevistas, o estudante passa a se encontrar dentro do aprendizado, aprendendo a ser, a fazer, a conviver e também a aprender.

Atitudes esperadas do professor na condução da Unidade

Inicialmente, vamos trabalhar com as expectativas dos estudantes em relação à Unidade. Ao ler as nuvens de palavras, o que podemos esperar? O que trabalharemos? O que os estudantes entendem como *o encontro com o outro*?

Logo na segunda página, encontramos as palavras de Joel Rufino. Peça aos estudantes que localizem esse pequeno texto e transcrevam-no para o caderno. Veja se alguém quer ler em voz alta. Abra uma conversa com a classe perguntando quais os sentidos desse texto: por que é difícil "hospedar" o outro? O que são "pré-conceitos"? Quais são nossos preconceitos? Vamos colocar em nosso mural uma lista dos nossos preconceitos? Como podemos superar nossos preconceitos?

É possível que algum dos estudantes se encoraje a contar um fato que lhe tenha acontecido. Talvez você se lembre de alguma ocasião pessoal que possa disparar uma conversa profunda e respeitosa.

O importante desse diálogo é propiciar situações de reflexão sobre nossas interações. E nesse ponto entramos em um conceito importante, o de empatia. Empatia é a habilidade emocional de percepção e compreensão do outro, é a faculdade psicológica de se colocar no lugar de uma outra pessoa e assim tentar compreender seus sentimentos e emoções. Um exemplo pessoal ou uma história que coloque seus estudantes no lugar de quem sofreu preconceito vai ajudá-los a refletir sobre o conceito, além de construir uma relação de cumplicidade. Entendido o conceito de empatia, leia com eles o trecho "Sobre a empatia" e por meio dele vá um pouco mais fundo nesse conceito tão essencial para que possamos viver bem uns com os outros.

Aquecimento: sensibilização para a Unidade

A partir da conversa sobre empatia, é possível ler com os estudantes as primeiras páginas dessa Unidade para que eles tenham uma ideia do que vão vivenciar. Essa introdução abre as portas para muitos conceitos que serão trabalhados, como identidade, motivação, empoderamento, participação etc.

Entendido o plano geral, explique sobre os registros que farão ao longo do processo, que serão verdadeiros documentos de suas aprendizagens e descobertas. Retome a ideia do portfólio certifique-se de que sua utilidade foi compreendida e ressalte que ele estará sendo construído durante as vivências.

Outro ponto importante para o início do trabalho é a discussão sobre o que são territórios e o que esse conceito pode abranger. A escuta e a abertura para o debate e exposição de ideias são um importante disparador para que o grupo pense coletivamente. O olhar mais direcionado para o tema territórios é um bom condutor para abordar outra importante expressão: "exploração". Pergunte aos estudantes que ideia eles têm da relação entre esses dois conceitos.

Para além da discussão acerca dos territórios, é essencial sensibilizar os estudantes para o que uma exploração pode proporcionar. O que vem a mente com a palavra "exploração"? Faça esta pergunta para a turma e anote na lousa ou em tarjetas de papel as respostas obtidas. Um bom caminho para compreender o intuito da exploração e das descobertas propostas na Unidade é explorar a ação em si e tudo que ela pode possibilitar, disparar, fomentar e responder.

A realização dessa dinâmica irá proporcionar uma variedade de percepções e expectativas a respeito dos eixos centrais da Unidade. Após este momento de sensibilização para o tema, leve em consideração as respostas e palavras registradas a partir da questão disparadora e faça uma interface com a importância e a riqueza em explorar o espaço público.

Não se preocupe em apresentar à turma, nesse momento, tudo que diz respeito ao diálogo entre o autoconhecimento e a esfera pública – esse conteúdo será tratado ao longo da Unidade. O essencial é mostrar aos estudantes e sensibilizá-los para a questão de como a exploração de fatores externos, na verdade, diz muito sobre fatores internos de cada um. Explorar, descobrir e conhecer o território em que se vive, a cidade que cresceu e o bairro em que mora é também explorar, descobrir e conhecer a si mesmo e como tais características locais, regionais e culturais perpassam e moldam os indivíduos.

CAPÍTULO 🚺

Territórios e saberes

Inquietações e motivos

- O que você entende por encontro com o outro?
- Quem é o outro ou quem podem ser os outros?
- E a vida comunitária: quem faz parte dela?
- O que é ser cidadão?
- E quais são seus direitos e deveres como cidadão? Você os conhece?
- Como você participa da vida de sua comunidade?

A série de três atividades proposta neste Capítulo busca refletir sobre essas questões de distintas formas e de distintos ângulos, como você verá a seguir.

Na abertura deste Capítulo temos um poema. O que acha de propor a leitura coletiva do texto de Mailson Furtado, "À cidade", em jogral, com entonações bem diferentes? Em seguida, se questione: O que o texto lhe traz? Quais são as sensações que o poema lhe dá? Suas descrições se referem a quê? Essas são as primeiras perguntas que devemos nos fazer e igualmente trazê-las aos estudantes.

Mailson Furtado é do sertão, nasceu em Cariré, no Ceará, em 1991, e cresceu em uma cidadezinha no noroeste cearense chamada Varjota. Depois fez faculdade na capital, o que lhe deu o distanciamento e a experiência dos dois mundos, da cidade grande e do pequeno município.

Perceba, na leitura, que o autor coloca sua relação pessoal com a transformação da cidade, o olhar do menino que a viu crescer sendo impactado e impactando-a. Mailson evidencia como sua biografia carrega elementos da cultura local e como a cidade lhe deixou marcas indeléveis sobre sua identidade.

Aproveite a abertura do Capítulo para identificar como os estudantes se relacionam com a cidade onde vivem, como eles a percebem, como são influenciados por ela e como a influenciam, como a urbe interfere na construção de suas identidades.

Definição de território

O livro do estudante segue com a conceitualização de território. Compreendemos que território é o espaço das experiências, onde vivemos, atuamos, intervimos, confrontamos e idealizamos. É algo que vai além de um lugar físico determinado, pois envolve seu uso, seus acordos visíveis e invisíveis e a própria concepção e idealização sobre ele a partir de cada grupo social, o que torna essas delimitações extremamente fluídas. A questão do território para os povos originários no Brasil, por exemplo, não se limita ao que foi conquistado politicamente, mas engloba todo um conjunto de vivências e significados de pertencimentos com a natureza onde a terra tem papel fundamental. Perceba, por exemplo, que, quando um grupo de jovens ocupa uma praça, ela se torna um "território jovem" justamente a partir da própria ocupação, do seu uso, das músicas presentes, das atividades exercidas, da freguência dos encontros, das leis de convívio que estes mesmos jovens criam.

É importante conversar com os estudantes sobre isso: quais são os lugares que eles frequentam? Dentre estes, quais eles consideram como pertencentes? Por quê? Quais seriam seus territórios? O que os define? Como eles interagem com eles?

O direito à cidade

O texto de David Harvey, "O direito à cidade", é mais uma provocação para os estudantes. Começamos nossa conversa falando sobre a cidade, em seguida tratamos sobre o conceito de território, agora, acrescentemos a ideia de que a cidade é um território que organiza territórios! A cidade é como um espelho da sociedade, plural e diversa, e o direito a ela não se limita a seu acesso individual, ter o direito de ir e vir, mas sim de poder criar e reinventá-la, tecer uma relação com a urbe onde a transformamos assim como igualmente nos deixamos ser transformados.

Peguemos, por exemplo, a seguinte situação: um vilarejo ficava isolado, seu acesso se dava exclusivamente pelo rio. A organização do tempo e todos os seus costumes se davam por meio dessa relação com o curso d'água. Um dia construíram uma ponte. Seus moradores agora podiam ir para a outra margem com extrema facilidade. Rapidamente se viu o ônibus chegar à região, os caminhões de mantimentos passaram a entrar na vila, os mais novos quiseram ir estudar no município vizinho; já os antigos canoeiros se aposentaram e a balsa foi esquecida à margem da nova história que se desvelava. O rio continuou a banhar a todos no final do dia.

O pequeno causo é uma metáfora do que acontece constantemente em torno de nós, a cidade se transforma e com ela nos transformamos, mudamos nossos hábitos, assim como ressignificamos seus espaços e passamos a utilizá-la de outra maneira. A intervenção do Estado, como a edificação de uma ponte, tem um poder renovador enorme, assim como as ações de seus moradores, das coisas mais simples como a manutenção da calçada ou de um jardim, como, aproveitando o exemplo, a articulação para viabilizar a construção da ponte!

Não passamos incólumes pela cidade e estamos constantemente interagindo com ela, vivendo-a. Um antigo casarão dá lugar a uma loja comercial. O antigo aterro sanitário se transforma em parque de lazer. O antigo parque transforma-se em avenida. A especulação imobiliária expulsa antigos moradores do bairro. A privatização dos espaços, a apropriação dos lugares, a construção de um espaço público. Como lidamos com isso? Como somos afetados por isso? Mobilidade, meio ambiente, as diversas situações de exclusão e acolhimento que as urbes proporcionam são exemplos de temas que afloram ao se refletir sobre a cidade. Ela é palco de conflitos de interesses e disputas, e cabe destacar a responsabilidade coletiva que temos sobre ela.

Outro teórico citado nesta introdução é Michel de Certeau. O autor, em *A invenção do cotidiano*, lembra sobre atividades que vão de encontro com a "administração panóptica" da cidade, "maneiras de fazer" que interagem de outro jeito com os limites previstos, ações e vivências que elegem outros marcos e pontos de resistência na ordem da urbe. Para Certeau, "o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (*speech act*) está para a língua ou enunciados proferidos", é um processo de apropriação do terreno, do ambiente, onde o transeunte se apropria do espaço e propõe sentido, desvios, seleções; "o usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo".

Nós mesmos, por vezes, escolhemos os atalhos e assim ganhamos tempo. Às vezes alguns trajetos nos são negados, sentimos medo ou desconforto – algumas cidades pensaram mais nos carros do que nos próprios moradores. As barreiras podem ser visíveis como os muros altos de condomínios, ou invisíveis como as ruas de lojas caras ou os guetos escurecidos. E não podemos esquecer das galerias que ligam pessoas, comércios e ruas, ou as rotas de bicicletas e orlas que convidam à caminhada. A forma de interagir com a cidade se dá de maneiras diversas, podem ter sido construídas pelo hábito, pela tradição ou até pela imposição; de qualquer maneira, ressalta-se a existência dessa contínua interação, e de que temos força para também criá-la não sendo apenas observadores passivos.

A exploração como atitude para conhecer o bairro

O texto "A exploração como atitude para conhecer o território" destaca as possibilidades de aprendizado que a exploração do território pode ofertar. Circular pela cidade é fundamental para conhecer as diferentes relações sociais que existem, as tecnologias vigentes, as problemáticas.

Os municípios variam de tamanhos e infraestrutura. Além disso, não é sempre que os estudantes de uma sala são de uma mesma região. Diante da possibilidade de contextos tão diversos, sugere-se o entorno escolar como território a ser explorado, pois este sem dúvida é a localidade que aglutina a todos, discentes, docentes e funcionários. O aumento deste raio de ação pode variar de acordo com o que você considerar apropriado. Independentemente do recorte deste território,

destaca-se a importância de sair para o bairro, mas não de qualquer maneira, e sim com propósito e clareza, que serão expostas com as atividades em destaque a seguir.

Objetivos

- Oportunizar situações pedagógicas nas quais o estudante possa refletir sobre os conceitos de território e cidade;
- Promover a investigação e a percepção sobre o meio;
- Refletir sobre as diferentes formas de apreensão e compreensão da cidade.

Rede conceitual (palavras-chave)

Percepção; investigação; território; cidade.

Mão na massa

Atividade 1 - Expedição investigativa e hand maps (p. 64)

Campo expressivo articulado à produção: hand map.

Materiais necessários

- Caderno ou bloco de notas;
- Caneta ou lápis para registros;
- Papel pardo ou cartolina;
- Canetas ou lápis coloridos;
- Fitas adesivas coloridas;
- Blocos autoadesivos coloridos.

Como alertado no livro do estudante, não se prenda aos materiais. A atividade pode ser realizada com um lápis e uma folha A4. Assim como pode ser executada com o auxílio de algum software ou aplicativo de desenho e pintura.

Reflexões ativadas

Esta atividade foi organizada em cinco etapas. Tomamos como guia a importância da exploração do entorno escolar por parte dos estudantes, pois espera-se que eles, ao serem colocados em contato com diferentes personagens e contextos, consigam trabalhar com investigação e pesquisa, sejam auxiliados a desenvolver um olhar crítico sobre os espaços, além de se colocarem em momentos de reflexão sobre suas descobertas. A ação oportuniza aos estudantes o encontro com a diversidade e favorece a apropriação de conhecimentos e experiências.

Etapa 1: A preparação

A preparação para a saída exploratória se inicia com a leitura coletiva de três textos.

O primeiro texto sugerido, "A cidade e os olhos", de Italo Calvino, faz parte do livro *As cidades invisíveis*, que traz as narrativas do viajante veneziano Marco Polo para

o imperador tártaro Kublai Khan. Note que ele descreve a cidade de Fílide com detalhes, mas pauta ao leitor que por mais que se observe, a cidade nunca lhe esgota de surpresas, detalhes e mais conhecimentos. "Em todos os pontos, a cidade oferece surpresas para os olhos..."; "Feliz é aquele que todos os dias tem Fílide ao alcance dos olhos e nunca acaba de ver as coisas que ela contém". Ainda acrescenta a complexidade de absorver toda a cidade, pois algumas partes dela são acessíveis e outras não: também frisa sobre seu acesso, igualmente difícil, que depende dos traçados e humores de seus citadinos: "[...] distingue-se entre zonas de sol e zonas de sombra, uma porta aqui, uma escada ali, um banco para apoiar o cesto, uma valeta onde tropeca quem não toma cuidado. Todo o resto da cidade é invisível. [...] Muitas são as cidades como Fílide que evitam os olhares, exceto quando pegas de surpresa".

O segundo excerto, "Pai, me ensina a olhar!", de Eduardo Galeano, traz a situação de Diego perante o mar pela primeira vez. Seu assombro e encantamento são tão intensos que o menino exclama para o pai: "Pai, me ensina a olhar!". Como lidamos diante de tantas informações e novidades? O que seria esse pedido de ajuda?

O último texto, trecho de "Vista cansada", de Otto Lara Resende, nos alerta sobre o perigo de banalizarmos o olhar. "O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade", e como essa postura reflete em nossa relação com a cidade, com a vida?

Perceba que todos os textos tratam de nossa maneira de olhar para o mundo. No caso dessa atividade, a proposta é que pensemos nossa relação com a cidade, com o entorno escolar. Alertados por Otto, talvez estejamos apenas passando por ela, sem interesse, sem o encantamento que vemos no excerto do menino em relação ao mar. Já o texto de Italo Calvino nos lembra de como a cidade esconde detalhes, mistérios, conhecimentos inesgotáveis, assim como problematiza seu acesso. Algumas coisas são acessíveis, outras não. Pensando em nosso contexto, ao observarmos a cidade com um olhar atento e curioso, percebemos questões que vão além da materialidade. É possível acessar a cultura de um lugar por meio de suas construções e escolhas. Ruas retificadas, numeradas, indicam a organização urbana por um lado, mas também o enrijecimento e o controle de outro. As varandas, os bancos nas ruas, o calçamento, os muros, sob o olhar atento, nos dão muitas informações sobre a localidade.

As perguntas dispostas no boxe *Para pensar todos juntos* ajudam a tratar deste assunto com os estudantes. A atividade objetiva que eles relacionem os textos e discorram sobre as diferentes formas de olhar apresentadas pelos autores. Falamos de um olhar com qualidade e encantamento, os instigamos a perceber que mesmo o trajeto diário para a escola pode conter surpresas, novas informações e, sobretudo, criticidade.

Não hesite em sugerir outros textos e vídeos que dialoguem com a ideia proposta na atividade. Esse será um ponto importante para nossa exploração do território.

Etapa 2: Saída exploratória

Para a segunda etapa da atividade, apoie-se nas instruções presentes no livro do estudante. Atente-se ao boxe *Dicas básicas para a exploração*.

Inicialmente, organize sua turma. No livro do estudante orientamos dois grupos, mas isso pode variar conforme seu entendimento.

Sozinho ou coletivamente com sua sala, elabore a rota que eles irão fazer pelo entorno escolar. A escola será sempre o ponto de partida.

Cada município possui seu contexto, se os estudantes forem moradores do bairro, suas casas podem servir de referência, então a rota será da escola até a casa de um estudante, ou ainda é possível escolher um monumento, comércio ou instituição que também possa ser esse ponto de exploração. Caso os estudantes não sejam moradores do bairro, vale você estabelecer uma rota entre a escola e um ponto de referência conhecido por todos eles.

Com os grupos organizados e a rota preparada, distribua as funções citadas no boxe *Dicas básicas para a exploração* (timoneiro, terra à vista e um escriba). É importante que todo grupo tenha ao menos essas três funções, e estas podem ser replicadas dentro do grupo. Como dito, o número de estudantes por grupo pode variar, e você pode criar outras funções que achar pertinentes para a exploração do bairro.

Oriente os estudantes a levarem seus cadernos e celulares (caso tenham) para registro. E reforce com eles, sobretudo, o olhar sobre a paisagem.

Não deixe de utilizar as questões presentes nos quadros Grupo Sensorial e Grupo Espaço/Movimento. Perceba que as perguntas incidem sobre as sensações ocasionadas, sobre a materialidade e sobre as pessoas e suas dinâmicas com os espaços.

Caso não seja possível organizar a saída do grupo, a atividade pode ser feita individualmente, tendo cada estudante a incumbência de registrar suas impressões entre suas respectivas casas e a escola. Neste exemplo, pode-se somar trajetos mais longos pela cidade, feitos de transporte público ou de carro.

Etapa 3: A construção do hand map

Hand map é um mapa desenhado à mão que representa um percurso de modo pessoal, no caso, a rota entre a escola e um ponto referencial. Trata-se da sistematização de todas as observações feitas de maneira lúdica e com forte apelo visual.

Ao retornarem da exploração do território, sugere-se que, em grupos de quatro integrantes, eles construam seus *hand maps*. Observe os exemplos no livro do estudante. A ideia é que, tendo a escola como ponto de partida, os estudantes desenhem as referências observadas entre a escola e o ponto de referência escolhido. É possível puxar flechas, traçar um

mapa imaginário, desenhar os espaços observados e escrever sensações.

Apoie-se nas dicas presentes no livro do estudante. Peça aos estudantes que registrem em seus *hand maps* as referências citadas. Reflita com eles sobre o que eles consideram "lugares importantes", e o que os fazem ser considerados como tal. Problematize os espaços que eles indicam como "lugares de que não gostam", assim como os que eles elegem como lugares especiais.

A atividade traz a possibilidade de registrar elementos mais sensíveis, como impressões e sentimentos; também permite a indicação de objetos simbólicos, como árvores, flores, arame farpado, e igualmente admite o registro de situações de uso do espaço, como o ponto de ônibus e seus usuários, ou, até mesmo, pela ausência, como a evidente falta de saneamento básico.

Por fim, a especial atenção às pessoas em seu dia a dia, em seus hábitos, em seus costumes, em seus saberes.

Etapa 4: Socializar

Estando os *hand maps* prontos, é importante oportunizar um espaço de socialização entre os estudantes.

O texto traz algumas questões norteadoras para a conversa. Inicialmente, é importante que cada grupo conte sobre seu processo de elaboração. *Por que tais escolhas? O que ficou de fora? O que foi feito para se chegar ao consenso?* Em seguida, o grupo deve observar o que os *hand maps* têm em comum. Provavelmente, eles apresentarão alguns lugares comuns, ou ainda sensações sobre espaços ou a eleição de personagens compartilhadas. Os assuntos que forem aparecendo já serão passíveis de reflexão.

A moderação com os estudantes deve instigar a argumentação, a escuta e a reflexão sobre o entorno escolar. Retome a discussão sobre o olhar que fizemos anteriormente. O que a exploração da cidade proporcionou aos estudantes? Perceba que as perguntas permitem acompanhar a observação dos estudantes. Veja se eles reconhecem o que é público o que é privado e qual é a relação entre ambos os espaços. Note se o grupo deu mais importância às coisas do que às pessoas, aos problemas do que às belezas, à materialidade ou ao que nos é invisível.

Etapa 5: Sobreposições e fechamento da atividade

A última etapa desta atividade é a sobreposição de mapas; trata-se de colocar um mapa considerado oficial da região/bairro em diálogo com os *hand maps* feitos pelos estudantes. A proposta é marcar os pontos de referência dos estudantes nesse mapa do bairro. Destaque as trajetórias realizadas pela turma. Este exercício permite observar a circulação dos estudantes sobre o território e a relação que eles estabeleceram com ele. Não deixe de puxar flechas e/ou apontar as sensações, as pessoas, as intervenções no espaço, elencadas pelos estudantes.

Vá além!

Existem alguns *sites* para conseguir um mapa de seu bairro. Sugerimos o portal de mapas do IBGE: https://portaldemapas. ibge.gov.br/portal.php#homepage>. Acesso em: 11 dez. 2019. Atente-se que talvez seja necessário dar um *zoom* em sua localidade.

Aproveite as perguntas que finalizam a atividade para retomar a questão do olhar sobre a cidade, o conceito de território e o que discutimos sobre o direito à cidade. Note que trabalhamos ao longo da atividade *Expedição investigativa e hand maps* várias competências e habilidades importantes para a formação dos estudantes. As cinco etapas promoveram investigação, pesquisa, sistematização, debate e reflexão sobre o entorno escolar e a cidade. Por meio delas, foi possível oportunizar situações pedagógicas em que os estudantes puderam experienciar novos lugares, investigar e elaborar hipóteses sobre os espaços; compartilhar informações, sentimentos, ideias, além de formular, negociar e defender ideias.

Fique de olho!

Revisite na página 71 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências*, *Competências gerais*, *Competências específicas*, *Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 2 - A busca pelo *outro* (p. 72)

Campo expressivo articulado à produção: apresentação gráfica de pesquisa.

Materiais necessários

- Caderno ou bloco de notas;
- Caneta ou lápis para registros;
- Acesso à internet;
- Papel pardo ou cartolina;
- Canetas ou lápis coloridos;
- Tesoura com pontas arredondadas e cola;
- Revistas.

Reflexões ativadas

A segunda atividade é dividida em duas etapas. Após termos feito a primeira exploração pelo entorno escolar, discutido os conceitos de território e cidade, e refletido sobre a forma com que olhamos nosso entorno, a atividade agora objetiva qualificar as informações dos estudantes acerca do território por meio de pesquisas temáticas.

Etapa 1: Aquecimento e debate

A atividade se inicia com um texto sobre a Rede Mocambos. Trata-se de uma rede solidária de comunidades quilombolas, indígenas e associações da sociedade civil de todo o país conectadas por meio de tecnologias da informação e comunicação.

Vá além!

Para saber mais sobre a Rede Mocambos, acesse: http://www.mocambos.net/tambor/pt. Acesso em: 11 dez. 2019. Se a escola dispuser de acesso à internet, reproduza o vídeo da implementação da Rede Quilombola de Comunicação Livre para os estudantes: https://baobaxia.mocambos.net/media/mocambos/dpadua/video/17/01/09/video-relato-rede-de-comunicacao-kalunga-dfa1b.webm. Acesso em: 11 dez. 2019. O vídeo, de pouco mais de 13 minutos, ajudará os estudantes no aquecimento para a atividade.

A utilização do vídeo é uma sugestão, pois traz um exemplo de ação comunitária, que envolve comunidades quilombolas, agentes da sociedade civil e o poder público, além de envolver a implementação de uma tecnologia social, no caso, uma rede de comunicação autônoma. Caso você conheça outros exemplos, não deixe de comentá-los, pois a intenção é que os estudantes tenham contato com ações comunitárias, que conheçam uma experiência de rede de trocas e ajuda mútua.

As questões disparadoras para debate presentes no livro do estudante ajudam a problematizar o exemplo apresentado. Primeiro, é importante refletir sobre a implementação de uma rede de comunicação. Normalmente, não pensamos sobre como isso é feito, muito menos o que significa não ter acesso a uma rede. Esse é um tema importante? Como será que funciona? Outro ponto é frisar a articulação e a mobilização que o grupo fez para que conseguissem ir atrás de uma rede de comunicação. Como será que isso se deu?

E tecnologia social, será que os estudantes sabem o que é? Pena e Mello definem tecnologia social como:

"Todo processo, método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil reaplicabilidade e impacto social comprovado.".

PENA, Jacques de Oliveira; MELLO, Clailton José. "Tecnologia social: a experiência da Fundação Banco do Brasil na disseminação e reaplicação de soluções sociais efetivas". *In: Tecnologia social:* uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004. p. 84.

É importante frisar aos estudantes o processo de toda a articulação para a ação comunitária. Primeiro, havia um problema comum: a falta de comunicação. Questione os estudantes como eles fariam sem celular, o que iria mudar em suas vidas? Com o problema detectado, a motivação se fez presente: resolver a falta de comunicação, o que significa instalar torres de transmissão e resolver a emissão de energia para os equipamentos. O próximo passo foi pesquisar e procurar pessoas e parceiros que pudessem ajudar a comunidade a solucionar o problema da falta de comunicação. Foi justamente essa articulação que trouxe conhecedores de uma tecnologia social para ser implementada na comunidade em questão. Como resultado, aproveitando materiais já cedidos

pelo poder público, construíram uma rede independente de comunicação, o que significa ser autônoma de qualquer operadora e em relação ao próprio Estado.

Alguns dos benefícios ocasionados pela construção são descritos no livro do estudante. Todavia, o mais importante é debater sobre todo o processo de mobilização para a ação comunitária.

Etapa 2: Investigar e descobrir

Após a discussão sobre a Rede Mocambos, o próximo passo será voltar os olhares novamente para o entorno escolar.

Como descrito no livro do estudante, a proposta é que, em duplas, os estudantes sejam responsáveis por pesquisar sobre diferentes assuntos acerca da região do entorno escolar ou de sua cidade. Alguns *sites* de pesquisa foram indicados no livro do estudante, cada qual com sua contribuição específica.

Neste ponto, sugerimos que cada dupla se responsabilize por uma pesquisa geral sobre o entorno escolar/cidade ou você pode organizá-las pelos temas, então uma dupla ficaria responsável por estudar a história do bairro/cidade, outra sobre o clima e assim por diante.

Para a execução da pesquisa, você pode utilizar a sala de informática, os celulares dos estudantes ou a biblioteca da escola. Inclusive, para esta dinâmica, você pode organizar os estudantes em estações de pesquisa: um grupo ficaria na biblioteca, outro na sala de informática e outros com você na sala pesquisando e já preparando a apresentação para a sala. Depois, em outra aula, você poderia trocá-los de posição, propondo uma rotatividade de ambientes de investigação.

É importante que os estudantes tenham a experiência de pesquisa, e que eles exercitem suas curiosidades sobre o mundo. Não deixe de retomar com eles aspectos vistos e levantados durante a exploração do bairro já realizada. O exercício de pesquisa estimula os estudantes a refletir e tecer análises críticas, com propriedade, acerca de suas realidades.

Há no livro do estudante uma sugestão de organização da pesquisa a ser realizada para os estudantes. O levantamento de dados deverá ser sistematizado em uma apresentação, que pode ser feita com uma cartolina ou com qualquer outro suporte que permita a exposição dos resultados.

O texto traz uma série de questões para auxiliar os estudantes durante a apresentação. A origem do bairro/cidade, o clima da região, seus índices de segurança, informações gerais sobre a localidade, entre outras perguntas, os ajudarão nesta etapa final da atividade.

E qual é a importância de se conhecer o bairro/cidade a fundo? Quanto maior a propriedade sobre ele, mais conhecimentos e ferramentas os estudantes terão para analisar seu contexto, e com isso apontar críticas, sugestões, compreender como se deu o desenvolvimento ou a estagnação de determinada região, identificar permanências e transformações ao longo da história da localidade e até mesmo fazer uma autocrítica em relação às suas próprias ações como agentes sociais pertencentes à localidade.



Fique de olho!

Revisite na página 75 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 3 - Encontro com o outro (p. 77)

Campos expressivos articulados à produção: pesquisas quantitativa e qualitativa.

Materiais necessários

- Caderno ou bloco de notas:
- Caneta ou lápis para registros;
- Roteiro de entrevista;
- Câmera ou celular com câmera.

Mais uma vez, não se prenda aos materiais. A atividade pode ser realizada com um lápis e uma folha sulfite A4, assim como pode ser executada com planilhas, câmeras e microfones de lapela.

Reflexões ativadas

Após a pesquisa sobre o entorno escolar, a proposta da atividade é sair ao *encontro do outro*, tendo como referência a acepção discutida anteriormente. Até o momento, os estudantes realizaram os *hand maps* trabalhando suas percepções e o olhar sobre a localidade. Em seguida, realizaram pesquisas temáticas para obter informações sólidas sobre o bairro/cidade e assim dialogar com o que viram em sua primeira exploração e para se prepararem para esta última etapa.

A proposta é apresentar agora dois métodos de pesquisa: a quantitativa e a qualitativa. Cada uma delas traz determinados tipos de informações, todavia, são complementares quando se trata da investigação sobre o território.

Etapa 1: Divisão dos grupos

A atividade sugere que sua turma seja dividida em dois grandes grupos. No entanto, como em outras ocasiões, pondere sobre a melhor forma de organização de sua sala. Os estudantes podem ser organizados entre os que irão se responsabilizar em aplicar a pesquisa quantitativa ("Censo") e os que irão realizar a pesquisa qualitativa (entrevista de história de vida). Caso considere interessante, é possível organizar a atividade para que todos passem pelas duas formas de pesquisa.

Inicialmente, pergunte se eles conhecem o Censo. Em seguida, leia com eles o texto extraído do *Guia do Censo*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Vale ressaltar a importância de uma pesquisa como essa, sobretudo porque a partir dela o poder público e a sociedade civil conseguem traçar projetos, promover intervenções, estipular metas de suas ações. Se possível, mostre dados do Censo de 2020, apresente aos estudantes algumas informações de sua base de dados.

Talvez, na atividade anterior, seu grupo já tenha coletado dados do Censo; relembre-os sobre essas informações.

Para a atividade do "Censo", a indicação é acessar as questões do Censo para 2020 e em seguida produzir cerca de dez questões para serem aplicadas aos moradores do entorno escolar. Para a elaboração dessas questões, vale retomar o que já foi pesquisado e igualmente relembrar as dúvidas e curiosidades presentes desde a primeira exploração. Normalmente, a pesquisa quantitativa busca uma amostra representativa para validar estatisticamente uma hipótese. O que os estudantes gostariam de averiguar sobre o entorno escolar?

O número de moradores a serem entrevistados com o questionário irá variar conforme o tamanho do bairro e do município. O acesso aos moradores também será um fator limitante ou não. De qualquer forma, não se preocupe, pois a atividade é um exercício no qual nos importa mais o fazer do que propriamente os dados que serão coletados.

Após aplicados os questionários, é importante tabular as respostas. Isso pode ser feito em uma folha ou em qualquer outra mídia disponível.

Para a atividade de "entrevista de histórias de vida", siga as orientações presentes no livro do estudante. Leia coletivamente a definição de entrevista de histórias de vida e de pesquisa qualitativa. Indague os estudantes sobre o tipo de informação que se pode obter por meio da história de um terceiro. Lembre-se de que as histórias de vida falam mais sobre emoções e compreensões do que de fatos e datas. Além disso, elas pluralizam os pontos de vistas acerca de um objeto e também "humanizam dados", dando outra qualidade às informações. Podemos ter a informação de que 30% dos moradores do entorno são imigrantes. As histórias de vida, por sua vez, vão poder desvelar como foram as chegadas à localidade, como se deu a recepção dessas levas migratórias, quais foram as motivações para sair do lugar de vivência e como é viver em uma comunidade diferente.

Etapa 2: Escolha dos depoentes

Modere a discussão com os estudantes acerca da escolha do depoente. O importante é que o grupo estabeleça critérios de escolha. Não os deixe perder de vista o que já fizeram; o nome do escolhido para ser entrevistado deverá dialogar com as pesquisas e debates realizados anteriormente. Os estudantes podem querer conhecer mais sobre o passado do bairro, sobre as atividades de um determinado comércio, de uma casa de cultura, de um músico ou de um bom contador de causos. A entrevista de história de vida que será realizada deverá lhes ajudar a sanar suas dúvidas e curiosidades, e isso independe da idade do escolhido.

Não deixe de apoiar os estudantes na interlocução com o depoente. Mesmo que o escolhido seja um parente de algum deles, acompanhe o desdobramento dessa conversa e se certifique de alinhar a agenda do futuro entrevistado com a agenda e o horário escolar.

Etapa 3: Roteiro de entrevista

O roteiro de entrevista é construído a partir da definição do depoente. Uma dica importante é considerar o roteiro como um guia de uma conversa, um norteador de um diálogo que será constituído entre os entrevistadores e o entrevistado. Ele não deve ser tratado como um questionário que deve ser cumprido à risca. Em uma entrevista de história de vida, os estudantes têm o objetivo de ajudar o depoente a narrar sobre si. Tendo isso em vista, o roteiro deve colaborar para a construção de uma narrativa; perguntas descritivas e avaliativas são boas sugestões para a composição do roteiro.

No livro do estudante há um exemplo de roteiro de entrevista. Utilize-o como inspiração e acrescente as perguntas específicas relacionadas ao depoente escolhido, além das questões que porventura tenham surgido das pesquisas realizadas anteriormente.

Etapa 4: Execução da entrevista coletiva de história de vida

A entrevista de história de vida está organizada em três etapas: pré-entrevista, entrevista e o pós-entrevista. Siga as orientações presentes no livro do estudante e enfatize com seu grupo a importância do respeito em relação ao depoente. Trata-se de um dia especial, um evento em que o grupo contará com a presença de um ilustre convidado que se dispôs a compartilhar um pouco de sua história. Ressalte que a entrevista de história de vida é uma entrevista de escuta, mais do que de fala.

Como sistematização da atividade, sugerimos que essa nova fonte produzida, a entrevista de história de vida, seja inserida no portal gratuito do Museu da Pessoa por meio do Conte a sua história.

O site indica um passo a passo para a construção de um perfil dentro do portal. Nele é possível criar um texto acerca da história do entrevistado, uma minibiografia e uma sinopse, além de permitir postar vídeos e fotos do depoente. Lembrando que, caso a entrevista seja inserida no site, é necessário pedir autorização prévia ao entrevistado.

Mesmo para a escola que não possui condições tecnológicas, seria conveniente pensar em registrar as histórias coletadas pelos estudantes. As entrevistas podem ser realizadas pelo celular do professor ou de algum estudante e/ou professor colega, parceiro do Projeto de Vida. A sugestão é que, ao final da atividade, se reúna a turma para que os estudantes possam assistir às histórias gravadas.

Etapa 5: Apresentação dos resultados das pesquisas

Este é o momento de apresentar os resultados de cada pesquisa. De um lado a tabulação feita pela atividade do "Censo", e do outro os registros feitos pelos estudantes acerca da entrevista de história de vida. Deixe-os analisar as informações e perceber o que elas nos contam sobre o bairro. A atividade se propôs a levar os estudantes ao encontro do outro por meio de dois métodos de pesquisa. A pesquisa quantitativa traz números e dados acerca de uma

amostragem da realidade do entorno escolar; a pesquisa qualitativa apresenta o ponto de vista de um indivíduo, que mora ou frequenta este mesmo território, revela sensações, compreensões e usos desse espaço a partir de sua memória. Como dito anteriormente, os dados não são concorrentes, pelo contrário, eles se complementam.



Revisite na página 83 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.



Jovem cidadão

Inquietações e motivos

- O que é viver em sociedade?
- O que é liberdade?
- O que esperamos para o futuro?
- O que gueremos dizer ao mundo?
- Qual é a nossa responsabilidade?

Este Capítulo começa com a leitura coletiva do texto. Promova uma reflexão dos estudantes acerca do convívio em sociedade.

Uma das primeiras provocações é a dificuldade de lidarmos com normas e leis de convivência. Pergunte aos estudantes se eles conhecem alguma lei. Será que eles já quiseram transgredi-la? Em que momento? E por que as leis são feitas? O texto segue dizendo que todos precisam abrir mão de alguns desejos pessoais para a manutenção do convívio com os demais. E isso é fácil? Em que momento eles percebem que isso ocorre?

A sociedade contemporânea, principalmente as grandes cidades, traz a bandeira da diversidade. Mas como lidamos com as diferenças étnicas, de costumes, valores e crenças? Isso é uma questão para estudantes? O texto não deixa de citar que muito dos direitos adquiridos para a coexistência em sociedade se deu por meio de lutas e reivindicações. Acresce-se a esta discussão que existem muitas pessoas que contestam uma forma única de comunhão social e que existem exemplos de outras culturas, pessoas e comunidades que tomaram caminhos diferentes do nosso em relação a isso.

Essa discussão pode ser reforçada com exemplos ficcionais, ou verídicos, que tragam uma reflexão sobre o convívio em sociedade.

Vá além!

O filme *Na natureza selvagem* (*Into the Wild*, no título original), drama biográfico escrito e dirigido por Sean Penn (adaptação do livro de mesmo nome de Jon Krakauer), 2007, conta a his-

tória de um estudante que, após o término de sua graduação, parte para uma viagem até o Alasca e durante sua viagem vai se desprendendo de todas as suas relações sociais, o que inclui a família, a carreira profissional e até mesmo o uso de dinheiro.

O documentário Os camelos também choram (The story of the weeping camel), uma coprodução alemã e mongol, dirigido por Byambasuren Davaa e Luigi Falorni, de 2003, é ambientado no Deserto de Gogi (Mongólia) e traz a história de pastores de camelos. O documentário registra o cotidiano dessa comunidade que tem sua história modificada quando um camelo filhote é rejeitado por sua mãe. O filme se desenvolve seguindo a maneira que a comunidade encontra para resolver esse problema, e isso permite ao espectador um mergulho na cultura dessa comunidade.

Não hesite em trazer suas leituras e sugestões. São inúmeros os exemplos para se discutir a diversidade de formas de compreensão do convívio em sociedade. O importante desta introdução é refletir com os estudantes sobre o contexto em que vivemos e, afinal, qual é o mundo que eles gostariam de ver no futuro, ressaltando suas responsabilidades como atores sociais ativos e responsáveis.

A série de três atividades proposta neste Capítulo busca refletir sobre essas questões de distintas formas e diferentes ângulos, como você verá a seguir.

Objetivos

- Oportunizar situações pedagógicas nas quais os estudantes possam refletir sobre os conceitos de liberdade e cidadania;
- Promover a reflexão sobre a vida em sociedade;
- Possibilitar espaços de escuta e de troca de expectativas futuras e desejos;
- Incentivar e mobilizar os estudantes para a construção de um coletivo juvenil.

Rede conceitual (palavras-chave)

Direitos; cidadania; mobilização.

Mão na massa

Atividade 1 - 0 que nos guia? (p. 86)

Campos expressivos articulados à produção: árvore dos desejos; salada de princípios; carta de princípios.

Materiais necessários

- Caderno ou bloco de notas;
- Caneta ou lápis para registros;
- Tarjetas de cartolina coloridas, cartolinas coloridas, color set ou qualquer outro papel colorido;
- Canetas ou lápis coloridos;
- Fitas adesivas ou cola;
- Tesoura com pontas arredondadas.

Reflexões ativadas

A atividade é dividida em quatro etapas. Muitos dos estudantes se encontram em uma fase de dúvidas e receios em relação ao futuro, tanto em questões como o vestibular e a carreira profissional, quanto em questões socioafetivas e ambientais. A proposta é que os estudantes reflitam sobre o momento em que estão vivendo e que registrem suas expectativas e desejos para o futuro sem perder de vista que eles não estão sozinhos e que, pelo contrário, a articulação e mobilização coletiva só os fortalecerá. O exercício favorece a materialização de objetivos e de ações coletivas.

A atividade começa com a leitura coletiva do texto de Martha Medeiros. O texto "O dia da independência" é como um desabafo da jornalista, e nos faz pensar sobre nossas escolhas e certezas, e como elas podem mudar de acordo com as circunstâncias. Todavia, a autora nos lembra que essa ação não é tão simples, sobretudo pelas expectativas dos outros a respeito de nós mesmos, mas, quando conseguimos seguir nossas reais convicções, independentemente do que os outros pensam ou aguardam, quando nos permitimos mudar, a sensação de liberdade é algo recompensador.

Após a leitura, abra espaço para as impressões dos estudantes. O que a autora quis dizer com "o máximo de liberdade que podemos almejar é escolher a prisão em que queremos viver"? Será que nossas escolhas nos encarceram?

Martha Medeiros ainda constrói a metáfora da constituição. Ela nos provoca em relação à rigidez de nossa identidade, de nossos posicionamentos e crenças, como se fossem algo imutável e que devessem ser seguidos sem discussão. Nossa identidade está em constante transformação, mas a mudança não é tão facilmente aceita e isso muitas vezes nos limita.

A autora ainda faz um discurso direto aos estudantes. O que eles acharam?

Etapa 1: Árvore dos desejos

O exercício está descrito no livro do estudante, então nos atentemos à moderação da atividade. Primeiro, escolha as cores das cartolinas (ou outro material) que representarão as raízes, as folhas, frutos e sementes (por exemplo: marrom para as raízes, verde para as folhas, amarelo para os frutos e azul para as sementes). Você pode prepará-las com antecedência ou deixar que os estudantes recortem as cartolinas durante a atividade.

Em seguida, organize a turma em uma roda onde todos possam se ver e compartilhar suas ideias. Distribua para cada estudante: uma "raiz" (para escrever um sentimento que ele sinta naquele momento), uma "folha" (para escrever uma expectativa/desejo para o futuro), um "fruto" (para escrever um dos aprendizados que ele tenha obtido com as atividades anteriores), e uma "semente" (para escrever uma marca que o estudante pretende deixar na escola e/ou entorno escolar). Dê um tempo para que eles reflitam sobre cada uma dessas categorias e em seguida peça para que eles escrevam suas ideias, sintetizadas em uma palavra, para cada uma das cartolinas.

Escolha uma parede da sala e inicie a "árvore dos desejos" com o tronco. Peça para que cada estudante apresente suas escolhas e cole suas cartolinas no tronco. Se apoie na imagem presente no livro do estudante.

Após a fala de todos os discentes, como podemos "ler" a árvore? Comece pelas raízes. *Quais são os sentimentos que aparecem?* Perceba que ela trará um diagnóstico da turma. Como está a motivação do grupo? Estão preocupados? Centrados? Desiludidos? Esperançosos?

Em seguida, vá para as folhas. O que eles desejam? Quais são os temas que aparecem? Elas dialogam com os sentimentos presentes nas raízes? Os desejos são semelhantes entre os estudantes? As expectativas futuras são positivas? Pessimistas? Visam ao coletivo ou à individualidade?

Comente sobre os frutos. O que eles elencaram como aprendizados? Comentaram sobre a exploração do território? O entorno escolar aparece? De que forma?

E, por fim, discuta sobre as sementes, que podem indicar ideias para ações coletivas, vontades de ação.

Note que a "A árvore dos desejos" traz um diagnóstico da turma, organiza ideias e ajuda a concretizar objetivos. A ausência de respostas também diz muito sobre o estudante. É importante que eles se vejam fortes como grupo, e que suas ideias, sensações e expectativas dialoguem.

Ao longo do trabalho com o projeto de vida, a árvore pode ser revisitada e acrescida de novas raízes, folhas, frutos e sementes.

Esta atividade evidencia a transição e progressão que se fez da Unidade 1 (autoconhecimento) para a Unidade 2. Nesta etapa, o estudante já tem capacidade e condições (e autoconfiança) para desenvolver uma árvore dos desejos que contenha a confiança da escolha de desejos (e sonhos) que alimente o projeto de vida. A ideia da alimentação da árvore deixa evidenciado para o estudante que os sonhos e desejos são como seres com vida (por exemplo: regar a árvore todos os dias para que ela dê frutos). Nesse sentido, o projeto de vida é essa árvore que necessita de cuidados diários (presente), para que o estudante possa colher os frutos no futuro.

Etapa 2: Salada de princípios

Comece questionando os estudantes se eles sabem o que é "princípio". Leia em seguida a definição retirada do *Dicionário básico de Filosofia*, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, presente no livro do estudante: "preceito moral, norma de ação que determina a conduta humana e à qual um indivíduo deve obedecer, quaisquer que sejam as circunstâncias".

No meio jurídico, princípios dão sustentação moral às normas, é o que norteia suas criações e desdobramentos. Temos, por exemplo, o princípio da legalidade, que considera que todos (não apenas os indivíduos, mas também o Estado) devem obediência à lei para a manutenção do convívio social.

No âmbito pessoal também seguimos princípios, que não se orientam somente pela lei, mas por nossos valores. Neste caso, princípio e ética caminham juntos. O texto do livro do estudante traz algumas perguntas norteadoras para este debate, e o intuito desses questionamentos é justamente refletir sobre quais são os nossos princípios como grupo.

Após uma breve conversa sobre as perguntas, e novamente apoiados em tarjetas de cartolina (ou outro material disponível), peça aos estudantes que respondam às três últimas perguntas separadamente – O que é importante na minha relação comigo mesmo? em uma tarjeta; O que é importante para a nossa relação com os outros? (instituições, profissionais, jovens), em tarjeta de cor diferente, e O que deve orientar o nosso comportamento em momentos de conflito? em uma terceira tarjeta de cor diferente.

Oriente os estudantes a apresentar suas escolhas e colarem suas respostas em um mural. Você, como moderador da atividade, mas com ajuda dos estudantes, deve aglutinar as tarjetas que contêm respostas semelhantes e traduzi-las, se necessário, em princípios gerais da sala. Por exemplo, para respostas à pergunta "O que é importante para a nossa relação com os outros?", tarjetas como "ouvir o outro", "trabalhar nossas diferenças", podem ser substituídas por uma com o termo "respeito".

A "salada de princípios" é uma dinâmica que objetiva discutir sobre princípios, valores e ética. Ela pode afinar discursos internos de um grupo ou pode escancarar as diferenças da sala justamente para depois se construir coletivamente algo que as identifique coletivamente.

Etapa 3: Carta de princípios

Organize os estudantes em grupos de acordo com sua sala. Peça que reúnam três expressões que tenham despontado da atividade "salada de princípios". A partir da escolha, oriente-os a escrever a definição dos princípios escolhidos.

Com os textos prontos, peça aos estudantes que leiam suas produções. Ao final do processo, aglutine as contribuições de todos para redigir a "carta de princípios da sala". Posteriormente, imprima-a ou a deixe visível no mural da sala.

Etapa 4: Combinados do grupo

A "carta de princípios da sala" pode reger a convivência entre os estudantes ao longo do ano letivo. Leia o documento e estabeleça um combinado com todos.

Fique de olho!

Revisite na página 88 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 2 - Coletivos juvenis (p. 90)

Campo expressivo articulado à produção: quadro coletivo juvenil.

Materiais necessários

- Caderno ou bloco de notas:
- Caneta ou lápis para registros;
- Lousa e giz.

Reflexões ativadas

A atividade visa problematizar temas contemporâneos e promover engajamento estudantil por meio de coletivos juvenis. A situação pedagógica para a construção de um coletivo permite que os estudantes exercitem o diálogo e a cooperação, além de se verem diante de responsabilidades e no exercício de cidadania.

A proposta tem início com a leitura de um texto sobre a liberdade. Problematize a frase "A liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro" com os estudantes. Em algum momento eles já tiveram suas liberdades ameaçadas? E como lidar com a liberdade do outro?

Continue a discussão com a pergunta colocada no livro do estudante: "A liberdade é um direito constitucional, mas será que ela é assegurada a todos?".

Leia coletivamente os textos. O primeiro excerto, retirado do livro *Laços de família*, de Clarice Lispector, aborda a questão da violência contra a mulher. O segundo texto, artigo de Cida de Oliveira publicado na Rede Brasil Atual, trata da questão da intolerância religiosa, e por último, temos um gráfico que se refere à violência contra a população LGBTI+s.

São temas extremamente atuais. O que os estudantes acham sobre eles? Eles já sofreram algum tipo de perseguição? Conhecem pessoas que tenham passado por isso? Por que eles acham que isso ocorre? E a liberdade, não é um direito constitucional?

O livro do estudante traz ainda algumas questões para alimentar o debate. Note que os temas são muito presentes na vida dos jovens: de acordo com o Atlas da Violência citado, a juventude brasileira é a que mais sofre com a violência, das mais variadas formas.

Os excertos abordam alguns motes, mas abra a discussão para outros assuntos sensíveis aos jovens. A proposta é que, a partir da discussão de temas contemporâneos e presentes na sociedade, os estudantes se questionem sobre como podem ajudar a mudar esse panorama. Uma das maneiras é justamente se engajarem em coletivos juvenis.

Continue a leitura dos textos presentes no livro do estudante, com especial atenção ao de Regina Novaes. *Eles conhecem coletivos? Já participaram de algum?*

Atualmente, há uma descrença generalizada em relação aos partidos políticos, assim como com as organizações não governamentais e os sindicatos. Parece que vivemos uma crise com as instituições em geral. Nesse contexto, os coletivos, por sua horizontalidade e proximidade, têm ganhado projeção como forma de atuação política. O que une os jovens em um coletivo são suas pautas, os afetos, sua ideologia e, principalmente, a vontade de mudar a realidade.

Essa é uma provocação importante para os jovens: o que eles têm feito para mudar a realidade de seu entorno? É importante lembrá-los de que suas ações têm impacto, e que pequenas mudanças em seus cotidianos já possuem um enorme impacto à sua volta.

Oriente os estudantes a pesquisar sobre coletivos ou traga exemplos para a sala de aula. Como alertado no livro do estudante, é importante se informar sobre o tema. Existe algum coletivo juvenil no bairro? Sua escola já tem um coletivo organizado? Uma opção é convidar alguém para conversar pessoalmente com os estudantes.

Na sequência, a proposta é que eles montem um quadro respondendo a algumas questões. Ajude-os a pensar sobre as perguntas presentes no livro. O quadro pode ser montado coletivamente ou com a sala organizada em pequenos grupos. Talvez apareça mais de uma pauta de interesse em sua turma.

Figue de olho!

Revisite na página 93 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 3 - 0 que queremos dizer ao mundo? (p. 94)

Campo expressivo articulado à produção: manifesto coletivo.

Materiais necessários

- Caderno ou bloco de notas;
- Caneta ou lápis para registros;
- Acesso à internet ou exemplos de manifestos.

Reflexões ativadas

Esta atividade sistematiza toda a ação pedagógica proposta ao longo deste Capítulo.

Primeiro, discutimos sobre o desafio do convívio em sociedade; em seguida, debatemos sobre nossas certezas e crenças e a possibilidade de mudanças; depois, trocamos sobre nossos valores, princípios e expectativas em relação ao futuro. Na sequência, nos debruçamos sobre temas sensíveis contemporâneos que incidem na realidade dos jovens brasileiros e que precisam ser debatidos, resultando então na mobilização por meio de um coletivo juvenil.

Agora, a proposta é escrever em conjunto um manifesto do(s) coletivo(s) formado(s), uma declaração que exponha ao mundo as ideias e reivindicações dos estudantes.

E o que é um manifesto? Manifesto, em seu entendimento comum, se trata de uma declaração formal, geralmente escrita, que expõe as intenções, reivindicações, opiniões de um grupo.

O livro do estudante cita alguns manifestos que foram produzidos em diferentes épocas e com diferentes pautas.

O Manifesto Antropófago, por exemplo, foi um manifesto literário que marcou o início do Modernismo Brasileiro. Já o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi assinado por diferentes representantes da sociedade brasileira que reivindicavam mudancas na educação nacional.

Pesquise com os estudantes alguns manifestos e leia coletivamente algumas pautas e textos.

O livro do estudante traz algumas perguntas para ajudar na leitura dos manifestos. Também adiciona uma questão de suma importância: *Como é o mundo em que eu gostaria de viver*?

Feita a discussão, oriente o coletivo (ou coletivos) para escrever seu(s) manifesto(s). Você pode ser o escriba da turma ou pode selecionar entre os estudantes alguém que cumpra essa função.

A ação do coletivo não transformará o mundo, mas deixará uma contribuição positiva para seu entorno próximo.

Fique de olho!

Revisite na página 95 do livro do estudante o quadro especial com as Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades e os Temas contemporáneos transversais articulados nesta atividade.

CAPÍTULO 3

Uma rede em expansão

Inquietações e motivos

- Como nos prepararmos para as transformações da sociedade contemporânea?
- Quais serão as competências e habilidades fundamentais para o futuro?
- Qual é a importância do trabalho colaborativo?

Na abertura deste Capítulo temos um trecho da música "Anacrônico", da cantora Pitty. Peça a um estudante voluntário que o leia em voz alta. Sobre o que a música fala? Qual é o tema que a letra aborda? O que é ser anacrônico? Pitty coloca uma provocação interessante: a transformação que estamos vivendo. De repente, nos vemos em desacordo com a época e correndo atrás de atualização para acompanhar a avalanche de mudanças, muitas delas "vindas de outras vontades".

Na sequência, temos o texto de abertura que nos traz um assunto já comentado: a sociedade está em plena transformação. *O que é a Quarta Revolução Industrial? Estaremos preparados para ela?* A imprevisibilidade do futuro gera incertezas, o que torna a reflexão sobre ela imprescindível, e, neste ponto, ponderar sobre nosso projeto de vida ganha ainda mais sentido.

É evidente que temos muitos contextos diferentes em um país de escala continental. Podemos afirmar que essas transmutações alardeadas ocorrem com frequências dessemelhantes pelo Brasil afora, mas quem imaginaria há 20 anos que hoje nós teríamos mais celulares do que pessoas?

A obsolescência humana em relação à máquina e ao meio ambiente com certeza serão temas dominantes neste futuro próximo, tão evidentes como a colaboração e as redes de ajuda mútua serão imprescindíveis. Veja, não se trata de uma mensagem messiânica fatalista, mas uma análise sobre o que os diversos indícios apontam. A internet revolucionou as relações humanas, e a geração dos estudantes traz consigo inúmeras potências. Realmente, nunca tivemos uma geração com tanto acesso à informação, e hoje observamos conexões, mesmo em escala global, que nunca imaginaríamos no passado. Hoje é possível ver as pessoas falando e se posicionando politicamente em redes sociais, se comunicando em outras línguas por meio de jogos, entre outros muitos exemplos. Fora as notícias do mundo que chegam em tempo real.

O Capítulo 3 traz como ponto referencial o tema trabalho, assunto fundamental para essa faixa etária. A partir dele, desenvolvemos uma gama de discussões.

Objetivos

- Refletir sobre a sociedade contemporânea;
- Oportunizar situações de análise por meio de estudos de caso:
- Elaborar conjecturas sobre o entorno escolar a partir de pesquisas;
- Perceber diferentes atores e suas relações dentro de uma cadeia de trabalho;
- Organizar e sistematizar aprendizados da Unidade.

Rede conceitual (palavras-chave)

Redes sociais, redes intersetoriais; protagonismo juvenil; desenvolvimento pessoal; desenvolvimento local.

Mão na massa

Atividade 1 - O universo do trabalho (p. 98)

Campo expressivo articulado à produção: cartografia institucional (estudo de caso).

Materiais necessários

- Caderno ou bloco de notas;
- Caneta ou lápis para registros;
- Cartolina branca ou papel pardo;
- Canetas ou lápis coloridos.

Reflexões ativadas

A atividade começa com o texto de abertura. A inquietação em relação às mudanças ocasionadas pela tecnologia é normal. O *ludismo*, por exemplo, foi um movimento no século XIX orquestrado por trabalhadores ingleses do ramo de tecelagem que, ao perceberem sua substituição pelas novas máquinas de tear, se lançaram ferozmente contra as máquinas, invadindo tecelagens e as quebrando. É importante frisar com os estudantes que o avanço tecnológico também cria novas demandas e, consequentemente, gera novos empregos.

Todavia, não podemos nos apartar da grande desigualdade social que existe, lembrando que a tecnologia não é necessariamente a grande culpada. O próximo texto traz justamente um relato sobre a "geração nem-nem", que se refere aos jovens de 15 a 29 anos que nem estudam e nem trabalham. Um problema real presente em nossa sociedade.

Peça a um estudante voluntário que leia o texto e se apoie nas perguntas disparadoras para debater sobre suas informações.

As perguntas objetivam colocar os estudantes a par dessa realidade e também oportunizar um espaço para conhecer as políticas públicas que são destinadas ao público jovem. Os estudantes conhecem algumas delas? Em 2006, foi lançado o *Guia de políticas públicas de juventude* (Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, 2006), que organiza e explica muitas delas. Os estudantes conhecem o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)? Esse é mais um documento que pode ser apresentado a eles.

Estudo de caso - hortas urbanas

Uma estratégia formativa potente é realizar um estudo de caso. Trata-se de um relato de um contexto que traz consigo um problema a ser realizado. Escolhemos o exemplo de uma horta comunitária, pois ela envolve muitos atores, revelando uma rede de apoio e de contratempos. Produzir uma horta urbana envolve a questão da terra, a produção de compostagem, a coleta de lixo, a construção de uma cisterna para irrigação, a proteção ambiental, a proteção do solo contra a erosão e a impermeabilização, o consumidor, a renda do pequeno produtor, a valorização de um saber tradicional, que por sua vez dialoga com políticas públicas, trava em interesses privados, abre disputas sobre sua posse. Note como uma ação aparentemente simples incide em uma rede complexa de interesses e resultados.

Leia com os estudantes o texto sobre a Associação de Produtores Orgânicos de São Mateus, São Paulo. Depois, utilize as sugestões de perguntas presentes no texto para a discussão sobre ele. Em seguida, organize sua sala em grupos de quatro integrantes. Peça a eles que identifiquem toda a rede de relações que permeiam a horta urbana.

Como assinalado no livro do estudante, sugira que eles coloquem a Associação centralizada em uma folha de papel pardo ou cartolina, e dela puxem setas indicando diferentes atores político-sociais que orbitam o coletivo. Oriente-os a dar

uma cor diferente para cada um deles. Em seguida, determine que eles façam o mesmo destacando as políticas públicas ou outras relações e impactos dessa cadeia que não necessariamente sejam físicas e possíveis de serem vistas, por exemplo, a valorização de um saber tradicional, ou a mobilização do entorno da horta, que passou a separar seu lixo.

Na moderação dos trabalhos, é importante que os estudantes identifiquem o passo a passo da construção da associação. Primeiro, a presença do Estado e a construção do Plano Diretor, ou seja, uma política pública para a região. Depois, a identificação de um problema – dezenas de agricultores plantavam embaixo de fios de alta tensão, nas faixas de linha de transmissão de energia. A mobilização ocorreu a partir de um problema social, depois surgiram outras pautas como o meio ambiente e a agricultura orgânica. Destaque a participação dos moradores, que foi fundamental.

Fique de olho!

Revisite na página 102 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências*, *Competências gerais*, *Competências específicas*, *Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 2 - Cenário crítico (p. 103)

Campo expressivo articulado à produção: estudo de caso.

Materiais necessários

- Caderno ou bloco de notas;
- Caneta ou lápis para registro;
- Cartolina;
- Acesso à internet.

Reflexões ativadas

Se no primeiro momento analisamos um estudo de caso, agora é hora de colocar os estudantes para elaborá-los. Para tanto, criaremos três estações de trabalho.

A primeira estação ganhou o nome de "Bibliotheke", uma alusão às bibliotecas, que, por definição, são locais onde se guardam livros e demais arquivos, metaforicamente, um espaço onde guardamos o conhecimento. Nesta estação, deixe disponível para os estudantes todas as pesquisas feitas por eles acerca do entorno escolar. Possibilite o acesso à internet, seja por meio de computadores da escola ou por seus celulares.

A segunda estação tem a alcunha de "Ágora", fazendo referência aos espaços públicos onde os cidadãos gregos realizavam suas reuniões e debates. Nesta estação, a proposta é que você, professor, fique à disposição dos estudantes para tirar dúvidas e ajudá-los a construírem seus estudos de caso.

A terceira e última estação foi denominada de "Odisseia", menção ao poema épico de Homero que narra a viagem de Ulisses em seu retorno para Ítaca após a Guerra de Troia. Uma aventura cheia de provações. A estação será destinada à produção do estudo do caso, será a estação do trabalho de escrita.

As estações podem ser organizadas ocupando diferentes espaços da escola ou dentro da mesma sala de aula. Faça um pequeno cartaz com os nomes de cada estação.

Organize sua sala em grupos de quatro integrantes. A proposta é que os grupos se dividam nas estações e depois troquem suas posições. Você pode coordenar as trocas por minutos ou a rotatividade pode ser feita por aulas.

A estrutura prevista para a produção do estudo de caso está descrita no livro do estudante, e foi baseada nas orientações dadas por Fausto Camargo e Daros Thuinie em sua obra A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Tudo começa com uma situação-problema. O que os estudantes viram em suas explorações sobre o entorno que lhes chamou à atenção? Não deixe de utilizar o exemplo da horta urbana, ou outro que conheça, para auxiliar os estudantes.

Após a elaboração dos estudos de caso, peça aos grupos que troquem suas produções entre eles. Em seguida, oriente--os a analisar os estudos feitos por seus colegas.

Tanto para confeccionar como para analisar um estudo de caso sobre o entorno escolar, os estudantes precisarão estudar e rever suas pesquisas.

Fique de olho!

Revisite na página 104 do livro do estudante o quadro especial com as Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades e os Temas contemporâneos transversais articulados nesta atividade.

Atividade 3 - Minha rede intersetorial (p. 106)

Campo expressivo articulado à produção: mapa mental.

Materiais necessários

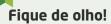
- Canetas ou lápis coloridos;
- Cartolina.

Reflexões ativadas

Nesta atividade faremos um mapa mental como o realizado na Unidade 1. A atividade é individual e este é o momento em que os estudantes podem sistematizar reflexões, questionamentos e aprendizados que tiveram ao longo da Unidade 2.

Para moderar a atividade, siga as orientações descritas no livro do estudante e se apoie no exemplo disponível (página 107). A finalização da atividade acontece com a apresentação de todos os mapas mentais dos estudantes.

Por fim, o livro traz perguntas para que os estudantes meditem sobre seu processo de aprendizagem. As questões incidem na relação deles com o território. A ideia é que eles consigam observar as potencialidades e oportunidades que ele oferece.



Revisite na página 108 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.



Depois do trabalho com o autoconhecimento e com a investigação do território, esta Unidade avança para uma discussão bastante prática e relevante para parte significativa das sociedades humanas: o trabalho.

Tal como nas outras Unidades, entendemos que cada professor e cada turma são únicos, assim como o encontro entre um e outro, já que a cada ano, ainda que você seja o mesmo professor, as experiências que tem em sala de aula são diversas. Assim, recomendamos novamente que você se aproprie do material e das atividades aqui propostas para conduzi-las de acordo com o seu contexto e, também, com as necessidades identificadas em cada turma. No que se refere ao mundo do trabalho, em especial, nos parece que a observação das pessoas e do território é fundamental: é claro que jovens de diferentes regiões do país – porque são jovens e estão nessa etapa de construção de um percurso para a vida adulta, em que escolhas e dilemas se impõem – apresentarão algumas questões que são semelhantes, mas é provável que jovens da zona rural e de regiões metropolitanas pensem com algumas diferenças o modo como desejam se inserir no mercado de trabalho. Essas características podem e devem ser consideradas na realização das sequências didáticas aqui propostas.

Vale ressaltar ainda que pensamos esta Unidade como um percurso – em dois Capítulos, um que olha mais para fora, para o contexto do estudante, e outro que olha mais para dentro, para suas vocações e seus desejos – para que sua turma planeje seu projeto de vida na perspectiva do mundo do trabalho. Não é possível ignorar, porém, que muitos estudantes do Ensino Médio já têm experiências trabalhistas, alguns desde a infância. Em turmas noturnas ou em contextos rurais isso se configura mais como regra do que como exceção. Tais dados não podem ser ignorados e essas histórias, oriundas da comunidade em que os estudantes vivem, podem falar mais a eles do que as que contamos aqui. Sugerimos, então, que as narrativas dos jovens – contadas e registradas em Capítulos anteriores – sejam seu principal material e que se associe à leitura crítica desta Unidade. Assim, imaginamos que será possível pensar projetos de vida *com* os estudantes e não *para* os estudantes.

Procuramos contemplar, dessa forma, a diversidade presente nas salas de aula de todo o país. As atividades aqui propostas não se direcionam, necessariamente, a estudantes da zona urbana ou da zona rural, de escolas públicas ou de escolas privadas. Elas podem ser adaptadas a diferentes contextos e, como já dito, a diferentes narrativas tanto individuais quanto coletivas. Adiante, você verá que atividades como o mapa afetivo e as entrevistas têm como foco exatamente o diagnóstico de sua localidade e das relações de trabalho nela estabelecidas. Não há, portanto, uma "receita", há um quia que deve se adaptado a situações variadas.

A escola ocupa duas dimensões na nossa trajetória enquanto somos estudantes: ela prepara para a vida, mas é também a vida em si. Apesar disso, nos últimos anos, nossos currículos valorizaram, sobretudo, aspectos mais objetivos dessa preparação, focando-se no desenvolvimento dos programas de cada disciplina, como Português, Matemática, História, Geografia etc. Nesse contexto, havia pouco espaço – e tempo do ano letivo – para pensar competências socioemocionais e, no ensino médio, para pensar além da conquista de um diploma que garantiria melhores chances no mercado de trabalho ou o ingresso em um curso superior.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) transforma essa lógica ao contemplar o desenvolvimento integral do sujeito, ou seja, aquele que não vai à escola para aprender apenas o conteúdo disciplinar, mas que as articula de forma contextualizada e as aplica tanto na reflexão sobre a vida quanto na preparação para o que virá. Na Unidade 3, isso acontece a partir de um olhar para a competência geral 6, que explora o projeto de vida e o trabalho. De acordo com a BNCC, trata-se de:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

(BNCC, 2017, p. 9-10.)

Assim, diante das características locais, que já destacamos, e das transformações globais pelas quais o mundo do trabalho tem passado, espera-se que o estudante seja capaz de conciliar desejos e oportunidades, para planejar e gerir a própria vida com um olhar em direção ao futuro. Espera-se ainda que seja capaz de reconhecer as mencionadas transformações no mercado de trabalho e que, a partir da clareza de seu projeto de vida, não seja uma vítima de tais mudanças, de modo que possa escolher uma ocupação e exercê-la com ética e dignidade. Abre-se caminho, a partir do texto da BNCC, para um debate sobre autonomia das escolhas e até sobre economia criativa (mercado que se desenvolve em torno do capital artístico e cultural) e empreendedorismo.

Nessa perspectiva, a história não está esquecida – pois é importante entender como partimos de nossos ancestrais, que viviam da caça e da coleta, para chegar até aqui, com um contexto de produção de bens e riquezas superdesenvolvido e dinâmico –, mas se articula ao presente, para que possamos compreender a gênese das transformações e dos problemas persistentes; e ao futuro, para que possamos responder para onde vamos.

Se há, portanto, uma perspectiva para esta Unidade, é a de unir esses dois universos: o da escola e o do trabalho como lugares em que é possível perceber e criar intersecções.

Experimente com você!

Sugerimos, no livro do estudante, a confecção de um diário de bordo ((111)) em que os estudantes possam registrar aspectos particulares percebidos durante as atividades. Sugerimos o mesmo exercício a você, professor. Sabemos que vocês precisam fazer relatórios e relatos de prática como exigências da função, mas provocar a si mesmo em uma perspectiva subjetiva pode ser interessante. Você pode se valer de um caderno para fazer essas anotações. Indicamos, para começar, algumas questões disparadoras:

- Qual é a sua expectativa na condução de atividades sobre projeto de vida e mundo do trabalho?
- Você acredita que está preparado para conduzir atividades ligadas a essa competência? Quais são suas dúvidas nesse processo?
- Você já conhece a realidade dos estudantes na relação com o mundo do trabalho? Como você enxerga o futuro deles? Pensa que poderia ser diferente se houvesse mais planejamento e preparação?
- Como você pensa o seu próprio futuro no mundo do trabalho? É possível planejar e rever?
- As mudanças trazidas pela BNCC transformam seu modo de ver o exercício da profissão?

Objetivos

Possibilitar a inserção transdisciplinar, articulada, sistematizada do debate sobre mundo do trabalho e projeto de vida na escola, de modo a garantir, por meio de uma série de atividades reflexivas, que os estudantes conceituem trabalho, reconheçam as oportunidades dessa área em seu território e as potencialidades e alternativas de percursos individuais. A meta é que, ao final do processo, sejam capazes de estabelecer um plano que conecta reflexão e ação para o ingresso no mundo do trabalho com crítica, responsabilidade e autonomia.

Competências gerais da BNCC em destaque

Entendemos como competências gerais da BNCC, que perpassam as discussões desta Unidade: competência 2, que se refere ao pensamento científico, crítico e criativo; competência geral 5, da cultural digital; e a competência geral 6, projeto de vida e trabalho.

No primeiro Capítulo, propomos a conceituação da palavra "trabalho" a partir de noções objetivas (como um verbete de dicionário) e subjetivas (como relatos pessoais). Adiante, sugerimos a exploração do território, com um mapeamento de pessoas, profissões e sentimentos presentes na comunidade em que a escola se insere. Por fim, confrontamos expectativa e realidade do exercício das profissões com uma atividade que envolve observação participante e elaboração de infográfico.

Outro aspecto a ser observado neste Capítulo é a análise crítica de fotografias, gravuras e pinturas que registram o trabalho como prática social em duas diferentes dimensões: às vezes, promotora da autonomia, do desenvolvimento pessoal, da satisfação, da dignidade e, por outro lado, promotora da exploração da força, da subjugação e da alienação dos indivíduos.

Mapear o território, as pessoas e os afetos que se imbricam no mundo do trabalho que nos cerca, por sua vez, sugere relações com a competência 2 (pensamento científico, crítico e criativo). As estratégias cartográficas fazem pensar acerca de como observamos o nosso território com um olhar menos "treinado", que é, justamente, o olhar exigido dos cientistas para que possam compreender seu objeto de estudo. Para isso, uma metodologia que desenha etapas provocadoras de perguntas, de formulação de hipóteses e de conclusões é necessária:

- Quais são as profissões mais recorrentes na nossa comunidade?
- Como esse dado se relaciona com a história do lugar?
- Como a economia local se desenvolveu a partir dessa história?
- Quais são as perspectivas de crescimento?
- Qual é o sentimento das pessoas em relação a suas ocupações?
- Como essas sensações contribuem para fazer um diagnóstico do mundo do trabalho em nossa região?

 É possível pensar em intervenções, para a comunidade e para os sujeitos que dela participam, a partir dessas constatações?

O pensamento científico, crítico e criativo também é estimulado na terceira etapa do Capítulo, com a discussão a respeito de pressupostos, preconceitos e estereótipos e a sua comparação com a realidade a partir do desenvolvimento da metodologia de observação participantes.

Já no segundo Capítulo, o mergulho interno – nos desejos, sonhos e vocações – não se restringe ao campo subjetivo. As atividades do *Mão na massa* procuram estimular a tradução dessa subjetividade em produtos de mídia. Desse modo, não se trata apenas de compreender os próprios desejos, mas de conseguir comunicá-los a um público em situações reais de comunicação. Nossa aposta, para isso, é na confecção de vídeos e de painéis que possam ser compartilhados com a comunidade escolar e também com outros jovens que vivem o mesmo momento de decisão e de reflexão sobre o mundo do trabalho. Damos preferência, por isso, ao compartilhamento das produções na internet, sempre que possível.

Temas contemporâneos transversais

Como se nota, esta Unidade discute o tema Trabalho, que, ao ser ampliado, vincula-se às discussões sobre economia. Não está desconectado ainda das relações com Vida Familiar e Vida Social, uma vez que a escolha da carreira e o planejamento de um percurso no mundo do trabalho dependem, diretamente e indiretamente, dessas duas esferas.

Por fim, como se trata de uma abordagem transdisciplinar, sugerimos nas orientações gerais uma série de diálogos e intersecções com professores especialistas de diferentes áreas. Essas relações em muito podem contribuir para uma atualização das discussões sobre profissões e projeto de vida na escola.

Estratégias pedagógicas priorizadas

A sugestão de que a escola deve promover o protagonismo do estudante, trabalhar com questões do seu cotidiano e quebrar as barreiras que existem entre as disciplinas não é nova. Do pesquisador bielo-russo Lev Vygotsky, pioneiro das discussões sobre educação ainda no começo do século XX, a Howard Gardner, criador da teoria das inteligências múltiplas mais de seis décadas depois de Vygotsky, há uma certeza: o sujeito deve ser o centro do processo de aprendizagem.

Mais recentemente, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos Estados Unidos, pesquisadores e outros profissionais têm tentado desenvolver estratégias para colocar o estudante no centro do processo de aprendizagem com uma metodologia intitulada aprendizagem criativa. Essa metodologia visa a compreender o estudante do século XXI, ajudá-lo a desenvolver habilidades socioemocionais, criatividade, colaboração, curiosidade e investigação. São esses os objetivos da aprendizagem criativa, metodologia que questiona os sistemas de educação atuais e propõe sistemas de aprendizado, nos quais a tecnologia, além de conceitos como

personalização e experiência, são essenciais (SEVERIANO, 2019). Nesta Unidade, flertamos com esse referencial tanto quanto com as metodologias ativas.

Atitudes esperadas do professor na condução da Unidade

Lembre-se, nesta jornada, de não perder de vista a competência que é foco deste momento da obra: trabalho e projeto de vida.

Ao se considerar a competência central, cabe aqui uma observação importante acerca do seu posicionamento na condução das atividades. Lidamos não com conceitos abstratos, mas com noções que partem da experiência concreta dos indivíduos. Como professor e como sujeito, que já foi (ou ainda é) jovem e teve que fazer escolhas a respeito da carreira e que ingressou no mercado de trabalho – não necessariamente como docente, a princípio –, sua história é valiosa e em muito pode contribuir para a reflexão dos estudantes. Como defende o Texto 4 da seção *Textos complementares*, em tempos de influenciadores digitais, os professores, embora tenham que se reinventar diante dos desafios da educação, ainda podem representar uma figura de influência e inspiração na sala de aula, na escola e na comunidade.

Aquecimento: sensibilização para a Unidade

Como acontece nas outras, a Unidade 3 começa com nuvens de palavras que apresentam ao estudante o tema que será abordado. Você pode anotar na lousa as palavras inicialmente sugeridas: vocação, profissão, escolhas, histórias de vida, autorrealização, autovalorização, oportunidades de formação, habilidades, mercado de trabalho, mundo do trabalho, quarta revolução industrial, cultura digital e comunicação.

Peça aos estudantes que complementem a nuvem com as palavras que vierem à cabeça. Você pode registrar essas palavras na lousa ou pedir a eles mesmos que anotem as ideias nos cadernos. A partir das palavras que apareceram e das que já estavam no livro do estudante é possível propor questões disparadoras. Sugerimos uma lista. Você pode selecionar algumas perguntas e incluir outras para conduzir a conversa. Não é necessário – nem produtivo – abordar todos os tópicos. Você já deve conhecer um pouco seu grupo, escolha, portanto, os pontos que parecem mais provocativos e que renderão uma boa conversa.



- Por que nós precisamos trabalhar?
- Quando eram crianças, o que vocês desejavam ser quando crescessem?
- Quem já trabalha ou já trabalhou?
- O que aprendeu com essa experiência?
- Se você tivesse autonomia financeira e não precisasse trabalhar para se sustentar, você trabalharia?

- Para quem nunca trabalhou: Como imagina que é o mercado de trabalho?
- Que critérios são importantes para escolher que profissão seguir?
- O que significa autorrealização? E alcançar sucesso na profissão?
- De que modo vocês pensam que é possível alcançar sucesso e autorrealização?
- Trabalhar hoje é o mesmo que trabalhar 20 anos atrás? E 50 anos atrás? O que mudou?
- Vocês pensam que o mercado de trabalho é melhor hoje ou na época em que seus pais começaram a trabalhar?
- O desenvolvimento das tecnologias digitais afetou o mundo do trabalho de alguma maneira? Como?

A conversa que sugerimos anteriormente faz parte da etapa de diagnóstico da turma. Pode ser que em alguns contextos, a tecnologia não tenha tido tanto efeito sobre o mercado de trabalho local. Pode ser também que em famílias nas quais a educação formal é um importante fator de ascensão, as expectativas para o futuro sejam positivas (o que contraria as estatísticas sobre a juventude, como apontamos na Unidade 2), uma vez que a conquista do diploma universitário ou do ensino técnico tem chances de representar mais ganhos financeiros e mudança de classe social.

Encerre a discussão de aquecimento citando pesquisas que evidenciam o quanto a juventude gostaria que a escola auxiliasse a discussão sobre projeto de vida e mundo do trabalho e que o trabalho que será conduzido nas próximas aulas visa a atender essa demanda.

Se a atividade estiver sendo conduzida por professores de diferentes áreas do conhecimento, é interessante que alguns narrem suas histórias relacionadas ao trabalho e como se tornaram professores. A conversa também pode ter a presença de ex-alunos da escola, que já concluíram o ensino básico e fazem parte da sua rede de contatos, bem como de familiares que possam contribuir para responder às questões disparadoras. Assim, a ideia de que estamos construindo projetos na intersecção entre olhares e na relação entre a escola e seu entorno ganha significado prático.

Experimente com você!

As provocações da atividade podem ter remexido suas memórias de juventude: como você pensava o mundo do trabalho? Ele foi mais generoso com você do que foi com seus pais e outros familiares? Além disso, as respostas dos estudantes, geralmente, evidenciam pontos sensíveis que precisam de atenção nas próximas aulas. Registre no diário de bordo suas memórias e inquietações e deixe espaço para possíveis intervenções e atividades concebidas a partir do conteúdo da primeira conversa.



Uma jornada para mapear significados e contextos

Inquietações e motivos

- Quais são os significados possíveis para a palavra trabalho?
- Precisamos trabalhar? Por quê?
- Com o que trabalham as pessoas do meu território?
- Quais são seus sentimentos em relação ao trabalho?
- Elas são uma fonte de inspiração para mim?

Partimos de uma reflexão sobre as concepções de trabalho que nos cercam e que introjetamos e naturalizamos no inconsciente coletivo para dar um passo no sentido de uma trajetória crítica de reflexão sobre o mundo do trabalho. Propusemos que os estereótipos, os preconceitos, as expectativas e, por que não, também as vivências e os saberes efetivos sejam a matéria-prima das atividades contempladas neste Capítulo.

Objetivos

- Perceber o trabalho como uma prática essencial à espécie humana, mas também como um conceito construído social, histórica e culturalmente;
- Mapear pessoas, profissões, lugares e afetos que permitam estabelecer um diagnóstico sobre o contexto local do universo do trabalho;
- Identificar profissões de interesse;
- Diferenciar estereótipos disseminados socialmente sobre as profissões do exercício prático e cotidiano dessas atividades, comparando aspectos positivos e negativos;
- Desenvolver habilidades ligadas à competência da comunicação por meio da síntese verbal e visual das investigações feitas e do compartilhamento dos resultados com a comunidade e no meio digital.

Rede conceitual (palavras-chave)

Profissão; mundo do trabalho; Quarta Revolução Industrial; escolha; mapeamento; crise econômica; oportunidades; conceitos; economia criativa; empreendedorismo; expectativas.

Mão na massa



Campos expressivos articulados à produção: desenho e pesquisa.

Materiais necessários

- Pedaços de papel colorido e sem pauta;
- · Canetinhas ou canetas de ponta porosa coloridas;
- · Fita adesiva.

Reflexões ativadas

A construção de um painel de significados visa a demonstrar que as palavras não têm um significado fechado, preso à definição imortalizada no dicionário. Esta passa pelas experiências individuais e pela cultura que nos envolve. No caso específico do vocábulo "trabalho", isso, provavelmente, ficará evidenciado pelas diferentes concepções que emergem de cada estudante participante da atividade. A formação de aglomerados de significados semelhantes também leva à conclusão de que há noções e discursos construídos socialmente e compartilhados pelas pessoas de uma mesma comunidade.

Sugerimos que esta atividade seja acompanhada – ou que aconteçam aulas complementares – de professores com formação em História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Eles podem oferecer ao debate diferentes explicações sobre como a noção de trabalho se transforma ao longo do tempo e obedece a interesses de determinados grupos. Na História, a comparação com a lógica das sociedades antigas, orientais e ocidentais, como Egito, Grécia, Roma, rende interessantes observações. A Geografia pode explorar os impactos das quatro revoluções industriais e seu reflexo sobre a organização do território em nome de formas de produção fabris e do crescimento da mão de obra assalariada e do mercado consumidor. Especialistas em Sociologia e Filosofia podem discutir trechos de A ética protestante e o "espírito" do Capitalismo, de Max Weber, que discute as raízes religiosas de nosso sistema econômico e produtivo e coloca em questão frases e condutas banalizadas, como "tempo é dinheiro", por exemplo. Há, por fim, relações possíveis com a Biologia – Outros animais trabalham? – e com as ciências exatas – O que é o conceito de trabalho em Física? – por exemplo.

Ainda sobre o assunto, o Texto 5, da seção *Textos complementares*, traz a visão do filósofo sul-coreano Byung-chul Han sobre a relação trabalho-cansaço.

Como atividade complementar ao painel de significados, pesquisamos algumas imagens que mostram como o trabalho foi e é tema de artistas de diferentes épocas. Além dos quadros e fotos inseridos no livro do estudante, você também pode planejar uma aula a partir da série fotográfica *Trabalhadores*, do brasileiro Sebastião Salgado. Durante a década de 1980, ele viajou por 26 países para documentar poeticamente, por meio de imagens em preto e branco, o cotidiano de trabalhadores, para fazer, como afirma o subtítulo do livro, "uma arqueologia da era industrial". A série pode inspirar a escrita de textos argumentativos e narrativos ou a montagem de uma exposição fotográfica sobre as práticas de trabalho da sua comunidade para complementar a atividade sobre a qual conversaremos a seguir.

Figue de olho!

Revisite na página 119 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências*, *Competências gerais*, *Competências específicas*, *Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 2 - Mapa afetivo de pessoas e profissões (p. 120)

Campos expressivos articulados à produção: pesquisa, exploração e escuta.

Materiais necessários

Etapa 1: Entrevistas

- Bloco de anotações;
- Caneta;
- Celular ou gravador de voz.

Etapa 2: Confecção do mapa

- Papel pardo, papel-cartão, cartolina ou color set, preferencialmente em tamanho A1 ou A0;
- Cópia do mapa político da cidade ou do bairro. (Nele devem estar contempladas as regiões onde você e os estudantes circulam – para estudar, trabalhar, morar e passear);
- Canetões ou canetinhas coloridas;
- Trechos selecionados das entrevistas realizadas na etapa anterior;
- Materiais complementares que dialogam com o conteúdo das entrevistas: tecidos, folhas e frutos secos, madeira, plástico, rótulos de embalagens etc.

Reflexões ativadas

Importa aqui a relação entre pessoas, territórios e sentimentos. Na primeira etapa, de realização de entrevistas, sugerimos a extrapolação da instituição escolar para que seja possível um diálogo mais efetivo com a comunidade e entre os jovens e os espaços de trabalho. Para isso, usamos das estratégias cartográficas pormenorizadas na Unidade introdutória da obra. Vale, ainda assim, uma breve recuperação conceitual a respeito de como a cartografia é por nós compreendida. Ela

orienta a leitura e a produção de sentidos sobre a realidade dos territórios. Produz uma percepção mais atenta aos percursos e caminhos roteiros e suas culturas habituais, promovendo o desenvolvimento da sensibilidade e o envolvimento reflexivo dos jovens com os territórios das cidades.

JORGE, Simone Aparecida; BARRETO JR., Irineu Francisco. Um retrato dos jovens urbanos que participaram do programa. *Cadernos Cenpec*: nova série, [S.l.], v. 3, n. 5, fev. 2008. ISSN 2237-9983. Disponível em: http://cadernos/index.php/cadernos/article/view/86. Acesso em: 12 dez. 2019.

No que tange ao mercado de trabalho, as estratégias cartográficas guiam nosso trabalho pelos territórios dessa área: onde se concentram as oportunidades de formação, de profissionalização e de exercício da carreira. Há também que se enxergar além da objetividade. Os sentimentos expressos nos discursos das pessoas entrevistadas contribuem igualmente para a reflexão sobre potenciais e problemas locais e para o desenho de um projeto de vida que sonha sem desconsiderar as particularidades do território. É por isso que somamos à cartografia o mapa afetivo, que dá conta de materializar, ao menos em parte, percepções que são subjetivas.

A Unidade 2 faz um significativo apanhado da metodologia de história oral e o papel que as entrevistas ocupam no processo. O mesmo arcabouço teórico pode ser recuperado aqui. Já em outra perspectiva, as ferramentas jornalísticas são úteis a fim de selecionar, por meio do estabelecimento de critérios, entrevistados, perguntas e, posteriormente, trechos relevantes de suas falas.

Sobre a entrevista, o *Knight Center for Journalism in the Americas*, ligado à Universidade do Texas, nos Estados Unidos, recomenda:

- Evite perguntas cujas respostas possam ser apenas "sim" ou "não" (a não ser que queira confirmar alguma informação precisa), prefira as do tipo "como", "por que", "o que". [...]
- Mantenha as perguntas curtas e focadas em um único assunto.
- Mantenha sua opinião fora das perguntas.
- Peça exemplos e descrições, isso ajuda a fonte [jargão jornalístico. O mesmo que o entrevistado] a lembrar e articular as respostas.

MAZOTTE, Natalia. Um guia para aprimorar a arte da entrevista. Observatório da Imprensa, 2013. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com. br/imprensa-em-questao/_ed755_um_guia_para_aprimorar_a_arte_da_entrevista/>. Acesso em: 13 dez. 2019.

Na segunda etapa, de elaboração do mapa, uma parceria entre especialistas em Geografia e Artes contribuiria para combinar diferentes perspectivas disciplinares. Se não for viável, ainda vale questionar o grupo antes do primeiro desenho: há visões de mundo envolvidas no esboço de um mapa? De tudo o que foi apurado na etapa de entrevistas, o que o grupo considera relevante registrar e compartilhar com a comunidade? Por que guardar as falas das pessoas e não apenas os lugares por onde elas circulam?

Aproveitamos para indicar a leitura do Texto 6, da seção *Textos complementares*. Trata-se de um texto de André Deak sobre mapas afetivos e cartografias colaborativas.

Fique de olho!

Revisite na página 124 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências*, *Competências gerais*, *Competências específicas*, *Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 3 - Expectativa x realidade (p. 125)

Campos expressivos articulados à produção: reflexão e pesquisa.

Materiais necessários

- Cópias do diagrama de base para o infográfico;
- Caneta;
- Anotações da observação participante.

Reflexão ativada

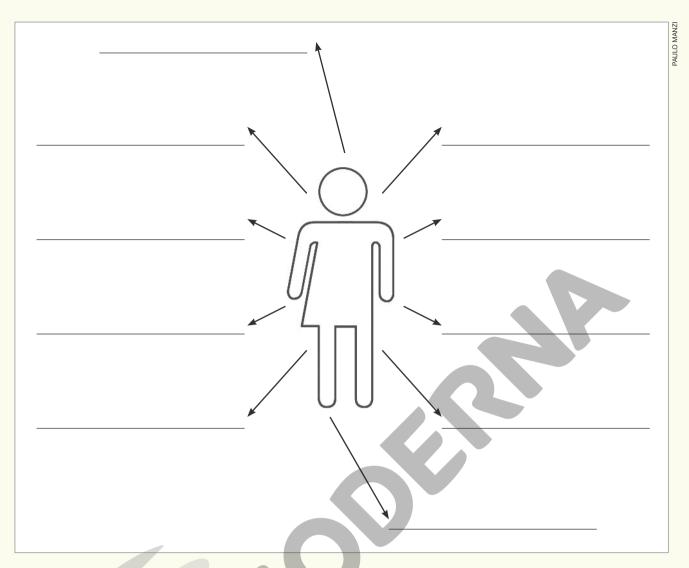
A relação entre expectativa e realidade pauta diferentes esferas da nossa vida, tanto é que são temas constantes de memes humorísticos divulgados nas redes sociais. Há, quase sempre, aquilo que idealizamos – e precisamos disso para colocar ideias em movimento – e o que comprovamos por meio da experiência.

Por isso, sugerimos a mobilização de estereótipos sobre as profissões e depois uma atividade de observação participante e posterior registro.

A atividade pode ser iniciada a partir da exibição de trechos de filmes ou de séries que retratam o cotidiano de algumas profissões. Há uma série de produtos da indústria do entretenimento que têm como mote a vida – por vezes, glamourizada – de professores, médicos, advogados, jornalistas e publicitários. Outra orientação possível é a pesquisa prévia em manuais de profissões divulgados por universidades. A Universidade de São Paulo, por exemplo, tem um *site* com a descrição de todos os cursos oferecidos pela instituição e perspectivas de inserção profissional. Para conhecer o *site*, acesse o endereço, disponível em: https://prceu.usp.br/uspprofissoes/profissoes/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

Ademais, para além do domínio da competência trabalho e do projeto de vida, elaborar infográficos insere-se em discussões contemporâneas sobre o ensino de língua, uma vez que se trata de um gênero multimodal (conceito abordado na Unidade 1). Atende-se, portanto, às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular, segundo a qual:

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho;



podemos produzir *playlists, vlogs,* vídeos-minuto, escrever *fanfics,* produzir *e-zines,* nos tornar um *booktuber,* dentre outras muitas possibilidades. Em tese, a Web é democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente. Mas se esse espaço é livre e bastante familiar para crianças, adolescentes e jovens de hoje, por que a escola teria que, de alguma forma, considerá-lo?

Ser familiarizado e usar não significa necessariamente levar em conta as dimensões ética, estética e política desse uso, nem tampouco lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na web. A contrapartida do fato de que todos podem postar quase tudo é que os critérios editoriais e a seleção do que é adequado, bom, fidedigno não estão "garantidos" de início. Passamos a depender de curadores ou de uma curadoria própria, que supõe o desenvolvimento de diferentes habilidades.

(BNCC, 2017, p. 68).

Por fim, indicamos a leitura do Texto 7, da seção *Textos* complementares, que traz um trecho escrito por Carla Viana Coscarelli sobre o processamento de imagens.

Figue de olho!

Revisite na página 127 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

CAPÍTULO

Sonhos em perspectiva:

diagnóstico de habilidades e de oportunidades

Inquietações e motivos

- Vocação existe? Se sim, como encontrar a minha?
- Que profissões correspondem a essas vocações?
- Quais são as metas do meu projeto de vida?
- Como posso fazer para alcançá-las?

No Capítulo anterior, ocupamo-nos de conceitos objetivos e subjetivos a respeito do nosso tema. Agora, cada estudante olhará para si mesmo, não como indivíduo isolado, mas como sujeito social e histórico, que pertence a uma época e um lugar, para investigar e mapear investigações, habilidades e planos para o futuro. É neste Capítulo que, por meio do portfólio, uma síntese das atividades feitas nas três Unidades, o projeto de vida se materializa.

Antes do início das atividades do *Mão na massa*, sugerimos uma roda de conversa sobre o texto da psicóloga Rosely Sayão, que abre o Capítulo. O texto traz histórias de vida de jovens como os estudantes e é um instrumento também para perceber melhor o ânimo da turma em relação à vida e ao trabalho. Uma questão importante a ser discutida, depois da leitura do artigo, é a seguinte: *A atual geração de jovens está em crise ou as juventudes de todas as épocas passam, necessariamente, por períodos de crise e se questionam sobre o sentido da vida?*

Se for possível, outra referência relacionada ao tema é a música "Cajuína", de Caetano Veloso, composta nos anos 1970, após a morte do também expoente da Tropicália Torquato Neto. A canção é famosa pelo seu primeiro verso: "Existirmos: a que será que se destina?".

Objetivos

- Investigar e descobrir potenciais e habilidades;
- Pesquisar profissões, novas e tradicionais, e oportunidades de inserção no mercado de trabalho;
- Traçar metas para um percurso de formação e de trabalho;
- Sintetizar e sistematizar aprendizados das três Unidades com a criação de um portfólio.

Rede conceitual (palavras-chave)

Crise; juventude; vocação; sentido da vida; escolha profissional.

Mão na massa

Atividade 1 - Minha vocação (p. 131)

Campos expressivos articulados à produção: leitura, reflexão, escrita e escuta.

Materiais necessários

- Pedaços pequenos de papel;
- Caneta.

Reflexões ativadas

A crônica de Clarice Lispector é o disparador para uma reflexão sobre vocações objetivas e subjetivas. Você pode pedir aos estudantes que fechem os olhos e imaginem as cenas que a autora descreve enquanto lê a crônica em voz alta. Depois de finalizada a leitura, peça que continuem de olhos fechados e imaginem quais são as suas vocações subjetivas. Como atividade complementar, em parceria com

o responsável pela área de Língua Portuguesa, você pode solicitar que eles escrevam uma crônica nos moldes da de Lispector. Os textos podem ser compartilhados, por exemplo, nas redes sociais.

Segue-se à leitura da crônica a dinâmica da "doação de vocações". Aqui, há um diálogo importante entre o modo como nos enxergamos e como os outros nos enxergam. Enfatize para os estudantes que nos papéis eles podem registrar vocações subjetivas – como cuidar dos outros, observar a natureza ou fazer amigos. Você também pode sugerir a inclusão de vocações objetivas – como consertar eletrônicos, ensinar, confeccionar produtos artesanais e cozinhar.

Na etapa 3 desta atividade, se achar conveniente, pode-se convidar algum profissional para dar um depoimento sobre a profissão dele para a turma. Se for o caso, selecione algum convidado (pai de estudante, alguém da comunidade). Esse convite pode incrementar o interesse dos estudantes e ajudá-los a se interessar ou a motivar-se pelo entusiamo do profissional.

Note que essa atividade dialoga com a competência autoconhecimento, pressuposta na BNCC e discutida na Unidade 1 desta obra. É só a partir da clareza a respeito de si mesmo que será possível traçar percursos efetivos no mundo do trabalho.

Figue de olho!

Revisite na página 133 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 2 - Meu futuro em desenho e vídeo (p. 134)

Campos expressivos articulados à produção: desenho e fotografia.

Materiais necessários

- Projetor;
- · Computador com acesso à internet;
- Celular com câmera.

Reflexões ativadas

A produção de um vídeo também se insere, tal como os infográficos, nas competências comunicação e cultural digital e estimula a prática de linguagens contemporâneas.

Nesta atividade, seu papel de mediador se torna especialmente preponderante. É possível que os estudantes tenham um domínio das ferramentas técnicas, tanto da gravação quanto da edição, melhor que o seu. Ainda assim, não necessariamente estão preparados para elaborar um roteiro, para selecionar as informações mais importantes de sua trajetória aspiracional e para contar essa trajetória de modo interessante. Entram em cena, então, suas habilidades como uma espécie de diretor dos

vídeos que estão em produção, e de articulador, já que convidar professores das áreas de Artes, Língua Portuguesa e Informática agregaria forças à produção dos vídeos.

Enfatizamos, ainda, que há uma série de vídeos no estilo draw my life disponíveis na internet. Elegemos o de Iberê Thenório como referência porque ele contempla bastante bem as questões relativas à concepção de um projeto de vida, mas você pode selecionar outros e exibir aos estudantes antes de iniciar as etapas do Mão na massa.

Aproveite para ler o Texto 8, da seção *Textos complementares*, que traz oito motivos para adotar o documentário na escola.

Sobre esta atividade, seria interessante pensar que não são todos os estudantes que podem ou que têm um *smartphone*. As escolas públicas pelo Brasil sofrem com certa precariedade tecnológica. Por isso, é interessante encontrar, conforme a escola, outros meios de realizar esta atividade.

Há, ainda, outras formas de registrar o projeto de vida por meio de imagens: em sua biblioteca ou nas livrarias, procure pelo livro *Persépolis*, de Marjane Satrapi. A romancista gráfica registrou em uma história em quadrinhos sua biografia desde o nascimento até o início da vida adulta no Irã, durante os anos 1970, quando um governo teocrático chegou ao poder. No Brasil, os quadrinhos foram publicados pela Companhia das Letras.

Fique de olho!

Revisite na página 138 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 3 - Escolha sua rota (p. 140)

Campos expressivos articulados à produção: pesquisa, exploração e escrita.

Reflexões ativadas

Inicie relacionando a atividade às discussões anteriores, pois esta atividade traz à tona o repertório da Unidade 2 na exploração do território. Nelas, elaboramos os pensamentos na esfera aspiracional, das idealizações, dos sonhos e dos desejos. Passamos agora a um momento prático, em que se almeja traçar um plano efetivo para a escolha e a conquista de objetivos. Por isso, indicamos a elaboração de uma rota. Você pode sugerir, como projeto complementar, que os estudantes desenhem uma espécie de trilha de um jogo de tabuleiro, com ponto de partida no ensino médio e ponto de chegada no objetivo do estudante, por exemplo, abrir o próprio negócio, fazer um curso profissionalizante ou se formar em Medicina.

Entre uma ponta e outra da trilha, é necessário que o estudante encontre parceiros, recursos e tempo para viabilizar seus planos. Retome a história de vida de Iberê Thenório, que nasceu na zona rural de uma cidade do interior de São Paulo, teve que trabalhar para pagar os estudos, ingressou em um

curso concorrido em uma universidade pública e hoje é dono de um canal de vídeos na internet. Quais foram os pontos-chave dessa trajetória? Ela se constituiu como uma linha reta ou ele enfrentou curvas e desafios? Todas essas projeções devem aparecer no tabuleiro do estudante.

Experimente com você!

Você se lembra da sua trajetória desde os anos finais da educação básica até o primeiro dia de aula? Em seu diário de bordo, registre os principais marcos desse percurso.

Fique de olho!

Revisite na página 142 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências*, *Competências gerais*, *Competências específicas*, *Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

Atividade 4 - Um portfólio para chamar de seu (p. 143)

Campos expressivos articulados à produção: fotografia, desenho e escrita.

Materiais necessários

- Registros das experiências realizadas ao longo das três Unidades (consulte a seção Para guardar e progredir);
- Computador com acesso à internet ou folha de papel A3;
- Retrato digital ou impresso;
- Canetas e canetinhas;
- Recortes, tesoura com pontas arredondadas e cola.

Reflexões ativadas

O portfólio é o final dessa sequência que pensa a competência trabalho e projeto de vida. É nele que se sistematizam as principais reflexões e conclusões promovidas ao longo das páginas anteriores. Como ápice de um processo cheio de marcos, parece-nos importante, do ponto de vista pedagógico e também da valorização e do comprometimento dos estudantes, que haja uma sessão presencial de compartilhamento dos projetos de vida com a presença dos professores e gestores envolvidos e de amigos e familiares.

Na abertura do evento, parece-nos adequado explicar à plateia as mudanças promovidas pela Base Nacional Comum Curricular e provocá-la a pensar sobre o que significa ter e colocar em prática um projeto de vida. Se houver os recursos, projete os portfólios para que cada estudante se apresente. Se não, lance mão de fita adesiva para expor os trabalhos e realizar as apresentações. O fundamental é que essas identidades, sonhos e desejos, agora transformados em planos, convertam-se em ações a partir do conhecimento e na contribuição de atores essenciais como são aqueles que pertencem à rede de apoio desses jovens.

Nesta atividade, aproveite para solicitar auxílio de outro professor da escola. Este momento é propício para compartilhar conhecimentos, principalmente no caso de a escola não ter condições tecnológicas para isso. Os propósitos do Projeto de Vida solicitam que o professor, quando orienta uma turma nessa missão, faça parcerias com outros professores, sobretudo pelo fato de que as vivências são interdisciplinares.

Por fim, indicamos a leitura do Texto 9, da seção *Textos complementares*, que traz um artigo do educador e pesquisador José Moran sobre a importância de construir projetos de vida na educação.

Figue de olho!

Revisite na página 146 do livro do estudante o quadro especial com as Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades e os Temas contemporâneos transversais articulados nesta atividade.

Atividade 5 - Um passo a mais: carta de motivação (p. 148)

Campos expressivos articulados à produção: carta; comunicação; currículo.

Materiais necessários

- Caneta;
- Caderno ou folha pautada avulsa;
- Computador ou celular com editor de textos.

Reflexões ativadas

Novamente, a parceria com o professor de Língua Portuguesa é uma pedida interessante nesta atividade. Aqui, unimos o conceito de gêneros do discurso – ou seja, aqueles textos que são destinados a um público, têm uma função social e são produzidos em uma situação de comunicação real e destinados a um objetivo, tal como propõe o criador do conceito, o russo Mikhail Bakhtin – ao projeto de vida. Tanto processos seletivos para ingresso em cursos superiores quanto para postos de trabalho podem solicitar a escrita de uma carta de motivação. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, isso já acontece para ingresso no curso de Administração da Fundação Getúlio Vargas e nos cursos da Escola Superior de Propaganda e Marketing. Ambas são instituições particulares, mas que oferecem bolsas de estudo para estudantes com bom desempenho em seus vestibulares.

Uma variante da carta de motivação pode ser a escrita de um currículo. Após a sequência de atividades feitas ao longo das três Unidades, além da escolaridade e das experiências de trabalho, também é possível identificar objetivos e habilidades que podem ser mencionados no currículo. Vale ainda uma pesquisa sobre os *sites* que divulgam vagas de emprego, em especial, aqueles voltados para jovens.

Fique de olho!

Revisite na página 150 do livro do estudante o quadro especial com as *Vivências, Competências gerais, Competências específicas, Habilidades* e os *Temas contemporâneos transversais* articulados nesta atividade.

ORIENTAÇÃO ESPECÍFICA SOBRE O PROJETO DE INTERVENÇÃO

O projeto de intervenção é uma estratégia privilegiada que reconhece e amplia as possibilidades dos estudantes de participarem da vida pública. Os projetos são realizados coletivamente a partir de uma ideia e culminam em ações de intervenção na comunidade.

ETAPA 1: DEFINIÇÃO DA IDEIA

Nessa etapa, os estudantes são convidados a realizar uma reflexão sobre sua comunidade e a colocar em prática os aprendizados conquistados ao longo do seu percurso, aprimorando suas capacidades de trabalhar em grupo, de liderar, de planejar e de concretizar ideias.

Ao refletirem sobre a questão "Como ter uma boa ideia para um projeto?", levante os seguintes pontos:

- Um bom projeto começa com uma boa ideia e com um grupo de pessoas que possam apoiá-la.
- Vários exercícios podem ser desenvolvidos para estimular a cocriação de projetos, mas há muitas coisas que impedem a criatividade nessa hora.

Para ajudar os estudantes, proporcione ambiências criativas. No momento da concepção da ideia, é importante não apressá-los, porque:

- I. Uma ideia ruim dificilmente se transforma em um bom projeto.
- II. Mesmo que a ideia seja boa, ela não se sustenta se não há um grupo que realmente a defenda.
- III. Lembre-se de que o papel do educador é mediar, ou seja, garantir que os estudantes estejam atentos às ideias levantadas, observar se as proposições dos estudantes são claras, estimular que os jovens mais quietos se coloquem, fazer o grupo refletir sobre as lideranças que emergem (elas são positivas desde que os outros jovens as reconheçam de fato), perceber e explicitar os conflitos que vêm à tona, propor aos estudantes soluções agregadoras ou consensuais.
- IV. Deixe claro seu papel de mediador; não assuma a defesa de nenhuma ideia. Se uma ideia não estiver clara ou parecer frágil, trabalhe com o jovem para esclarecê-la ou aprimorá-la. Deixe que os jovens descartem as ideias.
- V. Problematize ideias óbvias. Por exemplo, se você está em um bairro que tem muita fama de promover atividades esportivas e os estudantes desejam realizar um campeonato de futebol, pergunte: "Em relação aos campeonatos já realizados, qual é a inovação que vocês desejam fazer?".
- VI. Alguns encontros devem ser realizados para o desenvolvimento da ideia.
- VII. O principal desafio desses encontros é reconhecer e socializar as ideias dos estudantes e depois ajudálos a convergir em torno das ideias principais.
- VIII. Se o grupo tiver muitas ideias, forme subgrupos (duplas e trios) e distribua uma ideia a cada subgrupo para que eles possam discuti-la melhor. Peça que sistematizem e depois apresentem-na para a turma. Depois troque as ideias entre os grupos e repita o exercício.
- IX. Se achar pertinente, faça um leilão de ideias, em que cada subgrupo "vende" uma ideia respondendo à pergunta "Por que essa ideia é boa?". As ideias que receberem os menores lances vão sendo descartadas, lembrando sempre de validar essas decisões com a turma.
- X. Lançar uma pergunta norteadora pode ser estruturante: Como é a comunidade/cidade/escola em que gostaríamos de estar?
 - Sobre a ferramenta de planejamento estratégico citada no item 3:
- Com as ideias "mais populares" formadas, oriente os estudantes a montar o esquema de planejamento estratégico das ideias.
- Sugira aos estudantes que se dividam em grupos a partir das ideias com as quais mais se identificarem. Estimule que reflitam sobre essa escolha, evitando escolher um grupo simplesmente para estar com os amigos.
- Cada projeto deve ter entre 5 e 10 proponentes.

ETAPA 2: JUSTIFICATIVA DO PROJETO

Cada grupo/projeto deve fazer seu mapa de contexto, identificando e definindo em cada circunferência os "atores" e elementos que consideram importantes na relação com o público beneficiado (indicado na circunferência central).

É fundamental também que os jovens façam o exercício de visualizar todas as possibilidades, próximas ou distantes, e identifiquem "atores concretos": pessoas, instituições, lugares, inclusive com os nomes.

Deixe claro para os jovens que as circunferências concêntricas não necessariamente implicam influências maiores ou menores diante do objetivo do projeto, ou seja, os raios das circunferências não definem uma hierarquia: as interferências que elas representam podem ser igualmente vivas, intensas e mutantes.

ETAPA 3: OBJETIVOS E PÚBLICOS-ALVO

A árvore lógica é um instrumento que pode ajudar os grupos a perceberem quais as ações necessárias para a consecução do objetivo do projeto.

Nessa etapa, os estudantes são desafiados a pensar no objetivo geral, nos objetivos específicos, nas atividades a serem desenvolvidas, no cronograma e no orçamento.

Para desenvolver essa atividade, os alunos já precisam ter identificado o público-alvo e o contexto em que gostariam de realizar o projeto. Instigue os estudantes na busca de respostas e de foco. Isso ajudará no raciocínio, para focar em algo bem específico e fazer com que novas ideias apareçam. Algumas perguntas que podem ser feitas: Que passos são estratégicos para que vocês alcancem o objetivo do projeto? Quais atividades podem ajudá-los?

ETAPA 4: PROJETO DE INTERVENÇÃO

Agora é a hora de os estudantes escreverem. Utilize os exercícios realizados como base para a escrita do projeto e siga o roteiro. Comente sobre a importância da escrita de um projeto. Mencione o fato de que o mundo profissional se organiza cada vez mais dentro dessa lógica e de que esse é um grande recurso para concretizar ideias.

Para desenvolver o projeto "Um prato de cultura com uma pitada de respeito", os estudantes utilizaram a metodologia baseada no pensamento computacional. Vamos analisar o projeto conforme:

- as etapas do pensamento computacional;
- o desenvolvimento da Argumentação (desenvolvida na competência geral 7 da BNCC).

Analisando um projeto pela lente do pensamento computacional



Os currículos mais recentes têm abordado a necessidade de desenvolver o pensamento computacional. Embora esse termo tenha nascido da necessidade de organizar metodicamente procedimentos para programar computadores, esse conceito tem se ampliado e podemos encontrar pessoas que nunca trabalharam com tecnologias da informação, mas têm essa capacidade desenvolvida.

Vamos entender o que é essa capacidade: uma pessoa pode estar diante de uma situação-problema e não saber por onde começar a resolvê-la. Queixa-se, começa e não termina várias ações, sente-se perdida. Se ela analisar a situação, elencar os vários problemas e escolher um deles para ser foco da sua ação, ela já estará dando o primeiro passo.

Portanto, podemos dizer que o pensamento computacional ajuda na resolução de problemas e é um dos três eixos da temática "tecnologia e computação" presentes na BNCC.

Há quatro pilares que são considerados estratégicos para o desenvolvimento do pensamento computacional e para a resolução de problemas: a decomposição, o reconhecimento de padrões, a abstração e o pensamento algorítmico.

Decomposição

A etapa de decomposição consiste em quebrar o problema em partes menores, individualizando-as, de modo a torná-lo menos complexo. Esse processo visa facilitar a análise, possibilitando sua resolução.

Vamos olhar o que fizeram os alunos do Jardim Lapenna:

"[...]

O bairro Jd. Lapenna tem uma população de aproximadamente 12 mil famílias, a maior parte do bairro não tem asfalto, há saneamento básico em algumas partes do bairro, ainda há muito esgoto e córregos a céu aberto. Há somente uma escola e duas CEIs, posto de saúde há somente um. É um bairro pouco arborizado e com pouco espaço de lazer e cultura.

Percebemos o preconceito que os imigrantes sofrem no dia a dia na relação com os moradores do Jd. Lapenna. No bairro, a maior parte dos imigrantes é boliviana e angolana. Mesmo não sendo de maneira direta o preconceito acontece, percebemos muitas vezes a exclusão por parte dos moradores.

[...]"

Disponível em: https://portfoliojovem.educacaoeparticipacao.org.br/destaques/2018/02/07/um-prato-de-cultura-com-uma-pitada-de-respeito/.

Acesso em: 14 jan. 2020.

Percebam que o território descrito tem muitos problemas e seus moradores se queixam, com razão, de todos eles. Os estudantes, mesmo sabendo disso, resolveram escolher um dos problemas para analisar – o preconceito que angolanos e bolivianos, imigrantes recém-chegados ao bairro, sofriam.

Questão polêmica: os imigrantes eram ou não excluídos da comunidade?

Os estudantes desejavam compreender essa questão:

- Será verdade que eles sofrem discriminação?
- Que tipo de preconceito é esse?
- Quando eles são excluídos?

Diante disso, foram estudar os tipos de preconceito e chegaram ao conceito de *xenofobia*, que era o que mais explicava aquela situação. Encontrar essa **definição** foi um passo importante.

A situação era constrangedora para jovens imbuídos dos direitos de qualquer cidadão que enfrentavam constantemente debates diante de uma **questão** que se tornou **polêmica**. Muitos moradores negavam, outros camuflavam. Havia ainda aqueles que assumiam seu direito de defender seus empregos e isolar os forasteiros.

Agora, vamos observar como eles analisaram esse problema? Quais eram os comportamentos dos moradores perante os imigrantes? Como esse preconceito se concretizava? Vejam as respostas para essas questões:

- Estranhamento;
- Tratamentos desagradáveis;
- Ofensas;
- Desprezo;
- Sentimento de superioridade.

Reconhecimento de padrões

O reconhecimento de padrões consiste em identificar padrões comuns, ou seja, as características similares que favorecem a solução de problemas complexos de forma mais eficaz.

Observando as diferentes situações, era preciso determinar:

- O que havia de comum a todos esses eventos?
- Qual era o padrão de comportamento que se mantinha, independentemente da ocasião e dos acontecimentos?

Havia um forte preconceito em relação aos imigrantes; eram todos considerados uma ameaça; não eram vistos com suas singularidades, mas como um todo homogêneo.

Abstração

Durante a abstração, os dados encontrados são filtrados e classificados, de modo que fatores desnecessários sejam ignorados, concentrando a atenção apenas nos fatos mais relevantes.

Assim, analisando o projeto exposto, temos as seguintes questões:

- O que era essencial a todos esses eventos?
- O que era central?
- O que motivava esses comportamentos?

Uma resposta parecia esclarecer todos esses fatos: os imigrantes não eram vistos como sujeitos, como pessoas. O que os ajudou a chegar a essa explicação foram os estudos e o levantamento de argumentos diante da questão polêmica, mas isso será discutido a seguir, pela lente da argumentação.

Os estudantes chegaram à conclusão, então, de que essas pessoas precisavam ser conhecidas nas suas dificuldades, nas suas histórias de vida, nas suas potências. E foi aí que o coletivo encontrou uma saída: vamos criar um evento para que essas pessoas possam mostrar à comunidade o que elas sabem fazer.

E foi diante dessa análise detalhada e de uma reflexão e argumentação profundas que eles criaram "Um prato de cultura com uma pitada de respeito".

Pensamento algorítmico

O pensamento algorítmico é a criação da descrição para solucionar o problema, ou a criação de passos ordenados para a resolução.

O conceito de algoritmo está presente no mundo muito antes do computador. Ele é usado para criar uma sequência de tarefas, ou um passo a passo, para obter o resultado de uma atividade, ou ainda para resolver um problema proposto.

Embora esse quarto pilar seja visto mais ligado às ciências exatas, podemos dizer que na continuação desse processo os alunos utilizaram noções do pensamento algorítmico.

Após entenderem o que é o pensamento computacional, para realizar o evento os estudantes do Jardim Lapenna precisaram fazer um planejamento detalhado.

- Quais eram os passos necessários para essa tarefa?
- Quem se responsabilizaria por cada um deles?
- Em que ordem seriam realizados?
- Como seria o cronograma?
- E a divulgação do projeto?

Os estudantes montaram gráficos, tabelas, fluxogramas, fizeram inúmeras reuniões, debates, desentendimentos e entendimentos até chegarem ao evento. Nascia assim a possibilidade de alterar uma dinâmica de exclusão e criar uma colaboração entre os moradores do Jardim Lapenna.

Em todo esse processo, é fundamental proporcionar um ambiente de trabalho que estimule o estudante a criar, comparar, discutir, rever, perguntar e ampliar suas ideias. Revisitando todos os momentos: é necessário buscar informações e dados relevantes à situação proposta, para depois analisar essas informações e representá-las de forma a auxiliar a resolução de problemas e a tomada de decisão.

Foram inúmeros raciocínios encadeados para a construção de uma solução.

Por que desenvolver as capacidades do pensamento computacional?

Com a **decomposição**, um problema complexo será dividido em partes menores, que serão mais simples e fáceis de resolver. Um problema longo e complexo muitas vezes desestimula o estudante ou qualquer pessoa que busque resolvê-lo, levando-o a abandoná-lo. Ao decompor o problema em partes, as soluções serão mais rápidas, aumentando a confiança para enfrentar o próximo problema que aparecer e diminuindo o medo e a ansiedade diante de novos desafios.

Reconhecer padrões faz parte da vida do ser humano. Buscamos entender o que se repete em situações nem sempre semelhantes e destacamos o que é essencial em um conjunto de coisas. Essa habilidade é muito útil para reduzir o tempo necessário para resolver um problema, aumentando a eficiência e a compreensão da questão. Quem não reconhece padrões não identifica pontos de ligação entre problemas semelhantes e tem que pensar em uma nova solução, não aproveitando a experiência anterior.

Na formulação do problema, a **abstração** também é fundamental. Por meio dela, o aluno vai identificar sua origem, suas causas e compreendê-lo para além das aparências. Assim, abandona explicações amalgamadas nos exemplos, nos acontecimentos, busca soluções que não disfarçam os sintomas, extrai informações de diversas fontes, leva em consideração a experiência passada. As analogias nascem da abstração e colaboram para enfrentarmos novos problemas em diferentes graus de complexidade.

Agora, vamos analisar esse projeto. Podemos fazer algumas observações pelas lentes do pensamento computacional. Confira a seguir a análise do texto.

PELA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO COMPUTACIONAL

Um prato de cultura com uma pitada de respeito

"Nós somos jovens de São Miguel Paulista, Jd. Lapenna, localizado na zona leste de São Paulo. Nos conhecemos no galpão de cultura e cidadania, através de um curso para os jovens discutirem a cidadania e os direitos do cidadão. Temos, em média, 16 anos, moramos todos no bairro [...].

Poderíamos observar aqui muitos problemas, mas usando o PC vamos focar apenas um deles

Todos estes elencados são problemas existentes no bairro

Elevando o

problema a uma

categoria

O bairro Jd. Lapenna tem uma população de aproximadamente 12 mil famílias, a maior parte do bairro <u>não tem asfalto</u>, há <u>saneamento básico em algumas partes do bairro</u>, ainda há muito <u>esgoto e córregos a céu aberto</u>. Há somente <u>uma escola</u> e <u>duas CEIs</u>, <u>posto de saúde há somente um</u>. É um bairro <u>pouco arborizado</u> e com <u>pouco espaço de lazer e cultura</u>.

com os

Percebemos o preconceito que os imigrantes sofrem no dia a dia na relação com os moradores do Jd. Lapenna. <u>No bairro, a maior parte dos imigrantes é boliviana e angolana</u>. Mesmo não sendo de maneira direta o preconceito acontece, percebemos muitas vezes a exclusão por parte dos moradores.

Decompondo o problema para compreendê-lo melhor

O preconceito

Xenofobia significa aversão a pessoas ou coisas estrangeiras. O termo é de origem grega e se forma a partir das palavras xénos (estrangeiro) e phóbos (medo). A xenofobia pode se caracterizar como uma forma de preconceito ou como uma doença, um transtorno psiquiátrico. O preconceito gerado pela xenofobia é algo controverso. Geralmente se manifesta através de ações discriminatórias e ódio por indivíduos estrangeiros. Há intolerância e aversão por aqueles que vêm de outros países ou diferentes culturas, desencadeando diversas reações entre os xenófobos.

Muitos casos de haitianos que foram agredidos ou sofreram algum tipo de violência são relatados. Brasileiros alegam que os haitianos estão roubando seus empregos.

Em 2014 foram 45 denúncias. Já nos dois anos anteriores, foram registrados apenas dois casos. Em 2015, seriam 599 denúncias, sendo 269 crimes, que podem ter envolvido algum tipo de violência, levando os haitianos até os hospitais que estão em estado crítico até mesmo para os brasileiros.

Um dos motivos do preconceito

A chegada dos haitianos está sendo muito criticada e a maioria das suas recepções têm sido cada vez mais desagradáveis. Louis, de 37 anos, haitiano, relatou que veio para o Rio Grande do Sul para conseguir emprego. Ele informou que o ofenderam pela questão de achar que ele não entenderia.

[...]

O processo de migração internacional pode ser desencadeado por diversos fatores: em consequência de desastres ambientais, guerras, perseguições políticas, étnicas ou culturais, causas relacionadas a estudos em busca de trabalho e melhores condições de vida, entre outros. O principal motivo para esses fluxos migratórios internacionais é o econômico, no qual as pessoas deixam seu país de origem visando à obtenção de emprego e melhores perspectivas de vida em outras nações.

Conforme relatório de desenvolvimento humano de 2009, realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), aproximadamente 195 milhões de pessoas moram fora de seus países de origem, o equivalente a 3% da população mundial, sendo que cerca de 60% desses imigrantes residem em países ricos e industrializados. No entanto, em decorrência da estagnação econômica de alguns países desenvolvidos, estima-se que, em 2010, 60% das migrações ocorreram entre países em desenvolvimento.

Γ...

Os hábitos alimentares, afirma o antropólogo norte-americano Sidney Mintz, são veículos de profunda emoção. Para o autor, a comida e o comer. As atitudes em relação à comida são aprendidas cedo e bem. Na visão de Mintz, esse comportamento alimentar é nutrido por adultos afetivamente 'poderosos', que conferem um poder sentimental duradouro. Assim, ele explica que o lugar onde crescemos e as pessoas com quem convivemos vão aos poucos construindo um material cultural. Esse material dá forma ao nosso comportamento alimentar que 'se liga diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social'. A maneira como nos alimentamos revela constantemente a cultura em que estamos inseridos."

Disponível em: https://portfoliojovem.educacaoeparticipacao.org.br/ destaques/2018/02/07/um-prato-de-cultura-com-uma-pitada-de-respeito/>.

Acesso em: 14 jan. 2020.

Analisando um projeto pelo desenvolvimento da argumentação

No projeto "Um prato de cultura com uma pitada de respeito", os estudantes também desenvolveram a argumentação.



Vamos analisar esse projeto, fazendo algumas observações sobre o desenvolvimento da argumentação. Confira a seguir a análise do texto.

PELA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DA ARGUMENTAÇÃO

Um prato de cultura com uma pitada de respeito

"Nós somos jovens de São Miguel Paulista, Jd. Lapenna, localizado na zona leste de São Paulo. Nos conhecemos no galpão de cultura e cidadania, através de um curso para os jovens discutirem a cidadania e os direitos do cidadão. Temos, em média, 16 anos, moramos todos no bairro [...].

O bairro Jd. Lapenna tem uma população de aproximadamente 12 mil famílias, a maior parte do bairro não tem asfalto, há saneamento básico em algumas partes do bairro, ainda há muito esgoto e córregos a céu aberto. Há somente uma escola e duas CEIs, posto de saúde há somente um. É um bairro pouco arborizado e com pouco espaço de lazer e cultura.

Percebemos o preconceito que os imigrantes sofrem no dia a dia na relação com os moradores do Jd. Lapenna. No bairro a maior parte de imigrantes são bolivianos e angolanos, mesmo não sendo de maneira direta o preconceito acontece, percebemos muitas vezes a exclusão por parte dos moradores.

Xenofobia significa aversão a pessoas ou coisas estrangeiras. O termo é de origem grega e se forma a partir das palavras *xénos* (estrangeiro) e *phóbos* (medo). A xenofobia pode se caracterizar como uma forma de preconceito ou

Esta é a descrição do contexto no qual as pessoas vivem e os problemas que elas enfrentam como uma doença, um transtorno psiquiátrico. O preconceito gerado pela xenofobia é algo controverso. Geralmente se manifesta através de ações discriminatórias e ódio por indivíduos estrangeiros. Há intolerância e aversão por aqueles que vêm de outros países ou diferentes culturas, desencadeando diversas reações entre os xenófobos.

Levantamento de dados que comprovam as primeiras observações (argumentos de dados) Muitos casos de haitianos que foram agredidos ou sofreram algum tipo de violência são relatados. Brasileiros alegam que os haitianos estão roubando seus empregos.

Em 2014 foram 45 denúncias. Já nos dois anos anteriores, foram registrados apenas dois casos. Em 2015, seriam 599 denúncias, sendo 269 crimes, que podem ter envolvido algum tipo de violência, levando os haitianos até os hospitais que estão em estado crítico até mesmo para os brasileiros.

A chegada dos haitianos está sendo muito criticada e a maioria das suas recepções têm sido cada vez mais desagradáveis. Louis, de 37 anos, haitiano, relatou que veio para o Rio Grande do Sul para conseguir emprego. Ele informou que o ofenderam pela questão de achar que ele não entenderia.

Compreender o motivo pelo qual as pessoas imigram [...]

O processo de migração internacional pode ser desencadeado por diversos fatores: em consequência de desastres ambientais, guerras, perseguições políticas, étnicas ou culturais, causas relacionadas a estudos em busca de trabalho é melhores condições de vida, entre outros. O principal motivo para esses fluxos migratórios internacionais é o econômico, no qual as pessoas deixam seu país de origem visando à obtenção de emprego e melhores perspectivas de vida em outras nações.

Conforme relatório de desenvolvimento humano de 2009, realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), aproximadamente 195 milhões de pessoas moram fora de seus países de origem, o equivalente a 3% da população mundial, sendo que cerca de 60% desses imigrantes residem em países ricos e industrializados. No entanto, em decorrência da estagnação econômica de alguns países desenvolvidos, estima-se que, em 2010, 60% das migrações ocorreram entre países em desenvolvimento.

ſ...

Os hábitos alimentares, afirma o antropólogo norte-americano Sidney Mintz, são veículos de profunda emoção. Para o autor, a comida e o comer. As atitudes em relação à comida são aprendidas cedo e bem. Na visão de Mintz, esse comportamento alimentar é nutrido por adultos afetivamente "poderosos", que conferem um poder sentimental duradouro. Assim, ele explica que o lugar onde crescemos e as pessoas com quem convivemos vão aos poucos construindo um material cultural. Esse material dá forma ao nosso comportamento alimentar que 'se liga diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social'. A maneira como nos alimentamos revela constantemente a cultura em que estamos inseridos."

Disponível em: https://portfoliojovem.educacaoeparticipacao.org.br/destaques/2018/02/07/um-prato-de-cultura-com-uma-pitada-de-respeito/.

Acesso em: 14 jan. 2020.

Produção do projeto de intervenção

As partes que compõem um projeto de intervenção são as seguintes:

Objetivo geral

Elaborar uma frase que expresse o que o grupo quer realizar com o projeto. A frase deve começar com verbo no infinitivo.

• Objetivos específicos

Elaborar uma ou mais frases que expressem passos bem mais específicos relacionados ao sonho que querem alcançar.

Atividades

A escolha das atividades tem que contemplar a lógica dos objetivos. Exemplo: perguntar para o jovem o que ele quer fazer no projeto. Resposta do jovem: "Quero fazer brincadeiras com crianças". Educador pergunta: "Que brincadeiras?". Jovem responde: "Pular corda e esconde-esconde". A atividade 1 tem que estar relacionada ao objetivo específico 1, que se liga ao objetivo geral.

Argumentos de exemplo

Argumentos de autoridade

• Recursos

Elencar os recursos necessários para cada atividade descrita.

- Título (nome do projeto)
- Proponentes (integrantes e suas funções)
- Objetivos
- o Justificativa ("Por que queremos?"; "Por que o projeto é necessário?"; "Qual mudança irá promover?" etc.)
- Plano de trabalho (estratégias para alcançar o objetivo, ações realizadas, cronograma)
- Orçamento (parcerias, recursos materiais do início à finalização, recursos necessários à implementação das ações)

ETAPA 5: AVALIAÇÃO

A intenção dessa etapa é incentivar os estudantes a ler os projetos dos demais grupos para que possam revisar, aperfeiçoar e contribuir uns com os outros, permitindo que aperfeiçoem sua escrita e desenvolvam sua criticidade, sem perder o foco no respeito aos colegas.

A seguir, disponibilizamos o quadro avaliativo para reprodução do material.

PROJETO:	
INTEGRANTES:	
ESCOLA:	
ETAPA DO PROJETO	DESCRITOR OBSERVAÇÕES
TÍTULO	Chama a atenção do leitor e motiva a leitura?
	Antecipa a temática?
PROPONENTES	Todas as pessoas que farão parte do projeto estão apresentadas, no início do texto, com nome e função?
	O projeto apresenta um objetivo geral claro?
OBJETIVOS	Os objetivos específicos estão apresentados de forma clara e correta?
	Há relação entre o objetivo geral e os específicos?
JUSTIFICATIVA	A proposta foi apresentada com base em dados da comunidade a que ela se destina?
	É possível localizar os motivos que levaram os jovens à elaboração do projeto?
	O texto traz fontes (a voz de especialistas, dados estatísticos, exemplos de iniciativas similares) que sirvam como argumentos em defesa do projeto?
	Está apresentada a importância do projeto para a comunidade?
PLANO DE TRABALHO	Estão indicados e relacionados, de forma clara e correta, os itens: data/período, ação, estratégia e recurso?
ORÇAMENTO	Estão indicados e relacionados, de forma clara e correta, os itens: recurso, quantidade, valor unitário e valor total?
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	Estão citadas, corretamente, no final do projeto?

ANA PAULA SEVERIANO

Bacharel em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora.

DANILO EIJI LOPES

Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), no programa História Social.

Professor e pesquisador.

GISELLE ROCHA

Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na área de concentração Literatura Brasileira. Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

Gestora de projetos educacionais e professora.

RENATA ALENCAR

Doutora em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),
na área de concentração Comunicação e Sociabilidade Contemporânea.

Professora e pesquisadora.



PROJETO DE VIDA

Organizador:

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.

Editora responsável:

Anna Helena Altenfelder

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na área de concentração Psicologia da Educação. Gestora de projetos educacionais.

1ª edição

São Paulo, 2020



Coordenação editorial: Ana Paula Souza Nani

Edição de texto: Carolina Tomasi, Hosana Zotelli dos Santos

Colaboração pedagógica: Rebeca Toledo Bergamaschi, Carolina Tomasi

Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula

Coordenação de produção: Patricia Costa

Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues Coordenação de *design* e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Daniel Messias

Capa: Yan Comunicação e Design, Douglas Rodrigues José

Ilustrações: Aine/Shutterstock (fundo), PROKOPEVA IRINA/Shutterstock (pessoa), Dilen/Shutterstock (porta), Edilus/Shutterstock (escada)

Coordenação de arte: Denis Torquato Edição de arte: Iara Susue Rikimaru Editoração eletrônica: Homart Ilustrações de vinhetas: Daniel Klein Coordenação de revisão: Elaine C. del Nero

Revisão: Ana Paula Felippe, Nair H. Kayo, Nancy H. Dias, Renato da Rocha Coordenação de pesquisa iconográfica: Luciano Baneza Gabarron Pesquisa iconográfica: Cristina Mota, Maria Marques Mendonça

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos

Costa, Marina M. Buzzinaro

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Marcio H. Kamoto,

Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educação para a vida / Ana Paula Severiano...
[et al.] ; organizador CENPEC - Centro de Estudos
e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação
comunitária ; editora responsável : Anna Helena
Altenfelder. – 1. ed. – São Paulo : Moderna,

Outros autores: Danilo Eiji Lopes, Giselle Rocha, Renata Alencar.

Projeto de vida.

1. Autoestima 2. Cultura 3. Educação emocional

4. Educação social I. Severiano, Ana Paula.

II. Lopes, Danilo Eiji. III. Rocha, Giselle.

IV. Alencar, Renata. V. CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.

VI. Altenfelder, Anna Helena.

20-33122 CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação emocional e social 370.115

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904 Vendas e Atendimento: Tel. (0__11) 2602-5510 Fax (0__11) 2790-1501 www.moderna.com.br 2020 Impresso no Brasil

APRESENTAÇÃO

Imagine um quebra-cabeça. Não um quebra-cabeça qualquer. Ao contrário daqueles que têm todas as suas peças guardadas em uma caixa de papelão, o quebra-cabeça do qual estamos falando tem suas peças espalhadas por vários cantos da nossa vida. Como não há caixa, também não temos clareza da imagem que montaremos – a menos que nos ocupemos de juntar peça por peça e buscar suas conexões.

Há outros dois dados interessantes sobre esse quebra-cabeça. Primeiro: ele nunca para de receber novas peças; portanto, está sempre incompleto e exige que o revisitemos com alguma frequência. Segundo: ele é pessoal e intransferível. Isso significa que cada pessoa cria o seu. Algumas peças podem se parecer com as do colega, mas a forma de montar de cada um é única.

Quando pensamos que vocês, estudantes do Ensino Médio, recebem o desafio de construir os seus projetos de vida, logo nos vem a relação com esse quebra-cabeça. Isso porque um projeto de vida é formado por peças que trazem as nossas histórias de vida, os nossos desejos e interesses, os nossos talentos, os lugares onde já moramos, as cidades que já visitamos, a família, as pessoas que nos inspiram, as músicas que gostamos de ouvir, os nossos amigos, as redes sociais em que nos movimentamos virtualmente, o primeiro emprego, as escolas onde estudamos, aquela oficina de teatro que nos marcou, uma notícia de jornal que nos impactou e, claro, aquilo que sonhamos ter e ser. Não devemos, no entanto, romantizar os projetos de vida, pois eles também são impactados por nossos medos, por nossos desafios e pelos limites que os contextos nos impõem.

Não há uma única fórmula ou um único modo de encaixar tantas e distintas peças. Somos nós que, ao juntar peças tão diversas, criamos conexões, associações e construímos coerências para esse conjunto aparentemente tão desconexo.

Este livro vai ajudar você a construir o seu projeto de vida, a encontrar as peças-chave capazes de dar sentido a tudo o que fez, faz e ainda vai fazer. Para isso, você também contará com a ajuda de professores e colegas que serão sua companhia nesta jornada.

MAS, AFINAL: O QUE É UM PROJETO DE VIDA?

"O que você quer ser quando crescer?" Você, certamente, deve se lembrar dos vários momentos em que escutou essa pergunta. E também vai pensar como a sua resposta para ela se transformou com o passar dos anos. Se essa pergunta era feita a você na infância, agora ela exigirá uma reflexão mais aprofundada. E isso tem tudo a ver com projeto de vida.

O psicólogo e pesquisador estadunidense William Damon se tornou mundialmente reconhecido pelo trabalho sobre as juventudes e, durante as suas pesquisas, identificou que um número significativo de adolescentes e jovens não encontram um objetivo na vida e, por isso, não conseguem canalizar todo o seu potencial para a realização de algo. Outros jovens, segundo o pesquisador, até possuem seus planos, mas não sabem como concretizá-los. A sensação de vazio, o desânimo em relação ao futuro ou mesmo a ansiedade excessiva acabam, dessa forma, marcando essa importante fase da vida.

A prática de elaboração de um projeto de vida é, sobretudo, uma orientação para encontrar propósitos para a nossa vida e, a partir deles, elaborar caminhos possíveis para concretizá-los. Dizemos "caminhos possíveis" nos referindo à noção de "campo de possibilidades", veja:

"O campo de possibilidades contradiz a ideia de que a conquista dos projetos de futuro depende somente do esforço pessoal ou da vontade própria do indivíduo, pois nos faz perceber em que 'limites' sociais, culturais e políticos os jovens se movem na construção de seu presente e futuro."

VILLAS, Sara; NONATO, Symaira. Juventudes e projetos de futuro. *In: Coleção Cadernos temáticos:* Juventude Brasileira e Ensino Médio. Organizadoras: Licinia Maria Correa, Maria Zenaide Alves e Carla Linhares, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 19.

Ainda que nem tudo dependa da vontade própria, o projeto de vida, também conhecido como projeto vital ou projeto de futuro, faz com que cada um de nós estabeleça um compromisso e se engaje em um propósito que torna a vida mais satisfatória. Refere-se, portanto, a um modo de produzir comprometimento e responsabilidade não apenas com a carreira, mas também com a família, com a vida comunitária e consigo mesmo.

Aliás, é esse comprometimento responsável que nos permite vislumbrar condições de alargamento do nosso campo de possibilidades.

"Quando falamos de projetos de futuro, percebemos que esses vão se 'desenhando', a partir de um campo de possibilidades, como já citado; mas esse campo não deve ser visto como algo que não pode mudar, pois há oportunidades não esperadas que podemos encontrar no caminho, redes de contato e pessoas com as quais convivemos. Muitas coisas podem interferir nos nossos projetos de futuro, potencializá-los e até mesmo mudá-los."

DAMON, William. *O que o jovem quer da vida?* Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. Tradução de Jacqueline Valpassos. São Paulo: Summus, 2009.

É essa consciência de uma elaboração constante sobre as perspectivas de presente e futuro que acompanha o trabalho sobre a elaboração dos projetos de vida. Portanto, convidamos você, a encontrar o que o estimula e a elaborar, a partir daí, uma primeira versão de seu projeto de vida.

6 motivos para elaborar o seu projeto de vida

Por que se dedicar a pensar sobre o seu projeto de vida?

Para responder a essa pergunta, destacamos algumas razões.



1. Ensino Médio: a hora é agora

Aproveite o Ensino Médio como uma oportunidade de fazer escolhas.

O Ensino Médio, certamente, não será o único momento da vida em que você se dedicará a pensar no seu projeto de futuro. No entanto, nessa etapa, já podemos exercitar conscientemente todo um acervo de conhecimentos e saberes que construímos no percurso escolar básico.

No Ensino Médio, somos convidados não apenas a compreender o percurso já vivido, mas também a assumir responsabilidades e tomar decisões quanto à nossa participação no mundo social e, por extensão, no mundo do trabalho. Obviamente, é uma fase da vida repleta de dúvidas, mas também é o momento em que você já possui algumas competências e habilidades para fazer escolhas profissionais que serão importantes para a sua atuação como cidadão, para a sua sobrevivência e de seus familiares e para a sua realização pessoal.

2. O seu propósito: entender o que o move

Chegamos ao segundo tópico da nossa lista: a realização pessoal. O projeto de vida não diz respeito apenas ao mundo do trabalho, mas também à nossa realização (e o trabalho é parte importante disso). É fundamental, portanto, termos clareza quanto aos nossos propósitos.

O que move você, o que inspira as suas ações? Qual é o seu objetivo na vida? O coração do seu projeto de vida é o seu propósito, aquilo que dá sentido às suas ações. Para identificar o seu propósito, é necessário um trabalho de autoconhecimento: compreender os seus desejos, os seus interesses, os seus talentos, os seus medos, a sua história e o seu contexto.

3. Habilidade estratégica: projetar

Como seguir em direção à realização de seu propósito? Elaborar um projeto de vida vai exigir de você habilidade para projetar caminhos e ações estrategicamente. Para isso, será necessário conectar conhecimentos adquiridos nas várias áreas e também os saberes construídos por meio de outras experiências que marcaram a sua vida. Portanto, "projetar" significa traçar um caminho estratégico de ações que o conduz ao seu propósito. Deixar as coisas "fluírem naturalmente" pode fazer com que você se perca dos seus objetivos de vida.

4. Aguçar o olhar para as oportunidades (e criar algumas outras)

Quando você tem clareza de onde quer chegar, do sentido das suas ações, passa a observar o mundo e suas relações com maior atenção. É pela via desse afinamento do olhar que se torna possível identificar onde estão as oportunidades que podem contribuir para o seu projeto de vida, onde estão as parcerias e como você pode resolver alguns desafios que se apresentarem. Nem tudo vai depender unicamente de você, mas a sua atenção para o que acontece à sua volta terá um papel fundamental nas suas decisões.

5. Abertura e acolhida para o novo

Ter um projeto de vida não significa ter um roteiro fechado para a vida que segue. A vida está em constante movimento e o nosso projeto possui esse mesmo caráter dinâmico. Novidades aparecerão no caminho, acontecimentos e descobertas irão afetá-lo e podem promover mudanças na sua rota. Ter o seu projeto de vida elaborado o torna capaz de fazer atualizações conscientes de caminhos e até mesmo encontrar novos propósitos.

6. Fazer diferença no mundo

Para além das motivações particulares, o propósito de um projeto de vida nobre carrega consigo a ideia de fazer diferença no mundo, de deixar a sua marca positiva. Aqui chamamos a atenção para a articulação da nossa dimensão cidadã e da responsabilidade social que torna o nosso caminho pessoal um caminho de encontro com o outro, com as coletividades.

O QUE VOCÊ VAI ENCONTRAR AQUI?

Entenda esta jornada

Unidade 1

Quem sou: o encontro comigo

Começaremos juntos aqui!

Unidade 2

Expansão e exploração: o encontro com o outro

Autobiografia vida Relações

Textos

Desejos Talentos

Multimodalidade

JUVE Em construção

Eu e outros Relações

Eu e outros Relações

Cooperação Interação Cidade

Cooperação redes OLHAR

Empatia coletividades

Painel de inspirações
Cartografias

Palavra colaborativa

Roda de histórias

Anvore genealogica

Painel de inspirações

Cartas

Roda de histórias

Imagem

Vamos refletir juntos sobre essas ideias e colocar a mão na massa em 10 atividades! Missão: Se conhecer, se expressar mais e melhor. Vamos juntos! Chegaremos juntos aqui!

Unidade 3

Para onde vamos: o encontro com o *nós*

Mapas mentais

Arvore dos desejos

infográficos

infográficos

histórias de vida de trabalho Escolhas autorrealização comunicação quarta Revolução Industrial Industrial

Vamos refletir juntos sobre essas ideias e colocar a mão na massa em mais 9 atividades!

observação
participante
participante
participante
participante
portfólio
portfólio
portfólio
carta de
motivação
motivação

Vamos refletir juntos sobre essas ideias e colocar a mão na massa em mais 8 atividades!

Missão: Compreender-me "em relação a"

Missão: Organizar o plano.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

WEBERSON SANTIAGO

SUMÁRIO



UNIDADE 1 Quem sou: o encontro comigo	10
•	10
CAPÍTULO 1: Autobiografias: narrativas de si	12
Rede conceitual	
Mão na massa	
1. Selfies: imagens de mim	
2. O autorretrato: uma criação biográfica	17
3. Ateliê de autorretratos	23
4. Circuito de escritas: eu, tu e nós	25
Etapa 1: Roda de histórias	25
Etapa 2: Escrever o que escutou	26
Etapa 3: Partilhar	26
Etapa 4: Uma escrita colaborativa – textos em movimento	26
textos em movimento	20
CAPÍTULO 2: Minha identidade	29
Rede conceitual	
Mão na massa	
1. Árvore genealógica	
Etapa 1	
Etapa 2	
Uma outra ideia	
2. Linha do tempo	35
Etapa 1	
Etapa 2	39
Etapa 3	39
CAPÍTULO 3: Meus desejos,	
meus talentos e meus desafios	
Rede conceitual	41
Mão na massa	41
1. Painel de inspirações (ou moodboard)	41
Etapa 1	42
Etapa 2	
Etapa 3	42
2. Mapa mental	
Etapa 1	
Etapa 2	47

Etapa 3	47
Etapa 4	48
3. Brainwriting	49
4. Carta	53
Balanço final	56
UNIDADE 2 Expansão e exploração o encontro com o outro	
CAPÍTULO 1: Territórios e saberes	61
Rede conceitual	
Mão na massa	64
1. Expedição investigativa e hand maps	
Etapa 1: A preparação	
Etapa 2: Saída exploratória	
Etapa 3: A construção do hand map	68
Etapa 4: Socializar	
Etapa 5: Sobreposições e fechamento da atividade.	70
2. A busca pelo outro	72
Etapa 1: Aquecimento e debate	72
Etapa 2: Investigar e descobrir	74
3. Encontro com o outro	77
Etapa 1: Divisão dos grupos	77
Etapa 2: Escolha dos depoentes	80
Etapa 3: Roteiro de entrevista	80
Etapa 4: Execução da entrevista coletiva de história de vida	ດາ
Etapa 5: Apresentação dos resultados	02
das pesquisas	83
CAPÍTULO 2: Jovem cidadão	85
Rede conceitual	85
Mão na massa	86
1. O que nos guia?	86
Etapa 1: Árvore dos desejos	
Etapa 2: Salada de princípios	
Etapa 3: Carta de princípios	
Etapa 4: Combinados do grupo	88
2. Coletivos juvenis	90
3. O que queremos dizer ao mundo?	94

CAPITULO 3: Uma rede em expansão	97	2. Meu futuro em desenho e vídeo	
Rede conceitual	97	Etapa 1: Análise de referência	
Mão na massa	98	Etapa 2: Planeje o conteúdo do vídeo	
1. O universo do trabalho	98	Etapa 3: Elabore o roteiro	
Etapa: Estudo de caso – hortas urbanas		Etapa 4: Grave e edite	
2. Cenário crítico		Etapa 5: Compartilhe	
3. Minha rede intersetorial		3. Escolha sua rota	
Etapa: A figura central do seu mapa		4. Um portfólio para chamar de seu	
Ltapa. A пдага септагао sea тара	100	Etapa 1: Prepare o conteúdo do portfólio	
alanço final	110	Etapa 2: Construa o portfólio	
3		5. Um passo a mais: carta de motivação	
		Etapa: Escreva uma carta de motivação	149
JNIDADE 3 Para onde vamos:		Balanço final	152
encontro com o <i>nós</i>	112		•
		Projeto de intervenção	,
CAPÍTULO 1: Uma jornada para		no território prepara	154
mapear significados e contextos		para o projeto de vida	154
Rede conceitual		Para onde seu projeto	
Mão na massa	115	de vida pode levá-lo	162
Diário de bordo	115	Referências bibliográficas	
1. Painel de significados	115	nerciclicias bibliograficas	
2. Mapa afetivo de pessoas e profissões	120		
Etapa 1: Entrevistas			
Etapa 2: Confecção do mapa	123	7000	
3. Expectativa × realidade	125		
Etapa 1: Diagnóstico de expectativas		F 505	
Etapa 2: Diagnóstico da realidade	126		
Etapa 3: Compare e comprove			
Etapa 4: Compartilhe	127		
CARÍTURAS E		The way	
CAPÍTULO 2: Sonhos em perspectiva:			
diagnóstico de habilidades e de oportunidades	129	A Part of the	
			131
Rede conceitual			
Mão na massa			
1. Minha vocação			
Etapa 1: Mobilizar subjetividades		CHICKEN WAR	
Etapa 2: Do subjetivo ao objetivo			
Etapa 3: Encontro entre habilidades e profissões	133		
	GENERAL STREET		
	Sie A		79
			*
3			*

9

Quem sou: o encontro comigo



• Assista ao videotutorial sobre a dimensão *Autoconhecimento*.

Nesta Unidade, vamos pensar sobre:



Observe os termos da nuvem e responda no caderno.

Respostas pessoais.

- 1. Existe algum termo que você não conhece? Qual?
- 2. Você se identifica com algum termo da nuvem? Justifique sua resposta.
- 3. Você identifica alguma relação entre os termos? Qual relação existe?



Você, provavelmente, já escutou de alguém: "Vocês, jovens, são assim... ou assim". Nesse tipo de fala, de texto, o plural "jovens" possui um sentido de generalização; é como se esse tipo de abordagem colocasse todos os jovens em uma mesma caixa. Para nós, neste livro, o plural tem um sentido completamente diferente, o oposto mesmo. Preferimos sempre nos referir a um grupo de jovens como representantes de juventudes, com "s" no final. Preferimos assim porque entendemos que há diversos modos de viver a juventude.

"... é cada vez mais comum encontrarmos a reivindicação do uso do termo juventudes, que anuncia a necessidade de construir definições que reflitam a variedade de maneiras de viver e perceber a condição juvenil, incorporem a diversidade da realidade dos jovens e se formem a partir da sobreposição das dimensões individuais, sociais, culturais, políticas e econômicas."

HAASZ, Iara; BRANT, Maria; POMEROY, Melissa; SANTOS, Wagner. *Jovens urbanos*: marcos conceituais e metodológicos. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2003. p. 10.

Sempre que nos referirmos a você, jovem, estaremos considerando que você é representante de uma entre tantas outras juventudes. A nossa capacidade de nos reconhecermos como sujeitos em meio à diversidade implica compreendermos a nossa história, a nossa identidade e as condições que nos cercam. A consciência de si é, portanto, uma peça fundamental para a elaboração do seu projeto de vida. Em outros termos, o ponto de partida para encontrarmos as peças perdidas no tempo ou na correria do dia a dia é se autoconhecer. O primeiro encontro, portanto, é consigo mesmo. É disso que trataremos nesta primeira Unidade. Vamos falar aqui sobre **autoconhecimento** e autocuidado.

O que entendemos por "autoconhecimento e autocuidado"?

O autoconhecimento e o autocuidado carregam consigo a ideia de busca contínua pela compreensão de si mesmo, o que envolve, em primeiro lugar, a se aceitar, a se valorizar, desenvolvendo a capacidade de confiar em si, de se apoiar nas próprias forças e de crescer em situações adversas, com resiliência e autonomia, propondo para sua trajetória de vida objetivos claros, de forma planejada.

O autoconhecimento passa por se compreender e se apreciar, o que o conduz a saber lidar com as suas emoções, a ter autocrítica e também segurança. O cuidar de si envolve atenção à saúde física, mental e emocional. Tudo isso diz respeito à nossa capacidade de identificar as situações que nos colocam em perigo e a buscar soluções diante das tantas violências físicas e simbólicas a que estamos sujeitos como viventes deste mundo.

Organizamos a reflexão sobre "autoconhecimento e autocuidado" em três capítulos: "Autobiografia: narrativas de si", "Minha identidade" e "Meus desejos, meus talentos e meus desafios". Em cada capítulo, uma série de atividades vai ajudá-lo a compreender o mais importante componente de seu projeto de vida: **você**.

Não estamos com isso dizendo que você, jovem estudante do Ensino Médio, detém todo o poder para a realização de seu projeto de vida. Todos nós vivemos inseridos em contextos sociais, políticos, econômicos e culturais que criam contornos para as nossas ações. Com isso, formamos, como sujeitos, um tecido social – do qual somos parte e também pelo qual somos impactados.

Nesse sentido, a nossa aposta é que o autoconhecimento se apresenta como um aliado potente para nos fazer perceber a nossa condição de sujeitos em suas múltiplas dimensões: pessoais, afetivas, culturais, sociais, econômicas e políticas. É impossível nos dissociarmos desses múltiplos contornos que nos formam.

A jornada fica muito mais interessante se colocamos a mão na massa, não é mesmo?! Por isso, o pensar e o fazer neste livro caminham juntos, formam uma dupla inseparável. À medida que formos avançando juntos na jornada do autoconhecimento, outras competências e distintos saberes serão articulados com a mediação poderosa de cada atividade proposta nos nossos tutoriais. No final da Unidade, você estará apto a sintetizar tudo o que construiu neste percurso.

Portanto, não se distraia nesta jornada; caminhe junto dos colegas e do professor. O autoconhecimento e o autocuidado, assim como todas as outras competências aqui trabalhadas, serão peças fundamentais para as unidades seguintes, que nos conduzirão ao protótipo de seu projeto vital. Precisamos do seu entusiasmo e da sua vontade para se conhecer, se compreender e se apreciar.



Autobiografias: narrativas de si



Eu te invento, realidade!

Clarice Lispector. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 68.

Rede conceitual

As narrativas são formas de contar histórias. Ao contarmos uma história, criamos um encadeamento lógico de acontecimentos e eventos, compartilhando-o com os outros. Quem são esses outros? O leitor de um livro, o espectador de um filme ou o grupo de colegas para quem você conta um caso no intervalo da aula são alguns exemplos. O fato é que estamos, a todo momento, construindo narrativas.

As autobiografias são narrativas que construímos sobre as nossas próprias vidas. Na condição de narrativas, elas são modos de projetar coerências entre episódios que formam as nossas histórias de vida.

Ainda que as narrativas biográficas, inspiradas em histórias de vida, sejam baseadas no plano da realidade, elas serão sempre moldadas pelo olhar de alguém, representando pontos de vista. É pela via desse olhar de alguém que penetra a imaginação e a invenção, porque, ao interpretar acontecimentos, estamos sempre recriando-os de algum modo.

As narrativas chegam até nós na forma de textos. A palavra "texto" certamente o fez pensar primeiro nas práticas de redação usando palavras. No entanto, o conceito de texto vai muito além das palavras.

Textos são modos de organizar conhecimentos de mundo. Ao assistirmos a uma série televisiva, temos um texto formado por imagens, sons e palavras. Chamamos esse tipo de texto de audiovisual. Ao entrarmos num *site*, vemos textos verbais (aqueles que usam "apenas" palavras) ao lado de infográficos. Os infográficos são textos verbovisuais. E mesmo se pensarmos em uma revista impressa, ou mesmo neste livro, com páginas e páginas de textos verbais, veremos que há uma forma de diagramar, destacando o título e organizando os blocos de palavras em colunas, na maioria dos casos, entremeados com fotografias ou ilustrações. O que destacamos aqui é que, em maior ou em menor grau, todos os textos são multimodais, ou seja, são formados não apenas pela linguagem verbal, mas também por outras linguagens.

Por isso, falar em produção de textos significa considerar os vários tipos de modalidades textuais que podemos criar, orientados para os diferentes contextos e propósitos de comunicação. Além de pensar na criação de textos, precisamos também exercitar a leitura dos mais variados textos (fotografia, quadrinhos, infográfico, poesia visual, cartazes etc.). Todo o debate atual sobre como aprender a ler esses tipos de texto diz respeito a compreender que, se tivermos esse instrumental de leitura de variedades textuais, conseguiremos ser capazes de ler o mundo melhor e com mais autonomia.

Sobre a leitura e a produção de textos multimodais como "poder semiótico": o que queremos dizer com isso?

"É 'poder' saber escrever, desde a alfabetização, mas antes, desde o contato com materiais escritos; é 'poder' manejar linguagens para a produção de sentidos, seja lendo, seja produzindo textos; é 'poder' a percepção de quantas funções e serventias têm o texto e as palavras (além de outras linguagens, como a imagem e o som, por exemplo). É 'empoderar', portanto, oferecer meios para que as pessoas leiam, leiam bem, reajam e produzam textos. E as formas de se fazer isso mudaram ao longo do tempo, incluindo-se mudanças tecnológicas".

RIBEIRO, Ana Elisa. *Escrever, hoje*: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018. p. 84-85.

A seguir, apresentamos uma sequência de quatro atividades. Em suas temáticas, elas se complementam no trabalho sobre a competência do autoconhecimento e do autocuidado. Em seus planos expressivos, as atividades nos permitem exercitar a leitura e a produção de distintas modalidades textuais, tais como: imagens, autorretratos, textos verbais (orais e escritos). É por meio desses textos que começaremos a organizar algumas peças da nossa história.



Mão na massa

1 Selfies: imagens de mim

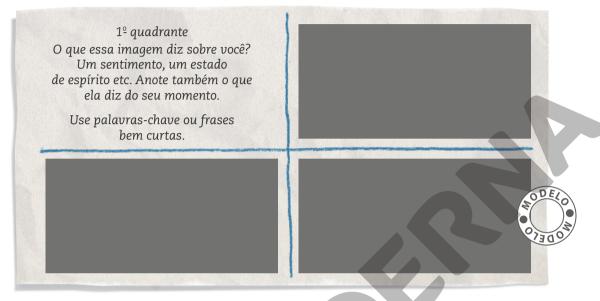


Foto da *performance* de uma *selfie*.

É parte do nosso cotidiano produzir selfies, que nada mais são do que retratos de nós mesmos nas mais variadas situações: em casa, já prontos para sair; em um show; depois do jogo de futebol com os amigos; na lanchonete da escola etc. Produzimos nossas selfies com aparelhos celulares e dali mesmo já compartilhamos a imagem nas nossas redes sociais. Você já parou para pensar no que significam essas imagens que produz e dissemina sobre si mesmo?

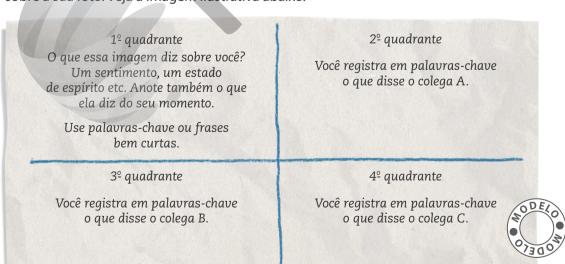
Então, vamos fazer um pequeno exercício.

- **1.** Escolha uma *selfie* que você tenha compartilhado em suas redes sociais. Selecione aquela de que você mais gosta.
- 2. Pegue uma folha de papel e a divida em quatro partes. Veja o exemplo a seguir.
- **3.** Preencha o primeiro quadrante, tendo como base as seguintes perguntas: *o que essa imagem diz de mim? O que ela diz do meu momento?*



Exemplo de folha dividida em quatro partes.

- **4.** A atividade continua em grupos de quatro estudantes. Antes, é importante que toda a turma faça alguns combinados: não interromper a fala dos colegas, concentrar-se na tarefa e respeitar todos.
- **5.** Em uma roda, um estudante mostra a sua *selfie* para os colegas, sem dizer o que anotou em seu papel. Cada colega, então, fala oralmente o que aquela imagem revela sobre o "dono da foto". O "dono" registra em palavras-chave uma síntese do que disse cada um sobre a sua foto. Veja a imagem ilustrativa abaixo.



LUSTRAÇÕES: DANIEL CABRAI

- **6.** Em um mesmo grupo, essa dinâmica se repete quatro vezes, para que todos os participantes tenham, ao final, a sua folha preenchida.
- 7. Preenchidas as folhas, toda a turma se reúne em uma roda para uma reflexão coletiva, realizada com a mediação do professor. Algumas perguntas serão fundamentais para todos pensarem juntos. Destacamos a seguir algumas delas, que podem ajudar você e seus colegas a pensarem melhor sobre as várias imagens que produzimos de nós e sobre as várias leituras que fazemos do outro.
 - a) O que as selfies representam: a vida real ou a vida ideal?
 - **b)** Qual é o comportamento da sociedade que está escondido na imensa quantidade de *selfies* compartilhadas no cotidiano?
 - **c)** O que eu intenciono representar sobre mim é percebido por meus colegas? O que coincide das nossas visões e o que não coincide?
 - d) Eu sou capaz de exercitar a empatia ao olhar para o outro?
 - e) Será que quando eu falo do outro eu também estou falando de mim?

Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Identificar os próprios interesses e necessidades.
- Conhecer-se como estudante, identificando por que, com quem e como estudar e aprender.
 Objetivo: Refletir sobre a imagem que tenho de mim mesmo e o que projeto para os outros.
 Justificativa: Espera-se que você consiga adquirir a consciência de que a imagem é um texto heterogêneo construído, que comunica ações, sensações e intenções. E, por isso, a importância de sabermos como nos revelamos para o outro e nas mídias.

✓ Competência geral:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

✓ Competência específica de Linguagens:

7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG503) Vivenciar práticas corporais e significá-las em seu projeto de vida, como forma de autoconhecimento, autocuidado com o corpo e com a saúde, socialização e entretenimento.

(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

(EM13LGG702) Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.

(EM13LP19) Apresentar-se por meio de textos multimodais diversos (perfis variados, *gifs* biográficos, biodata, currículo *web*, videocurrículo etc.) e de ferramentas digitais (ferramenta de *gif*, *wiki*, *site* etc.), para falar de si mesmo de formas variadas, considerando diferentes situações e objetivos.

(EM13LGG503) Vivenciar práticas corporais e significá-las em seu projeto de vida, como forma de autoconhecimento, autocuidado com o corpo e com a saúde, socialização e entretenimento.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Você acabou de realizar um debate em torno das selfies como autorrepresentações compartilhadas nas redes sociais; essa atividade introduz o trabalho sobre a macroárea temática do Multiculturalismo. Deste macrocampo, a atividade proposta favorece a educação para a valorização do multiculturalismo, na medida em que provoca você a se perceber e a perceber os seus colegas em meio à diversidade cultural brasileira.

2 O autorretrato: uma criação biográfica

Na atividade anterior, tematizamos a *selfie*, uma forma de registro pessoal bastante familiar para nós. A *selfie* é um tipo de autorretrato. Ao longo da história, vemos muitos pintores, por exemplo, que se dedicaram a criar seus autorretratos. Conheça alguns deles.

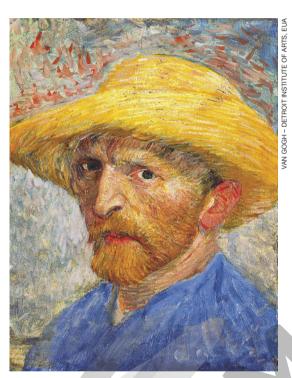
Leonardo da Vinci (1452-1519) é conhecido como um grande inventor. Era pintor, escultor, anatomista, arquiteto, matemático, engenheiro, astrônomo etc. A lista de saberes que Da Vinci colocava em prática é bem longa e fez dele um dos grandes nomes do período Renascentista. Na pintura, sua obra mais célebre é a Monalisa (1503-1506).

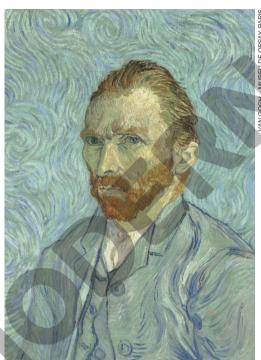
A imagem a seguir é de um suposto autorretrato que produziu entre 1512 e 1515, utilizando giz vermelho.



Leonardo da Vinci. Autorretrato, $33 \text{ cm} \times 22 \text{ cm}$, 92 cm, 93 cm cobre papel, c. 1512-15.

Os autorretratos foram muito explorados pelo pintor **Vincent van Gogh** (1853-1890). Em sua curta vida (morreu aos 37 anos de idade), ele pintou cerca de 35 autorretratos. Van Gogh desenvolveu um estilo de pintura próprio, não se vinculando oficialmente a nenhuma vanguarda artística do modernismo. No entanto, viveu em meio à efervescência dos primeiros anos de uma pintura que investigava novas técnicas e novos temas. É considerado um pintor pós-impressionista. As obras de Van Gogh demonstram bem sua mente turbulenta, sua efervescência criativa e sua introspecção. Em pouco mais de uma década de dedicação à pintura, produziu mais de 2.000 obras (entre pinturas a óleo, aquarelas, desenhos e esboços).



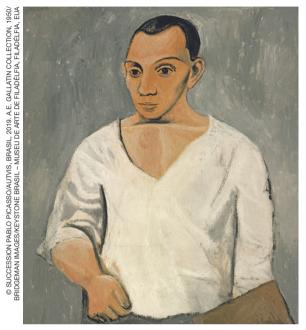


À esquerda: Vincent van Gogh. *Autorretrato*, 34 cm \times 26,7 cm, óleo sobre tela em painel, 1887. À direita: Vincent van Gogh. *Autorretrato*, 65 cm \times 54,5 cm, óleo sobre tela,1889.

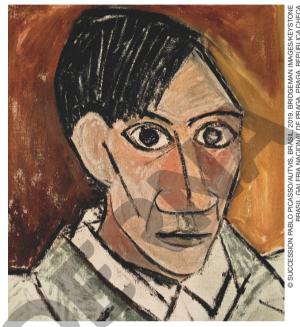
Pablo Picasso (1881-1973) é considerado um dos pintores mais geniais do século XX. Seu nome está diretamente associado ao cubismo, uma importante vanguarda artística modernista que abriu um novo caminho para a representação visual. Nas pinturas e nas esculturas cubistas, as pessoas, os objetos e as cenas do mundo eram representados de vários ângulos simultaneamente. O que o cubismo fez, com a participação direta de Picasso, foi reinventar um modo de pintura radicalmente diferente da perspectiva realista que até então predominava.

O cubismo foi um movimento artístico que durou de 1907 a 1917. No entanto, a produção do catalão Pablo Picasso foi muito além desse período. Seu particular olhar sobre o mundo permanece nas mais de 13.000 pinturas e desenhos, nas 100 mil gravuras e nas centenas de esculturas e cerâmicas. Ao expressar o olhar dele sobre o mundo, também expressou o olhar sobre si mesmo. Estamos falando aqui dos inúmeros autorretratos que produziu nas várias fases de sua vida.

Para você conhecer um pouco da trajetória de Pablo Picasso, separamos a seguir três autorretratos do pintor. Observe cada um deles e reflita. Considere as datas em que as pinturas foram criadas. Nas duas primeiras, ele era um jovem de 25 e 26 anos. Aqui destacamos exatamente dois momentos bem próximos: um anterior ao cubismo e outro já inserido nesse movimento artístico. Na última pintura, o artista se mostra aos 84 anos.



Pablo Picasso. *Autorretrato com paleta*, 91,9 cm \times 73,3 cm, óleo sobre tela, 1906.



Pablo Picasso. *Autorretrato*, 56 cm × 46 cm, óleo sobre tela, 1907.



Pablo Picasso. Homem sentado, 99 cm \times 88 cm, óleo sobre tela, 1965.

Como Picasso se representou em cada uma das obras? O que ele diz de si mesmo? O que ele diz sobre a expressividade da pintura? Pense sobre isso.

A obra da pintora mexicana **Frida Kahlo** (1907-1954) se alimenta de sua própria biografia, e os autorretratos se estendem por quase todo o seu trabalho criativo. Frida tinha poliomielite, e sua mobilidade ficou ainda mais prejudicada em função de um acidente de trânsito sofrido na adolescência. Isso lhe rendeu toda uma vida de sofrimento com as constantes dores na coluna e as várias cirurgias pelas quais passou. Além disso, o casamento de Frida com o escultor e muralista Diego Rivera era marcado por tumultos e traições.

As pinturas de Frida possuem cores alegres e vibrantes, retratam com frequência sua vida com momentos festivos, a família e os amigos. No entanto, o conjunto de sua obra tem como marca o seu estado quase permanente de sofrimento, em virtude das dores físicas e das traições amorosas.



Frida Kahlo. As duas Fridas, 173,5 cm \times 173 cm, óleo sobre tela, 1939.

Você, provavelmente, se surpreendeu com a pintura de Frida que apresentamos agora, certo?! A pintora tem muitos autorretratos, mas destacamos aqui, de propósito, um dos exemplos mais desconcertantes. Na obra, a artista se duplica na tela. Observe e reflita: o que diferencia essas "duas Fridas"? O que as conecta? Qual é o sentimento que essa obra comunica?

Agora que você conheceu alguns autorretratos criados com a expressividade da pintura e do desenho, troque percepções com seus colegas. O que os artistas queriam com os autorretratos? O que mostram suas obras? Como a imagem pode comunicar sentimentos e sensações?

Os autorretratos são representações que expressam determinadas características de seu autor. Por vezes, focam em atributos físicos, criando imagens bem próximas às fotografias; são imagens ditas figurativas, ou seja, imagens produzidas com bastante proximidade do mundo visível, da aparência objetiva das coisas e pessoas.

Em outros momentos, no entanto, o autorretrato quer representar o mundo mental de seu autor, expressando características "invisíveis". Por exemplo: tristeza, melancolia, alegria, solidão etc. Os autorretratos também não precisam ser fiéis à realidade, eles podem inventar, projetar desejos e sonhos de seu autor: fantasiar.

Na literatura, temos vários exemplos de textos verbais que tematizam o autorretrato. São formas de traduzir em palavras questões biográficas – reais ou imaginadas – de seu autor. Leia abaixo o poema de Mario Quintana (1906-1994), intitulado "Autorretrato".



No retrato que me faço às vezes me pinto nuvem, às vezes me pinto árvore... às vezes me pinto coisas de que nem há mais lembrança. ou coisas que não existem e, desta lida, em que busco minha eterna semelhança, no final, que restará?

QUINTANA, Mario. "Autorretrato". In: Apontamentos de história sobrenatural. Rio de Janeiro: Globo, 1984.

- traço a traço mas que um dia existirão... - pouco a pouco -Um desenho de criança... Terminado por um louco

O que significa dizer "me pinto nuvem", "me pinto árvore"? Temos aqui exemplos de metáforas que são imagens projetadas por palavras. As metáforas criam um paralelismo, aparentemente, inusitado. Uma pessoa representada como nuvem pode significar alquém leve, que se desloca suavemente fora do chão. Seria bem diferente de uma pessoa-árvore, com raízes bem presas ao solo. Veja como as palavras, na forma de metáforas, criam uma imagem sobre esse alguém.

No poema de Quintana, temos também outros pontos que podemos destacar sobre um autorretrato. O fato de ele pintar "coisas que não existem / mas que um dia existirão". Estamos novamente destacando que os autorretratos também podem expressar desejos e esperanças que nos habitam.

Outro poeta, Manoel de Barros (1916-2014), também criou um autorretrato em forma de poesia. Nesse poema, vemos dados da vida do autor se misturarem à sua atmosfera de criação.





Autorretrato falado

Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas.

Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci.

Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão, aves, pessoas humildes, árvores e rios.

Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos.

Já publiquei 10 livros de poesia: ao publicá-los me sinto meio desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.

Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo.

Não estou na sarjeta porque herdei uma fazenda de gado.

Os bois me recriam.

Agora eu sou tão ocaso!

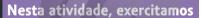
Estou na categoria de sofrer do moral porque só faço coisas inúteis.

No meu morrer tem uma dor de árvore.

BARROS, Manoel. "Autorretrato falado". In: Poesia completa. São Paulo: Leya, 2011.

É importante compreendermos que, na poesia e em suas metáforas, não há apenas um significado. Há um leque de possibilidades interpretativas que esses tipos de texto fazem chegar a nós. O que significa para você "No meu morrer tem uma dor de árvore"?

Em síntese, os autorretratos podem revelar as características mais concretas e visíveis de nossas biografias, isto é, os autorretratos vinculam-se a uma forma de autoconhecimento (descoberta de aspirações, interesses, desafios pessoais, desejos). Trata-se de um encontro com nós mesmos com estreito vínculo à dimensão pessoal. É o retrato de nosso mundo interior!



✓ Vivências:

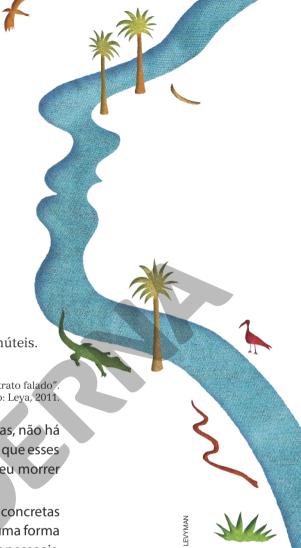
- Autoconhecimento (descoberta de aspirações, interesses, potenciais e desafios pessoais): o encontro consigo, com ênfase na dimensão pessoal.
- O autoconhecimento deve ser entendido como busca contínua pela compreensão de si mesmo, o que envolve aprender a se aceitar, a se valorizar, desenvolvendo assim a capacidade de confiar em si, de se apoiar nas próprias forças e de crescer em situações adversas, sendo resiliente e autônomo, estabelecendo objetivos, de forma planejada, para a sua vida.
- Conhecer-se, compreendendo as próprias emoções e como lidar com elas.

Objetivo: Conhecer-se, apreciar-se, reconhecendo suas características físicas, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Justificativa: É necessário que você consiga perceber a si mesmo, com suas imperfeiçoes e perfeições.

✓ Competência geral:

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.



✓ Competência específica de Linguagens:

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

✓ Habilidade de Linguagens:

(EM13LGG201) Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Você explorou autorretratos produzidos nos campos da literatura e das artes pictóricas, a fim de aprofundar o conhecimento sobre a temática do Multiculturalismo. A atividade realizada fortalece a compreensão da diversidade cultural e também a compreensão das matrizes históricas e culturais brasileiras que nos compõem na condição de sujeitos culturais.

3 Ateliê de autorretratos

Este é o momento de soltar a imaginação para criar um autorretrato.

O desafio é criar uma imagem que o represente.

Para isso, não é preciso saber desenhar. É preciso disposição para experimentar, colocar a mão na massa.

Atente-se às dicas:



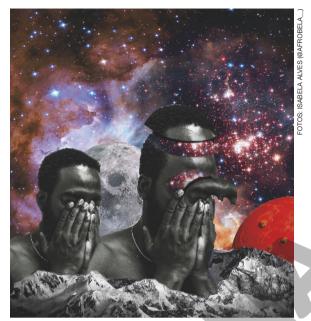
- Mais do que se parecer visualmente com você, o autorretrato deve traduzir um "estado de espírito", ou seja, o seu astral, o seu sentimento.
- Você pode levar para o seu autorretrato coisas do mundo que o inspiram.
- Utilize cores, desenhe, pinte e/ou faça colagens para traduzir visualmente o que você quer destacar sobre si mesmo.
- Não vai caber tudo em uma única imagem; então, destaque os aspectos de sua personalidade que você julga mais importantes.
- Antes de começar, faça uma listinha das suas características que você gostaria de ter representadas nesse autorretrato.
- · Não tenha medo da folha em branco: comece!
- Quando terminar, crie um título para o seu autorretrato.

Apresentamos a seguir quatro obras da artista contemporânea Isabela Alves. Nos autorretratos, Isabela utiliza técnicas de colagem com intervenções gráficas digitais. Observe nas imagens as posições dadas à figura humana. Em dois casos, trabalha-se a repetição da imagem da mulher como uma estratégia de visualidade. Vale ainda observar o uso criativo que a artista faz do fundo/cenário. Ele é um espaço visual importante para compor a representação, pois nos ajuda a trabalhar a atmosfera de sentimentos e sensações pretendida em um dado texto visual.





Isabela Alves. Caos, colagem digital, 2019.



Isabela Alves. Homens negros, colagem digital, 2019.



Isabela Alves. Mulher das matas, colagem digital, 2019.



Isabela Alves. Cabocla Jurema, colagem digital, 2019.

Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Autoconhecimento (descoberta de aspirações, interesses, potenciais e desafios pessoais): o encontro consigo, com ênfase na dimensão pessoal.
- O autoconhecimento deve ser entendido como busca contínua pela compreensão de si mesmo, o que envolve aprender a se aceitar, a se valorizar, desenvolvendo assim a capacidade de confiar em si, de se apoiar nas próprias forças e de crescer em situações adversas, sendo resiliente e autônomo, estabelecendo objetivos, de forma planejada, para a sua vida.
- Conhecer-se, compreendendo as próprias emoções e como lidar com elas. Objetivo: Aprender a representar-se utilizando diversas técnicas artísticas.

Justificativa: É essencial que vocês consigam se expressar e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

✓ Competência geral:

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

✓ Competência específica de Linguagens:

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

✓ Habilidades de Linguagens:

(EM13LGG201) Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

✓ Tema contemporâneo transversal:

O exercício que você fez sobre criação de autorretratos, considerado um tipo de narrativa biográfica, oportuniza sua progressão de conhecimento sobre a macroárea temática do Multiculturalismo. Deste macrocampo, a atividade realizada fortalece em você a compreensão da diversidade cultural e também a compreensão das matrizes históricas e culturais brasileiras que nos compõem na condição de sujeitos culturais.

4 Circuito de escritas: eu, tu e nós

A quarta e última atividade deste capítulo se subdivide em quatro grandes etapas. A seguir, explicamos detalhadamente cada uma das etapas dessa atividade.

Como a atividade propõe quatro grandes etapas, divida-as em distintos encontros.

Etapa 1:

Roda de histórias

A roda de histórias é uma metodologia criada pelo Instituto Museu da Pessoa, localizado na cidade de São Paulo, SP. O museu tem como acervo principal histórias de vidas de pessoas diversas. Para ter a história guardada nesse museu tão especial, não é preciso ser famoso; lembranças de "pessoas comuns" são registradas e compõem uma rede colaborativa sobre a nossa memória social.

É importante pensarmos que todos nós carregamos histórias vindas de acontecimentos que marcaram a nossa vida. Os acontecimentos que nos marcam não são necessariamente tristes: podem também ser episódios felizes, momentos de descobertas e até mesmo fatos engraçados que vivenciamos. Temos dentro de nós uma coleção de eventos diferentes.

V/4 |4|

O acervo do Museu da Pessoa está todo disponível on-line. Vale a pena visitar a página do museu e conhecer um pouco das histórias de vida que lá se encontram. Disponível em: https://www.museudapessoa.net/pt/ home>. Acesso em: 27 dez. 2019.

A roda de histórias funcionará da seguinte forma: todos os participantes se reunirão em um círculo. Cada um contará a história de um acontecimento ou episódio de sua vida.

Antes de começar a roda, é importante conhecer algumas regras básicas:

- **I.** Ser espontâneo e contar a história do seu jeito. Cada um tem uma forma de se expressar, e todos estão cientes disso.
- **II.** Não há um tempo previsto para cada um contar a sua história. Alguns são mais sintéticos, outros se prolongam mais. No entanto, é preciso ter consciência no uso do tempo para garantir que todos tenham a oportunidade de compartilhar as suas histórias.
- III. A escuta do outro é uma habilidade muito importante nesta atividade. Por isso, evite interromper a fala de alguém.
- IV. Ao iniciar sua fala, o participante da roda deve dizer: "Sou Fulano e vou contar a minha história". Quando finalizar o relato, deve dizer: "Sou Fulano e contei a minha história". Essas são as "deixas" que sinalizam o início e o término de cada história.
- **V.** É importante não julgar nem discutir os acontecimentos narrados pelos colegas.
- **VI.** A roda de histórias não deve ser interrompida, e todos devem manter sua atenção nos acontecimentos narrados pelos colegas. Por isso, não vale mexer no celular, levantar-se, escrever, desenhar e conversar durante a atividade.

Etapa 2:

Escrever o que escutou

Encerrada a etapa da roda de histórias, a segunda parte do nosso trabalho será a de retextualizar. Ou seja: a partir das histórias partilhadas oralmente pelo grupo, compor um novo texto, desta vez em formato escrito.

Ou seja, escolha a história de um colega e a reconte em um texto escrito.

A escrita deve ser feita em uma folha avulsa, previamente distribuída pelo professor.

Importante: você vai recontar a história do seu jeito, como se lembra dela. Não vale tirar dúvidas com o colega que a contou.

Etapa 3:

Partilhar

Nesta etapa, todos os participantes vão ler para a turma seus textos.

Após a partilha das leituras, organizem um debate sobre a atividade da escrita. É um momento importante que, certamente, vai estimular algumas descobertas!

Etapa 4:

Uma escrita colaborativa – textos em movimento

A última etapa da atividade "Circuito de escritas: eu, tu e nós" se inicia com os participantes compondo um círculo.



Cada estudante deverá passar para o colega à sua esquerda a sua folha com o texto que produziu.

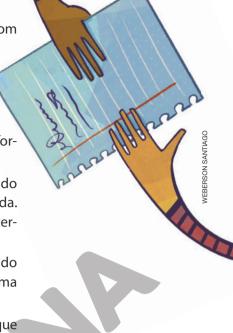
Nesta folha, o estudante que a recebeu pode:

- · continuar livremente a história; e/ou
- fazer cortes, riscar palavras; e/ou
- fazer acréscimos (puxando setas do meio do texto e acrescentando informações).

Para essas intervenções no texto, são destinados 15 minutos. Transcorrido esse tempo, o participante deverá entregar a folha ao colega da esquerda. E o ciclo se repete mais três vezes, fazendo com que cada texto tenha a intervenção de quatro colegas.

Feito isso, um quinto colega recebe o texto e o "passa a limpo", considerando as várias intervenções realizadas. E, por fim, uma nova leitura para toda a turma é feita.

Nesta etapa, é importante entendermos que a história não é mais daquele que a contou ou daquele que a recontou. Ela é de todos. Converse com o professor e os colegas sobre o que achou desta atividade.



Se achar oportuno, inicie um debate sobre a atividade.



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- O autoconhecimento deve ser entendido como busca contínua pela compreensão de si mesmo, o que envolve aprender a se aceitar, a se valorizar, desenvolvendo assim a capacidade de confiar em si, de se apoiar nas próprias forças e de crescer em situações adversas, sendo resiliente e autônomo, estabelecendo objetivos, de forma planejada, para a sua vida.
- Conhecer-se, compreendendo as próprias emoções e como lidar com elas.
- Reconhecer as próprias forças e apoiar-se nelas, reconhecendo também a importância do convívio com o outro.

Objetivos: ativar a escuta para a narrativa do outro; produzir uma narrativa biográfica.

Justificativa: a atenção ao ouvir a história de vida do colega promove a empatia e o respeito.

✓ Competências gerais:

- 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- 4. Utilizar diferentes linguagens verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

✓ Competência específica de Linguagens:

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG201) Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/ audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

(EM13LP15) Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

(EM13LP16) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

(EM13LP47) Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

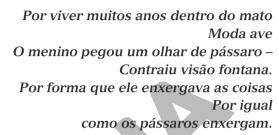
✓ Tema contemporâneo transversal:

O Multiculturalismo se torna mais evidente na atividade que você acabou de realizar, na medida em que ela solicita reescritas e retextualizações. A cada novo texto gerado, você pôde notar uma lente cultural que se revela, ao mostrar um atributo importante do modo como percebemos as distintas identidades culturais: quando falo do outro, estou também, e principalmente, falando de mim.





Minha identidade



Manoel Barros. "Canção do ver". *In. Poesia completa.* São Paulo: Leya, 2011.



Este capítulo acrescenta mais uma camada para o autoconhecimento e o autocuidado. Trata-se de uma camada que propõe que você, jovem, se perceba de um outro ponto de vista: o ponto de vista de interação com os outros.

A família, a escola e os territórios onde vivemos participam diretamente da constituição do "Eu" de cada um. A dimensão do "Eu" não é uma "essência" fixa e estável. Ela está em constante transformação, à medida que ampliamos nosso campo de experiências com o mundo e as pessoas. Estamos falando aqui de **identidade**: algo que gera em cada um de nós um sentimento de pertencimento. Pertencer não é se sentir igual, mas se perceber em meio à diferença e à diversidade. O entendimento de si passa, portanto, pelo entendimento do outro.

Tanto a família quanto a escola e os territórios, na condição de espaços sociais em que relações e vínculos são estabelecidos, nos mostram de distintas formas diferenças entre gerações, diferenças ideológicas, diversidades culturais, de gênero e étnico-raciais – apenas para situar alguns exemplos.

Por isso, entender a nossa formação familiar e a nossa ancestralidade é um modo de compreendermos a constituição de nossas identidades. O entendimento do lugar onde vivemos na perspectiva do território vai além de sua delimitação geográfica; passa também por entendê-lo como um espaço apropriado, sobre o qual atuamos e exercitamos o que é próprio da vida social: as constantes negociações, os conflitos, o fato de serem ao mesmo tempo algo pessoal e coletivo. Em relação ao território, temos uma dimensão identitária geradora de um "sentimento de pertencer àquilo que nos pertence", nas sábias palavras do geógrafo Milton Santos.

Neste olhar para a sua identidade como modo de se conhecer, a escola possui uma função pedagógica, uma vez que também participa da construção de tal percepção.

"Entendemos que parte fundamental do sentido da escola se relaciona à ação de tornar algo comum. Não apenas para difundir conhecimento – tornar algo conhecido –, mas como uma operação que, situando o mundo entre os sujeitos, provoca-os a pensar sobre ele em diálogo com os outros e, a partir disso, possibilita a emergência de algo novo, que só pode ser produzido no encontro entre os diferentes."

ZANELLI, Fernanda Fragoso; SANTOS, Wagner Antonio dos (org.). *Itinerário para as juventudes e a educação integral em Minas Gerais* – parte 2: gestão democrática, currículo e mudança educacional. 1. ed. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2018. p. 48.



Mão na massa

1 Árvore genealógica

Nosso quebra-cabeça está começando a tomar forma. Juntamos algumas pecinhas que constituem um pouco de você: sua *selfie*, seu autorretrato, a escrita sobre si e a escrita sobre o outro.

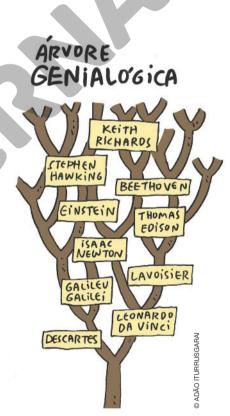
Você e seus colegas exercitaram diversas formas de olhar para si. O que essas reflexões os fizeram pensar? Dizem muito sobre você ou ainda dizem pouco? Que tal produzir mais sobre você mesmo? Agora vamos somar mais uma peça a esse painel.

- Você já ouviu falar de árvore genealógica? Veja o cartum ao lado para começarmos uma reflexão.
- Você reparou no título do cartum? O que ele diz a você? Converse com seu colega do lado e troquem impressões.
- Vocês sabem quem são as pessoas listadas nos galhos da árvore? Repararam que Leonardo da Vinci está em um deles? Vocês podem perguntar ao professor quem são essas pessoas ou, então, pesquisar juntos.
- Eles são parentes? Por que será que foram escolhidos para estar nessa árvore? Que relação há na escolha desses nomes?

Descobriram quem são eles? Pois é! Não há nenhum grau de parentesco entre eles, mas Adão Iturrusgarai, o autor dessa tirinha, tinha muita admiração por essas pessoas e criou uma árvore "gen<u>i</u>alógica", com "i". Ele fez uma brincadeira/um trocadilho com a árvore genealógica. Para ele, essas pessoas são suas referências.

Muito legal poder construir uma árvore das nossas referências de gostos e estilos, não é? Em outro capítulo, vocês farão algo próximo a isso!

Mas agora o desafio é construir uma árvore sobre a sua história familiar. Aliás, o que chamamos de "árvore genealógica" é mesmo um modo de sistematizar as nossas origens familiares. O que o cartunista fez foi reinventar isso, compondo uma árvore daquelas pessoas que ele considera geniais (daí, árvore "genialógica").



Field

Trocadilho: Sabe quando duas palavras têm um som parecido, mas os significados são totalmente diferentes? Pois é: isso é um trocadilho, uma forma inteligente e, na maioria das vezes, bem-humorada de jogar com as palavras.

O trocadilho é também chamado calembur, que vem do francês calembour. É um tipo de figura de linguagem de nome um pouco complicado: paronomásia.

As nossas origens revelam muito do que gostamos, do que fazemos, do que pensamos e do modo como vivemos. Será que você tem uma avó ou um bisavô indígena? Ou será que eles são descendentes de africanos? Talvez tenham vindo de outra região ou estado do Brasil. O que as histórias dos nossos antepassados revelam sobre nós?

Vamos fazer a árvore da sua família?



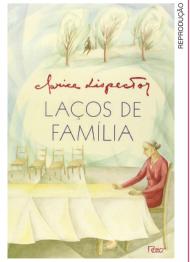
Etapa 1:

Você precisará realizar uma pesquisa com sua família. Tente descobrir quem são (ou foram) seus familiares: tios, tias, avós, avôs, bisavôs, bisavós, tataravôs, tataravós, tios-avôs, tias-avós.

Essa pesquisa não precisará ser feita em um dia ou somente com uma pessoa. Você pode conversar com diferentes pessoas da sua família ou que vivem com você. Vizinhos e amigos sabem muito sobre quem somos e de onde viemos. Pense nas pessoas com quem você se sente à vontade para perguntar e investigar de onde veio.

Na estante

Você sabia que vários autores da literatura escreveram sobre relações familiares? Um livro de contos bem conhecido é *Laços de família*, da escritora Clarice Lispector.



Capa da edição do livro *Laços de família*, publicação da editora Rocco de 1998. Publicado pela primeira vez em 1960, o livro traz treze contos, hoje tidos como clássicos.

Vá lá!

Na internet, há alguns sites especializados nas buscas sobre nossos antepassados. Você conhece algum? Se sim, compartilhe com os colegas.

Etapa 2:

Após pesquisar sobre os seus antepassados, é o momento de pensar como será a sua árvore. Será uma árvore frondosa cheia de galhos e folhas? Será uma árvore pequena, porém firme? Ou talvez uma árvore com muitos galhos e poucas folhas, como as do inverno? Muitas são as formas de expressarmos a história da nossa família e nossas origens.

Na sua árvore, você desenha os laços familiares que compõem a sua história. Podem ser laços firmes e consistentes, ou nem tanto assim. Podem ser laços biológicos ou não. A história de cada um é única, e é ela que nos faz ser quem somos. Não tenha receio de registrar o que conseguiu descobrir sobre si e sobre os seus familiares.

Uma outra ideia

Aqui nós vamos apresentar uma outra possibilidade para o registro de sua genealogia, ou seja, uma outra forma para materializar as informações que você colheu sobre a história da sua família.

Você já viu esses bonequinhos de papel unidos pelas mãos? Veja o exemplo:



Que tal construir essa corrente de bonequinhos que conte a história dos seus ancestrais? Você será um bonequinho; sua mãe, o outro; sua avó materna, o outro; e assim por diante. É possível que algum colega saiba fazer esse tipo de recorte. Se não souber, o professor poderá ajudar você.

A ideia com os bonequinhos é construir uma sequência de elos familiares que comece com você, depois alguém acima de você (seu pai, sua mãe ou quem o criou) seguido daqueles(as) que vieram antes.

Você pode desenhar características dos seus familiares e ir fazendo sua rede familiar. Quais integrantes da família usam óculos? Vocês têm algum objeto que passa de um para outro, acompanhando diferentes gerações? Será que a música constitui um laço entre vocês? Que outras opções de registro em forma de imagem podem garantir que esses bonequinhos sejam a representação do seu núcleo familiar? E lembre-se: devemos entender família como o grupo de pessoas que nos cria, nos educa e nos forma.

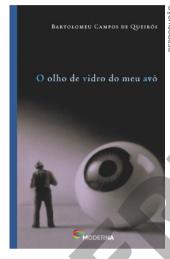
Na estante

Muitas pessoas já registraram seus vínculos, dissabores, enlaces e desenlaces familiares no mundo literário. Quer conhecer?

O escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012) escreveu dois livros pensando na sua história familiar: *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*. No primeiro, ele conta as memórias do seu avô paterno e no segundo, as memórias de seu avô materno.

Em entrevista, o escritor fala da importância de seus avós que inspiraram esses dois livros.





Capa do livro *O olho de vidro* do meu avô, do escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós. São Paulo: Moderna, 2004.

Capa do livro *Por parte de pai*, do escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós. Belo Horizonte: Editora RHJ, 1995.

Bartolomeu Campos de Queirós: sobre os dois avós

"Eu tinha um avô, de parte de pai, que era Joaquim Queirós, que era um cara que eu fui criado por ele durante um certo tempo. Morava com ele. Eu era o neto preferido dele. E ele era um cara que ele ganhou a sorte grande na loteria. Nunca mais trabalhou. E era um pensador. Ele vivia na janela da minha casa olhando o povo passar e observando a cidade. Observava muito a cidade e escrevia nas paredes da casa tudo o que acontecia na cidade. As notícias que ele recebia de quem viajou, de quem casou, de quem morreu, de quem aconteceu um desastre, uma coisa qualquer. Então, ele escrevia nas paredes da casa. Foi aí também que eu aprendi a ler com ele. O meu primeiro livro foi a parede da casa do meu avô. Lá eu aprendi a ler. Esse era o meu avô por parte de pai.

E meu avô por parte de mãe chamava Sebastião Brasileiro Fidelis Campos. E ele era homeopata, e tinha um olho de vidro. Que também era uma coisa que me intrigava muito: como é que ele tinha um olho, para que é que servia um olho de vidro. E era um cara mais sério, mais reflexivo. E andava só de terno branco de linho com uma bengala. E minha avó, que chamava Lavínia, mulher dele, a função dela era lavar os ternos brancos. E é por isso que ela chamava Lavínia; lavar os ternos e passar para ele sair. Ele era mais rigoroso, mas eu me dava bem com ele também."

MUSEU DA PESSOA. Entrevista de Bartolomeu Campos de Queirós. Disponível em: https://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/o-silencio-entre-as-palavras-47566>. Acesso em: 23 nov. 2019.

A escritora Conceição Evaristo (1946-) expressa, no poema "Vozes-mulheres" (do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*), a história de sua família, que é também a história de tantas famílias brasileiras com ascendência africana. Em seus versos, está presente um sentimento identitário que se forma em parte significativa da população negra no Brasil. Vemos um posicionamento que se forma pelo histórico de escravidão e pelos limites impostos pelas desigualdades decorrentes dessa história, marcada por discriminação e privações. Temos, neste poema, um deslocamento necessário da história particular de uma família para a história de toda uma coletividade, deslocamento tecido por meio da potência expressiva da literatura.



Capa do livro *Poemas da* recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.



Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. Ecoou lamentos de uma infância perdida. A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo. A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela A minha voz ainda

ecoa versos perplexos com rimas de sangue

e

fome.

A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância O eco da vida-liberdade.

> EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação* e outros movimentos. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017. p. 10-11.

Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Autoconhecimento (descoberta de aspirações, interesses, potenciais e desafios pessoais): o encontro consigo, com ênfase na dimensão pessoal.
- A investigação sobre si mesmo por meio de vivências (práticas individuais e coletivas) com enfoque nos sonhos, interesses e motivações dos estudantes no âmbito individual e na interação com os demais.
- Reconhecer as próprias forças e apoiar-se nelas, reconhecendo também a importância do convívio com o outro.

Objetivo: Conhecer a sua própria história através da história da sua família.

Justificativa: O autoconhecimento é uma busca contínua pela compreensão de si mesmo, que envolve conhecer a história dos seus antepassados e como essas narrativas nos marcam e estão presentes em nós.

√ Competências gerais:

- 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

✓ Competência específica de Linguagens:

2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

✓ Habilidades de Linguagens:

(EM13LGG201) Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Você pôde criar uma árvore genealógica que articula duas macroáreas temáticas: Multiculturalismo e Cidadania e Civismo. Sobre a primeira macroárea, trata-se de um exercício de progressão do conhecimento acerca da diversidade cultural brasileira já introduzido em atividades anteriores. A segunda macroárea articulada nesta atividade introduz a vida familiar como componente do autoconhecimento – recorte prioritário da Unidade 1. A Vida Familiar e Social constitui, portanto, em uma das temáticas transversais pertencentes ao macrocampo Cidadania e Civismo.

2 Linha do tempo

Para finalizar este segundo capítulo, vamos ajudá-lo a encontrar novas e importantes peças para o seu quebra-cabeça. Vamos fazer aqui uma linha do tempo – uma boa forma de organizar eventos e transformá-los em conhecimento sobre si.

Antes de passarmos às etapas específicas desta atividade, separamos uma narrativa para inspirar você.

O escritor Marcelino Freire (1967-) escreveu um poema em prosa em que conta alguns marcos de sua vida. Apresentamos o poema a seguir. Faça a leitura e localize os principais marcos destacados por ele.

A primeira terra em que morri foi Sertânia. Cidade do Sertão de Pernambuco, a 350 quilômetros do Recife. Vivi lá até os 3 anos.

Minha mãe arrastou os nove filhos - eu, o cacula.

Fugimos da seca. Para estudar.

Meu filho, ninguém é ninguém sem o estudo.

Você ainda será um médico, um advogado.

Uma mãe nunca cria um filho para ser poeta.

A segunda terra em que morri foi Paulo Afonso. Cidade da Bahia.

Lembro-me da cachoeira. Minha infância foi cheia de água. Mulungus, algarobas. Havia verde.

E o sol queimava.

A primeira roda-gigante foi em Paulo Afonso. O primeiro cavalinho.

O primeiro circo.

No quintal mesmo, de casa, meu irmão montou uma lona para o fim de semana.

E a gente se apresentava. Fazia de conta que era gorila, palhaço, mulher barbada.

O primeiro animal que domestiquei foi um urubu.

A terceira terra em que morri foi o Recife.

Chequei aos 8 anos.

Minha mãe teimava: ia de um lugar ao outro. Atrás de faculdade.

Para os filhos serem gente.

Moramos no bairro de Água Fria, perto de Olinda.

E Olinda tinha praia e Carnaval.

E eu comprei minha primeira bicicleta com o salário de office boy.

Fiz teatro no Recife.

Tive grupo de poesia.

Fui à casa de Gilberto Frevre.

Participei de oficinas literárias.

Sofri de paixão.

Isso que acaba nos tirando o chão.

A vontade que dava de pular de alguma ponte. Rio Capibaribe.

A quarta terra em que morri foi São Paulo.

Dia 13 de julho de 1991.

Dia de minha vinda.

Chovia e fazia 12 graus.

Nem imaginava que um dia eu moraria em um prédio de 12 andares.

E beberia na Vila Madalena.

Vasculharia sebos.

Conheceria uma geração de escritores.

Coordenaria oficinas de criação.

Em São Paulo, virei um agitado. Não sei dirigir carros. Tomei gosto por cafés amargos.

São Paulo me deu um sotaque – eu não sabia que falava cantando. E cordelizado.

Eu digo que amo São Paulo. Mas só quero sexo.

Nessa cidade envelheço.

E aqui serei enterrado.

Um pouco da poeira de Sertânia irá comigo. Da paisagem irá comigo. Bodes, berros. O gogó da gata. Um sopro de teimosia irá comigo. Um verbo. A quentura dos galhos. A água do balneário. O Cine Castelo de Paulo Afonso. Homens fantasiados de cangaceiros. No Carnaval. O dia em que meu irmão me vestiu de menina. E eu tinha um cabelo liso. E umas pernas finas. Irá comigo também minha primeira fantasia.

Do Recife as leituras. A poesia de Manuel Bandeira irá comigo. A Rua da União. A 7 de Setembro. O desfile militar – para ver meu irmão mais velho passar marchando. As duas goiabeiras. Meu pai e o jogo de bicho. Meu primeiro conto. O espetáculo de teatro que ajudei a produzir. A casa, a casa. Sempre sonho com aquela casa.

Vejo.

São Paulo habita todas as paisagens. E organiza para mim um inventário. Um testamento. São Paulo um dia acordará para trabalhar. Enquanto eu durmo. Onde estarei? Lá, com certeza, lá. Do outro lado do mundo.



Na primeira terra em que viverei.

A primeira poesia
Que o tomate te mate.
Oue a batata te bata.

A primeira vontade Ser tuberculoso igual o Manuel Bandeira.

O primeiro pensamento Urubu sabe o que come.

O primeiro microconto

- Faz um favor para mim?
- Qual?
- Aperta o gatilho.

Quando a gente escreve cria uma cidade. Uma mistura de todas as cidades em que vivemos. Ou onde gostaríamos de viver. Erguemos um pântano quando a gente escreve. Atravessamos pontes. Abismos altos. Somos habitantes de planetas que não existem. Por exemplo: esta rua.

Não há número nas casas quando a gente escreve. Nem portas. As janelas sempre abertas. E o coração fica no centro. Os mendigos não envelhecem sujos. Quando a gente escreve um bando de gente vem morar no nosso olhar. Sem pedir licença. Nada de alvará. Nem de comprovante de residência. Não me peça para ficar. Quando a gente escreve a viagem é outra. Sempre na próxima esquina. Qualquer palavra solta.

A primeira foto

Sou eu mesmo?

O primeiro beijo

Foi numa galinha.

A primeira saudade

Não vai embora.

A primeira dúvida

Será que ele gosta mesmo de mim?

Urgente.

Quero uma outra arquitetura para minha literatura. Como se eu tivesse, em algum momento, atravessado uma portinhola para uma outra esfera. Longe de minha ladainha costumeira. Porque me



dizem: você escreve muito sobre a miséria. Uma reza sem fim. A moça banguela. Escreve hiper-realista sobre ela. Você não levanta outras paisagens. Por que não tenta? Uma miragem que seja. Por mais pequena, uma nova voz se erga. Uma flor do lácio. No asfalto.

Figuei tentado.

Rascunhei alguns gráficos.

Pedi conselhos.

Andei, por esses dias, vendo fotografias.

Reli contos do Cortázar.

Reparei os cruzamentos que ele faz. Em Paris, Buenos Aires, no ringue, no nocaute.

Misturei as estações. Parece, até, que estou psicografando. Ou sonhando. Terras tão distantes essas que nascem quando escrevemos. Sem contar as plataformas. Eu tenho um blog chamado Ossos do Ofídio.

O último pôste

Quando escrevo sou um índio. E tenho uma tribo. Uma toca. Um rio à minha volta. Um canto único. De guerra. Acredito que defendo. Com unha e flecha. O que resta da floresta.

Quando escrevo sou um velho. Que carrego comigo as dores do tempo. Um coração baleado. Um amor do passado. Em meus poros. Cavo na própria pele uma cova. Para habitar os mortos.

Quando escrevo creio que sou um doido. Varrido do mapa. Que não tenho casa. E vivo à solta. Sou um bicho. Não uma pessoa. Mordo quem venha se meter. No meu mundo. Vou sem medo ao poço sem fundo.

Quando escrevo sou um soldado. Desses que se armam com o próprio corpo. Tocam fogo nas vestes. Correm em chamas. À praça. Um guerreiro em prece. Em brasa. Não sou covarde. Nem viro fumaça.

Quando escrevo estou cantando. Para uma multidão. Uma canção antiga. Algo que sai do peito. Minha palavra ganha força. E peso. Mesmo sozinho no meu canto. Sinto que sou a voz de um povo inteiro.

Quando escrevo eu sou sempre o outro.

Em que me vejo.

Para terminar

Só começando.

FREIRE, Marcelino. *Efêmero concreto*. São Paulo: Projeto AHH! n. 3, 2013. p. 38-43.

E aí, que tal construir uma linha do tempo da sua trajetória? O que ela pode revelar sobre você? O que ela pode aprofundar sobre sua narrativa? Aceita o desafio? Mãos à obra!

Etapa 1:

Individualmente, registre em seu caderno os principais marcos de sua vida: desde o dia do seu nascimento até o dia de hoje, as escolhas que realizou, os eventos importantes, o nascimento de pessoas especiais para você, uma mudança de casa, de escola, de cidade, uma alegria muito grande, uma tristeza desmedida. Coloque no papel o ano em que um dos marcos aconteceu, ou pelo menos o ano em que acredita que tenha ocorrido.



Etapa 2:

Com cartolinas, papéis coloridos, canetinhas e quaisquer outros materiais que tiver à mão, você construirá uma linha do tempo, organizando esses marcos previamente registrados. Use e abuse da imaginação, escrevendo e desenhando.

O Museu da Pessoa, do qual já falamos no Capítulo 1, quando explicávamos a estratégia da roda de histórias, também trabalha bastante com a linha do tempo. A seguir, apresentamos algumas questões que podem fazer nascer outros marcos para sua linha do tempo.

- Quais são os principais marcos da sua vida?
- Por que eles são marcos?
- Quem são as pessoas significativas da sua vida?
- Quais foram as escolhas realizadas por você?
- · Quais valores nortearam suas escolhas?
- Quais valores são permanentes?
- · Quais valores se transformaram?
- · Quais são as rupturas?
- Por que são rupturas?

Veja alguns exemplos de linhas do tempo.





Etapa 3:

Pronto! Linha do tempo construída. Vamos socializar as produções!

Em grupos de três a quatro participantes, você vai compartilhar a sua linha com os colegas e ouvi-los.

O que sentiu ao ouvir a narrativa do outro? Identificou-se ou foi completamente diferente da sua?

Nesta atividade, exercitamos

√ Vivências:

- A investigação sobre si mesmo por meio de vivências (práticas individuais e coletivas) com enfoque nos sonhos, interesses e motivações dos estudantes no âmbito individual e na interação com os demais.
- O autoconhecimento deve ser entendido como busca contínua pela compreensão de si mesmo, o que envolve aprender a se aceitar, a se valorizar, desenvolvendo assim a capacidade de confiar em si, de se apoiar nas próprias forças e de crescer em situações adversas, sendo resiliente e autônomo, estabelecendo objetivos, de forma planejada, para a sua vida.
- Reconhecer as próprias forças e apoiar-se nelas, reconhecendo também a importância do convívio com o outro.

Objetivo: Reconhecer os principais marcos de sua trajetória biográfica.

Justificativa: O autoconhecimento é uma busca contínua pela compreensão de si mesmo, que envolve conhecer os marcos pessoais e como eles nos formam e nos dizem sobre nós.

✓ Competências gerais:

- 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

✓ Competência específica de Linguagens:

2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG101) Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

(EM13LP35) Utilizar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto e imagem por slide e usando, de forma harmônica, recursos (efeitos de transição, slides mestres, layouts personalizados, gravação de áudios em slides etc.).

✓ Tema contemporâneo transversal:

A atividade que você realizou sobre a linha do tempo articula especialmente a macroárea temática Cidadania e Civismo, na medida em que solicita que você eleja marcos que considera relevantes em sua vida familiar e social. Por extensão, a atividade oportuniza a você o debate sobre o macrocampo Economia, uma vez que favorece o aparecimento da temática "trabalho", ainda que de modo incipiente, dado os contornos priorizados neste momento de sua formação.





Meus desejos, meus talentos e meus desafios

Rede conceitual

Toda atividade realizada até este momento, ao longo dos capítulos anteriores, permitiu descobertas importantes sobre cada um que compõe esta turma de estudantes do Ensino Médio. Não podemos perder de vista o nosso foco de propiciar uma jornada de aprendizagem em que saberes múltiplos se conectam para alimentar o desenho de seus projetos de vida.

A temática que orienta esta Unidade é o autoconhecimento. Tudo o que você e sua turma construíram de conhecimento sobre si mesmos até aqui está sistematizado em distintos modos textuais: textos verbais, autorretratos, escritas colaborativas, árvore genealógica e linha do tempo. Todas essas estratégias multimodais atuam diretamente sobre a nossa competência de manusear distintas linguagens, desenvolvendo, portanto, uma competência fundamental para a vida, que é a comunicação.

As habilidades de se expressar, o debate e a escuta também são componentes importantes do comunicar. Muitas das atividades realizadas ao longo das aulas buscavam estimular trocas entre os participantes como forma de trabalharmos encontros de pontos de vista distintos que, por sua vez, estimulam discussões positivas e, sobretudo, a habilidade de escuta. Assim, as estratégias criativas aqui exploradas são também modos de experimentar a nossa atitude cooperativa em relação ao outro.

Neste capítulo que finaliza a Unidade 1, todas as estratégias têm o propósito de produzir destaques de tudo o que descobrimos até aqui. Para isso, introduziremos outros tipos de textos multimodais. São eles: painel de inspirações (ou moodboards), mapa mental, brainwriting e a carta. Nos percursos dessas criações, você certamente se sentirá mais seguro quanto ao conhecimento de si. Mais que isso, se sentirá cada vez mais à vontade para se expressar com autonomia, de experimentar as linguagens verbais e visuais. Você e seus colegas perceberão ainda um avanço no potencial de cooperação que pode se fortalecer neste grupo.



WEBERSON SANTIAGO

Mão na massa

1 Painel de inspirações (ou moodboard)

O objetivo desta atividade é mapear o que cada um consome do universo cultural. São exemplos o gosto musical, a preferência por determinado gênero de filmes, as séries e livros preferidos, canais de vídeo e perfis de redes sociais que segue, lugares da sua cidade ou do seu bairro que gosta de frequentar.

Para sistematizar esse mapeamento, vamos produzir um painel de inspirações.



O que é um painel de inspirações?

Também chamado de *moodboard* ou de painel semântico, é uma estratégia bastante utilizada por profissionais de distintos mercados criativos, em especial arquitetos, *designers*, estilistas e publicitários.

Para fazer um painel de inspirações, vale utilizar imagens, texturas, cores, palavras-chave (ou *tags*), diferentes tipologias etc. Esse tipo de painel pode ser feito de forma manual ou utilizando ferramentas digitais.

A atividade será dividida em três etapas, conforme orientações a seguir.



Criar uma lista pessoal com algumas referências e inspirações consideradas relevantes para você é o primeiro passo desta atividade. Lembre-se de que essa lista deve refletir o que você consome e o que lhe interessa no mundo da cultura.

Sugestões de itens para você ter na sua lista:

- uma frase de que você gosta;
- · uma pessoa que o inspira e/ou um artista que admira;
- o estilo musical de sua preferência (ou um grupo ou uma banda que gosta de ouvir);
- o canal de uma plataforma de compartilhamento de vídeos a que mais gosta de assistir;
- o podcast que mais escuta ou um perfil de uma rede social que acompanha de perto;
- um livro que gostou de ler;
- lugares da sua cidade e/ou do seu bairro que gosta de freguentar;
- uma linguagem artística (teatro, cinema, artes visuais, dança) que você aprecia;
- algo que você gosta de fazer nas horas vagas;
- demais temas que chamam a sua atenção.

Caso algum desses itens não seja relevante para a sua vida, pule-o. Caso exista, além dos listados, um tema importante, que você considera uma referência ou uma inspiração, registre-o na lista. O ideal é que sua lista tenha entre oito e 15 itens.

Etapa 2:

Agora você vai compor um banco de dados. Para isso, busque imagens correspondentes aos itens de sua lista ou produza minitextos descritivos. Caso opte em trabalhar com pequenos textos verbais, preocupe-se com a aparência desses textos. O seu painel deve ser estimulante e atraente visualmente.

Etapa 3:

É hora de montar o seu painel! Como já dito, o painel de inspirações pode ser feito artesanalmente ou com recursos digitais.





Dicas para a montagem do painel de inspirações

Se você for produzi-lo artesanalmente, vai precisar de um papel grande, tamanho A2; cartolina ou papel pardo são boas opções para trabalhar.

Sabendo antes que a atividade será feita artesanalmente, leve para a escola imagens impressas de alguns itens de sua lista ou recortes de revistas e jornais com as figuras de que você vai precisar.

Vale também levar páginas de textos verbais de jornais e revistas para recortar durante a aula em que a atividade será realizada. Essa é uma boa dica sobretudo para aqueles que desejarem inserir palavras no painel, pois o recorte pode ser uma forma de variar a escrita.

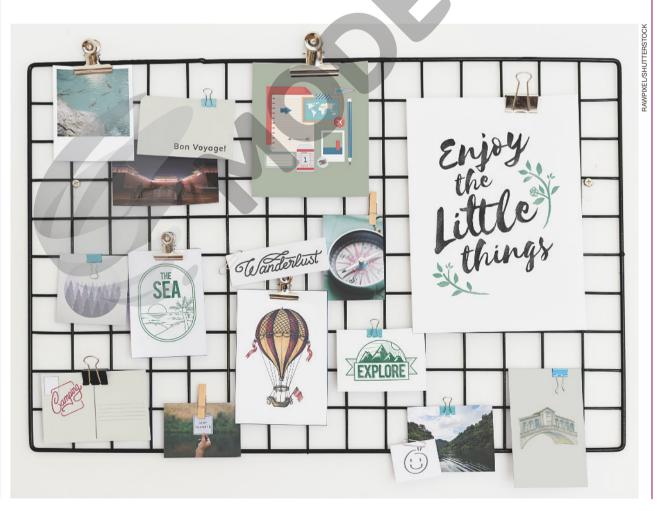
Separe também materiais com os quais gosta mais de escrever ou desenhar (lápis, canetas coloridas, canetinhas e/ou tinta e pincel). Cola e tesoura com pontas arredondadas também são fundamentais.

Fita adesiva colorida, retalhos de papéis diferentes, de tecido e EVA também podem ajudar a compor visualmente o seu painel de inspirações.

Agora, se a turma tiver acesso ao laboratório de informática com conexão à internet, existem plataformas de *design* gráfico em que vocês podem criar gratuitamente um perfil. Ao fazer isso, há uma enorme coleção de *templates* para as mais diversas funções.

Nessas plataformas, geralmente, existem bancos de imagens liberados para uso gratuito, mas também é possível fazer o *upload* das imagens que você escolheu na etapa 2, quando compôs seu banco de dados.

Veja alguns exemplos de painéis.





Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- A investigação sobre si mesmo por meio de vivências (práticas individuais e coletivas) com enfoque nos sonhos, interesses e motivações dos estudantes no âmbito individual e na interação com os demais.
- Identificar os próprios interesses e necessidades.
- Ser aberto às novas culturas, pessoas e ideias.
- Reconhecer as próprias forças e apoiar-se nelas, reconhecendo também a importância do convívio com o outro.

Objetivo: Identificar os próprios interesses e necessidades, realizando investigações sobre si mesmo por meio de vivências.

Justificativa: Atividade que promove a reflexão sobre si através de um painel de preferências que levam vocês a projetar desejos e possibilidades.

✓ Competências gerais:

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- **10.** Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

✓ Competências específicas de Linguagens:

- 1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.
- 7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG101) Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

(EM13LGG105) Analisar e experimentar diversos processos de remidiação de produções multissemióticas, multimídia e transmídia, desenvolvendo diferentes modos de participação e intervenção social.

(EM13LGG302) Posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, levando em conta seus contextos de produção e de circulação.

(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIG), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

(EM13LP19) Apresentar-se por meio de textos multimodais diversos (perfis variados, gifs biográficos, biodata, currículo web, videocurrículo etc.) e de ferramentas digitais (ferramenta de gif, wiki, site etc.), para falar de si mesmo de formas variadas, considerando diferentes situações e objetivos.

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/ questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

(EM13LP21) Produzir, de forma colaborativa, e socializar playlists comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, e-zines ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, games, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc.

(EM13LP35) Utilizar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto e imagem por slide e usando, de forma harmônica, recursos (efeitos de transição, slides mestres, layouts personalizados, gravação de áudios em slides etc.).

(EM13LP45) Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, infográficos, podcasts noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, vlogs de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (vlogs e podcasts culturais, gameplay etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editorialista ou articulista, leitor, vlogueiro e booktuber, entre outros.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Vocês acabaram de realizar a atividade *Painel de inspirações*, que busca no consumo simbólico subsídios para o desenvolvimento do conhecimento sobre o macrocampo temático Multiculturalismo em diálogo com o macrocampo Cidadania e Civismo (temática Vida Familiar e Social).

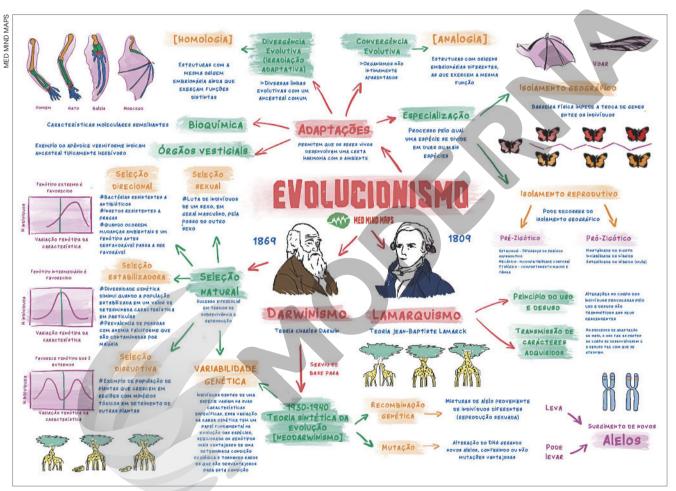
2 Mapa mental

Nesta atividade, você vai criar um mapa mental capaz de sintetizar alguns dos vários aspectos sobre si trabalhados nos exercícios anteriores.



Entenda o que é um mapa mental

O mapa mental é uma estratégia que busca otimizar a nossa capacidade cerebral para armazenar, organizar e hierarquizar ideias. Ele é um tipo de texto multimodal, o que significa que trabalha imagens e palavras em relações de complementaridade. Os mapas mentais acionam simultaneamente nossos potenciais de associação e imaginação.



Exemplo de mapa mental.

O seu mapa mental será produzido em quatro etapas. Atente-se às orientações seguintes.

Etapa 1:

Não perca de vista o objetivo de seu mapa. Todo mapa mental é produzido tendo uma meta clara, ou seja, precisamos ter clareza do que se pretende conhecer/explorar por meio de um dado mapa mental.

No seu caso e de seus colegas, o objetivo será sistematizar algumas características pessoais, como talentos, desejos, habilidades, atitudes e desafios.

Etapa 2:

No centro de uma folha de papel, desenhe ou cole uma imagem que o representa. Essa imagem deve ajudá-lo a pensar na seguinte questão: "Afinal, quem sou eu?".

Essa figura central é muito importante, pois tem a função de atrair os seus sentidos. Se optar por escrever uma palavra, use cores variadas e vibrantes, além de balões de destaque para que uma "imagem positiva" se forme.

O elemento central do mapa é o ponto de partida que irradia todas as associações que virão a seguir. Ele precisa nos estimular.

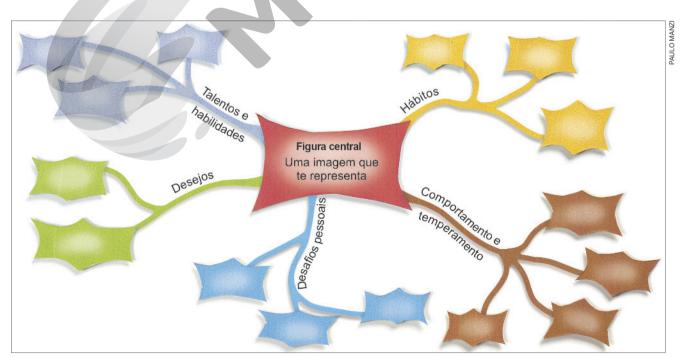
Etapa 3:

As ramificações que partem da figura central de um mapa mental são organizadas por IOBs, sigla usada para dizer "ideias de ordenação básica". As IOBs nada mais são do que categorias. O criador da metodologia dos mapas mentais, Tony Buzan, exemplifica as IOBs associando-as a capítulos de um livro. A ideia é que, partindo de um universo temático amplo, cada capítulo estabeleça um recorte.

No caso do seu mapa mental, considerando os objetivos coletivos da atividade, vamos predefinir cinco IOBs. Você vai trabalhar com as seguintes categorias para organizar as ramificações de seu mapa mental:

- · seus principais talentos e suas habilidades;
- · seus principais desejos;
- comportamento/temperamento (atitudes características: como age no mundo? É mais enérgico, fala muito, fala pouco, é mais introspectivo etc.);
- · hábitos:
- desafios pessoais/fragilidades (aspectos da sua vida e/ou da sua personalidade que demandam atenção, pontos em que pode ou precisa melhorar para se realizar como pessoa).

Veja a seguir uma ilustração que exemplifica a estrutura aproximada do mapa mental que você e seus colegas vão produzir nesta atividade.



Etapa 4:

Para materializar um mapa mental, precisamos considerar dois aspectos: técnica e desenho.



Dicas sobre a técnica:

- · usar destaques;
- mostrar explicitamente suas associações;
- exercitar a síntese, ter clareza;
- expressar: imprimir o seu estilo.

Dicas sobre o desenho:

- · hierarquizar as informações;
- · usar a ordem numérica;
- explorar as cores para evidenciar suas categorias (IOBs).

As ideias centrais de um mapa mental são facilmente reconhecidas. Ém torno da palavra-figura central, veja como as ramificações são organizadas e como suas associações se tornam visíveis com a utilização das cores. A rede não linear do nosso pensamento se torna visível em um mapa mental.

O mapa mental pode ser usado em vários contextos, atendendo a uma multiplicidade de objetivos. Um outro aspecto muito interessante do mapa mental é que ele pode ser constantemente revisitado e atualizado com o acréscimo de informações. Para nós, sujeitos em constante desenvolvimento, o mapa mental se faz um oportuno aliado para que possamos nos conhecer em nossas contínuas transformações.



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- A investigação sobre si mesmo por meio de vivências (práticas individuais e coletivas) com enfoque nos sonhos, interesses e motivações dos estudantes no âmbito individual e na interação com os demais.
- O autoconhecimento deve ser entendido como busca contínua pela compreensão de si mesmo, o que envolve aprender a se aceitar, a se valorizar, desenvolvendo assim a capacidade de confiar em si, de se apoiar nas próprias forças e de crescer em situações adversas, sendo resiliente e autônomo, estabelecendo objetivos, de forma planejada, para a sua vida.
- Identificar os próprios interesses e necessidades.
- Estabelecer objetivos e metas, entendendo a necessidade da persistência para alcancá-los.
- Conhecer-se, compreendendo as próprias emoções e como lidar com elas.
- Olhar para o futuro sem medo.

Objetivo: Sistematizar o conhecimento produzido ao longo das atividades desta unidade.

Justificativa: É importante que vocês consigam analisar e sistematizar o conhecimento adquirido.

✓ Competências gerais:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.



WEBERSON SANTIAGO

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

✓ Competência específica de Linguagens:

2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LP15) Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

(EM13LP22) Construir e/ou atualizar, de forma colaborativa, registros dinâmicos (mapas, wiki etc.) de profissões e ocupações de seu interesse (áreas de atuação, dados sobre formação, fazeres, produções, depoimentos de profissionais etc.) que possibilitem vislumbrar trajetórias pessoais e profissionais.

✓ Tema contemporâneo transversal:

A atividade Mapa mental, que você realizou, tem como propósito sistematizar contribuições oportunizadas em atividades anteriores. Nesse sentido, trata-se de um exercício aglutinador das macroáreas anteriormente enfatizadas, quais sejam: Multiculturalismo e Cidadania e Civismo (temática Vida Familiar e Social). Tal atividade, no entanto, abre espaço para que, em momentos seguintes, os macrocampos Meio Ambiente, Economia e Ciência e Tecnologia entrem na conversa com maior força. Dessa forma, seu projeto de vida é alimentado por um gradativo aprofundamento sobre as temáticas transversais da BNCC. É oportuno ainda mencionar que esta Unidade 1, ao se dedicar sobre a competência, o autoconhecimento e o autocuidado, se dedica também ao macrocampo temático Saúde. Esse macrocampo aparece de forma mais explícita nesta atividade do mapa mental e na atividade que você fará a seguir.

3 Brainwriting

Ao longo desta jornada para o autoconhecimento, você e seus colegas partilharam histórias, olhares sobre si mesmos e sobre os outros. Espera-se que o círculo de confiança tenha se fortalecido e que vocês possam se assumir como parceiros na construção de seus projetos de vida.

Nesta última atividade da Unidade 1, a cooperação entre vocês será fundamental. Steven Johnson, um pesquisador estadunidense, elabora em seu livro *De onde vêm as boas ideias* (Rio de Janeiro: Zahar, 2011.) um panorama da inovação ao longo da história. Inovar significa elaborar soluções ou caminhos para solucionar problemas e desafios que o cotidiano nos coloca, considerando as particularidades de um dado contexto.



Nessa discussão, o autor chega à seguinte conclusão: as boas ideias surgem, geralmente, nos espaços de encontro entre pessoas que compartilham suas pequenas ideias, seus palpites. É no encontro de pequenas ideias e nas trocas que nascem as ideias potentes e inovadoras.

A consciência da riqueza do trabalho coletivo e dos momentos de trocas de ideias deve nos acompanhar em todo o processo de aprendizagem. Nesta atividade, contamos, portanto, com a potência dos encontros e com o exercício da cooperação entre os colegas.

Então, vamos lá! A seguir, apresentamos um breve passo a passo da atividade.

- 1. Reveja o seu mapa mental produzido na atividade anterior. Preste atenção às palavras relacionadas à IOB "Desafios pessoais".
- 2. Transcreva essas palavras para as tiras de papel (tarjetas) que o professor vai distribuir. Use uma tarjeta para cada palavra ou expressão. Escreva com letra grande e legível.
- **3.** Em uma parede ou no quadro (superfície a ser indicada pelo professor), todos da turma colarão as suas tarietas. Não é preciso identificá-las.
- **4.** Você, seus colegas e seu professor observarão aquele conjunto de desafios.
- **5.** Após essa observação, é hora de promover agrupamentos. O que significa isso? Desafios "parecidos" serão reposicionados na parede. Ao final, teremos pequenos conjuntos de desafios similares que passarão a ficar próximos.
- **6.** Cada conjunto de desafios receberá um nome ou número dado pelo professor.
- **7.** A partir daí, daremos início a uma estratégia denominada *brainwriting*, que adaptamos para os propósitos da atividade.

"O brainwriting è uma estratégia que consiste em realizar o debate e discussão de ideias sobre determinado tema, assunto, desafio ou problema. O objetivo é promover o protagonismo coletivo e individual do aluno, fazendo-o se posicionar e lançar suas ideias e possíveis soluções ao grupo."

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2019.

- **8.** A turma será então organizada em grupos de até seis integrantes. O número de grupos precisa coincidir com o número de conjuntos de desafios mapeados (conforme o item 5). Cada grupo ficará responsável por um dos eixos de desafios mapeados.
- **9.** O professor distribuirá, para cada grupo, um quadro para a coleta de ideias sobre o desafio de responsabilidade deste grupo. Cada participante terá 5 minutos para completar o quadro com três ideias para a solução de um dado desafio. Um grupo com seis participantes ficará com o instrumental por 30 minutos.
- **10.** Os grupos trocam seus instrumentais e passam a cuidar de um novo eixo de desafios. O processo se repete por três vezes ou mais, conforme as orientações do professor.

WEBERSON SANTIAGO

- 11. Ao término das rodadas, teremos diversas ideias de possíveis soluções para cada eixo de desafios. As ideias serão partilhadas com toda a turma para um debate. As melhores ideias para cada conjunto de desafios serão pactuadas e selecionadas. Neste momento, é importante que os estudantes que possuem alguns de seus desafios pessoais inseridos em um determinado conjunto tenham a possibilidade de se expressarem sobre a viabilidade da ideia apresentada em suas vidas.
- 12. As ideias destacadas serão transcritas para uma tarjeta de papel colorido e afixadas na parede, próximas ao conjunto de desafios a que fazem referência. Ao final da atividade, cada um terá várias ideias mapeadas como possibilidades para trabalhar sobre os seus desafios.



Ao longo de todo o processo desta dinâmica, o professor apoiará o grupo, explicando detalhadamente cada etapa do circuito.

Durante a prática do *brainwriting*, é importante não julgar as ideias de ninguém, exercer a empatia e assumir a perspectiva do outro, compreendendo as necessidades e os sentimentos alheios. Lembrem-se do poder das pequenas ideias do qual falamos no início desta atividade.

Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- A investigação sobre si mesmo por meio de vivências (práticas individuais e coletivas) com enfoque nos sonhos, interesses e motivações dos estudantes no âmbito individual e na interação com os demais.
- O autoconhecimento deve ser entendido como busca contínua pela compreensão de si mesmo, o que envolve aprender a se aceitar, a se valorizar, desenvolvendo assim a capacidade de confiar em si, de se apoiar nas próprias forças e de crescer em situações adversas, sendo resiliente e autônomo, estabelecendo objetivos, de forma planejada, para a sua vida.

- Vivenciar, refletir e dialogar sobre as maneiras como se relaciona com o outro e com o bem comum.
- Reconhecer as próprias forças e apoiar-se nelas, reconhecendo também a importância do convívio com o outro.

Objetivo: Aprender a cooperar e trabalhar coletivamente.

Justificativa: A contemporaneidade pede diferentes habilidades e uma delas é dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum, pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

✓ Competências gerais:

- **6.** Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

✓ Competências específicas de Linguagens:

- 2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
- 3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas.

(EM13LP05) Analisar, em textos argumentativos, os posicionamentos assumidos, os movimentos argumentativos (sustentação, refutação/contra-argumentação e negociação) e os argumentos utilizados para sustentá-los, para avaliar sua força e eficácia, e posicionar-se criticamente diante da questão discutida e/ou dos argumentos utilizados, recorrendo aos mecanismos linguísticos necessários.

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

(EM13LP22) Construir e/ou atualizar, de forma colaborativa, registros dinâmicos (mapas, wiki etc.) de profissões e ocupações de seu interesse (áreas de atuação, dados sobre formação, fazeres, produções, depoimentos de profissionais etc.) que possibilitem vislumbrar trajetórias pessoais e profissionais.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Tal como a atividade Mapa mental, a atividade que você realizou sobre *Brainswritting* foca nos desafios que se constituem em um exercício aglutinador das macroáreas anteriormente enfatizadas: Multiculturalismo e Cidadania e Civismo (temática Vida Familiar e Social). Nesta atividade, você vai notar que o macrocampo temático Saúde dialoga diretamente com a competência enfatizada em toda a Unidade 1 (autoconhecimento e autocuidado) e se revela de forma explícita.

O tempo é uma dimensão complexa. Você já parou para refletir no quanto viveu até aqui? Não só de maneira quantitativa, mas também em todas as experiências vivenciadas, as descobertas realizadas, medos superados e novos objetivos traçados? Um olhar cuidadoso para sua história passa também pela dimensão temporal. Esse olhar detalhista, sensível a todas as lembranças, sensações, sentimentos, conquistas e desafios só pode ser feito por você, protagonista desta história.

No capítulo anterior vimos um tanto do passado – suas origens, ancestralidade, datas e acontecimentos marcantes que têm espaço em sua linha do tempo. Também passamos pelo presente – tudo isto que hoje é considerado passado o trouxe até aqui e foi fundamental para a constituição de sua identidade. Mas e o futuro? O que esperar dele? Você se lembra do quebra-cabeça do qual conversamos? Esse grande quebra-cabeça, em constante processo de montagem, é continuamente formado por peças do passado, do presente e aquelas peças que ainda serão encontradas, no futuro. Nem sempre é uma tarefa fácil visualizar e transitar por todo esse espaço temporal. É um movimento que evoca lembranças boas e ruins, felizes e dolorosas, nos coloca diante da realidade presente e também suscita nossos sonhos, expectativas, ansiedades e medos.

No ano de 1966, o escritor português José Saramago (1922-2010) publicou seu primeiro livro de poemas. O poema seguinte, presente nesse livro, se aproxima do que temos conversado por aqui.



Passado, presente, futuro

Eu fui. Mas o que fui já me não lembra: Míl camadas de pó disfarçam, véus, Estes quarenta rostos desiguais. Tão marcados de tempo e macaréus.



Eu sou. Mas o que sou tão pouco é: Rã fugida do charco, que saltou, E no salto que deu, quanto podia, O ar dum outro mundo a rebentou.

Falta ver, se é que falta, o que serei: Um rosto recomposto antes do fim, Um canto de batráquio, mesmo rouco, Uma vida que corra assim-assim.

> SARAMAGO, José. "Passado, presente, futuro". In: Poemas possíveis. Portugal: Caminho, 1981.





Agora, volte e observe novamente o título do poema. É uma boa pista a respeito do que o autor estava querendo externalizar por meio das palavras. O que você foi? Ainda se lembra? O que é? E o que será?

Como bem colocou o poeta, ainda falta ver o que será. Segundo sua linha do tempo, disponível no *site* da fundação que leva seu nome, é possível observar que, no ano de lançamento de seus poemas, Saramago estava com 44 anos de idade. Também podemos ver que dois anos antes seu pai havia falecido, o que pode explicar a visão mais pessimista do autor a respeito da vida. Mesmo ainda não vendo o que será, imaginarmos esse tempo que ainda não chegou, pintar os cenários desejados, traçar um caminho até onde se quer chegar é um exercício e tanto.

O método proposto nesta atividade é um meio de comunicação do passado, num tempo em que não existia os aplicativos de mensagens instantâneas. Acredite, as cartas eram o método mais rápido e, claro, a maneira possível de se comunicar.

Ao longo de sua vida, você já escreveu uma carta? Sabe por onde começar? Bom, aqui vai uma dica: o destinatário é extremamente importante. É para quem a carta será endereçada.

Outro ponto importante é o remetente. Quem está enviando esta carta? Nesta atividade, o remetente e o destinatário coincidem: você.

Você, no presente, escreverá uma carta para você, no futuro. Como imagina estar daqui a três anos? Quais planos pretende ter realizado? E quais serão aqueles que talvez não serão tão bem-sucedidos assim? Quais desejos você tem para os próximos anos? Com base no que vimos e revisitamos até agora, o que você diria para você mesmo daqui a três anos? Quais experiências, sentimentos e desejos observados em sua história de vida devem continuar sendo lembrados por você?

Tire este momento para você. Reflita, pondere, imagine, vislumbre e sinta. Não há dúvidas de que, ao longo da vida, inúmeras vezes a realidade se impõe, ora de maneira positiva e surpreendente, ora de maneira negativa, mas também surpreendente. Assim como disse o poeta, o que serei, falta ver. O agora, que ainda não nos permite tal visão, é tempo de imaginar, projetar. Divirta-se criando e brincando com seus desejos, planos, medos e sonhos. Ao terminar a tarefa, entregue a carta para seu professor. Não se esqueça de preencher corretamente seus dados no envelope, na frente e atrás.



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Autoconhecimento (descoberta de aspirações, interesses, potenciais e desafios pessoais): o encontro consigo, com ênfase na dimensão pessoal.
- A investigação sobre si mesmo por meio de vivências (práticas individuais e coletivas) com enfoque nos sonhos, interesses e motivações dos estudantes no âmbito individual e na interação com os demais.
- O autoconhecimento deve ser entendido como busca contínua pela compreensão de si mesmo, o que envolve aprender a se aceitar, a se valorizar, desenvolvendo assim a capacidade de confiar em si, de se apoiar nas próprias forças e de crescer em situações adversas, sendo resiliente e autônomo, estabelecendo objetivos, de forma planejada, para a sua vida.
- Identificar os próprios interesses e necessidades.
- Estabelecer objetivos e metas, entendendo a necessidade da persistência para alcançá-los.

- Identificar os próprios interesses e necessidades.
- Estabelecer objetivos e metas, entendendo a necessidade da persistência para alcançá-los.
- Identificar caminhos e estratégias para superar as dificuldades e alicerçar a busca da realização dos sonhos.

Objetivo: Estabelecer objetivos e metas, entendendo a necessidade da persistência para alcançá-los, para alcançar o autoconhecimento.

Justificativa: É essencial que você consiga projetar seu futuro para que organize metas para alcançar seus objetivos.

✓ Competências gerais:

- **5.** Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- **8.** Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

✓ Competências específicas de Linguagens:

- 2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
- 3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

(EM13LP15) Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

✓ Tema contemporâneo transversal:

A carta, atividade feita por você no final desta Unidade, marca um pacto que você vai fazer consigo mesmo, marcando o seu comprometimento com a jornada do conhecimento. Nesta atividade, sobressai o macrocampo Cidadania e Civismo no compromisso ético que você assume com seu próprio futuro e com o mundo social do trabalho.



Balanço final

Nesta Unidade, exploramos nas vivências o potencial do autoconhecimento. No caminho até aqui, houve uma busca contínua pela compreensão de si mesmo, o que compreende se aceitar, se valorizar, para desenvolver a capacidade de autoconfiança e autocuidado, a fim de crescer, mesmo que haja adversidades em seu caminho.

Neste quebra-cabeça, há algumas peças fundamentais para o seu projeto de vida:

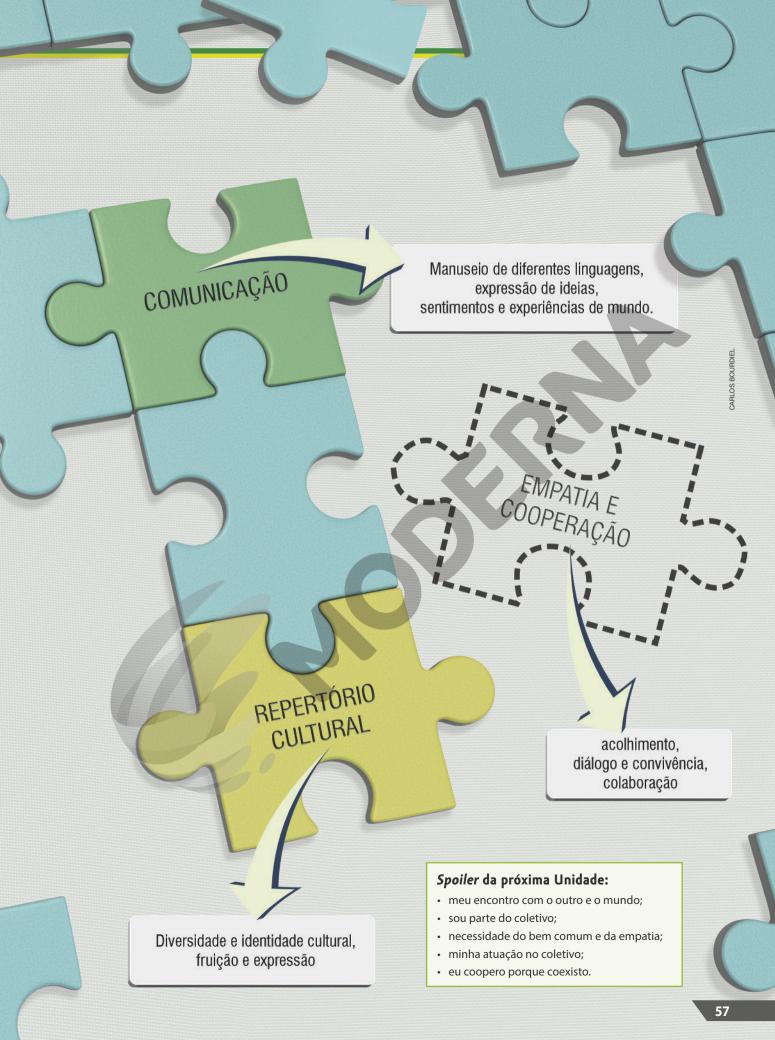
PROJETO AUTOCONHECIMENTO E AUTOCUIDADO E AUTOCUIDADO

Consciência de si, de seus pontos fortes e também de suas fragilidades.
Consciência de suas emoções e da influência das pessoas que o cercam.

Para quardar e progredir

Agora é hora de fazer a primeira transição, pois chegamos ao final de nossa primeira jornada! É muito importante que vocês compartilhem esses aprendizados vividos com a sua turma e com a comunidade escolar. Que tal escolher uma atividade que vocês realizaram durante a caminhada da Unidade 1? Assim, vocês podem convidar os pais, outros estudantes e a equipe escolar para conhecer o processo vivido por vocês! Com certeza, será uma troca muito importante para seu projeto de vida e você ainda vai contribuir com outros jovens, que não passaram por esse processo ainda, e que poderão ter acesso à sua experiência de vivências nesta jornada. Afinal, você é parte de um coletivo! Além dessa vivência coletiva planejada, você poderá ouvir a experiência de outros colegas por meio de uma escuta ativa e responsiva. Uma sugestão é propor uma roda de histórias. Nela, histórias de pessoas de diferentes gerações poderão ser compartilhadas e somadas aos saberes adquiridos por todos. As histórias ouvidas podem ser registradas e, depois, compartilhadas na escola e em sua comunidade!

Lembre-se ainda de que foram muitas as atividades desta Unidade. O ideal é que conserve todas, pois elas serão úteis e você voltará nelas durante toda a sua caminhada neste projeto de vida. Em especial, guarde sua linha do tempo, seu painel de inspirações, seu mapa mental e sua carta.



2

Expansão e exploração: o encontro com o outro

Nesta Unidade, vamos pensar sobre:



Observe os termos da nuvem e responda no caderno.

Respostas pessoais.

- 1. Existe algum termo que você não conhece? Qual(is)? Pesquise o significado desses termos.
- 2. Você se identifica com algum termo da nuvem? Justifique sua resposta.
- 3. Você identifica alguma relação entre os termos? Qual relação existe?
- 4. Você considera que esses termos fazem parte do projeto de vida? Converse com os colegas e o professor.



Na Unidade anterior, você pensou sobre si, conheceu mais sobre sua família, ouviu as histórias dos seus colegas, produziu textos sobre você e também pôde pensar sobre seus desejos e desafios. É hora de expandir: sair das fronteiras da casa e da escola. E como faremos isso? Agora, o encontro é com o outro. É sobre isso que trataremos nesta segunda Unidade.

Mas quem é esse outro? Esta será uma das descobertas que esta parte da jornada lhe propiciará. Fato é que qualquer coisa só existe diante da outra e aqui já lhe damos um rápido *spoiler*: o *outro*, na verdade, se refere a *muitos outros*. E você, principal ponto referencial deste livro, tem sua identidade construída com base na constante interação com os outros, compreendidos aqui não somente como pessoas, mas também como espaços e seus usos. Mesmo um eremita habitante de uma caverna só é considerado eremita devido à referência dos outros.

De acordo com essa perspectiva, o encontro com o outro se refere a todo o seu agir pessoal e coletivo, em que se evidencia a necessária reflexão sobre sua autonomia em relação a interatividade, colaboração, empatia e responsabilidade diante dos outros. Seguir ensimesmados e imersos em nossas próprias crenças e "verdades" pode resultar em compreensões distorcidas de nosso entorno. Encontrar-se com o outro é, antes de qualquer coisa, estar aberto a conhecer o outro. Mas não de qualquer maneira, e sim com propósito e método. Tarefa essa longe de ser simples, pois, nas palavras do escritor e historiador Joel Rufino dos Santos, "aceitar" o outro é fácil, o difícil é "hospedar" o outro, porque para isso é preciso largar um pouco de si, abandonar ideias e "pré-conceitos". Afinal, somos parte de um coletivo.

E, para aceitar alguém, é fundamental trabalhar uma competência social chamada **empatia**. Certamente, você vai encontrar muitas vezes essa palavra sendo utilizada em distintos contextos e situações.

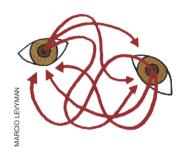


Eremita: Pessoa que, por motivo espiritual, de penitência ou amor à natureza, vive isolada, fugindo do trato social.

Ensimesmado: Voltado para dentro de si mesmo; concentrado, recolhido.

Sobre a empatia

Empatia é a capacidade humana de ter condições de assumir a perspectiva dos outros e compreender as necessidades e sentimentos alheios, construindo relacionamentos com base no compartilhamento e na abertura para o convívio em sociedade. Assim, nos dias atuais, é muito importante e essencial o exercício da empatia, do diálogo, da resolução de conflitos e da cooperação, respeitando e promovendo o respeito aos outros e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas, sem preconceito de qualquer natureza. Para ter uma ideia mais concreta do que significa empatia, leia a seguir um trecho de "Pelos seus olhos eu vejo":



"[...] na troca do olhar encontramos três componentes da empatia: eu te olho; você me olha, mas eu devo compreender o que esse olhar, experimentado por nós e dirigido para mim, significa; e nasce da troca do olhar um elo que não pertence nem mais a mim nem a você, mas ocorre entre nós."

HOLANDA, A. Pelos seus olhos eu vejo. *Revista Vida Simples*. São Paulo: Caras, ano 14, n. 169, abr. 2016.

O encontro com o outro se dá necessariamente pela ação, mobilização e interação com os diferentes espaços que vivenciamos. A citação não esgota todas as possibilidades de encontros, ainda mais se considerados os ambientes virtuais. Também basta olhar ao redor para se lembrar de que cada colega possui uma trajetória de vida, interesses, objetivos, e que isso repercute nas diferentes formas de entender e se relacionar com os espaços.

Diante do desafio de lhe ajudar na elaboração de seu projeto de vida, organizamos esta reflexão sobre "o encontro com o outro" em três capítulos: "Territórios e saberes", "Jovem cidadão" e "Uma rede em expansão". Em cada um deles, uma série de atividades vai lhe ajudar a compreender um importante componente de seu projeto: a relação entre você e o outro.

As ações presentes na Unidade objetivam instrumentalizá-lo para muitas situações possíveis diante da imprevisibilidade dos tempos atuais e auxiliá-lo em sua reflexão sobre sua identidade, motivação, empoderamento e participação coletiva.

O nosso convite é para que você se perceba, ao final desta Unidade, um cidadão, diante de direitos e deveres, pertencente a um coletivo e como parte interdependente de redes locais e virtuais. Compreenda-se como sujeito ativo e protagonista, que integra a construção da vida familiar, escolar, comunitária, nacional e internacional.

Para guardar

Antes de iniciar este segundo momento da jornada, pare e reflita um pouco. Registre em seu caderno seus pensamentos sobre as questões a seguir.

- O que você entende por "encontro com o outro"?
- · Quem é o outro ou quem pode ser os outros?
- E a vida comunitária: quem faz parte dela?
- O que é ser cidadão?
- E quais são seus direitos e deveres como cidadão? Você os conhece?
- Como você participa da vida de sua comunidade?



Territórios e saberes

a cidade se inventa eu mesmo me invento

sinto que fui inventado junto dela crescemos juntos nos inventamos

quando me inventava (a ser gente)
a cidade começava a se inventar
ora inspirada na tv
ora inspirada nela mesma
ora inspirada no que nunca foi inventado

pião bila conto botão pipa trancelim bola-de-meia bola-de-trapo bola-de-capa figurinhas de chiclete/de-xilito cavalinhos-de-talo-de-carnaúba carro-de-fulande/de-rolimã boneca-de-trapo/de-sabugo bonequinhos-de-feira/da-coca-cola vídeo-game et coetera

a cidade começava as ruas inventando casas bairros pessoas classes gangues outras ruas

as ruas mudam
são estranhas
diferentes
e não precisam de rg pra marcar sua impressão digital
são ruas e pronto
diferentes e pronto
é a rua e pronto
com um único varal dependurado
onde roupas úmidas
umidificam a calçada
e pingos confundem-se em chuva

ruas que petrificam em casas que vivem dentro de si dentro de outros e de mim também

Rede conceitual

Observe a seguir a definição de "território" segundo o dicionário:



Território

- "1 grande extensão de terra
- 2 área de município, distrito, estado, país etc.
- 3 área de uma jurisdição
- 4 a própria jurisdição
- 5 no Brasil e nos EUA, região que, não constituindo um estado, é administrada pela União"

Dicionário eletrônico Houaiss. São Paulo: Objetiva, 2009.

Mas você sabe que, caso seja questionado sobre o **seu território**, a resposta se tornará mais complexa, isso porque, inevitavelmente, virão em sua mente diferentes personagens e espaços com os quais interage para poder defini-lo como "seu". Trata-se, então, de um espaço resultante de contínuas interações socioespaciais, que transpassam o mundo físico e se embrenham nas diversas formas de interagir, vivenciar, compreender e se apropriar desse mesmo espaço. Em outros termos, território é o espaço das experiências, onde vivemos, atuamos, intervimos, confrontamos e idealizamos.

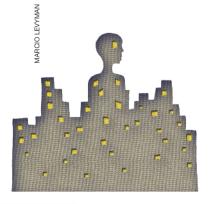
Agora, se o território se refere aos ensaios de seus atores em determinados espaço e tempo, não podemos deixar de ressaltar a pluralidade de contextos e as particularidades de cada localidade, cada qual com sua história, disputas e acordos.

Sua cidade é um bom exemplo de território. Ao caminhar por ela, você constantemente se depara com questões que incidem direta ou indiretamente em sua vida. Algumas, como a mobilidade ou o saneamento básico, são evidentes. Outras são sutis, como as relações entre o público e o privado, a mercantilização dos espaços e a especulação imobiliária. Outras ainda são desconhecidas, como as homenagens registradas nas placas das ruas ou os monumentos e vestígios de tempos passados. Há também questões invisíveis, que se referem ao afeto, às barreiras sociais ou às memórias de um lugar que já foi um dia, mas não existe mais.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2015, 84,72% da população brasileira vive em áreas urbanas, e apenas 15,28% dos brasileiros vivem em áreas rurais. Na Região Sudeste, a concentração em áreas urbanas chega a 93,14%.

Apesar de esse processo de urbanização e crescimento das cidades estar associado à ideia de progresso, de desenvolvimento tecnológico, ele provoca o apagamento da história das localidades. Por vezes é excludente e promove a segregação entre diferentes grupos sociais.

As cidades têm lógicas próprias, e até mesmo o aparente caos das metrópoles possui origens e escolhas de determinados grupos. Não é estranho observarmos os carros se apropriando dos espaços que anteriormente se destinavam aos transeuntes. As antigas casas dão lugar aos arranha-céus. A prosperidade de alguns bairros vem carregada de padrões estéticos, controle sobre as águas,



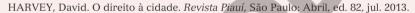
autoridade sobre o acesso, intervenção sobre a mobilidade. E nisso as antigas cidades se escondem, crenças e saberes se abrigam, profissões se extinguem. Por outro lado, como a cidade está em constante transformação, há também novos saberes, novas profissões e novos lugares que podemos conhecer.

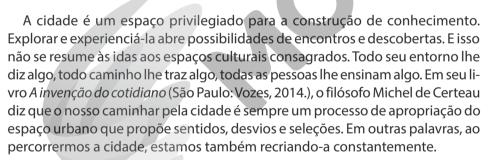


O direito à cidade

"Será que o espantoso ritmo e a escala da urbanização nos últimos 100 anos contribuíram para o bem-estar humano? A cidade, nas palavras do sociólogo e urbanista Robert Park, é a tentativa mais bem-sucedida do homem de refazer o mundo em que vive mais de acordo com os desejos do seu coração. Mas, se a cidade é o mundo que o homem criou, é também o mundo onde ele está condenado a viver daqui por diante. Assim, indiretamente, e sem ter nenhuma noção clara da natureza da sua tarefa, ao fazer a cidade o homem refez a si mesmo.

Saber que tipo de cidade queremos é uma questão que não pode ser dissociada de saber que tipo de vínculos sociais, relacionamentos com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos nós desejamos. O direito à cidade é muito mais que a liberdade individual de ter acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Além disso, é um direito coletivo e não individual, já que essa transformação depende do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização. A liberdade de fazer e refazer as nossas cidades, e a nós mesmos, é, a meu ver, um dos nossos direitos humanos mais preciosos e ao mesmo tempo mais negligenciados."





Cada um de nós possui uma forma de "viver a cidade". A diversidade dos modos de vivenciar o espaço urbano está ligada a distintas questões, das quais destacamos as seguintes:

- Os nossos deslocamentos cotidianos: se moramos perto da escola ou do trabalho e vamos a pé; se precisamos usar transporte público; se vamos de bicicleta etc. Nos nossos percursos cotidianos, encontramos pessoas e passamos por lugares.
- As relações de poder: a cidade reflete as desigualdades sociais e nos impõe fronteiras físicas e também simbólicas. As fronteiras – visíveis ou invisíveis – acabam por nos guiar no modo como habitualmente nos comportamos na cidade, nas escolhas dos lugares que frequentamos nos momentos de lazer, nos caminhos onde nos sentimos mais seguros e à vontade, e nos caminhos que nos parecem mais "estranhos".



 A nossa turma: os grupos socioculturais com os quais nos identificamos também influenciam bastante a nossa experiência na cidade. Uma praça onde amigos se reúnem para andar de skate, o centro de cultura onde outros se encontram para jogar RPG, e a lanchonete do bairro que virou ponto de encontro no fim da tarde são alguns exemplos.

Explorar a cidade é, portanto, uma forma de conhecê-la melhor. A exploração exige uma postura consciente de atenção aos detalhes que marcam os nossos percursos rotineiros no território. Exige, ainda, a postura desbravadora de buscar conhecer também outros caminhos que não aqueles do nosso cotidiano.

A exploração como atitude para conhecer o território

"A circulação em ambientes das cidades e dos bairros estimula o conhecimento sobre o funcionamento e as características das relações sociais, dos equipamentos públicos, serviços e tecnologias existentes. Ao se promover a circulação e o contato intenso com as cidades e suas múltiplas realidades e oportunidades, espera-se estimular novos pontos de vista, ampliar as perspectivas de futuro e desencadear ideias para projetos sociais e pessoais. Assim a exploração de novas realidades estimula a motivação para descobrir e experimentar.

Além disso, ao circular pela cidade os jovens são estimulados a ter uma percepção mais atenta das trajetórias percorridas, das potencialidades e dos desafios presentes em sua própria comunidade."

HAASZ, Iara; BRANT, Maria; POMPEROY, Melissa; SANTOS, Wagner. *Jovens urbanos*: marcos conceituais e metodológicos.

São Paulo: Fundação Itaú Social, 2003. p. 10.

A exploração da cidade e dos territórios pode promover o alargamento de nossas experiências de mundo e a expansão de nossas redes.

As perguntas que lançamos agora para você é: você conhece a sua cidade? Afinal, qual é o seu território?

A seguir, apresentamos uma sequência de três atividades. Em suas temáticas, elas se complementam no trabalho sobre o encontro com o outro e sobre a (re)descoberta da cidade.



1 Expedição investigativa e hand maps

Para ser um verdadeiro investigador dentro de sua própria escola, de seu bairro, ou de sua cidade, é necessário ter um olhar aberto como um "estrangeiro". Sabe quando você chega em algum lugar novo, que nunca havia ido antes, olha para tudo e acha diferente? Já viveu isso? Será que algum colega da sala já viveu uma experiência assim? Conversem entre si para ver o que descobrem.

A nossa "Expedição investigativa" foi organizada em cinco etapas.

Etapa 1:

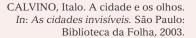
A preparação

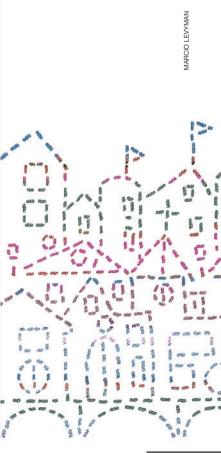
Para alcançar o olhar de estrangeiro do qual falamos anteriormente, vamos lançar alguns passos.

Nesta etapa de preparação para a nossa "expedição investigativa", você vai ler o conto "A cidade e os olhos", do escritor italiano Italo Calvino (1923-1985). Tal conto foi publicado no livro *As cidades invisíveis*. Vamos tentar descobrir o motivo desse título? Mas, antes, uma dica: não se assuste se você encontrar algumas palavras difíceis, que desconheça. Atente-se à leitura e sinta o que o narrador quer lhe contar.

A cidade e os olhos

"Ao chegar a Fílide, tem-se o prazer de observar quantas pontes diferentes entre si atravessam os canais: pontes arqueadas cobertas, sobre pilares, sobre barcos, suspensas, com os parapeitos perfurados; quantas variedades de janelas apresentam-se diante das ruas: bífores, mouriscas, lanceoladas, ogivais, com meias-luas e florões sobrepostos; quantas espécies de pavimento cobrem o chão: de pedregulhos, de lajotas, de saibro, de pastilhas brancas e azuis. Em todos os pontos, a cidade oferece surpresas para os olhos: um cesto de alcaparras que surge na muralha da fortaleza, as estátuas de três rainhas numa mísula, uma cúpula em forma de cebola com três pequenas cebolas introduzidas em sua extremidade. 'Feliz é aquele que todos os dias tem Fílide ao alcance dos olhos e nunca acaba de ver as coisas que ela contém', exclama-se, triste por ter de deixar a cidade depois de tê-la olhado apenas de relance. Sucede, no entanto, de permanecer em Fílide e passar ali o resto dos dias. A cidade logo se desbota, apagam-se os florões, as estátuas sobre as mísulas, as cúpulas. Como todos os habitantes de Fílide, anda-se por linhas de ziguezague de uma rua para a outra, distingue-se entre zonas de sol e zonas de sombra, uma porta aqui, uma escada ali, um banco para apoiar o cesto, uma valeta onde tropeça quem não toma cuidado. Todo o resto da cidade é invisível. Fílide é um espaço em que os percursos são traçados entre pontos suspensos no vazio, o caminho mais curto para alcançar a tenda daquele comerciante evitando o guichê daquele credor. Os passos seguem não o que se encontra fora do alcance dos olhos mas dentro, sepultado e cancelado: se entre dois pórticos uma continua a parecer mais alegre é porque trinta anos atrás ali passava uma moça de largas mangas bordadas, ou então é apenas porque uma certa hora do dia recebe uma luz como a daquele pórtico de cuja localização não se recorda mais. Milhões de olhos erguem-se diante das janelas pontes alcaparras e é como se examinassem uma página em branco. Muitas são as como Fílide que evitam os olhares, exceto quando pegas de surpresa."





É hora de uma conversa sobre o conto lido junto com o professor e os demais colegas. Anote em seu caderno o que achou mais interessante nessa conversa. Registre também seus sentimentos e/ou suas reflexões.

Imagine agora como seria um encontro com o mar pela primeira vez. Você conhece o mar? Você se lembra do primeiro dia em que viu e sentiu o mar? Veja como foi para o Diego.



Pai, me ensina a olhar!

"Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Pai, me ensina a olhar!"

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. São Paulo: L&PM Pocket, 2005.

O que será que Diego quis dizer ao pedir para seu pai: "Me ensina a olhar!"? Converse com o colega e anotem o que descobriram juntos.

Para finalizar a nossa preparação, vamos conhecer o que poetizou Otto Lara Resende (1922-1992) sobre o olhar:



"Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver, disse o poeta. Um poeta é só isto: um certo modo de ver. O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio. [...] Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos. [...] Nossos olhos se gastam no dia a dia, opacos. É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença."

RESENDE, Otto Lara. Vista cansada. *In: Bom dia para nascer* – crônicas publicadas na *Folha de S.Paulo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Com base nas percepções registradas dos três textos lidos nesta etapa e das conversas que eles motivaram, é hora de fazer algumas relações coletivamente.



Para pensar todos juntos

- Qual é a relação entre todos os textos lidos?
- O que é o olhar?
- O que significa exercitar o olhar estrangeiro?
- É possível olhar o "invisível"?
- Será que conseguimos ser um pouquinho "estrangeiros" em relação ao lugar onde moramos?

Chegou a hora de fazer! Vamos lá?

Etapa 2:

Saída exploratória

Falamos no início do Capítulo da importância de explorar o território e a cidade. Agora é hora de colocarmos a mão na massa. Orientados pelo professor, você e seus colegas vão sair em dois grandes grupos para uma exploração.

Antes da saída, todos precisam conhecer as orientações para a atividade de exploração.



Dicas básicas para a exploração

A rota

O grupo deve estabelecer uma rota. Por exemplo: se a maioria dos integrantes morar perto da escola, vale pensar nos trajetos entre as casas e a escola. Se isso não for possível, com a ajuda do professor, construa uma rota inicial.

A observação

Contemple o caminho, a paisagem, as construções. Perceba o que é público e o que não é, destaque os comércios das residências. Observe as pessoas, quem são, o que estão fazendo.

Os registros

Anote os nomes das ruas, o que lhe chamou a atenção, suas considerações e sensações. Vale também fazer imagens (vídeos e fotos) com o celular.

Importante: organizar o grupo

Para nossa expedição investigativa, em cada grupo deve haver um *timoneiro*, um *terra* à vista e um escriba. O primeiro será o guia; o segundo, um atento observador; e o terceiro, o que registra as impressões da exploração em texto, imagem ou áudio.

Para apurar a sua capacidade de observação, uma ideia é pensar em aspectos sensoriais que marcam a sua vivência na exploração e também em aspectos espaciais. A seguir, listamos algumas perguntas que vão lhe ajudar na tarefa da observação. Lembre-se de registrar em seu caderno as suas percepções! O registro acompanha a observação, ou seja, ele é feito ao longo do percurso.



Grupo Sensorial

- Que cheiros eu sinto?
- Que sons eu escuto?
- Quais cores eu vejo?
- Como meu corpo se sente nesse
- Qual a sensação que tenho ao observar as condições sociais desse local?
- Como reajo à sensação climática?

Grupo Espaço/Movimento

- Quais os equipamentos e serviços públicos existem no seu território?
- Como as pessoas se locomovem?
- Quem eu vejo na rua?
- Como é a estrutura de moradia nesse local?
- Eu percebo lideranças locais?
- Quais aspectos da cultura local podemos identificar?
- Quais são as condições ambientais do local?
- Como as informações circulam?

Pronto! Exploração investigativa feita, agora é a hora de sistematizar tudo o que você e seus colegas observaram.



Etapa 3:

A construção do hand map

Você sabe o que é um hand map? Essa expressão, que, em português, significa "mapa desenhado a mão", tem como ideia central representar um percurso de forma bem pessoal. Por isso, o mapa produzido não é fiel ao "mapa oficial" de uma cidade ou território. No hand map, os registros são sempre pautados pela imaginação e pela memória de cada um. Veja o exemplo de um hand map do Brasil.



Vamos ao passo a passo da produção do nosso hand map.

I. Organizar grupos

Certamente, todos retornaram da exploração com muitas ideias e registros. É o momento de reorganizar a turma, compondo grupos de aproximadamente quatro integrantes. Não há problemas em ter, nesta etapa, participantes de diferentes "rotas" da expedição exploratória.

O grupo organizado vai produzir um hand map coletivo.

II. A criação coletiva do mapa

Tendo como ponto de referência comum a escola, o objetivo é que você e seu grupo representem algumas impressões sobre o território.

A escola pode ser representada no centro do mapa e os trajetos individuais (por exemplo, da escola para a casa de algum colega) podem ser os limites desse território registrado.



Dicas para a construção do hand map

No seu hand map, não pode faltar:

- lugares considerados importantes, como praças, igrejas, hospitais, escolas etc., e que muito provavelmente fariam parte de qualquer mapa oficial da localidade;
- aqueles lugares de que vocês não gostam;
- e lugares que, ao contrário, vocês adoram.

Vale aqui ativar a memória e revisitar suas anotações para incluir no *hand map* detalhes mais particulares desse percurso, como, por exemplo, um local de depósito de lixo, um esgoto a céu aberto, árvore bonita ou um grafite que anima e enfeita a cidade.



Combine com seu grupo de utilizar uma legenda de cores para cada "categoria" de lugares representados. Por exemplo:

- azul para lugares "oficiais" do mapa;
- · roxo para lugares que poderiam sumir do mapa;
- · vermelho para os lugares que adoram.

Para a confecção do *hand map* serão necessários caderno (que servirá de bloco de notas), caneta esferográfica ou lápis, papel pardo ou cartolina, canetas ou lápis coloridos, fitas adesivas coloridas e blocos autoadesivos coloridos.

Entretanto, não se prenda aos materiais. A atividade pode ser realizada com um lápis e uma folha sulfite A4 ou, ainda, digitalmente, com o auxílio de um aplicativo de desenho e pintura.



Exemplo de hand map que representa parte da Europa.

Etapa 4:

Socializar

Com os *hand maps* prontos, cada grupo deverá apresentá-lo para a turma. É importante que, durante a apresentação, você e seu grupo exponham os motivos da escolha dos elementos representados no mapa.

Veja as perguntas a seguir, que podem guiá-los:

- 1. Quais pontos foram destacados? Por quê?
- 2. O que os hand maps têm em comum?
- 3. Destacaram residências? Referiram-se às pessoas?
- **4.** Há diferença de percepção sobre o território de quem vem para a escola a pé do de quem vem de ônibus ou carro?
- 5. O que é público? O que é privado?
- 6. Que sensações os lugares trazem? São acolhedores? São opressores?
- 7. O entorno escolar é um lugar de pertencimento? Por quê?
- **8.** Como nos relacionamos com o entorno?
- 9. E como nos relacionamos com as pessoas que interagem nesses trajetos?

Etapa 5:

Sobreposições e fechamento da atividade

Após o debate, agora com a turma toda, a proposta é sobrepor os elementos presentes nos diferentes *hand maps* em um mapa oficial da região, do bairro da escola. O professor vai ajudá-los nesta tarefa.

Nesta etapa, o ideal, durante o debate, é agir com empatia, levando em consideração o ponto de vista do colega de turma, para compreender, assim, as necessidades que cada um tem de defender um ponto de vista e vocês todos poderem construir um relacionamento com base no compartilhamento de ideias. Essa capacidade de diálogo tornará seu convívio agradável durante o projeto de vida.

Para realizar o fechamento da atividade, responda às questões a seguir no caderno.

- 1. Qual é o resultado da sobreposição dos mapas feitos por você e seus colegas com um mapa oficial do território? Quais são as diferenças e as semelhanças entre eles?
- 2. O que apareceu nos hand maps que não está presente no mapa oficial? Por quê?
- 3. Como se dá a apropriação do espaço público?
- **4.** E a especulação imobiliária? E os espaços vazios?
- 5. E o controle dos acessos?
- **6.** O que é ter direito à cidade?



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Expansão e exploração (reflexão sobre relações sociais e ampliação de horizontes e possibilidades): o encontro com o outro e o mundo, com ênfase na dimensão cidadã.
- Vivenciar e atribuir significados às experiências cotidianas na escola, em especial àquelas que dizem respeito à construção de laços afetivos e à atuação em grupos de trabalhos escolares, em projetos extraclasse e nas aulas.

Objetivo: Refletir sobre como cada integrante da turma se relaciona com os lugares tendo como convergência o espaço escolar e seu entorno.

Justificativa: A importância de vivenciar e atribuir significados às experiências cotidianas, em especial àquelas que dizem respeito ao lugar onde você vive e onde fica sua escola.

✓ Competências gerais:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

✓ Competência específica de Linguagens:

3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

✓ Habilidades de Linguagens, Língua Portuguesa e Ciências Sociais aplicadas:

(EM13LGG305) Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo princípios e objetivos dessa atuação de maneira crítica, criativa, solidária e ética.

(EM13LP22) Construir e/ou atualizar, de forma colaborativa, registros dinâmicos (mapas, wiki etc.) de profissões e ocupações de seu interesse (áreas de atuação, dados sobre formação, fazeres, produções, depoimentos de profissionais etc.) que possibilitem vislumbrar trajetórias pessoais e profissionais.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

✓ Tema contemporâneo transversal:

O Brasil, principalmente a partir da década de 1960, viveu um processo ininterrupto de urbanização e de aumento populacional. Sobretudo nos grandes centros, esse crescimento da população urbana não foi acompanhado pelo desenvolvimento de infraestruturas e serviços capazes de atender a esses novos contextos. Apesar de a taxa de natalidade do país estar em declínio, um dos grandes desafios deste século ainda são nossas cidades: superlotação, mobilidade, saneamento básico, entre outros. Aqui, você pôde trabalhar seu olhar para este encontro com a cidade, no qual tratamos das macroáreas temáticas do Meio Ambiente, Economia, Saúde, Cidadania e Civismo, Multiculturalismo e Ciência e Tecnologia, na medida em que a cidade aglutina todos esses campos, e, ao investigá-lo, confrontamos problemas e soluções ambientais, diferentes dinâmicas e apropriações do espaço e da diversidade cultural.

2 A busca pelo outro

Na atividade anterior, refletimos sobre como cada integrante da turma se relaciona com os lugares tendo como convergência o espaço escolar e seu entorno. Agora, a motivação é ampliar essa escuta e passar para uma investigação aprofundada sobre seu território.

Etapa 1:

Aquecimento e debate

A nossa atividade começa com o trecho de uma notícia disponível no *site* da Rede Mocambos.

Rede Mocambos debate as ações de trabalho ao longo desse ano

"A Rede Mocambos realizou na Casa de Cultura Tainã, entre os dias 22 e 26 de março, um encontro com quatro jovens quilombolas das comunidades Kalungas de Cavalcante, Engenho II e Rio do Prata para construir os próximos passos da continuidade da construção da rede de comunicação no território Kalunga.

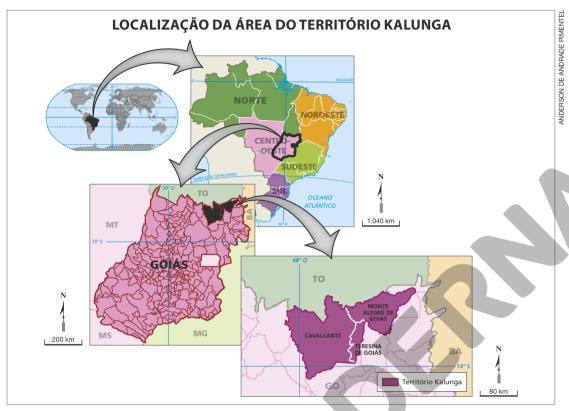
O encontro foi uma imersão nas vivências de cada um dos participantes, a fim de se levantar e definir dados das antenas que já foram instaladas na região e pensar onde serão fixados os próximos pontos e possíveis formas de arrecadação de recursos para comprar os outros equipamentos que serão instalados.

Laisa Santos, nascida na região do Rio do Prata, relata em sua experiência que veio reunir-se em Campinas depois de participar de assembleias realizadas na Casa Kalunga onde foi apresentado o projeto da instalação de uma rede livre de telefonia celular entre as comunidades. 'Estavam fazendo um levantamento e vi que a região do Prata não ia ser incluída porque não tinha nenhum representante. No outro dia eu e a Geórgia fomos medir os pontos para ver onde a antena poderia ser instalada.'"

REDE MOCAMBOS. Rede Mocambos debate as ações de trabalho ao longo desse ano. Disponível em: http://www.mocambos.net/tambor/pt/noticias/rede-mocambos-debate-as-acoes-de-trabalho-ao-longo-desse-ano. Acesso em: 25 nov. 2019.



O texto noticia uma etapa de uma ação de implementação de redes de comunicação realizada no estado de Goiás, no território Kalunga, que abrange os municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás.



Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Atlas geográfico escolar. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

O território Kalunga é o maior quilombo reconhecido oficialmente no país, e, com sua titulação e posse para as comunidades ali presentes, foi possível manter famílias com suas tradições e modos de vida singulares, isso, claro, sem perder os avanços tecnológicos do tempo presente. São inúmeros os desafios do território Kalunga: a regularização fundiária, a pressão pela construção de uma hidrelétrica no Rio das Almas, entre outros.

Para explorar o texto e o assunto em questão, junte-se com os colegas e façam um debate sobre as seguintes questões:

- 1. O texto cita a implementação de uma rede de comunicação. O que seria isso?
- 2. Como será que eles conseguiram criar a Rede Quilombola de Comunicação Livre?
- 3. O que é tecnologia social?
- 4. Que mudanças a ação trouxe para a vida dos moradores da região?

No portal

A Rede Mocambos é uma rede solidária de comunidades quilombolas, indígenas e associações da sociedade civil de todo o país conectadas por meio de tecnologias da informação e comunicação. O principal objetivo da Rede é compartilhar ideias e oferecer apoio recíproco. Seus eixos principais de atuação são a manutenção e a contínua construção de suas identidades culturais, o desenvolvimento local, apropriação tecnológica e a inclusão social.

Conheça a rede no *site* disponível em: http://www.mocambos.net/tambor/pt/baobaxia. Acesso em: 28 dez. 2019.

Etapa 2:

Investigar e descobrir

Acabamos de ter contato com um exemplo de mobilização comunitária. No caso dos Kalungas, eles identificaram um problema, que era a constante falta de comunicação entre os moradores do território. Você já pensou sobre como é ficar sem se comunicar com alguém ou ficar sem informação sobre seu entorno? Atualmente, no território Kalunga é possível saber quem, por exemplo, vai para a cidade e, assim, pedir uma carona. Rapidamente as pessoas podem se informar sobre a estrada ou se o nível do rio subiu, bloqueando o acesso à comunidade.

E a sua comunidade, como é? A escola e seu entorno são a referência que reúne todos os alunos da sala. Vamos então manter o foco nesta localidade.

Atualmente, existem muitas fontes disponíveis na internet para levantar informações. Em duplas, procurem na rede *sites*, *blogs*, *vlogs* que contenham informações sobre sua localidade. Levantem bibliografias, referências fílmicas, visuais, entre outras fontes que acharem importantes.

Tendo sempre como objetivo investigar o entorno escolar, em um primeiro momento, busquem dados sobre:

- · sua história, produção econômica,
- extensão territorial,
- densidade demográfica (população),
- clima e vegetação predominantes,
- outras informações que vocês considerem relevantes.

Em seguida, investiguem sobre a existência de movimentos culturais, espaços culturais públicos e privados e coletivos juvenis em sua região.

Para terminar sua pesquisa, elenquem os principais problemas e potencialidades do bairro.

Sites de apoio

- Capes: site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior que disponibiliza matérias e estudos científicos. Disponível em: https://www.capes.gov.br/>.
- Cidades Brasil: informações sobre todos os estados e cidades brasileiras, além de utilidades públicas do tipo "como tirar a identidade". Disponível em: https://www.cidade-brasil.com.br/.
- **Datafolha:** instituto que realiza pesquisas em todas as áreas (mercado, política, pessoal etc.). Disponível em: http://datafolha.folha.uol.com.br/.
- **Embrapa:** *site* em que você poderá conhecer mais do Brasil visto de cima. Disponível em: https://www.cnpm.embrapa.br/projetos/cdbrasil/>.
- **IBGE:** acesso a pesquisas como o Censo Demográfico do Brasil, mapas e estatísticas. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/.
- **Ipea:** acesso a pesquisas e matérias relacionadas a ações governamentais para a formulação e reformulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/>.
- Meu Município: acesso às contas de receitas e despesas, assim como indicadores gerenciais da sua cidade, e terá ainda a oportunidade de compará-los com os demais municípios brasileiros. Disponível em: https://meumunicipio.org.br/sobre-o-portal>.
- Scielo: acesso a pesquisas científicas. Disponível em: http://www.scielo.br/.
 Acessos em: 23 nov. 2019.



Separem e sistematizem sua pesquisa no caderno ou em um documento no computador (programa editor de texto que estiver disponível em sua escola).

Elaborem uma apresentação, organizando sua pesquisa com base nas seguintes orientações:

- I. história do bairro;
- II. dados gerais sobre o entorno escolar (número de habitantes, clima, serviços etc.);
- III. manifestações culturais presentes na localidade;
- IV. problemas da comunidade;
- **V.** potencialidades do bairro;
- VI. curiosidades do bairro.

A apresentação pode ser organizada em uma cartolina ou em qualquer outro suporte que permita a exposição do trabalho.

Vejam a seguir as perguntas que podem nortear vocês no debate do que apresentar para a turma:

- 1. Qual é a história do bairro? É um bairro antigo? Ele é central ou periférico? Como ele surgiu? Por quais motivos? Como se deu seu desenvolvimento?
- 2. Qual é o clima da região? Está localizado na serra? No mar? Chove muito? É seco?
- **3.** Quantos moradores habitam o bairro? De onde eles vieram? Há mais homens ou mulheres? E os jovens?
- 4. É um bairro violento? Seguro?
- **5.** As pessoas se conhecem? Trabalham juntas? O que as une? O que as separa?
- 6. O bairro oferece opções de lazer? Quais serviços? Faltam opções?
- 7. Quais são os problemas identificáveis no bairro? E quais são suas potências?
- 8. Há conhecimentos locais? Tradições que permanecem?

Com sua dupla, apresentem o trabalho para toda a sala.



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Expansão e exploração (reflexão sobre relações sociais e ampliação de horizontes e possibilidades): o encontro com o outro e o mundo, com ênfase na dimensão cidadã.
- A necessidade do bem comum (princípios éticos necessários à construção da cidadania) e de questões relacionadas à coexistência e à atuação coletiva (convívio social republicano).
- A compreensão de si como parte de um coletivo e como parte interdependente de redes locais e virtuais, considerando o status planetário no qual estamos todos inseridos.
- Vivenciar e atribuir significados às experiências cotidianas na escola, em especial àquelas que dizem respeito à construção de laços afetivos e à atuação em grupos de trabalhos escolares, em projetos extraclasse e nas aulas.

Objetivos: pesquisar sobre a história do bairro, levantar dados gerais sobre o entorno escolar, investigar sobre a existência ou ausência de manifestações culturais, refletir sobre os principais problemas e potencialidades da comunidade.

Justificativa: refletir sobre relações sociais, com ênfase no entorno escolar.

✓ Competências gerais:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

✓ Competências específicas de Linguagens:

- 3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.
- 4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.
- 6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

√ Habilidades de Linguagens, Língua Portuguesa e Ciências Sociais aplicadas:

(EM13LGG305) Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo princípios e objetivos dessa atuação de maneira crítica, criativa, solidária e ética.

(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

(EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

(EM13LP22) Construir e/ou atualizar, de forma colaborativa, registros dinâmicos (mapas, wiki etc.) de profissões e ocupações de seu interesse (áreas de atuação, dados sobre formação, fazeres, produções, depoimentos de profissionais etc.) que possibilitem vislumbrar trajetórias pessoais e profissionais.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

✓ Temas contemporâneos transversais:

Você já pensou na grandiosidade do nosso país e como há uma enorme variedade cultural, com contextos totalmente diferentes? Conhecer iniciativas como a Rede Mocambos nos ajuda a refletir sobre as macroáreas temáticas Multiculturalismo, Cidadania e Civismo, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente, pois se trata de um exemplo de engajamento comunitário, que visa à preservação de tradições sem perder os avanços tecnológicos e as demandas da sociedade contemporânea. A implementação de uma tecnologia social, no caso, uma rede de comunicação, a partir do engajamento de comunidades quilombolas, apoiadores da sociedade civil e do poder público, em uma dinâmica de estudo, debate, pesquisa e soluções de problemas, nos faz refletir sobre nossos contextos e entornos e as ações que podemos realizar coletivamente.

3 Encontro com o outro

Como visto anteriormente, explorar e experienciar a cidade abre possibilidades de encontros e descobertas. Por um lado, temos os espaços construídos para esse objetivo, como os museus, as casas de cultura, cada qual com sua particularidade. E, por outro, há os espaços que produzimos com base em nossas vivências e relações, criando laços, interagindo, apropriando-nos. A cidade é um espaço privilegiado para a construção de conhecimento para quem está atento e disposto a olhá-la.

Na atividade anterior, pesquisamos sobre a história do bairro, levantamos dados gerais sobre o entorno escolar, investigamos sobre a existência ou ausência de manifestações culturais, descobrimos curiosidades sobre o bairro, além de destacar e refletir sobre os principais problemas e potencialidades da comunidade.

Agora, a proposta é sair da escola para conhecer este entorno. Mas o que será necessário para que a saída não se torne um mero passeio? Ter objetivos claros. O intuito dessa saída é investigar sobre sua localidade.



Etapa 1

Divisão dos grupos

A turma será dividida em dois grandes grupos. Escolha em qual dos grupos você se encaixa melhor.

Grupo A – Pesquisa quantitativa

O grupo A será responsável por realizar um censo no entorno escolar. E o que é censo?



"A palavra censo vem do latim *census* e quer dizer 'conjunto dos dados estatísticos dos habitantes de uma cidade, província, estado, nação'. O Censo é a única pesquisa que visita todos os domicílios brasileiros (cerca de 58 milhões espalhados por 8.514.876,599 km²). Para conhecer a situação de vida da população em cada um dos 5.565 municípios do país. Um trabalho gigantesco, que envolve cerca de 230 mil pessoas, bem diferente da pesquisa amostral, que, como o próprio nome indica, investiga uma amostra da população e, a partir de modelos estatísticos, chega à representação do todo.

Para que serve o Censo? – O Censo é a principal fonte de dados sobre a situação de vida da população nos municípios e localidades. São coletadas informações para a definição de políticas públicas em nível nacional, estadual e municipal. Os resultados do Censo também ajudam a iniciativa privada a tomar decisões sobre investimentos. Além disso, a partir deles, é possível acompanhar o crescimento, a distribuição geográfica e a evolução de outras características da população ao longo do tempo.

Que políticas públicas podem ser geradas a partir dos resultados do Censo? – Através do Censo, o poder público pode identificar áreas



de investimentos prioritárias em saúde, educação, habitação, saneamento básico, transporte, energia, programas de assistência à infância e à velhice. E também selecionar locais que necessitam de programas de estímulo ao crescimento econômico e desenvolvimento social."

BRASIL. IBGE. *Guia do Censo*: apresentação. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/materiais/guia-do-censo/apresentacao.html>. Acesso em: 23 nov. 2019.

O Censo normalmente é realizado a cada dez anos. O método e o número de questões podem variar, pois acompanham as mudanças da sociedade. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão federal responsável pela aplicação do Censo do Brasil, aplica dois questionários à população. O primeiro, empregado à maioria dos habitantes, é um questionário curto, com 26 questões. Já o segundo é de um questionário mais detalhado, com 76 questões.

Para esta atividade, organizem-se em um grupo de quatro integrantes. Juntos, acessem as perguntas do último Censo para conhecer os modelos de questionários.

Vá lá!

O site Agência IBGE Notícias divulgou, em julho de 2019, as perguntas dos questionários do Censo Demográfico 2020. São dois questionários: o questionário básico, com 26 questões, e o questionário da amostra, com 76 questões. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24913-ibge-divulga-questionario-do-censo-2020. Acesso em: 23 nov. 2019.

Com base na atividade *hand maps* feita anteriormente e nos modelos observados do Censo, elabore com seu grupo 10 questões a serem aplicadas nas residências do entorno da escola.

O número de domicílios a serem visitados dependerá do lugar onde mora.

O que é pesquisa quantitativa?

"A pesquisa quantitativa é um método de pesquisa que utiliza a quantificação na metodologia de coleta de informações e no seu tratamento. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis etc."

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. *A pesquisa científica*. Métodos de pesquisa. Planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da Sead/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33.

Grupo B - Pesquisa qualitativa

O grupo B será responsável por realizar uma entrevista de história de vida com um morador do entorno escolar. E o que é entrevista de história de vida?

Entrevista de histórias de vida

Entrevista é um diálogo entre duas pessoas ou mais em que um dos sujeitos é o depoente, objeto da entrevista, e o outro é o entrevistador. Trata-se de uma relação dialógica, cujo resultado se dá justamente na interação entre as duas partes. A existência ou não de roteiro para a entrevista é facultativa, mas, quando presente, o roteiro é considerado um norteador da conversa, não sendo necessário abarcar a todas as questões presentes no documento ao longo do diálogo.

A entrevista de história de vida é focada na trajetória de vida do depoente, o que engloba muitos temas, que podem emergir desde a infância até o presente do entrevistado. O principal objetivo desse tipo de entrevista é ajudar o depoente a construir uma narrativa sobre si.



Entrevista com o ex-jogador de futebol Edson Arantes do Nascimento, conhecido como Pelé, sobre seu milésimo gol (19 de novembro de 1969, no jogo entre Santos e Vasco, disputado no Maracanã-RJ). São Paulo (SP), 2019.

Pesquisa qualitativa

"A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. [...] Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas,

primindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações."

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. *A pesquisa científica*. Métodos de pesquisa. Planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da Sead/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33.

Etapa 2:

Escolha dos depoentes

Os debates realizados nas atividades anteriores o ajudarão nessa escolha. Com todos dispostos em um círculo, a proposta é que o grupo B elenque os possíveis entrevistados para o exercício de entrevista de história de vida. Qual morador do entorno poderia nos ajudar a conhecer a história do bairro? Pode ser também alguém que tenha um trabalho social, um empreendedor ou um funcionário público. Há alguém que você admira?

Os nomes poderão ser escritos na lousa ou em uma folha sulfite A4. Com base nos nomes citados, é importante discutir sobre os critérios de escolha. "Por que tal pessoa?", "Porque ela é uma moradora antiga do bairro". Perceba que o critério envolvido é a compreensão de que, por ser moradora antiga, ela conhece a história do bairro. "Porque ele é um comerciante local"; nesse argumento, o critério poderia ser sua profissão, seu sucesso como empreendedor ou um exemplo de informalidade. O importante é que os critérios de escolha do sujeito a ser entrevistado estejam claros ao apresentar sua sugestão de depoente.

Convite e contato com o depoente

Tendo o nome selecionado pelo grupo, é importante que alguém se encarregue pelo contato com o entrevistado. A agenda dele tem que coincidir com a do grupo e com a da escola.

Etapa 3:

Roteiro de entrevista

Definido o depoente, é fundamental refletir sobre quais perguntas fazer ao entrevistado. Em duplas, a proposta é construir três perguntas, sem contar com a identificação do personagem. Em seguida, todos compartilham suas escolhas na lousa ou registram suas perguntas no computador com projeção para a turma (em sala de aula, pode-se fazer com tarjetas e/ou tiras de cartolina). Não há problema algum se algumas das perguntas forem repetidas; pelo contrário, serão estas as perguntas que provavelmente estarão presentes no roteiro final de entrevista.

Com o professor como moderador, o grupo deve chegar ao acordo de um roteiro com 20 a 30 perguntas.

Atente-se ao exemplo a seguir e responda: Em uma entrevista de história de vida, quais são os tipos de questões que permitem ao entrevistado narrar sua trajetória? O que é necessário para que o resultado seja uma boa narrativa?



Dicas e exemplo de roteiro básico de entrevista

Perguntas introdutórias para identificação:

- Quais são seu nome, local e data de nascimento?
- Qual é o nome dos seus pais?
- O que os seus pais faziam/fazem?
- Como você descreveria seu pai e sua mãe?
- Quais eram os principais costumes da sua família?
- Você gostava de ouvir histórias? Quem as contava?
- Você sabe a origem da sua família?
- Você tem irmãos? Quantos?

Infância:

- Você se lembra da casa onde passou sua infância?
 Como era?
- E o bairro e a cidade?
- Quais eram as suas brincadeiras favoritas? Você tinha muitos amigos?
- O que você queria ser quando crescesse?
- O que você mais gostava de fazer quando era criança?

Educação:

- Qual é a primeira lembrança que você tem da escola?
- Você teve algum professor que o tenha marcado?
- Como você se deslocava para a escola?

Juventude:

- Quando e como você começou a sair sozinho ou com amigos?
- O que vocês faziam?
- O que mudou em relação à sua infância?

Trabalho:

- Quando começou a trabalhar e qual foi seu primeiro emprego?
- O que você fazia com o dinheiro que ganhava?
- Que outros trabalhos você fez?

Faculdade/Especialização:

- Você fez faculdade? Qual? Por quê?
- O que mudou na sua vida nesse momento?
- Quais foram os momentos mais marcantes desse período?
- Como isso o influenciou profissionalmente?

Migração/Imigração:

- Você (ou sua família) se mudou? Por quê?
- Por que foi para tal bairro/cidade/estado/país?
- · Como foi a viagem?
- Aonde vocês chegaram?
- Qual foi a sua primeira impressão?
- O que mais chamou a sua atenção?
- Quais foram as primeiras dificuldades?

Casamento/Filhos:

- Você é casado(a)?
- Como conheceu seu(sua) esposo(a)?
- Você se lembra do dia do seu casamento? Como foi?
- · Vocês tiveram filhos? Qual é o nome deles?
- · Como foi ser mãe(pai)?

Perguntas conclusivas:

- O que você faz hoje?
- Quais são as coisas mais importantes para você hoje?
- Quais são os seus sonhos?
- Como foi contar a sua história?

PAULO MANZI

Etapa 4:

Execução da entrevista coletiva de história de vida

Com a escolha do depoente feita e um roteiro de entrevista preparado, agora é momento de irmos para a entrevista.

Inicialmente, é necessário destacar que contar sobre a própria vida é um grande desafio, e para o narrador é um momento muito especial. Por isso, respeito e acolhimento ao depoente são palavras de ordem nesta atividade.

Temos quatro etapas neste exercício: a pré-entrevista, a entrevista, a pós-entrevista e a sistematização da entrevista.

Pré-entrevista

Nesta etapa, o grupo deverá se dividir em funções e preparar a sala da escola para a entrevista. Escolham um horário e local que sejam silenciosos, como a biblioteca ou a sala de leitura. A sala pode ser decorada, o grupo pode dar um presente para o depoente, como uma flor ou a leitura de um poema. É importante garantir o registro integral da fala do entrevistado; por esse motivo, as entrevistas serão gravadas em áudio ou vídeo. Para o momento da entrevista, é importante que todos tenham uma função. Aqui vão algumas sugestões:

- um responsável pela recepção do depoente;
- desenhistas (dispersos em diferentes posições da sala);
- · fotógrafo;
- pesquisadores (responsáveis por anotar trechos da história que considerem importantes);
- · entrevistadores:
- câmera;
- outra função que o grupo criar o importante é o trabalho em equipe.

A entrevista

Com as funções definidas, o grupo deve se organizar para a execução da entrevista. É importante testar os equipamentos antes da entrevista (como o espaço na memória do celular ou a carga da bateria da câmera), conferir a luminosidade e a acomodação de todos. Confiram se existem projetos parceiros na escola que trabalhem com vídeo.



Dica

Ao terminarem as perguntas do roteiro, abram os questionamentos a todos do grupo. A narrativa do depoente com certeza trará informações e curiosidades que não estavam presentes anteriormente.

Pós-entrevista

Leitura de um poema, carta de agradecimento ou entrega de um presente ao depoente.

E que tal preparar um lanche coletivo? Cada estudante leva algo para comer ou beber.



WEBERSON SANTIAGO

Sistematização da entrevista

Planeje com os colegas uma seleção do material recolhido após a entrevista e, com a devida autorização do entrevistado, deixe-a registrada em um lugar. O grupo pode inserir a história do depoente no projeto *Conte sua história* do Museu da Pessoa, caso seja autorizado.

Etapa 5

Apresentação dos resultados das pesquisas

Para fazer um balanço da apresentação dos resultados das pesquisas realizadas, pense junto com a turma nas seguintes questões:

Quais foram as informações que cada grupo trouxe em relação à comunidade do entorno escolar? Façam uma apresentação para os demais colegas e professor. Neste encontro com o outro, pudemos conhecer dois métodos de pesquisa: quantitativa e qualitativa. Cada pesquisa contribuiu para um olhar sobre sua localidade. Você consegue perceber a diferença entre elas? E como elas dialogam com a sua experiência pessoal e com as demais atividades feitas neste Capítulo? Onde e como as histórias dos entrevistados se ligam à de vocês?



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Expansão e exploração (reflexão sobre relações sociais e ampliação de horizontes e possibilidades): o encontro com o outro e o mundo, com ênfase na dimensão cidadã.
- A necessidade do bem comum (princípios éticos necessários à construção da cidadania) e de questões relacionadas à coexistência e à atuação coletiva (convívio social republicano).
- A compreensão de si como parte de um coletivo e como parte interdependente de redes locais e virtuais, considerando o status planetário no qual estamos todos inseridos.
- Vivenciar e atribuir significados às experiências cotidianas na escola, em especial àquelas que dizem respeito à construção de laços afetivos e à atuação em grupos de trabalhos escolares, em projetos extraclasse e nas aulas.
- Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida familiar, escolar, comunitária, nacional e internacional, e é capaz de ampliar seus horizontes e perspectivas em relação a oportunidades de inserção no mundo do trabalho.

Objetivos: ampliar a escuta vivida na atividade anterior, realizar uma investigação profunda sobre seu território.

Justificativa: se na primeira Unidade, você realizou o ato de escuta uns dos outros; nesta Unidade, vai vivenciar essa ação com uma percepção ainda mais aguçada e fortalecida, conhecendo e ouvindo os moradores do bairro.

✓ Competências gerais:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

✓ Competências específicas de Linguagens:

- 2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
- 6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- 7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

√ Habilidades de Linguagens, Língua Portuguesa e Ciências Sociais aplicadas:

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.

(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

(EM13LP16) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à

forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

(EM13LP17) Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (vlog, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, podcasts, playlists comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.

(EM13LP18) Utilizar softwares de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

(EM13LP33) Selecionar, elaborar e utilizar instrumentos de coleta de dados e informações (questionários, enquetes, mapeamentos, opinários) e de tratamento e análise dos conteúdos obtidos, que atendam adequadamente a diferentes objetivos de pesquisa.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Saber como e onde pesquisar é uma habilidade imprescindível, tanto para o ambiente escolar como para o mundo do trabalho. Por isso, você se aventurou a experienciar pesquisas quantitativas e qualitativas que permitem refletir sobre as macroáreas temáticas do Multiculturalismo e Cidadania e Civismo, pois as ações nos instrumentalizam com métodos que ajudam a conhecer os moradores do entorno, a desvelar as questões do bairro, a apurar nossa escuta para a diversidade cultural em suas diversas formas de representação. Conhecer o entorno em que se vive é fundamental para se construir um olhar crítico sobre a realidade que nos cerca.



lovem cidadão Ah, meu amigo, a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente... E então? João Guimarães Rosa. Primeiras estórias. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. Rede conceitual Viver em sociedade não é fácil. Todo dia nos deparamos com situações em que contestamos sua eficiência. Com certeza você já teve dias ruins, com vontade de sumir e ficar isolado de tudo e de todos, ou já quis que alguém sumisse! Viver em sociedade é um desafio porque muitas vezes nos deparamos com regras e normas que limitam as nossas vontades. A convivência em sociedade requer isso, abrir mão de alguns desejos pessoais para a manutenção do convívio com os demais. Quando pensamos que precisamos dos outros, da menor comunidade até as grandes cidades, isso se torna mais fácil de compreender. Fato é que a sociedade contemporânea, diversa, plural, acolhe sujeitos de diferentes interesses, ideologias e vontades, mas o que deveria ser um processo natural de convivência em sociedade está longe de se livrar de conflitos. Nunca se teve tanto espaço para a diversidade, mas lembre-se de que todos os direitos só vieram pela luta. Se hoje as mulheres reivindicam salários iguais aos dos homens é porque, no passado, muitas delas se organizaram para isso. Se hoje toda criança e adolescente têm direito à educação, pode ter certeza de que isso não caiu do céu.

ajudá-lo a dar continuidade na construção de seu projeto de vida, apresentando situações, conceitos e informações que oportunizem a reflexão sobre sua relação com a sociedade, e prepará-lo para tomadas de decisões que ambicionem sua realização pessoal e um bom relacionamento com a coletividade.

É imprescindível refletir sobre o mundo em que nos encontramos e o mundo

Neste Capítulo, trataremos sobre direitos e deveres dos jovens, participação juvenil, movimentos urbanos, cooperação e construção coletiva. O objetivo é

que queremos. Mundo este onde felizmente você não está sozinho!



1 O que nos guia?

No texto seguinte, a jornalista Martha Medeiros nos faz refletir sobre o que esperamos de nós mesmos e como nos projetamos para o mundo.

"Nossa liberdade é parcial, todos sabem. Não me refiro ao país, e sim à nossa liberdade individual, minha e sua. Sempre que toco nesse assunto me vem à cabeça aquela frase que citei outras vezes: 'O máximo de liberdade que podemos almejar é escolher a prisão em que queremos viver'. É isso aí. E quais são essas prisões? Pode ser um casamento, ou, ao contrário, um compromisso com a solidão. Pode ser um emprego ou uma cidade que não conseguimos abandonar. Pode ser a maternidade. Pode ser a política. Pode ser o apego ao poder. Enfim, todas as nossas escolhas, incluindo as felizes, implicam algum confinamento, em alguma imobilidade, e não há nada de errado com isso, simplesmente assim é a vida, feita de opções que nos definem e nos enraízam.

Mas às vezes exageramos. Costumamos nos acorrentar também a algumas certezas e pensamentos como forma de dizer ao mundo quem somos. É como se redigíssemos uma constituição própria, para através dela apresentar à sociedade nossos alicerces: sou contra o voto obrigatório, sou a favor da descriminação das drogas, sou contra a pena de morte, sou a favor do controle de natalidade, sou contra a proibição do aborto, sou a favor das pesquisas com célula-tronco. Esse é apenas um exemplo de identidade que forjamos ao longo da vida. Você deve ter a sua, eu tenho a minha.

Dá uma segurança danada saber exatamente o que queremos e o que não queremos, no que cremos e no que desacreditamos. Mas onde é que está escrito, de fato, que temos que pensar sempre a mesma coisa, reagir sempre da mesma forma?

Ao trocar de opinião ou de hábitos, infringimos nossas próprias regras e passamos adiante uma imagem incômoda: a de que não somos seres confiáveis. As pessoas à nossa volta já haviam aprendido tudo sobre nós, sabiam lidar como nossos humores e nossos revezes, estava tudo dentro do programa e, de repente, ao mudarmos de ideia ou fazermos algo que nunca havíamos feito, subvertemos a ordem natural das coisas.

Quando visito algumas escolas, encontro estudantes um pouco assustados com as escolhas que farão e que lhe parecem definitivas. Tento aliviá-los: pensem, repensem, mudem quantas vezes vocês quiserem, é permitido voltar atrás. Digo isso porque eu mesma já reprimi muito meus movimentos, minhas alternâncias, numa época em que eu achava que uma pessoa séria tinha que morrer com suas escolhas. Ainda há quem considere leviana a pessoa que se questiona e se contradiz, mas já bastam as prisões necessárias – para que cultivar as desnecessárias?

Optei pelas medidas provisórias. Por isso, todos os anos eu faço uns picotes na minha constituição imaginária e jogo os pedacinhos de papel pela janela: é assim que comemoro o Dia da Independência. Da minha."

MEDEIROS, Martha. O dia da independência. In: Crônicas. Zero Hora, 7 set. 2008.



Agora é sua vez de imaginar, sonhar e desejar, mas também de perceber algumas forças que você traz consigo.

Quais são suas expectativas em relação ao Ensino Médio? O que o instiga, o que o motiva e o que o inquieta?

Provavelmente, suas questões conversam com as de outros colegas. Uma possibilidade de sistematizar todas essas inquietações e vontades é por meio da produção coletiva da árvore dos desejos.

Etapa 1

Árvore dos desejos

Escolha junto com o professor uma das paredes da sala para a construção da árvore. O objetivo é que a árvore fique exposta e possa ser sempre vista pela turma.

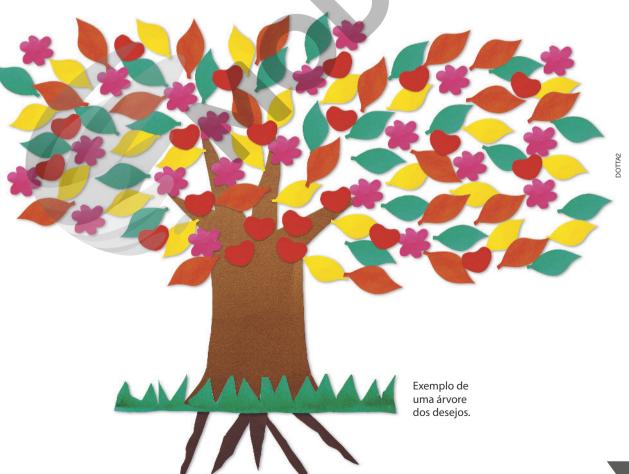
Vocês podem usar um papel-cartão para a confecção do tronco. Papéis coloridos – de preferência autoadesivos – podem servir de folhas, flores e frutos. As raízes podem ser feitas de papel crepom retorcido. Usem a criatividade!

As raízes podem simbolizar os seus sentimentos e os de seus colegas até o presente momento; as folhas podem representar a expectativa de vocês para os próximos anos.

Ao longo dos meses, vocês podem ir alimentando a árvore com a turma, construindo as flores, os frutos e as sementes.

As flores podem ser o que aprendemos a percorrer o nosso bairro. Os frutos podem ser o aprendizado com os entrevistados e a pesquisa realizada. As sementes seriam as marcas que vocês pretendem deixar na sua escola, no seu entorno, na sua cidade.

Quais princípios/valores nos orientam?



Etapa 2

Salada de princípios

Esta atividade permite levantar o que você considera importante na relação com o grupo, para a convivência e para a produção coletiva durante o ano letivo.

O *Dicionário básico de Filosofia* (São Paulo: Zahar, 1990.), de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, registra **princípio** como "preceito moral, norma de ação que determina a conduta humana e à qual um indivíduo deve obedecer, quaisquer que sejam as circunstâncias".

Leia e reflita sobre as questões a seguir.

- 1. Acreditamos que a definição presente no dicionário seja uma ideia relevante para o conceito de "princípio"?
- 2. O que é importante na minha relação comigo mesmo?
- 3. O que é importante para a nossa relação com os outros (instituições, profissionais, jovens)?
- **4.** O que deve orientar o nosso comportamento em momentos de conflito?

Registre sua resposta para as três últimas perguntas em pedaços de papel. Você pode ser sucinto, usando apenas expressões.

Organize, junto com a turma, um painel em uma parede da sala de aula. Esse painel, chamado de "salada de princípios" ou "cartografia dos princípios", deverá agrupar as tarjetas com expressões coincidentes ou semelhantes.

Etapa 3

Carta de princípios

Tendo como referência a salada de princípios, escolha com seus colegas as três expressões mais importantes (e recorrentes). Organizem-se em grupo e, coletivamente, escrevam a definição de um desses princípios.

Apresentem para o restante da turma sua produção e discutam com todo o grupo as definições até chegarem a um consenso.

Etapa 4

Combinados do grupo

Tendo em mente a carta de princípios do grupo, que tal estabelecer com os demais colegas as regras de convivência durante a jornada do projeto de vida?

Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- A necessidade do bem comum (princípios éticos necessários à construção da cidadania) e de questões relacionadas à coexistência e à atuação coletiva (convívio social republicano).
- A compreensão de si como parte de um coletivo e como parte interdependente de redes locais e virtuais, considerando o status planetário no qual estamos todos inseridos.
- Agir com empatia, sendo capaz de assumir a perspectiva dos outros, compreendendo as necessidades e sentimentos alheios, construindo relacionamentos baseados no compartilhamento e abertura para o convívio social republicano.
- Vivenciar e atribuir significados às experiências cotidianas na escola, em especial àquelas que dizem respeito à construção de laços afetivos e à atuação em grupos de trabalhos escolares, em projetos extraclasse e nas aulas.
- Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida familiar, escolar, comunitária, nacional e internacional, e é capaz de ampliar seus horizontes e perspectivas em relação a oportunidades de inserção no mundo do trabalho.

Objetivo: Refletir sobre o que você espera de si mesmo e dos outros e o que projeta para si e para os outros.

Justificativa: A importância de se desenvolver a competência social da empatia, ou seja, exercitar o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos.

✓ Competências gerais:

- **5.** Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

✓ Competências específicas de Linguagens:

- 2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
- **5.** Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.
- **6.** Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

✓ Habilidades de Linguagens, Língua Portuguesa e Ciências Sociais aplicadas:

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LGG502) Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder presentes nas práticas corporais, adotando posicionamento contrário a qualquer manifestação de injustiça e desrespeito a direitos humanos e valores democráticos.

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

(EM13LP25) Participar de reuniões na escola (conselho de escola e de classe, grêmio livre etc.), agremiações, coletivos ou movimentos, entre outros, em debates, assembleias, fóruns de discussão etc., exercitando a escuta atenta, respeitando seu turno e tempo de fala, posicionando-se de forma fundamentada, respeitosa e ética diante da apresentação de propostas e defesas de opiniões, usando estratégias linguísticas típicas de negociação e de apoio e/ou de consideração do discurso do outro (como solicitar esclarecimento, detalhamento, fazer referência direta ou retomar a fala do outro, parafraseando-a para endossá-la, enfatizá-la, complementá-la ou enfra-

quecê-la), considerando propostas alternativas e reformulando seu posicionamento, quando for o caso, com vistas ao entendimento e ao bem comum.

(EM13LP35) Utilizar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto e imagem por slide e usando, de forma harmônica, recursos (efeitos de transição, slides mestres, layouts personalizados, gravação de áudios em slides etc.)

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Até agora você trabalhou seus desejos pessoais, traduzindo em objetivos claros; essa reflexão, permeada de princípios éticos e morais, favorece a educação para a valorização da Cidadania e Civismo, na medida em que nos deparamos com a diversidade e nos vemos em espaços que oportunizam a sociabilidade e a expressão das diferenças. Discutir princípios e condutas são imprescindíveis para a manutenção de uma sociedade democrática.

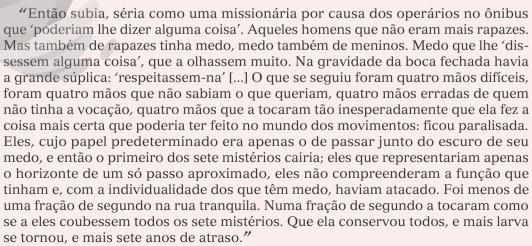
2 Coletivos juvenis

"A liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro." A famosa frase traz um dos substantivos femininos mais valiosos de nossa língua: **liberdade**. Todos queremos ter a tal liberdade, não é mesmo? E não há nada pior do que quando ela nos é tirada.

A célebre frase, atribuída ao filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903), mas que alguns autores sugerem como mais antiga, indica que a liberdade se refere, e se limita, à relação respeitosa ao outro. Implica, sem dúvida, a responsabilidade do indivíduo por suas ações. Trata-se de um ato de consciência, envolve poder, deveres e incide diretamente na identidade de cada ser humano.

Liberdade e **cidadania** são conceitos que caminham juntos nesse sentido. Atos conscientes e respeitosos, impossíveis de existir sem diálogo, empatia e colaboração.

A liberdade é um direito constitucional, mas será que ela é assegurada a todos?

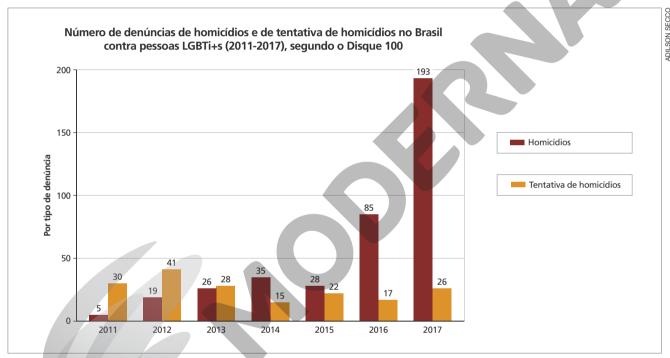


LISPECTOR, Clarice. Preciosidade. *In: Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 83-90.



"São Paulo – Tudo começou com dois carros incendiados. Primeiro o da sacerdotisa Maria da Conceição Cotta Baptista, a mãe de santo Conceição d'Lissá, que estava quebrado na garagem. E depois o do filho, comprado zero quilômetro e com menos de um mês de uso. Os ataques aconteceram no início da madrugada. Não deixaram ninguém ferido, mas um prejuízo financeiro sem tamanho. Passado um tempo, foram disparados tiros contra sua casa e contra ela própria, que felizmente erraram o alvo. No dia seguinte, o barracão foi alvejado. Ficaram nove buracos de bala. Ninguém foi atingido, só que a violência dos episódios assustou muitas pessoas, que decidiram se afastar das atividades do terreiro."

OLIVEIRA, Cida de. Por que os cultos de matriz africana são alvos da intolerância religiosa? 20 out. 2019. *Rede Brasil Atual*. Disponível em: https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/10/religoes-matriz-africana-intolerancia/. Acesso em: 23 nov. 2019.



Fonte: Disque 100/MMFDH. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

Para ajudar pesquisadores, jornalistas, estudantes e todos os interessados pelo tema da segurança pública do país, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, desenvolveu o portal "Atlas da violência". Nele é possível acompanhar dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde e das polícias brasileiras. A questão da violência contra a população LGBTI+ foi incorporada em 2019. Os dados apontam um aumento da violência em relação a esses grupos entre os anos de 2011 e 2017, algo que poderia ser explicado pela familiaridade das pessoas em relação ao Disque 100 (disque-denúncia). Contudo, com outros grupos sociais, como o de idosos e moradores em situação de rua, o mesmo fenômeno não ocorreu.

Após a leitura dos textos e do gráfico, reflita sobre as seguintes questões.

- 1. Quais são os temas presentes nos excertos e no gráfico?
- 2. Quais são os conflitos presentes?

- 3. Quais são as "liberdades" que estão em jogo?
- 4. Esses temas estão presentes na escola?
- 5. Quais outros temas sensíveis como estes mereceriam reflexão?

Diante da diversidade crescente na sociedade, os textos abordam assuntos de extrema importância, que devem ser discutidos dentro da escola. A intolerância, o feminicídio, a discriminação, o racismo, a homofobia são exemplos de temas que atacam o estado democrático, carregam medo e violência. Uma das formas de combater as situações descritas é trazer as pautas para serem discutidas por meio de ações de coletivos juvenis.

Por coletivos juvenis entende-se uma organização de jovens que mobilizam ações, promovem debates e propõem soluções para os desafios da juventude. São ambientes democráticos que oportunizam engajamento e espaços de escuta da comunidade.

"Conectados globalmente, coletivos juvenis agem localmente a partir das especificidades de seus territórios. No contexto atual, é impossível falar em 'ativismo político' sem pensar nas narrativas de jovens mulheres; de jovens negros e negras; de jovens LGBT que se autoclassificam como 'periféricas'. Tais narrativas – entremeadas de poesia, músicas, dança, performances – povoam o espaço público (virtual e presencial) e contribuem para renovar clássicos espacos de militância."

NOVAES, Regina. Conectados globalmente, coletivos juvenis agem na realidade de seus territórios. [Entrevista concedida a João Vitor Santos]. Carta Maior. 22 maio 2019.

Com base nas reflexões sobre os excertos e sem perder os temas pesquisados no Capítulo anterior sobre seu entorno escolar, reflita junto aos colegas de sala sobre um tema/pauta para a mobilização de um coletivo juvenil.

O primeiro passo é se informar sobre o tema. A montagem de um grupo de estudos, autônomo ou com o auxílio de um professor, é imprescindível. A primeira ação do coletivo pode ser, inclusive, convidar um especialista sobre o assunto para uma palestra dentro da escola. Antes disso, porém, é importante se informar junto à coordenação da escola sobre os possíveis espaços e horários em que os coletivos possam atuar.

Pesquise junto aos colegas quais são as atuações possíveis para o coletivo, sempre tendo clareza de que cada ação é guiada por um objetivo. Em grupo, elaborem e preencham um quadro para organizar as ideias e a primeira mobilização do coletivo.

É importante que esse quadro contenha dados como nome do coletivo e turma e que responda às seguintes questões:

- Por que a escolha deste tema?
- · Quais são os objetivos do coletivo?
- Quais ações o coletivo gostaria de realizar?
- Quais são os recursos existentes e necessários para as ações?
- Quais são os possíveis parceiros para as ações do coletivo?
- Qual é o público-alvo?
- Como dar visibilidade à ação?



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Expansão e exploração (reflexão sobre relações sociais e ampliação de horizontes e possibilidades):
 o encontro com o outro e o mundo, com ênfase na dimensão cidadã.
- A necessidade do bem comum (princípios éticos necessários à construção da cidadania) e de questões relacionadas à coexistência e à atuação coletiva (convívio social republicano).
- A compreensão de si como parte de um coletivo e como parte interdependente de redes locais e virtuais, considerando o status planetário no qual estamos todos inseridos.
- Conhecer e compreender direitos e deveres perante a si mesmo e à sociedade.
- Reconhecer a força de agir coletivamente.
- Vivenciar e atribuir significados às experiências cotidianas na escola, em especial àquelas que dizem respeito à construção de laços afetivos e à atuação em grupos de trabalhos escolares, em projetos extraclasse e nas aulas.
- Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida familiar, escolar, comunitária, nacional e internacional, e é capaz de ampliar seus horizontes e perspectivas em relação a oportunidades de inserção no mundo do trabalho.

Objetivo: conhecer formas de agrupamentos juvenis. Justificativa: a importância de se perceber a forma da colaboração e cooperação para se atingir objetivos comuns.

✓ Competências gerais:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

✓ Competências específicas de Linguagens:

- 2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
- 3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

√ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas.

(EM13LGG304) Formular propostas, intervir e tomar decisões que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global.

(EM13LP05) Analisar, em textos argumentativos, os posicionamentos assumidos, os movimentos argumentativos (sustentação, refutação/contra-argumentação e negociação) e os argumentos utilizados para sustentá-los, para avaliar sua força e eficácia, e posicionar-se criticamente diante da questão discutida e/ou dos argumentos utilizados, recorrendo aos mecanismos linguísticos necessários.

(EM13LP25) Participar de reuniões na escola (conselho de escola e de classe, grêmio livre etc.), agremiações, coletivos ou movimentos, entre outros, em debates, assembleias, fóruns de discussão etc., exercitando a escuta atenta, respeitando seu turno e tempo de fala, posicionando-se de forma fundamentada, respeitosa e ética diante da apresentação de propostas e defesas de opiniões, usando estratégias linguísticas típicas de negociação e de apoio e/ou de consideração do discurso do outro (como solicitar esclarecimento, detalhamento, fazer referência direta ou retomar a fala do outro, parafraseando-a para endossá-la, enfatizá-la, complementá-la ou enfraquecê-la), considerando propostas alternativas e reformulando seu posicionamento, quando for o caso, com vistas ao entendimento e ao bem comum.

(EM13LP26) Relacionar textos e documentos legais e normativos de âmbito universal, nacional, local ou escolar que envolvam a definição de direitos e deveres – em especial, os voltados a adolescentes e jovens – aos seus contextos de produção, identificando ou inferindo possíveis motivações e finalidades, como forma de ampliar a compreensão desses direitos e deveres.

(EM13LP27) Engajar-se na busca de solução para problemas que envolvam a coletividade, denunciando o desrespeito a direitos, organizando e/ou participando de discussões, campanhas e debates, produzindo textos reivindicatórios, normativos, entre outras possibilidades, como forma de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade, pelo consumo consciente e pela consciência socioambiental.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Você notou na atividade que a solidão e a sensação de incapacidade diante de contextos adversos são alguns dos males deste século. A colaboração e o trabalho em grupo nunca foram tão importantes. As atividades que você realizou favorecem o engajamento social e abordam diretamente Temas Contemporâneos Transversais da BNCC, como Cidadania e Civismo e Multiculturalismo, na medida em que promovem espaços para compartilhar ideias, edificar coletivos juvenis e promover ações de impacto no entorno escolar.

3 O que queremos dizer ao mundo?

Levantamos nossas expectativas em relação ao Ensino Médio e à vida, debatemos sobre temas sensíveis e importantes da sociedade civil e nos organizamos como coletivos.

Agora é hora de organizar o que queremos dizer ao mundo. Faremos isso por meio de um manifesto.

A seguir, encontram-se diversos manifestos criados por diferentes grupos com distintas bandeiras.

Você sabe o que é um manifesto? Antes vamos conhecer alguns exemplos.



- Manifesto Futurista (1909): escrito pelo poeta italiano Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944), marcou a fundação do futurismo, um dos primeiros movimentos da arte moderna. Consistia em 11 itens que proclamavam a ruptura com o passado, a identificação do homem com a máquina e o dinamismo do novo século.
- Manifesto Surrealista (1924): publicado pelo escritor francês André Breton (1896-1966), em que os princípios surrealistas são declarados, tais como a isenção da lógica e a adoção de uma realidade superior.
- Manifesto Antropofágico (1928): manifesto literário escrito por Oswald de Andrade (1890-1954). Com um teor mais político, Oswald afirma no seu manifesto que "só a antropofagia nos une", propondo "deglutir" o legado cultural europeu e "digeri-lo" sob a forma de uma arte tipicamente brasileira. O manifesto configurou uma primeira reação formal por parte de intelectuais brasileiros em prol de uma produção artística autenticamente nacional, mas falhou em influenciar uma nova geração de escritores, como pretendido.
- Manifesto da Arte Concreta (1930): o termo foi usado por Theo van Doesburg (1883-1931), em Paris, que lançou as bases conceituais do movimento artístico, tais como: a arte é universal; a obra de arte deve ser inteiramente concebida e formada pelo espírito antes de sua execução; o quadro deve ser inteiramente construído com elementos puramente plásticos, isto é, planos e cores, entre outros.
- Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932): foi escrito durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) e consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação.
- Movimento por um Brasil Literário (2009): fazer do país uma sociedade leitora, estendendo à população atividades mobilizadoras que promovam o exercício da leitura literária. Este foi um dos princípios que nortearam a criação do movimento por um Brasil Literário, com o qual Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012) se envolveu em seus últimos anos de vida.



Para conhecer o texto de um manifesto famoso, recomendamos o do Manifesto Surrealista, de André Breton.

Define-se **manifesto** como um texto argumentativo que se configura em declaração pública de princípios e intenções e que objetiva alertar um problema ou fazer a denúncia pública de um problema que está ocorrendo, normalmente de cunho artístico ou político. Qualquer manifesto declara um ponto de vista, denuncia um problema ou convoca uma comunidade para determinada ação, seja artística, seja social.

Você deve ter percebido que um manifesto é um documento elaborado coletivamente. Com um posicionamento coletivo sobre determinado tema. Pesquisem sobre alguns dos manifestos citados na internet e em livros, converse com seus colegas sobre as seguintes questões:

- 1. Quais são as pautas que os manifestos apresentam?
- 2. O que eles têm em comum?
- 3. Como é o mundo em que eu gostaria de viver?
- **4.** Como as pessoas se relacionam nesse mundo? E na escola? E na cidade?
- 5. Como é a estrutura e a linguagem utilizada nesses manifestos?

Agora, junte-se a seu grupo. Escrevam um manifesto sobre a pauta de seu coletivo. Junte suas ideias, reivindicações, desejos, críticas e predições!

Nesta ati ✓ Vivências:

Nesta atividade, exercitamos

• Expansão e exploração (reflexão sobre relações sociais e ampliação de horizontes e possibilidades): o encontro com o outro e o mundo, com ênfase na dimensão cidadã.

- A necessidade do bem comum (princípios éticos necessários à construção da cidadania) e de questões relacionadas à coexistência e à atuação coletiva (convívio social republicano).
- Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida familiar, escolar, comunitária, nacional e internacional, e é capaz de ampliar seus horizontes e perspectivas em relação a oportunidades de inserção no mundo do trabalho.
 - **Objetivo:** construir coletivamente expectativas em relação ao Ensino Médio e à vida.

Justificativa: A importância de se trabalhar cooperativamente, argumentar, debater com o colega para chegar a um comum acordo.

✓ Competências gerais:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

- 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

✓ Competências específicas de Linguagens:

- 2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
- 3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos. (EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas.

(EM13LGG304) Formular propostas, intervir e tomar decisões que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global.

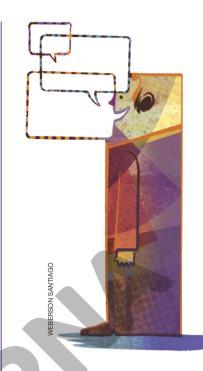
(EM13LP05) Analisar, em textos argumentativos, os posicionamentos assumidos, os movimentos argumentativos (sustentação, refutação/contra-argumentação e negociação) e os argumentos utilizados para sustentá-los, para avaliar sua força e eficácia, e posicionar-se criticamente diante da questão discutida e/ou dos argumentos utilizados, recorrendo aos mecanismos linguísticos necessários.

(EM13LP25) Participar de reuniões na escola (conselho de escola e de classe, grêmio livre etc.), agremiações, coletivos ou movimentos, entre outros, em debates, assembleias, fóruns de discussão etc., exercitando a escuta atenta, respeitando seu turno e tempo de fala, posicionando-se de forma fundamentada, respeitosa e ética diante da apresentação de propostas e defesas de opiniões, usando estratégias linguísticas típicas de negociação e de apoio e/ou de consideração do discurso do outro (como solicitar esclarecimento, detalhamento, fazer referência direta ou retomar a fala do outro, parafraseando-a para endossá-la, enfatizá-la, complementá-la ou enfraquecê-la), considerando propostas alternativas e reformulando seu posicionamento, quando for caso, com vistas ao entendimento e ao bem comum. (EM13LP27) Engajar-se na busca de solução para problemas que envolvam a coletividade, denunciando o desrespeito a direitos, organizando e/ou participando de discussões, campanhas e debates, produzindo textos reivindicatórios, normativos, entre outras possibilidades, como forma de fomentar os princípios democráticos

e pela consciência socioambiental. ✓ Tema contemporâneo transversal:

Você viu que tornar públicas as ideias e reivindicações demanda ponderação e coragem e nos tira da passividade diante dos acontecimentos, nos posicionando como promotores e agentes de mudanças. A atividade proposta possibilitou trabalhar com a valorização dos Temas Contemporâneos Transversais da BNCC, Multiculturalismo e Cidadania e Civismo, ao passo que nos trouxe o desafio de refletir, registrar e argumentar na confecção de um documento síntese: um manifesto.

e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade, pelo consumo consciente







Uma rede em expansão

É claro que somos as mesmas pessoas Mas pare e perceba como o seu dia a dia mudou Mudaram os horários, hábitos, lugares Inclusive as pessoas ao redor

> São outros rostos, outras vozes Interagindo e modificando você E aí surgem novos valores, Vindos de outras vontades [...]

PITTY. Anacrônico. Rio de Janeiro: Deckdisc/Polysom, 2005.

Rede conceitual

A sociedade está em plena transformação. Estamos vivenciando a Quarta Revolução Industrial. E você deve estar perdido nela.

Os avanços tecnológicos apresentados nesta última década indicam e já ocasionam uma série de mudanças na vida social, econômica e política. Se por um lado falamos de nanotecnologia, robótica, Indústria 4.0, inteligência artificial; por outro, vemos o crescimento da desigualdade social, o meio ambiente em colapso e as incessantes e absurdas guerras espalhadas pelo planeta.

A imprevisibilidade dos tempos atuais causa estranhamento, por vezes nos imobiliza. O estresse tornou-se o mal do século XXI, e se nos atrapalhamos para escolher um lanche dentro de um cardápio limitado do tamanho de uma folha A4, imagine quando falamos de um projeto de vida?

O Ensino Médio é um momento de decisões e transformações. A conclusão do Ensino Fundamental, a mudança de algumas relações pessoais, qual profissão escolher, trabalhar... É, sem dúvida, um período de incertezas. Mas nunca uma geração teve tanto acesso à informação e nunca esteve tão preparada para ser criativa e proponente de soluções.

A sociedade contemporânea permite e demanda interações. Ao explorar seu território, você pôde entrar em contato com suas potências e fragilidades, perceber conexões e ter consciência de que faz parte de uma rede. Lembre-se de que, como parte integrante, suas ações têm reverberações por todo o sistema.

Neste Capítulo, "Uma rede em expansão", conversaremos sobre o universo do trabalho e, com base nele, abordaremos temas importantes como redes sociais, redes intersetoriais, protagonismo juvenil, desenvolvimento pessoal e desenvolvimento local. Ao final do Capítulo, você estará pronto para organizar e sistematizar todos os aprendizados da Unidade.



Mão na massa

1 O universo do trabalho

Se há um tema que aflige a todos nos últimos anos, esse tema é o trabalho. Os avanços tecnológicos atuais são surpreendentes e cada vez mais a automação vai substituindo as pessoas em suas funções. Especialistas apontam que todas as áreas do conhecimento humano estão sendo e continuarão a ser atingidas. Profissões sólidas como as encontradas nas áreas de arquitetura, contabilidade, advocacia, entre outras, para muitos têm os dias contados.

Essa sensação de insegurança não é recente. Desde a Primeira Revolução Industrial, o desenvolvimento das máquinas assustou os homens, sobretudo em relação à perda de seus trabalhos.

Mas não se preocupe. Trabalho, assim como todas as coisas, também tem história, e sua compreensão já se transformou inúmeras vezes ao longo do tempo e de acordo com os humores das diferentes sociedades. Além disso, como já observado no passado, as mudanças tecnológicas ocasionam transformações na sociedade que, por sua vez, criam novas demandas, gerando mais e novos empregos.

Fila de pessoas em busca de uma vaga de emprego. Manaus (AM), 2018.



De qualquer maneira, no cenário atual, em que nos deparamos com o medo da obsolescência humana diante da máquina, nunca foi tão importante se informar, se articular em redes e olhar para si e para os outros na busca de um cuidado coletivo.

Se achar oportuno, explique aos alunos a definição de obsolescência. Obsolescência: processo de tornar-se obsoleto: que já não se usa; arcaico, antigo.

Em 2018, 23% dos jovens de 15 a 29 anos – 10,9 milhões – não estudavam, nem trabalhavam, os chamados nem-nem. Foi o maior índice da série histórica. Os dados foram divulgados [...] pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na pesquisa Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2019, que analisa as condições de vida da população brasileira.

Entre os jovens de 18 e 24 anos, a incidência chega a 27,9% e nos jovens adultos, de 25 a 29 anos, a taxa de nem-nem é de 25,9%. Segundo o IBGE, o fenômeno é fortemente influenciado pela interrupção dos estudos. Os dados mostram que dos jovens de 18 a 24 anos nessa condição, 46,6% não tinham concluído o Ensino Fundamental e 27,7% terminaram apenas essa etapa. Na faixa entre 25 e 29 anos, a proporção é de 44,1% e 31,2%, respectivamente. Dos jovens que concluíram o Ensino Médio, há mais nem-nem entre quem fez ensino regular do que entre os que concluíram o ensino técnico.

O gerente da pesquisa, André Simões, explica que o fenômeno dos jovens que não estudam e não estão ocupados é estrutural. "É um segmento estrutural, porque tem fatores que dependem de políticas específicas para que haja redução. Por exemplo, há um percentual elevado de mulheres, mulheres com filhos e também mulheres que realizam afazeres e cuidados domésticos que impedem que elas possam ir para o mercado de trabalho."

[...]

NITAHARA, Akemi. Número de jovens que não estudam nem trabalham aumentou em 2018. 6 nov. 2019. *Agência Brasil*. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/aumentou-numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham. Acesso em: 23 nov. 2019.

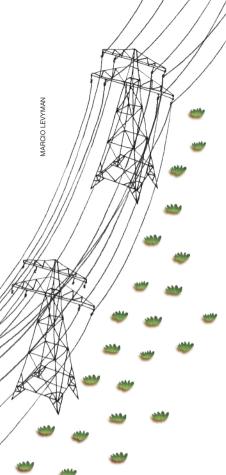
Antes de iniciarmos a atividade, junte-se aos colegas e discutam sobre o texto, utilizando as questões a seguir.

- 1. Quem são os "nem-nem"?
- 2. Quais características indicam se a pessoa faz parte do grupo ou não?
- 3. Você conhece algum "nem-nem"?
- 4. Quais são os problemas em relação aos "nem-nem"?
- 5. Quais são as soluções possíveis para os problemas?
- **6.** Na frase: "É um segmento estrutural, porque tem fatores que dependem de políticas específicas para que haja redução", a quais políticas públicas o texto se refere?
- 7. Quais são as consequências da "geração nem-nem" para o restante da sociedade?

Etapa:

Estudo de caso - hortas urbanas

A questão da desigualdade social e do desemprego e as maneiras de combatê-los, além das relações de trabalho, colaboração, mobilização social e preocupação com o meio ambiente, estão presentes neste estudo de caso. Ao longo dos trabalhos desta Unidade, temos discutido sobre a importância do trabalho em equipe, sobre formas de atuação e sobre as possíveis mobilizações que podemos realizar. O estudo de caso é localizado, trata de São Mateus, bairro da zona leste da cidade de São Paulo. Pense em sua região durante a leitura e procure por semelhanças e diferenças.



"Em 2002, o Plano Diretor Regional de São Mateus estava sendo debatido, e a bióloga Vandineide Cardoso Ribeiro dos Santos, funcionária da Subprefeitura de São Mateus, São Paulo, ficou encarregada de fazer um dos levantamentos para elaboração do mapa da rede hídrica e estrutural da região. Ela e sua equipe participaram de diversos encontros com os moradores do bairro para pesquisar e entender as demandas da localidade.

As jornadas resultaram na descoberta de dezenas de agricultores, que plantavam embaixo de fios de alta-tensão, chácaras e beiras de córrego. A pesquisa revelou a existência de uma cultura rural, preservada por famílias que vieram do interior de São Paulo, do Paraná e do Nordeste, e que possuíam o conhecimento e o hábito do plantio, da troca e do uso de plantas medicinais. Os levantamentos efetuados para a elaboração do mapa do Plano Diretor Regional também evidenciaram a existência de uma grande quantidade de nascentes, ainda em estado natural, protegidas por manchas de vegetação de Mata Atlântica.

Motivada pela preservação ambiental inerente à agricultura orgânica, e pelo enorme potencial de geração de renda e desenvolvimento que a atividade poderia dar aos moradores, Vandineide, e um grupo de servidores públicos, começaram a mapear estes agricultores e encontrar formas de motivá-los a plantar com o intuito de vender, e não somente trocar ou dar, pois eles ainda não viam naquela prática uma forma de trabalho remunerado.

Nesta mesma época, discutia-se a lei da Agricultura Urbana e Periurbana, e posteriormente a sua regulamentação. Vandineide e sua equipe participaram ativamente, contribuindo para garantir um papel das subprefeituras e de outras secretarias no processo, fomentando a agricultura local como fator de desenvolvimento através da cessão de áreas públicas para plantio e orientação técnica aos agricultores.

O casal de agricultores, Dona Sebastiana e Seu Genival, por exemplo, foram encontrados cultivando em uma área embaixo da torre da Eletropaulo. Eles já plantavam por ali há 15 anos, de lá tiravam seu sustento, e na horta foi onde educaram seus filhos.

Em 2005, a Subprefeitura de São Mateus iniciou o Projeto 'Dias de Campo', através da lei 'PROAURP (Programa de Agricultura Urbana e Periurbana do Município de São Paulo)', cujo objetivo era combater a fome, promover a geração de emprego, de renda, inclusão social, incentivar a produção para o autoconsumo, venda direta do produtor, associativismo, agroecoturismo, aproveitar as áreas vazias viáveis à produção agrícola e valorizar a cultura local.

Uma vez por mês, os agricultores se encontravam nas áreas de cultivo para conversar sobre alguns temas, trocar conhecimentos, desenvolver técnicas e competências para que um dia todos se tornassem autônomos, além de estimular o desenvolvimento local, contribuir para conservar os recursos naturais e para melhorar a qualidade ambiental e a sustentabilidade urbana de áreas carentes de cobertura verde.

O próximo passo foi substituir os defensivos químicos pelo controle natural de suas produções. O grupo contou com o apoio da subprefeitura e com a consultoria do Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural). Com eles também aprenderam a fazer compotas e conservas com o excedente da produção, além das etapas de comercialização.

Em 2009, fundaram a Associação de Produtores Orgânicos de São Mateus (APO-SM), com a importante missão de proteger os mananciais da região.

E não pararam mais. Participaram de feiras para conhecerem outras realidades, e em um desses contatos com outros agricultores, que já estavam mais organizados, começaram a se interessar pela venda de cestas de produtos. Alguns meses depois, estavam vendendo para os próprios funcionários da subprefeitura de São Mateus.

Atualmente, um grande desafio para agregar mais agricultores e garantir a transição agroecológica para toda a região é o acesso a insumos, principalmente a compostagem. A compostagem feita nos terrenos ainda é insuficiente e o espaço é pequeno para o estoque de insumos agrícolas.

Outro desafio é o acesso às terras. Muitos os procuram com o intuito de começar a plantar, mas a política de concessão de faixas de linhão está sob revisão e ainda não há definição de como continuará.

Combinar os tempos da agricultura com a necessidade de renda também não pode ser esquecido, além das limitações do que pode ser plantado e das estruturas que podem compor as hortas.

Para quem pratica a agricultura urbana, não basta considerar seu pedaço de terra, é preciso entender que tudo faz parte de uma grande rede, e que essa iniciativa é mais um componente da cidade. A terra, a produção de compostagem, a coleta do lixo, a proteção ambiental e o consumidor, todos dentro de um mesmo sistema.

Atualmente, a Associação de Produtores Orgânicos de São Mateus (Associação de Agricultores da Zona Leste) representa 14 hortas com cerca de 40 agricultores envolvidos."

Associação de Produtores Orgânicos de São Mateus. *Quem somos:* histórico. Disponível em: https://agricultoreszonaleste.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 23 nov. 2019. Adaptado.

Organizem-se em grupos de quatro integrantes e construam um infográfico evidenciando todas as conexões e redes das quais a Associação de Produtores Orgânicos de São Mateus faz parte. Para isso, use cartolina ou papel pardo e canetas coloridas.

Antes de iniciar a construção do infográfico, junte-se com os integrantes do grupo e reflitam sobre as questões a seguir.

- 1. Qual é o tema abordado pelo texto?
- 2. Qual é a relação entre este texto e o texto lido anteriormente?
- **3.** Identifique as etapas que possibilitaram a formação da Associação de Produtores Orgânicos de São Mateus.
- 4. De quem partiu a iniciativa?
- 5. O que você acha da iniciativa da Associação?
- 6. Quais atores ajudaram na consolidação da iniciativa?
- **7.** Quais tipos de trabalho aparecem neste estudo de caso?
- **8.** Quais são as políticas públicas voltadas a esse segmento? Você as conhece?
- **9.** Quais são os desafios da agricultura urbana?
- **10.** Como você resolveria os desafios da agricultura urbana?



Dicas para a elaboração do infográfico

- Represente a Associação centralizada no papel ou em destaque.
- Puxe setas destacando os diferentes atores político-sociais que orbitam em torno do coletivo. Dê uma cor diferente para cada um deles.
- Faça o mesmo destacando as políticas públicas ou outras relações e impactos dessa cadeia que não sejam necessariamente físicas e visíveis.
- Atente-se às relações que não estão escritas diretamente no texto, mas que estão presentes.



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Expansão e exploração (reflexão sobre relações sociais e ampliação de horizontes e possibilidades): o encontro com o outro e o mundo, com ênfase na dimensão cidadã.
- Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida familiar, escolar, comunitária, nacional e internacional, e é capaz de ampliar seus horizontes e perspectivas em relação a oportunidades de inserção no mundo do trabalho.

Objetivo: sistematizar o conhecimento adquirido através de um estudo de caso. Justificativa: uma das formas de linguagem mais utilizadas nos meios de comunicação é o infográfico. Você poderá fazer uso desse importante gênero textual.

✓ Competências gerais:

- **4.** Utilizar diferentes linguagens verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- **6.** Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

✓ Competência específica de Linguagens:

7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

√ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

(EM13LP22) Construir e/ou atualizar, de forma colaborativa, registros dinâmicos (mapas, wiki etc.) de profissões e ocupações de seu interesse (áreas de atuação, dados sobre formação, fazeres, produções, depoimentos de profissionais etc.) que possibilitem vislumbrar trajetórias pessoais e profissionais.

(EM13LP34) Produzir textos para a divulgação do conhecimento e de resultados de levantamentos e pesquisas – texto monográfico, ensaio, artigo de divulgação científica, verbete de enciclopédia (colaborativa ou não), infográfico (estático ou animado), relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, reportagem científica, podcast ou vlog científico, apresentações orais, seminários, comunicações em mesas redondas, mapas dinâmicos etc. –, considerando o contexto de produção e utilizando os conhecimentos sobre os gêneros de divulgação

científica, de forma a engajar-se em processos significativos de socialização e divulgação do conhecimento.

(EM13LP35) Utilizar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto e imagem por slide e usando, de forma harmônica, recursos (efeitos de transição, slides mestres, layouts personalizados, gravação de áudios em slides etc.).

✓ Temas contemporâneos transversais:

Hortas comunitárias são bons exemplos para observarmos como é a vida em sociedade, pois uma simples obra, localizada, contextualizada, revela uma teia de relações onde a ação de um pode ter impacto na vida de outro, no meio que o cerca, em uma cadeia econômica, e assim por diante. O estudo de caso que você vivenciou possibilita trabalhar com a valorização dos Temas Contemporâneos Transversais da BNCC, Meio Ambiente, Economia, Saúde, Cidadania e Civismo, Multiculturalismo e Ciência e Tecnologia, tendo em vista que nos desafia a procurar os diferentes atores dessa rede, que se estabelece a partir de uma ação comunitária, em parceria com agentes da sociedade civil e do poder público.

2 Cenário crítico

A proposta agora é: com a turma organizada em grupos de quatro integrantes. Cada grupo criará um estudo de caso, como o exemplo observado, a ser aplicado para seus colegas. O estudo de caso tem que surgir de algum ponto de sua pesquisa sobre o território, o bairro, o entorno escolar.

A sala está dividida em três estações de trabalho. Cada estação contém uma dinâmica de aprendizagem. Na primeira, a "Bibliotheke", se encontram todos os materiais de pesquisa produzidos pela turma (exercícios que realizamos ao longo da Unidade 2) e acesso à internet. Na segunda, a "Ágora", se encontra o professor, que ajudará o grupo a problematizar e se questionar sobre o estudo de caso. Na terceira e última estação, a "Odisseia", você e seu grupo poderão se organizar para produzir o estudo de caso.

Para a elaboração do estudo de caso, o texto deve obrigatoriamente conter:

- texto introdutório sobre o tema (discorra sobre o assunto, apresente o problema);
- um breve relato sobre a importância deste tema e seu impacto na vida das pessoas;
- a narrativa sobre o contexto (conte sobre a história, cite dados, os diferentes atores envolvidos, como personagens, instituições, o poder público etc., os conflitos, as parcerias, os desdobramentos);
- questões sobre o estudo de caso (problematize o estudo de caso para os que vão lê-lo).

Os estudos de caso não precisam ter respostas, mas devem apresentar um problema, um conflito, e as perguntas devem estimular os colegas a refletir sobre ele, ajudá-los a avaliar a situação apresentada coletivamente e sem pensar em soluções. Os estudos de caso podem ser acompanhados de imagens, vídeos e o que mais o grupo achar pertinente.

Com os estudos de caso prontos, é hora de trocá-los entre os grupos.





Estudo de caso

"Trata-se de um instrumento pedagógico valioso, pois nos desafía a raciocinar, argumentar e refletir. O estudo de caso revela uma realidade na qual é possível visualizar os conhecimentos, aplicando-os 'na prática'."

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. *A sala de aula inovadora*: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 44.

Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Expansão e exploração (reflexão sobre relações sociais e ampliação de horizontes e possibilidades): o encontro com o outro e o mundo, com ênfase na dimensão cidadã
- A necessidade do bem comum (princípios éticos necessários à construção da cidadania) e de questões relacionadas à coexistência e à atuação coletiva (convívio social republicano).
- A compreensão de si como parte de um coletivo e como parte interdependente de redes locais e virtuais, considerando o status planetário no qual estamos todos inseridos.
- Vivenciar e atribuir significados às experiências cotidianas na escola, em especial àquelas que dizem respeito à construção de laços afetivos e à atuação em grupos de trabalhos escolares, em projetos extraclasse e nas aulas.
- Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida familiar, escolar, comunitária, nacional e internacional, e é capaz de ampliar seus horizontes e perspectivas em relação a oportunidades de inserção no mundo do trabalho.

Objetivo: produzir, coletivamente, um estudo de caso.

Justificativa: os estudos de caso apresentam um problema, um conflito, e as perguntas criadas estimulam você a refletir sobre o tema, auxiliando-o na avaliação de uma situação coletivamente.

✓ Competências gerais:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- **6.** Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

✓ Competências específicas de Linguagens:

- 2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
- 3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.
- 7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

√ Habilidades de Linguagens, Língua Portuguesa e Ciências Sociais aplicadas:

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas.

(EM13LGG304) Formular propostas, intervir e tomar decisões que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global.

(EM13LGG305) Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo princípios e objetivos dessa atuação de maneira crítica, criativa, solidária e ética.

(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

(EM13LP17) Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (vlog, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, podcasts, playlists comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.

(EM13LP18) Utilizar softwares de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

(EM13LP33) Selecionar, elaborar e utilizar instrumentos de coleta de dados e informações (questionários, enquetes, mapeamentos, opinários) e de tratamento e análise dos conteúdos obtidos, que atendam adequadamente a diferentes objetivos de pesquisa.

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Você criou um estudo de caso, a partir de pesquisas realizadas, que permitiu sistematizar todo um processo de trabalho, além de evidenciar novas perguntas e problemáticas acerca de nosso entorno. O exercício sugerido propiciou trabalhar com a valorização dos Temas Contemporâneos Transversais da BNCC, Meio Ambiente, Economia, Saúde, Cidadania e Civismo, Multiculturalismo e Ciência e Tecnologia, na medida em que nos apresentou o desafio de criar uma situação-problema que envolvesse uma análise crítica de uma realidade escolhida.

Minha rede intersetorial

Na primeira Unidade, nosso principal eixo de trabalho se orientou para o autoconhecimento. Você vai se lembrar das várias atividades que realizou no intuito de conhecer a sua família, de pensar sobre as suas principais habilidades e talentos e de identificar seus desejos e desafios pessoais.

Ao longo desta segunda Unidade, você e seus colegas certamente se sentiram mais fortalecidos como grupo. As atividades e os debates propostos aqui trouxeram bagagens importantes para a jornada rumo à construção de seu projeto de vida:

- a consciência de algumas singularidades sobre o território onde vive;
- a consciência de si como parte de uma coletividade;
- o seu papel como sujeito ativo em uma rede que está em constante construção.

É hora, portanto, de organizarmos esses aprendizados já pensando em algumas informações importantes para o seu projeto de vida. Você vai construir essa estrutura através do mapa mental que produziu na Unidade 1.

O mapa mental que você vai criar nesta atividade tem como propósito materializar a rede de saberes, equipamentos e lugares do território/cidade que você julga relevantes para o seu projeto de vida.

Etapa:

A figura central do seu mapa

Selecione uma imagem para ocupar o centro do seu mapa. Essa imagem deve representar o seu projeto de vida. Trata-se da "imagem positiva"; a partir dela saem as diversas associações.

Você vai se lembrar que as ramificações que partem da figura central de um mapa mental são organizadas por categorias, chamadas "ideias de ordenação básica" (IOBs). Para compor as IOBs do mapa mental desta atividade, sugerimos alguns caminhos. Você pode acrescentar outros.

- IOB1: Espaços, empresas e equipamentos, públicos ou privados, que você já conhece e que são importantes para o seu projeto de vida, como a escola, a igreja, um centro cultural, um coletivo que existe no território, um clube etc.
- IOB2: Espaços, empresas e equipamentos, públicos ou privados, que você ainda não conhece, mas acredita que poderiam contribuir para o seu projeto de vida.
- IOB3: Pessoas que você já conhece e que são importantes para o seu proieto de vida.

• IOB 4: Profissionais que você ainda não conhece, mas acredita que poderiam contribuir para o seu projeto de vida.

Em torno de cada categoria (IOB), você vai conectar os principais saberes e habilidades a elas articulados. Vale considerar os saberes curriculares e os saberes extracurriculares.



Saberes curriculares/formais: por exemplo, o conjunto de saberes propiciados pela escola que você julga muito importantes para o seu projeto de vida.

Saberes extracurriculares: por exemplo, o conjunto de saberes propiciados pela sua vivência no território ou em outros contextos.

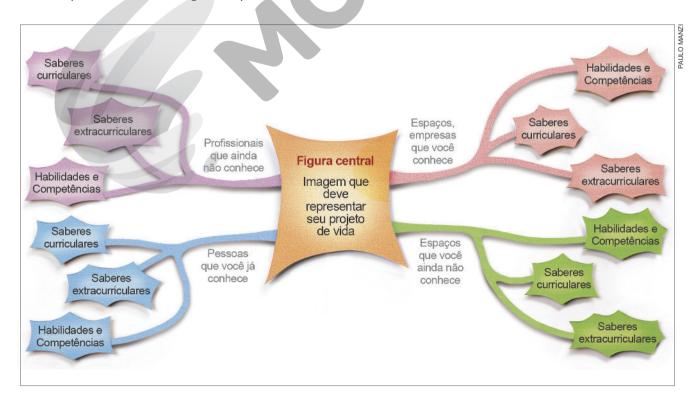
Lembre-se de algumas dicas para materializar o seu mapa mental:

- use destaques;
- · mostre explicitamente suas associações;
- · exercite a síntese, tenha clareza;
- · hierarquize as informações;
- · use a ordem numérica;
- explore as cores para evidenciar suas categorias (IOBs).



Se você quiser relembrar outros aspectos do mapa mental, vá até a página 48 da Unidade 1.

Veja abaixo uma ilustração que exemplifica a estrutura aproximada do mapa mental que você e seus colegas vão produzir nesta atividade.



A finalização desta atividade acontece com a exposição do mapa mental produzido por todos da turma. Ao visualizar os mapas em conjunto, algumas questões podem ativar um debate:

- 1. O modo como eu percebo o meu território em suas potencialidades, saberes e locais se parece com o modo como outros colegas o percebem?
- **2.** Em que medida o meu projeto de vida se aproxima do projeto de vida de meus colegas?
- **3.** Quais oportunidades eu reconheço no meu território ou na minha cidade? Estamos quase no final da Unidade 2. É importante relembrar alguns aspectos:
 - compreensão de que somos parte de um coletivo e somos interligados em uma rede local a qual estamos inseridos;
 - necessidade do bem comum e de mobilizar princípios éticos necessários à construção da cidadania, para o bom convívio coletivo;
 - conhecimento de direitos e deveres perante a si mesmo e à sociedade;
 - reconhecimento da força de agir coletivamente.

Não se esqueça de guardar bem este mapa mental, pois ele, assim como outras atividades realizadas até aqui, vai contribuir bastante para os caminhos da próxima Unidade.



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Expansão e exploração (reflexão sobre relações sociais e ampliação de horizontes e possibilidades): o encontro com o outro e o mundo, com ênfase na dimensão cidadã.
- A compreensão de si como parte de um coletivo e como parte interdependente de redes locais e virtuais, considerando o status planetário no qual estamos todos inseridos
- Agir com empatia, sendo capaz de assumir a perspectiva dos outros, compreendendo as necessidades e sentimentos alheios, construindo relacionamentos baseados no compartilhamento e abertura para o convívio social republicano.
- Perceber-se como cidadão que integra a construção da vida familiar, escolar, comunitária, nacional e internacional, e é capaz de ampliar seus horizontes e perspectivas em relação a oportunidades de inserção no mundo do trabalho.
 Objetivo: criar um mapa mental que materialize a rede de saberes, equipamentos e lugares do território/cidade que forem relevantes para o seu projeto de vida.
 Justificativa: as atividades realizadas nesta Unidade favorecem que você valorize a diversidade de cabassa o vivências gulturais e constraire de carbasimentos.

a diversidade de saberes e vivências culturais e se aproprie de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

✓ Competências gerais:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.



9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

✓ Competências específicas de Linguagens:

- 2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
- 3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

✓ Habilidades de Linguagens, Língua Portuguesa e Ciências Sociais aplicadas:

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LGG304) Formular propostas, intervir e tomar decisões que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global.

(EM13LGG305) Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo princípios e objetivos dessa atuação de maneira crítica, criativa, solidária e ética.

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/ questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

(EM13LP22) Construir e/ou atualizar, de forma colaborativa, registros dinâmicos (mapas, wiki etc.) de profissões e ocupações de seu interesse (áreas de atuação, dados sobre formação, fazeres, produções depoimentos de profissionais etc.) que possibilitem vislumbrar trajetórias pessoais e profissionais.

(EM13LP35) Utilizar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto e imagem por slide e usando, de forma harmônica, recursos (efeitos de transição, slides mestres, layouts personalizados, gravação de áudios em slides etc.).

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

✓ Tema contemporâneo transversal:

O mapa mental que você fez evidencia suas redes de contato, sua diversidade, potencialidade, assim como suas carências. A atividade proposta possibilitou trabalhar com a valorização dos Temas Contemporâneos Transversais da BNCC, Multiculturalismo e Cidadania e Civismo, conforme refletimos sobre nossa trajetória de vida, nossos contextos, escolhas pessoais e objetivos.



Balanço final

Novas peças importantes para o seu projeto de vida:

direitos, responsabilidade, valores, participação social, tomada de decisões, questões locais, territórios

> RESPONSABILIDADE SOCIAL E CIDADANIA

PROJETO

DE

VIDA

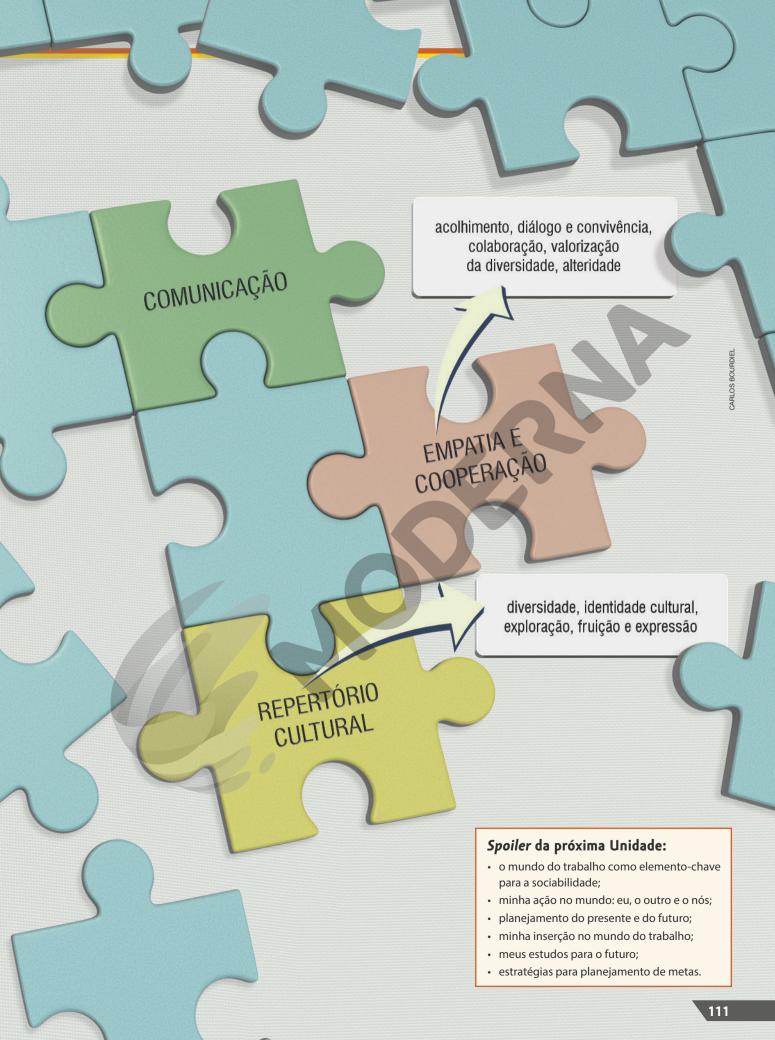
AUTOCONHECIMENTO

E AUTOCUIDADO

Para quardar e progredir

Na Unidade 1, sugerimos que vocês convidassem alunos da turma, pais e comunidade escolar para compartilharem as vivências que vocês tiveram, realizando uma roda de histórias. Conseguiram realizar? Como foi? Agora, temos uma nova proposta: que tal apresentar os resultados da entrevista e do censo realizados pelos estudantes? Outra sugestão é agendar uma exploração no bairro, convidando a comunidade escolar a percorrer as ruas e ter a possibilidade de conhecer outro contexto diferente do que eles estão habituados.

E, assim, exploramos nas vivências a expansão e a exploração. Nesse caminho até aqui, houve uma reflexão sobre as relações sociais e ampliação de horizontes e de possibilidades. A trajetória foi movida pelo encontro com o outro e com o mundo. Você tem um autoconhecimento (Unidade 1) com o olhar voltado para uma dimensão cidadã (Unidade 2): agora, você é parte de um coletivo!



Para onde vamos: o encontro com o *nós*



Nesta Unidade, vamos pensar sobre:

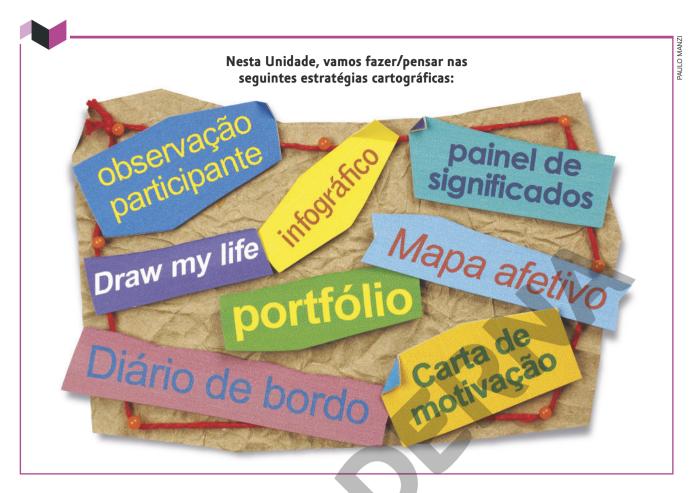


V

Respostas pessoais.

Observe os termos da nuvem e responda no caderno.

- 1. Existe algum termo que você não conhece? Qual?
- 2. Você identifica alguma relação entre os termos? Qual relação existe?
- 3. Você já teve alguma experiência trabalhista? Explique.



Ao longo do percurso que sugerimos para a criação de seu quebra-cabeça – aquele mesmo, pessoal e intransferível –, você já passou por duas dimensões. Na primeira, mergulhou em si para reconhecer sua história, sua identidade, seu lugar, suas forças, seus valores e seus desejos. Depois, na segunda dimensão, o olhar foi ampliado para o entorno, para o coletivo, para a participação cidadã. Agora, chegamos à terceira dimensão: é hora de agregar outras peças ao jogo e refletir sobre o futuro e seu vínculo com o mundo do trabalho.

Quando criança, você deve ter sido questionado muitas vezes sobre o que queria ser quando crescesse. Pois bem, parece que você cresceu e, em breve, o trabalho terá – se ainda não tem – um papel fundamental em sua vida. Somos testemunhas de uma sociedade que passa por grandes transformações: para alguns estudiosos, chegamos à Quarta Revolução Industrial, em que a convergência de tecnologias e o desenvolvimento da inteligência artificial levarão à criação de fábricas totalmente automatizadas, onde não haverá espaço nem para a mão de obra nem para o controle humanos. Outros

pesquisadores evidenciam a revisão de direitos e da estabilidade no emprego com o crescente número de pessoas trabalhando de forma autônoma para aplicativos de transporte de pessoas e de entrega de uma série de produtos.

O cenário, portanto, é de ruptura e de inovação pautada pela cultura digital. Nesse contexto, ter clareza sobre os desafios do mundo do trabalho sem perder de vista seus anseios e suas habilidades é fundamental. Conhecer-se é essencial para estabelecer um plano, mapear oportunidades profissionalizantes e fazer escolhas que garantam tanto renda satisfatória e mobilidade social quanto realização pessoal.

Eis os objetivos desta Unidade: com o auxílio das atividades "Mão na massa", faremos o exercício de olhar para fora e para dentro. No primeiro Capítulo, investigaremos o mundo do trabalho a partir daquilo e daqueles que estão perto de você, seja física, seja virtualmente. No segundo, exploraremos seus desejos, traçaremos caminhos para a autorrealização e estabeleceremos metas condizentes com a sua história, com o contexto em que você vive e com as suas expectativas. Vamos juntos?

Uma jornada para mapear significados e contextos

"O trabalho juvenil precisa ser controlado, No centro-urbano, assistido, Na zona rural, regrado, Pra que o adolescente Não seja prejudicado."

SANTANA, João; PEREIRA, Ismael. *Literatura de cordel*: trabalho infantil. Brasília: Editora MS, 2005. p. 5.

Rede conceitual

A economia brasileira ainda se recupera de uma crise econômica que deu seus primeiros sinais em 2014. Com a crise, o desafio de conquistar o primeiro emprego e investir em profissionalização ficou mais difícil. Dados do IBGE mostram que 11 milhões de brasileiros entre 15 e 29 anos não estudam nem trabalham – tanto é que ganharam o apelido de geração "nem-nem".

Se você faz parte desse grupo, não se culpe. Há estudiosos que apontam quanto esse termo, "nem-nem", é problemático, porque coloca sobre os indivíduos a responsabilidade por uma questão complexa, ligada a uma série de fatores, entre eles a própria crise econômica, a pobreza, as questões de gênero, a falta de redes de apoio, de exemplos inspiradores e de políticas mais efetivas para a inserção das juventudes no mercado.

Vale ainda ressaltar que não estar trabalhando nem estudando não significa estar passivo diante da sua realidade. Como dissemos, o mundo do trabalho e a economia vêm passando por uma série de transformações em razão de mudanças culturais e do avanço da tecnologia digital.

Ao mesmo tempo que algumas portas se fecham, outras se abrem. É o caso da economia criativa, que se abastece da força da cultura brasileira e encontrou formas de financiamento diferentes das tradicionais, como o financiamento coletivo (*crowdfunding*). A crise abre oportunidades ainda para o trabalho com desafios latentes da sociedade brasileira, como o cuidado com o meio ambiente. Na mesma linha, as iniciativas de empreendedorismo e de empreendedorismo social cavam espaço e oportunidades de ascensão em contextos inesperados.

Quer dizer, se o quadro é desafiador, tanto melhor para você, jovem, que pode se valer da sua potência criativa. Mas, para seguir nessa jornada, é preciso compreender com mais profundidade conceitos e o lugar em que você vive: O que é trabalho digno? Que expectativas você tem em relação ao mundo do trabalho? Essas expectativas correspondem à realidade? É possível alcançá-las com os recursos que você já tem ou é preciso expandi-los? Procuramos dar respostas a tais perguntas com três atividades que abrangerão, nesta ordem: um painel de significados, um mapa afetivo de pessoas e profissões e, por fim, infográficos.

Bom trabalho!



Crowdfunding: Modelo de financiamento que permite que pessoas ou empresas financiem seus projetos por meio de doações. Na internet, aqui no Brasil, ficou mais famoso como "vaquinha virtual".



Diário de bordo

Antes de começar, gostaríamos de sugerir uma ferramenta: o **diário de bordo**. Começaremos aqui uma jornada cheia de atividades, tanto reflexivas quanto práticas, pensadas para serem feitas em grupo ou individualmente. Propomos que você observe, reflita, fale, escute, associe, compartilhe, escreva, desenhe e planeje. Registrar algumas das etapas em um espaço é útil para que, ao final desta Unidade, você consiga perceber a consistência e a autoria do percurso que realizou para compreender mais sobre o mundo do trabalho e sobre como você, jovem, passará a integrá-lo.

O diário pode ser também uma forma de dar concretude ao seu projeto de vida: mais tarde, suas anotações e criações podem ser a inspiração da carta de motivação para um processo seletivo, a base de preparação para uma entrevista de emprego ou até um repositório de referências para a redação do vestibular. Fique de olho nas atividades que têm o ícone !!

Painel de significados

O que significa trabalhar? Converse com os seus colegas e o professor sobre o que significa "trabalhar", compartilhe opiniões.

Exploraremos aqui os sentidos da palavra "trabalho". Eles podem variar de acordo com a época e o lugar em que vivemos e com as pessoas e instituições que conhecemos. Por isso, vamos começar com uma atividade que discute os possíveis significados que o trabalho assume em sua comunidade de jovens. Sugerimos para isso os materiais a seguir:



- · Pedaços de papel (papel pardo, cartolinas coloridas etc.) sem pauta
- Canetinhas ou canetas de ponta porosa coloridas
- Fita adesiva

Agora, siga o passo a passo.

- 1. Primeiro, sente-se em roda com seus colegas na sala de aula.
- 2. Cada um receberá um pedaço de papel do professor.
- **3.** No papel, escreva uma possível definição para a palavra "trabalho". Pense que você está elaborando um verbete de dicionário e deve ser objetivo em sua escrita.
- **4.** Quando todos da turma terminarem de escrever suas definições, cada jovem (um por vez) deverá ler sua proposta em voz alta e colocá-la em uma parede ou em outro suporte vertical com fita adesiva. O próximo

jovem fará o mesmo, procurando posicionar seu papel a um de definição parecida com a sua. Caso não haja, deverá criar um novo núcleo de significados no painel. Note que vocês vão, aos poucos, formar uma espécie de infográfico, em que a imagem que vai se construindo no suporte contribui para perceber quais são as definições predominantes da palavra "trabalho" para a turma.

- **5.** Vocês devem debater e escolher consensualmente uma palavra para definir cada conjunto de papéis com definições semelhantes. Por exemplo, vocábulos relacionados ao conceito de trabalho podem ser "dignidade", "sobrevivência" e "satisfação".
- **6.** Um representante da turma deve escrever essas palavras em um pedaço de papel maior, com letra grande e colá-la acima dos conjuntos de ideias comuns, de modo que as palavras-chave resultantes da dinâmica fiquem bem visíveis para todo o grupo.
- **7.** Depois de refletir sobre as leituras e as palavras-chave escolhidas, discutam:
 - **a)** Por que essas foram as principais definições de "trabalho" que surgiram no grupo?
 - b) Como essas definições se relacionam com as histórias individuais?
 - c) Como se relacionam, por sua vez, com a história do lugar onde você vive?
 - **d)** É possível encontrar pontos em comum entre ambas, as narrativas individuais e as narrativas coletivas?

Agora, vamos expandir a leitura de significados da palavra "trabalho" com base em diferentes discursos. Devemos trabalhar apenas para garantir a nossa subsistência ou fazer do trabalho nosso principal pilar?

Os textos a seguir contribuem para essa reflexão. Você pode ler os excertos e copiar em seu diário de bordo aqueles com que mais se identificar. Pode também associar suas próprias ideias ao que aparece aqui.

No inverno, as formigas estavam fazendo secar o grão molhado, quando uma cigarra faminta lhes pediu algo para comer. As formigas lhe disseram: "Por que, no verão, não reservaste também o teu alimento?" A cigarra respondeu: "Não tinha tempo, pois cantava melodiosamente". E as formigas, rindo, disseram: "Pois bem, se cantavas no verão, dança agora no inverno."

Esopo: fábulas completas. Trad. de Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 1994. Artigo XXIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos: Todo ser humano tem direito ao reitos Humanos: Todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições trabalho, à livre escolha de trabalho e à proteção contra justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra

o desemprego.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS.

Assembleia Geral das Nações Unidas no
Rio de Janeiro. jan. 2009. Disponível em:
| Acesso em: 26 nov. 2019. DUDH.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

LUSTRAÇÕES: CARLOS BOURDIEL

Artigo 6º do Capítulo II da Constituição Federal: São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 26 nov. 2019.

Eu não nasci pro trabalho Eu não nasci pra sofrer Eu percebi que a vida É muito mais que vencer Ed. Motta & Conexão Japeri, 1988. Ed Motta. Vamos dançar.

Trabalho é um descendente direto da palavra latina tripalium. E o que era o *tripalium*? Um instrumento composto, como o nome indica, de três paus, mais precisamente três estacas que, finçadas no chão para desenhar os vértices de um triângulo, se encontravam no alto. A essa estrutura se prendiam pessoas para serem martirizadas.

RODRIGUES, Sérgio. Uma verdade inconveniente: o trabalho nasceu da tortura. Revista Veja, nov. 2011.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho, órgão das Nações Unidas, "a noção de Trabalho Decente abrange a promoção de oportunidades para mulheres e homens do mundo para conseguir um trabalho produtivo, adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança e capaz de garantir uma vida digna".

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. OIT: Organização Internacional do Trabalho. Disponível em: https://nacoesunidas.org/agencia/oit/">https://nacoesunidas.org/agencia/oit/>. Acesso em: 26 nov. 2019.

> Seu trabalho vai preencher uma grande parte da sua vida, e a única maneira de ficar realmente satisfeito é fazer o que você acredita ser um ótimo trabalho. E a única maneira de fazer um excelente trabalho é amar o que você faz.

Steve Jobs, fundador da Apple, em discurso aos formandos da Universidade de Stanford, em 2005. Que tal, a partir da ampliação do seu repertório com o apoio dos textos verbais anteriores, sugerir legendas interpretativas para as imagens a seguir? Elas retratam diferentes épocas e visões sobre o trabalho.



Tarsila do Amaral. *Operários*, óleo sobre tela, $150 \, \mathrm{cm} \times 205 \, \mathrm{cm}$, 1933.



Jurandi Assis. *Mullheres com feixes de lenha*, óleo sobre tela, $64 \text{ cm} \times 75 \text{ cm}$, 1995.



Jean-Baptiste Debret. Carregadores de café a caminho da cidade, aquarela sobre papel, 15,9 cm \times 22 cm, 1826.



Os "computadores humanos" femininos realizavam os cálculos matemáticos para a NASA em uma área típica de computação do Langley Research Center (EUA), em 1955.

Na obra *Operários* (1933), Tarsila do Amaral retratou os rostos de mais de cinquenta homens e mulheres, de diferentes etnias e idades. Já em *Carregadores de café a caminho da cidade* (1826), o pintor francês Jean-Baptiste Debret pintou escravizados na colheita de café, carregando pesados sacos de café na cabeça. A obra é mais um documento histórico referente à presença do trabalho escravo no desenvolvimento econômico do Brasil.

Amplie sua jornada

Nas referências a seguir, você novamente encontrará diferentes sentidos, positivos e negativos, para o trabalho em campo, como o ativismo social e as artes.

1. Quatro mulheres ativistas que você precisa conhecer

Em celebração ao Mês Internacional das Mulheres de 2017, a Organização das Nações Unidas divulgou o perfil de quatro ativistas que lutam pela igualdade de gênero: Tanzila Khan, do Paquistão, Carmen Barroso, do Brasil, Marijana Savic, da Sérvia, e Edna Adan Ismali, da Somália. Disponível em: https://nacoesunidas.org/quatro-mulheres-ativistas-que-voce-precisa-conhecer/. Acesso em: 27 nov. 2019.

2. Como o trabalho se tornou uma nova religião

É isso que pensa Derek Thompson, jornalista estadunidense que defende o conceito de "trabalhismo", segundo o qual o trabalho se tornou, ao longo do século XXI, o eixo central da vida dos indivíduos, o que pode ter sérias consequências. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/09/14/ Como-o-trabalho-se-tornou-uma-nova-religi%C3%A3o-segundo-este-autor>. Acesso em: 27 nov. 2019.

3. "Faça boa arte"

Assista ao discurso do escritor inglês Neil Gayman para os formandos da University of the Arts, na Filadélfia, Estados Unidos. Ele fala sobre sua carreira artística e dá conselhos criativos à jovem plateia. Disponível em: http://dagaveta.com.br/faca-boa-arte-neil-gaiman/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

A essa altura, você já deve ter percebido que não existe uma definição única para a palavra "trabalho". Ela obedece a variações de caráter social, histórico e cultural. Mais de 600 anos antes de Cristo, no que convencionamos chamar de Grécia Antiga, trabalhadores braçais eram desprezados, enquanto artistas e intelectuais, como filósofos, tinham suas práticas valorizadas. Mais tarde, na transição da Idade Média para a Idade Moderna, durante o século XVI, reformas religiosas protestantes alçaram o trabalho a um novo patamar, o de enobrecer o homem. Na Idade Contemporânea, com as revoluções industriais, vimos surgir fábricas e máquinas controladas pelo homem. No século XXI, ocupamos menos esses espaços em razão da expansão da automação e de inteligências artificiais, mas ganhamos outros: há o lugar da economia criativa, que movimenta os capitais intelectuais; há o lugar do empreendedorismo, que valoriza as iniciativas individuais; há o lugar do serviço público, que trabalha para garantir o funcionamento do Estado em suas diferentes esferas; há o lugar do social, que se ocupa em melhorar o mundo e a vida das pessoas.

Considere o painel de significados, os textos complementares e as imagens aqui apresentadas para responder em seu diário de bordo à questão que dá início a este tutorial: O que significa trabalhar?

Você pode explorar variados gêneros textuais, verbais e não verbais, nesta atividade: poema, música, artigo de opinião, verbete, fotografia e desenho, por exemplo.

Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Planejamento (construção de caminhos para a vida pessoal, profissional e a ação cidadã): o encontro com o futuro e o nós, com ênfase na dimensão profissional.
- O entendimento do mundo do trabalho como um dos elementos-chave que permite vários níveis de sociabilidade, ligados à mobilidade social (aumento de renda), mas também à construção de relações afetivas com os colegas de trabalho e à contribuição com a sociedade em geral a partir do fazer produtivo.

Objetivo: Discutir os possíveis significados que o trabalho assume em sua comunidade.

Justificativa: Essa atividade permite reconhecer a importância do mundo do trabalho e as diversas formas de representação que possui.

✓ Competência geral:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

✓ Competência específica de Linguagens:

3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG305) Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo princípios e objetivos dessa atuação de maneira crítica, criativa, solidária e ética.

(EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Observamos, na atividade que você acabou de realizar, as possibilidades de significação da palavra trabalho em diferentes contextos. Abordamos, portanto, o tema Trabalho, da macroárea Economia, bem como as macroáreas Multiculturalismo e Cidadania e Civismo. Na perspectiva das ciências humanas, ao abordar como os conceitos são construídos, a proposta encontra pontos de contato com a macroárea Ciência e Tecnologia.

Mapa afetivo de pessoas e profissões

Na Unidade 2, nossa trajetória foi a de exploração do território e, com ela, buscamos o entendimento de que somos parte de um coletivo. Agora, vamos vivenciar uma aventura rumo a um mapa afetivo de pessoas e suas profissões.

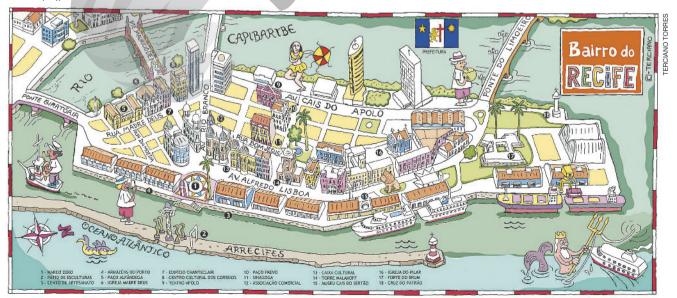
Nossa relação com o território em que vivemos é cheia de possibilidades: se moramos em uma cidade bem pequena, é provável que conheçamos todas as regiões, boa parte do comércio e as pessoas que ali vivem conosco. Quanto mais a área se expande, mais difícil fica ter a cidade "na palma da mão". Desse modo, ao mesmo tempo que podemos dominar o bairro onde moramos e estudamos, podemos ser também turistas em outros espaços da cidade. Quem conhece todas as ruas de Campinas, cidade com mais de 1 milhão de habitantes no interior de São Paulo? Ou todos os recônditos do Recife, a capital pernambucana, com pouco mais de 1,5 milhão de pessoas?

Nesta atividade, exercitaremos esse olhar sobre o território em que estamos e que nos cerca por meio das narrativas dos indivíduos sobre o mundo do trabalho. Perceberemos que essas histórias e esses sujeitos provavelmente não estão desconectados da história e da geografia local e podem dialogar também com o seu projeto de vida.

"Apresenta-se, então, o conceito de mapas afetivos: estes objetivam representar como se revelam determinadas lembranças de algum indivíduo relacionadas a um local, evidenciando seus lugares da memória, como pontos que mais marcam uma pessoa na cidade, em seu cotidiano. Dessa forma, conseguimos apontar nessa representação os processos que envolvem a construção identitária dos entrevistados."

CIASCA, Kaian Nóbrega Maryssael. Memória, identidade e território: mapas afetivos como indicadores de hábitos culturais. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 6, jun. 2018. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/files/artigo/11d46835/c9a3/4d4c/bbea/20adb48df00f.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2019. Adaptado.

Mapa afetivo do bairro do Recife, na cidade do Recife (PE), 2016.



Construiremos coletivamente um mapa afetivo de pessoas e profissões.

Veja quais materiais serão necessários para cada etapa. Prepare-se!



Primeira etapa: Entrevistas

- Bloco de anotações
- Caneta
- Celular ou gravador de voz

Segunda etapa: Elaboração do mapa

- Papel pardo, papel-cartão ou cartolina, preferencialmente em tamanho A1 ou A0
- Cópia do mapa político da cidade ou do bairro. (Nele devem estar contempladas as regiões onde você e sua turma circulam – para estudar, trabalhar, morar e passear)
- · Canetões ou canetinhas coloridas
- Trechos selecionados das entrevistas realizadas na etapa 1
- Materiais complementares que dialogam com o conteúdo das entrevistas: tecidos, folhas e frutos secos, madeira, plástico, rótulos de embalagens etc.



É verdade que todo mundo tem uma história para contar, ainda mais sobre o mundo do trabalho, um dos pilares das sociedades humanas. Ainda assim, não será possível entrevistar todos os trabalhadores do seu bairro ou da sua cidade; o grupo precisa, então, adotar alguns critérios para a escolha dos entrevistados que embasarão o desenho do mapa. Ademais, é importante manter um padrão entre as entrevistas que serão realizadas em diferentes contextos, por isso sugerimos a determinação de uma pauta de perguntas. Acompanhe o passo a passo:

- 1. Formem duplas.
- 2. Decidam quais critérios vocês adotarão para escolher as pessoas que serão entrevistadas. Considerem que o tema desta Unidade é o mundo do trabalho, portanto a diversidade de profissões é fundamental. Vale considerar também que tanto as histórias de jovens, que acabaram de ingressar no mercado, quanto as de pessoas já aposentadas, as quais já encerraram sua trajetória profissional, são relevantes.
- 3. Na lousa, façam o primeiro levantamento de nomes para as entrevistas. Podem ser familiares, amigos, pessoas conhecidas no bairro e na cidade. O importante é que tenham algo a dizer sobre o mundo do trabalho no território em que vocês vivem.
- **4.** Cada dupla deve ficar responsável pela entrevista de uma pessoa. Caso algum nome de morador tenha sobrado, discutam se essa entrevista é importante e se alguma dupla poderia assumi-la.
- **5.** Registrem a lista de entrevistados e entrevistadores em um caderno ou por meio de uma foto da lousa.





- 6. Com a lista de entrevistados e entrevistadores em mãos, comecem a preparar a pauta de perguntas. O professor distribuirá três tarjetas de papel para cada estudante. Registrem as perguntas que vocês considerarem necessárias: uma pergunta por pedaço de papel. Ao pensar nas perguntas, não percam de vista o tema e os objetivos da atividade fazer um mapa afetivo de pessoas e de profissões e não se esqueçam de solicitar a identificação do entrevistado, com nome, local, data de nascimento e profissão atual, por exemplo.
- 7. Um de cada vez, leiam em voz alta as perguntas sugeridas e escolham aquelas que efetivamente entrarão na pauta. Atenção às perguntas repetidas e àquelas que podem não render boas respostas. Trata-se de um mapa afetivo: sentimentos e sensações como o cheiro que marcou um lugar devem ser provocados.
- 8. Finalizada a pauta, cada dupla deve providenciar uma cópia das perguntas.
- 9. Combinem um prazo para a realização das entrevistas. Isso vai depender do perfil de cada turma, mas, em geral, duas semanas são suficientes para que as conversas aconteçam.
- **10.** É importante que a dupla organize as tarefas prévias: por exemplo, marcar com o entrevistado, informar o tempo de duração da entrevista e que ela será registrada, explicar o objetivo da conversa.
- 11. No dia da entrevista, lembrem-se de levar o roteiro de perguntas e de que ele não deve restringir o trabalho de vocês. Uma pergunta puxa outra, e a flexibilidade fará com que vocês aproveitem as deixas do entrevistado.
- 12. Escolham uma forma de registro da entrevista: pode ser em áudio (os celulares têm um aplicativo de gravação de voz) ou vídeo. Se não houver equipamento disponível, o registro poderá ser feito à mão.
- **13.** Mesmo que o registro audiovisual aconteça, papel e canetas são úteis para anotar os melhores momentos da entrevista enquanto ela acontece e para serem usados como "plano B", caso os eletrônicos não funcionem.
- **14.** Procurem fazer a entrevista em um local tranquilo, com pouco barulho e interferências externas. Deixem que o entrevistado pense com calma nas respostas, sem afobações. O momento é de reflexão e afetividade.
- **15.** Ao final, agradeça o entrevistado e convide-o para acompanhar, se houver possibilidade, a atividade sobre o mundo do trabalho que vem sendo conduzida na escola.
- **16.** Antes da aula combinada para a apresentação das entrevistas, vocês devem preparar o material que levarão para a confecção do mapa. Ouçam ou assistam à entrevista e façam a minutagem, ou seja, elaborem um resumo do que é falado em cada momento da entrevista para facilitar a busca de informações posteriormente. Na minutagem, marquem também os locais mencionados pelo entrevistado. Vejam o exemplo:
 - 00:30 01:00: Apresentação do entrevistado.
 - 01:00 3:00: Fala sobre a formação profissionalizante. Emociona-se ao contar sobre a época em que estudava em uma escola na Vila Morais (Goiânia, GO) no período noturno e trabalhava no centro da cidade para ajudar com as contas de casa.

Amplie sua jornada

Profissões em extinção

O Museu da Pessoa realizou um projeto para mapear e contar a história de profissões que já não existem ou que são cada vez mais difíceis de encontrar. Entre as histórias estão as de Jayme Ferreira de Lima, que foi motorneiro (operador de bondes), do sapateiro Pietro Germano e de Marciliano Carlos Monroe, que confeccionava chapéus sob medida. Entre no site do Museu e faça a busca pelo nome da personagem.

Etapa 2:

Confecção do mapa

De volta à escola, vamos compartilhar experiências e construir o mapa coletivamente.

- 1. Munidos das entrevistas e da minutagem de cada uma delas, sente-se em círculo junto aos colegas.
- 2. Antes de colocar a mão na massa, conversem sobre a experiência da entrevista: Como vocês se sentiram em ação? Como foi a postura dos entrevistados? O que eles contaram de mais marcante? Em que regiões da cidade (ou em quais ruas do bairro) as atividades profissionais se concentram? Existe um percurso de formação profissionalizante comum aos entrevistados? Há problemas sociais ligados ao trabalho que apareceram nas entrevistas? Que histórias foram inspiradoras? Alguma delas pode servir de espelho e de referência para vocês?
- Depois da rodada de reflexões, usem um único suporte para confeccionar o mapa, que tem alguns elementos básicos: título e contorno da região em questão.
- **4.** Comecem desenhando o contorno para isso, vocês podem usar a cópia do mapa político que estava na lista de materiais. Também é possível conseguir o mapa na internet, por exemplo, em *sites* de visualização de mapas. Pode ser útil desenhar as linhas que separam os bairros e, se a região mapeada for pequena, é possível desenhar as ruas e os pontos de referência.
- 5. Listem os locais mencionados pelos entrevistados, consultando a minutagem. Quais deles estão ligados ao mundo do trabalho? Quais são locais de formação profissionalizante? Há espaços onde acontece trabalho precário? Eles devem ser incluídos no mapa? Se sim, escolha um símbolo para cada categoria e desenhe-o nos locais mencionados na projeção cartográfica.
- 6. Incluam as histórias e afetos no mapa: aqui é possível transcrever trechos das histórias ouvidas por você, colocar palavras-chave, ilustrar com desenhos e fotos que expressem os sentimentos dos entrevistados, usar linhas para desenhar percursos e tantas outras coisas. Use a criatividade.
- 7. Vocês também devem estar neste mapa? Em relação ao mundo do trabalho, vocês têm sentimentos e sensações para expressar sobre os locais pontuados?
- **8.** Quando todos tiverem feito as suas contribuições, discutam a escolha de um título para o mapa. O que poderia sintetizar as histórias que foram colhidas sobre o mundo do trabalho neste território?

Em seu diário de bordo, analise individualmente as entrevistas e o mapa: O que elas contam sobre o mundo do trabalho em seu território? Seu lugar inspira você a criar raízes ou asas? Há oportunidades que parecem corresponder à sua identidade e aos seus desejos como cidadão? Que descobertas você fez enquanto entrevistava as pessoas? Os lugares de educação profissionalizante e de trabalho ganharam nova dimensão? Você pode concretizar essa atividade com uma nuvem de palavras que responda a essas questões.

Amplie sua jornada

Histórias em rede

Contar a história de São Paulo por meio da narrativa e das memórias das pessoas é o objetivo de Andre Deak e Felipe Lavignatti, paulistanos que criaram o projeto Mapas Afetivos. No *site* do projeto, a dupla reúne, desde 2014, depoimentos de famosos e anônimos sobre a capital paulista e sobre a vida nas cidades. Disponível em: https://www.mapasafetivos.com.br. Acesso em: 27 nov. 2019.



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Planejamento (construção de caminhos para a vida pessoal, profissional e a ação cidadã): o encontro com o futuro e o nós, com ênfase na dimensão profissional.
- Refletir e dialogar sobre os interesses dos estudantes em relação à inserção no mundo do trabalho, bem como à ampliação dos conhecimentos sobre os contextos, as características, as possibilidades e os desafios do trabalho no século XXI.

Objetivo: Exercitar o olhar sobre o território em que você se localiza, a partir das narrativas dos moradores sobre o mundo do trabalho.

Justificativa: A atividade evidencia os lugares da memória que mais marcam uma pessoa em sua cidade, em seu cotidiano. Dessa forma, se consegue apontar nessa representação os processos que envolvem a construção identitária das pessoas.

✓ Competência geral:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Competências específicas de Linguagens:

3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

✓ Habilidades de Linguagens, Língua Portuguesa e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

(EM13LGG305) Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo princípios e objetivos dessa atuação de maneira crítica, criativa, solidária e ética.

(EM13LP22) Construir e/ou atualizar, de forma colaborativa, registros dinâmicos (mapas, *wiki* etc.) de profissões e ocupações de seu interesse (áreas de atuação, dados sobre formação, fazeres, produções, depoimentos de profissionais etc.) que possibilitem vislumbrar trajetórias pessoais e profissionais.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Além do tema Trabalho, norteador do conteúdo desta Unidade, por meio das entrevistas e da confecção de um mapa afetivo, você pôde conhecer um enfoque acerca do Multiculturalismo, pois na conversa com as pessoas e na síntese de seus relatos também se dá a ver a diversidade brasileira nas práticas sociais cotidianas. A macroárea Meio Ambiente, a depender do conteúdo dos relatos, pôde ser igualmente contemplada de modo tangencial, é o caso de, por exemplo, falar sobre extrativismo.

3 Expectativa imes realidade

Quer porque ouvimos histórias de nossos familiares e amigos, quer porque somos influenciados por imagens de filmes e séries a que assistimos, criamos expectativas e construímos pressupostos a respeito do exercício de algumas ocupações. Nas telenovelas, o cotidiano dos administradores parece sempre bastante dinâmico, com uma série de reuniões e telefonemas.

Há, ainda, produções seriadas para a televisão e para os serviços de *streaming* que romantizam o cotidiano de médicos, de jornalistas e de cientistas. É claro que esses produtos podem ser fonte de inspiração, mas é igualmente importante conhecer o cotidiano dos trabalhadores que nos cercam e com quem desejamos parecer-nos no futuro.



Cena do filme *Perdido em Marte* (Direção: Ridley Scott, EUA, 2015, ficção científica, 141 minutos, 12 anos), que conta a história de um astronauta que consegue sobreviver no planeta vermelho por cerca de 500 dias até ser resgatado por uma missão espacial.

Para isso, você será uma espécie de "repórter por um dia" ou de cientista, realizando um trabalho de campo. Durante um dia útil, você acompanhará a jornada de trabalho de uma pessoa à sua escolha.

Procure fazer uma opção fundamentada em seus interesses: no futuro, você pensa em abrir seu próprio negócio? Ou quer trabalhar como agente comunitário de saúde no posto do seu bairro? Seu ideal é ser médico? Tem analisado novas profissões e cogita prestar o vestibular para Ciências da Computação porque quer conhecer os usos do *big data* mais a fundo? Nasceu para ser dentista? Quem sabe *chef* de cozinha? O futuro da sua região e o seu estão no agronegócio?

São inúmeras possibilidades que vamos discutir primeiro do ponto de vista da expectativa – aquilo que você imagina que sejam o dia a dia e os desafios da profissão – e depois da realidade – aquilo que efetivamente se verifica com o apoio da observação. Mão na massa!

Etapa 1:

Diagnóstico de expectativas

Use o conteúdo do quadro a seguir como base para criar um infográfico em que você registre as expectativas que tem em relação à profissão escolhida. Não realize pesquisas prévias, apresente apenas as suas percepções atuais acerca da profissão eleita. Reflita sobre as intervenções, que precisam contemplar diferentes categorias, conforme indicamos a seguir. Depois, desenhe um infográfico combinando imagem e texto. A atividade pode ser realizada à mão ou com o auxílio de um computador.



WEBERSON SANTIAGO



- Roupas, espaço e materiais de trabalho
- Jornada diária em horas e dias da semana dedicados ao trabalho
- Remuneração
- Nível de responsabilidade e de estresse
- Função social
- Desafios
- Contato com o público e com a equipe
- · Formação profissionalizante necessária
- Tipo da relação de trabalho (formal \times informal; estável \times intermitente; proprietário \times contratado)
- · Ingresso no mercado
- · Possibilidades de crescimento na carreira

Etapa 2:

Diagnóstico da realidade

As expectativas foram mapeadas e, neste momento do percurso, podemos confrontá-las com a realidade. Para isso, é necessário que você entre em contato com um profissional e exponha seu desejo em fazer uma atividade de observação do trabalho dele. Note que não se deve restringir o exercício à entrevista, embora ela seja um instrumento de coleta de informações importante aqui. **Sua missão é acompanhar um dia na vida do trabalhador**.

É claro que você enfrentará algumas dificuldades, pois talvez não consiga autorização para acompanhar uma consulta médica, por exemplo, que costuma ser sigilosa. Ainda assim, você pode seguir um profissional que trabalha em uma unidade de pronto-socorro, ou ainda conversar com o médico ou médica que atendem em consultório e com pacientes logo depois da consulta. O importante é não perder de vista que aqui estamos deixando de lado os "achismos" para adotar parâmetros mais metodológicos e críticos de observação de contextos e de pessoas no cotidiano de suas ocupações (leia o texto do quadro a seguir, sobre um método usado por pesquisadores em trabalhos de campo chamado de observação participante). Use bloco ou caderno para anotações e o celular para gravar áudios, fazer vídeos e fotos que contribuam para a construção do infográfico. Depois do dia de observações e registros, volte ao diagrama de base. Reflita sobre as intervenções, que precisam contemplar diferentes categorias, conforme indicamos a seguir. Explore linguagens ao intervir sobre a base: desenhe e escreva de modo que uma coisa complemente a outra.

"A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa. As entrevistas formais são muitas vezes desnecessárias, devendo a coleta de informações não se restringir a isso."

VALLADARES, Lícia. Os dez mandamentos da observação participante. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 63, São Paulo, fev. 2007.

Etapa 3:

Compare e comprove

Coloque lado a lado os dois infográficos que você produziu, para compará-los. Registre suas constatações no diário de bordo por meio de listas com os seguintes títulos:

- · Expectativas confirmadas;
- · Expectativas negadas;
- · Outras descobertas sobre a profissão;
- Impressões e sentimentos desencadeados pela comparação entre expectativa e realidade.

Etapa 4:

Compartilhe

Esta atividade foi inspirada em *memes* que circulam nas redes sociais os quais discutem com bom humor a diferença entre expectativa e realidade do mundo do trabalho. O termo "*meme*" é muito conhecido e utilizado com frequência na internet. Trata-se de um fenômeno de multiplicação de uma informação (o que as pessoas chamam de "viralização"). A turma pode produzir imagens que discutem essa distinção e compartilhar na internet ou em grupos da comunidade escolar à qual vocês pertencem.

Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Planejamento (construção de caminhos para a vida pessoal, profissional e a ação cidadã): o encontro com o futuro e o nós, com ênfase na dimensão profissional.
- Refletir e dialogar sobre os interesses dos estudantes em relação à inserção no mundo do trabalho, bem como à ampliação dos conhecimentos sobre os contextos, as características, as possibilidades e os desafios do trabalho no século XXI.
- Apropriar-se de habilidades pessoais, estratégias mentais e instrumentos práticos para planejamento de metas e estratégias para alcançá-las.
- Sistematizar interesses, identificar habilidades, conhecimentos e oportunidades que correspondem às aspirações profissionais, abrindo caminho sólido à elaboração escalonada de metas e estratégias viáveis.

Objetivos: Refletir sobre o conceito de vocação; reconhecer as expectativas que você possa ter para desenvolver algumas habilidades tendo em vista a realidade.

Justificativa: É essencial que você saiba apropriar-se de suas habilidades pessoais, estratégias mentais e instrumentos práticos para planejamento de metas e estratégias para alcançá-las, dentro de seu contexto e realidade.

✓ Competências gerais:

- 2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

✓ Competência específica de Linguagens:

7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

√ Habilidades de Linguagens, Língua Portuguesa e Ciências Sociais Aplicadas:

(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

(EM13LP22) Construir e/ou atualizar, de forma colaborativa, registros dinâmicos (mapas, wiki etc.) de profissões e ocupações de seu interesse (áreas de atuação, dados sobre formação, fazeres, produções, depoimentos de profissionais etc.) que possibilitem vislumbrar trajetórias pessoais e profissionais.

(EM13LP34) Produzir textos para a divulgação do conhecimento e de resultados de levantamentos e pesquisas – texto monográfico, ensaio, artigo de divulgação científica, verbete de enciclopédia (colaborativa ou não), infográfico (estático ou animado), relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, reportagem científica, podcast ou vlog científico, apresentações orais, seminários, comunicações em mesas redondas, mapas dinâmicos etc. –, considerando o contexto de produção e utilizando os conhecimentos sobre os gêneros de divulgação científica, de forma a engajar-se em processos significativos de socialização e divulgação do conhecimento.

(EM13LP35) Utilizar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto e imagem por slide e usando, de forma harmônica, recursos (efeitos de transição, slides mestres, layouts personalizados, gravação de áudios em slides etc.).

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Nesta atividade, ao apontar possibilidades para colocar o plano de ação em prática, com foco no seu ingresso em programas e cursos de formação ou no mercado, colocamos em perspectiva, como em toda a terceira unidade, o tema do Trabalho, que pertence à macroárea Economia. Abordamos também o tema Vida Familiar e Social, uma vez que o mundo do trabalho não se separa da Cidadania e do Civismo.





Sonhos em perspectiva: diagnóstico de habilidades e de oportunidades



"O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro."

COUTO, Mia. Terra sonâmbula. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Rede conceitual

Em um artigo publicado no jornal *Folha de S.Paulo* em 2014, a psicóloga Rosely Sayão relata um incômodo diante da falta de perspectiva de dois jovens que vivem em contextos sociais e culturais bastante distintos. Para Sayão, um dos fatores que levam à falta de sentido é o trabalho. Trata-se mesmo de um desafio contemporâneo. São muitas opções de carreira, ninguém nasce mais com o destino traçado (como ocorria nas sociedades estamentais) e, além das pressões internas, há as pressões externas: a família, a escola, os amigos e a própria sociedade, que por vezes projetam na juventude a expectativa para a solução de problemas das mais variadas ordens.

Esse cenário parece agravar-se, conforme discutimos no início do primeiro Capítulo, em contextos de crise econômica como a que o Brasil enfrentou na segunda década dos anos 2000: diante de um futuro incerto, em várias áreas, a inquietude não pode ser mais natural. É, no entanto, nesse contexto que a construção de um projeto de vida ganha ainda mais relevância. Tal qual formigas que encontram caminhos nos terremotos, podemos nos valer das situações críticas para promover um encontro ou reencontro com as nossas habilidades e para ir em busca de oportunidades. O escritor Sérgio Rodrigues, estudioso da origem das palavras e de expressões idiomáticas, desfaz o mito de que o ideograma chinês que representa crise junta os símbolos de perigo e oportunidade. O autor nos oferece uma tradução mais sóbria do mandarim e talvez mais adequada aos nossos objetivos aqui: o ideograma chinês que simboliza a crise pode ser entendido como "momento crucial".

A conclusão do Ensino Médio é, de fato, um momento crucial, e as atividades deste Capítulo podem ajudar você a tomar decisões mais acertadas. Nas páginas anteriores, olhamos para fora; agora essa conversa, embora a expressão pareça paradoxal, expande-se para dentro, de modo a criarmos uma ponte entre você e o mundo, entre você e os outros, entre você e o trabalho. Para alcançar esse objetivo, discutiremos o sentido de vocação, mapearemos suas habilidades, faremos relações entre elas e as profissões existentes, criaremos rotas de possibilidades e construiremos um portfólio em que você poderá relembrar sua jornada até aqui. Agora, é só começar!



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sociedade estamental: Ela existia antes da sociedade industrial e era dividida em grupos sociais, não permitindo a ascensão. Um indivíduo nascido nos estamentos mais baixos estava condenado a viver neles para sempre.

Amplie sua jornada

Conversei longamente com dois jovens. O primeiro é um rapaz que está com 25 anos, que me procurou para trocar ideias sobre sua vida, suas aflições, suas dúvidas. A outra conversa foi com uma garota de 17 anos, com quem dialoguei a respeito de suas expectativas sobre a vida, o presente e o futuro dela.

O rapaz e a garota são bem diferentes entre si: moram em estados diferentes, com culturas regionais muito distintas. O rapaz já exerce sua profissão, sua família tem excelente nível socioeconômico, a carreira dele está em plena ascensão e ele se sente satisfeito em seu trabalho.

A garota mora em uma cidade do interior, acabou de ingressar em um curso universitário, tem namorado e sua família é bem simples. Estudou quase sempre em escola pública, e é muito esforçada: dá aulas particulares para crianças e participa de programas sociais como voluntária.

Aprendemos muito no exercício da escuta dos outros. Foi o que aconteceu com essas conversas: aprendi, elaborei novas interrogações, me preocupei, e compartilho com você, caro leitor, minhas reflexões.

O que há em comum entre esses dois jovens? Um vazio. Apesar de os dois estarem bem encaminhados na vida, eles vivem o que chamei de uma crise existencial: sentem enfado no cotidiano, não conseguem enxergar uma boa perspectiva na vida e, por mais que busquem, não encontram bons motivos para sustentar a vida que levam.

"Não se preocupe comigo: não tenho ideias suicidas, não estou deprimida, faço terapia e amo a vida. O problema é: que raios de vida é essa que eu vivo?" foi uma frase escrita pela garota em nossa troca de mensagens.

"Acordo, me arrumo para trabalhar, saio semanalmente com meus amigos e meus namoros não dão certo. No início achava que o problema eram as garotas, depois pensei que o problema fosse eu, agora acho que as atrapalhações são da vida", me disse o jovem mais velho. E acrescentou: "Viver não pode se resumir a isso, é muita pobreza. Mas eu não sei o que mais poderia acrescentar para viver de bem comigo e com essa vida."

O que aprendi com eles? Que estamos valorizando em demasia, para os mais novos, facetas da vida que não são suficientes para sustentar a fome de viver.

Lembrei-me de um verso de Adélia Prado: "Não quero faca nem queijo; eu quero é fome". Temos cometido um equívoco: fazemos de tudo para oferecer aos mais novos a faca e o queijo. Mas isso eles saberão arrumar por conta própria, mais cedo ou mais tarde. Mas, sem fome, de que adianta? Precisamos ajudar os jovens a terem mais apetite, a tal fome de viver.

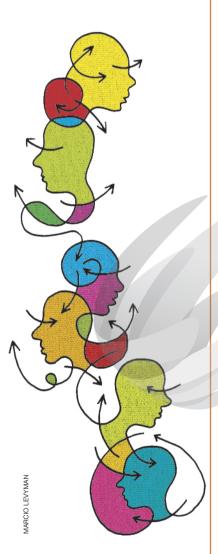
Por que me preocupei? Porque tem aumentado o número de jovens que cometem suicídio e que têm depressão. Mesmo que os dois jovens com quem conversei não demonstrem estar nesse caminho, quantos como eles não estarão, pelos mesmos motivos? E o que podemos fazer, além de oferecer tratamento profissional?

Finalmente, para esta conversa: todos os dias podemos fazer algo que torne o mundo um pouco melhor, que afete positivamente a vida dos outros, que facilite o convívio entre os que se relacionam. Creio que não temos colaborado com os jovens para que eles identifiquem o que fazem nesse sentido, inclusive no trabalho. E perceber isso ajuda a sustentar a vida, a aumentar o apetite de viver e permite perceber não apenas as dores da vida, mas suas delícias também.

SAYÃO, Rosely. Crise existencial na juventude. Folha de S.Paulo, 24 jun. 2014.

Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2014/06/1475247-crise-existencial-na-juventude.shtml.

Acesso em: 27 nov. 2019.



Mão na massa

1 Minha vocação

Etapa 1:

Mobilizar subjetividades

Vocação existe? Nascemos com alguns dons ou podemos desenvolvê-los ao longo da vida? Se podemos desenvolvê-los, por meio de quais caminhos isso é possível? Naturais ou construídos, quais são suas habilidades – se assim podemos chamar as vocações, aquilo para o que "levamos jeito", "temos o dom"? Sua percepção sobre as vocações que tem são as mesmas que as das pessoas que cercam você? Esta atividade contribui para encontrar algumas dessas respostas. Note que ela dialoga e recupera propostas da Unidade 1, em que você trabalhou o autoconhecimento.

 Leia a crônica "As três experiências", escrita por Clarice Lispector e publicada no Jornal do Brasil:

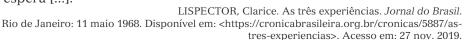
Há três coisas para as quais eu nasci e para as quais eu dou a minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos. "O amar os outros" é tão vasto que inclui até o perdão para mim mesma com o que sobra. As três coisas são tão importantes que minha vida é curta para tanto. Tenho que me apressar, o tempo urge. Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida. Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.

E nasci para escrever. A palavra é meu domínio sobre o mundo. Eu tive desde a infância várias vocações que me chamavam ardentemente. Uma das vocações era escrever. E não sei por que, foi esta que eu segui. Talvez porque para outras vocações eu precisaria de um longo aprendizado, enquanto que para escrever o aprendizado é a própria vida se vivendo em nós e ao redor de nós. É que não sei estudar. E, para escrever, o único estudo é mesmo escrever. Adestrei-me desde os sete anos de idade para que um dia eu tivesse a língua em meu poder. E no entanto cada vez que eu vou escrever, é como se fosse a primeira vez. Cada livro meu é uma estreia penosa e feliz. Essa capacidade de me renovar toda à medida que o tempo passa é o que eu chamo de viver e escrever.

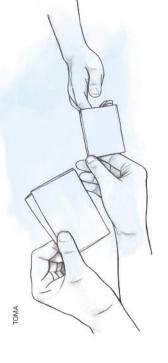
Quanto aos meus filhos, o nascimento deles não foi casual. Eu quis ser mãe. Meus dois filhos foram gerados voluntariamente. Os dois meninos estão aqui, ao meu lado. Eu me orgulho deles, eu me renovo neles, eu acompanho seus sofrimentos e angústias, eu lhes dou o que é possível dar. Se eu não fosse mãe, seria sozinha no mundo. Mas tenho uma descendência, e para eles no futuro eu preparo meu nome dia a dia. Sei que um dia abrirão as asas para o voo necessário, e eu ficarei sozinha: É fatal, porque a gente não cria os filhos para a gente, nós os criamos para eles mesmos. Quando eu ficar sozinha, estarei seguindo o destino de todas as mulheres.

Sempre me restará amar. Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar: posso um dia sentir que já escrevi o que é meu lote neste mundo e que eu devo aprender também a parar. Em escrever eu não tenho nenhuma garantia.

Ao passo que amar eu posso até a hora de morrer. Amar não acaba. É como se o mundo estivesse a minha espera. E eu vou ao encontro do que me espera [...].





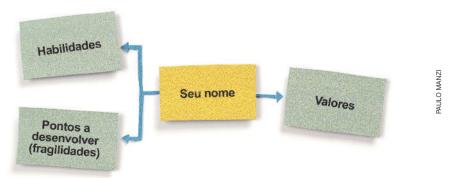


- 2. Depois da leitura, cada um receberá três pedaços pequenos de papel (um quarto de folha sulfite). Deve ficar de posse de um deles e entregar os demais para outros dois colegas. A escolha não é aleatória: pense em um colega que é próximo e em outro que o(a) conhece pouco e dê a eles os papéis.
- **3.** Você também deve receber alguns papéis para preencher. No seu papel, responda: Qual é a sua vocação? Nos papéis que recebeu, responda: Qual é a vocação do colega que lhe entregou o papel?
- 4. Registre o que você percebe sobre si mesmo(a) e sobre os outros, mas não devolva os papéis. Note que o texto de Clarice Lispector aponta para questões subjetivas ligadas à vocação, e você pode fazer o mesmo. A vocação de seu colega é cuidar dos outros? Ouvir? Dar atenção à família? Estudar? Por enquanto, não estamos diretamente preocupados com o campo profissional.
- **5.** Quando todos tiverem terminado de preencher, um voluntário deve começar a entregar as vocações que escolheu para os colegas: é preciso ler em voz alta a vocação antes de entregá-la.
- **6.** Após a troca de vocações, compare os papéis que você recebeu com o que havia escrito. Há mais semelhanças ou mais diferenças?
- 7. Em roda, a turma pode conversar sobre as vocações atribuídas pelos colegas:
 - a) Essas vocações se assemelham às vocações pensadas individualmente?
 - b) O que os outros percebem sobre mim que eu não havia percebido?
 - c) Concordo com essa percepção? Que vocações podem ser amadurecidas?
 - d) Quem tem vocações semelhantes às minhas?
 - **e)** Que vocações eu gostaria de ter? Se não as tenho, como é possível fomentá-las?

Etapa 2:

Do subjetivo ao objetivo

O texto de Clarice Lispector é uma crônica que explicita valores presentes na vida da autora, entre eles a necessidade de escrever (mesmo que essa necessidade possa ter prazo de validade), o cuidado com a família e a importância do amor – e de canalizar esse sentimento na escrita. Revela também fragilidades, como a ansiedade diante da passagem do tempo e a insegurança diante da escrita de um novo livro. Você também tem habilidades (na etapa anterior, chamamos isso de vocações), valores e fragilidades a serem trabalhadas. Considere o texto de Clarice e a dinâmica das vocações. Em seu caderno, faça um diagrama como o seguinte e complete-o. Você pode recuperar reflexões que foram feitas nas Unidades 1 e 2 e sintetizá-las aqui.



Etapa 3:

Encontro entre habilidades e profissões

Você está munido de uma cartografia das suas habilidades e valores. Pode, agora, sair em busca de profissões que correspondam a essa cartografia. Procure fazer a correspondência entre as habilidades e valores mapeados acima e as ocupações a eles relacionadas – a satisfação com a própria vida e o desejo de caminhar para o futuro começam com um encontro adequado entre essas colunas. A atividade *Expectativa* \times *Realidade*, presente no Capítulo 1 desta Unidade, contribui para que você reflita sobre o quadro abaixo e consiga construir o seu no caderno.

Habilidades e valores	Profissão
Paciência	Professor, médico, motorista, cuidador
Trabalhos manuais	Artesão, marceneiro, engenheiro civil, instrumentista cirúrgico, massoterapeuta, designer

Amplie sua jornada

No Capítulo anterior, você acompanhou um dia na vida de um profissional. Que tal colocar a mão na massa e exercer essa profissão na prática? Em alguns casos, isso é possível. Você pode participar de uma atividade de trabalho voluntário perto da sua casa, por exemplo, e ver como se sente quando suas habilidades são postas em prática. Pode também pedir um estágio no negócio ou na instituição em que trabalha um conhecido para viver experiências como o trabalho com o público em uma loja, a formalidade de uma audiência com advogados e juízes ou o planejamento do dia de um padeiro ou marceneiro, desde a compra de materiais e ingredientes até a conquista do produto final.

Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Planejamento (construção de caminhos para a vida pessoal, profissional e a ação cidadã): o encontro com o futuro e o nós, com ênfase na dimensão profissional.
- A ação no mundo a partir de uma profunda reflexão sobre si mesmo, o outro e o nós, com vistas a um rigoroso planejamento estratégico e cidadão para o presente e o futuro, levando em consideração necessidades individuais e coletivas.
- Refletir e dialogar sobre os interesses dos estudantes em relação à inserção no mundo do trabalho, bem como à ampliação dos conhecimentos sobre os contextos, as características, as possibilidades e os desafios do trabalho no século XXI.
- Apropriar-se de habilidades pessoais, estratégias mentais e instrumentos práticos para planejamento de metas e estratégias para alcançá-las.
- Sistematizar interesses, identificar habilidades, conhecimentos e oportunidades que correspondem às aspirações profissionais, abrindo caminho sólido à elaboração escalonada de metas e estratégias viáveis.

Objetivos: Refletir sobre o conceito de vocação; reconhecer suas habilidades, para que possa desenvolver outras habilidades diversas das habituais.

Justificativa: É essencial que você saiba apropriar-se de suas habilidades pessoais, estratégias mentais e instrumentos práticos para planejamento de metas e de estratégias para alcançá-las.

✓ Competência geral:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.



✓ Competência específica de Linguagens:

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais (a crônica de Clarice Lispector), das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/ audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/ questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Nesta atividade, ao discutir questões objetivas e subjetivas ligadas à vocação, você pôde colocar em perspectiva, como em toda esta unidade, o tema do Trabalho, que pertence à macroárea Economia. Abordamos também o tema Vida Familiar e Social, uma vez que as reflexões sobre o eu, no âmbito do mundo do trabalho, não se separam do nós.

Meu futuro em desenho e vídeo

Para esta atividade, providencie os seguintes materiais:



- Quadro branco ou folhas sulfite tamanho A4
- Pincel atômico, canetinha ou caneta de ponta porosa preta
- · Celular com câmera de vídeo
- Aplicativo para edição de vídeo

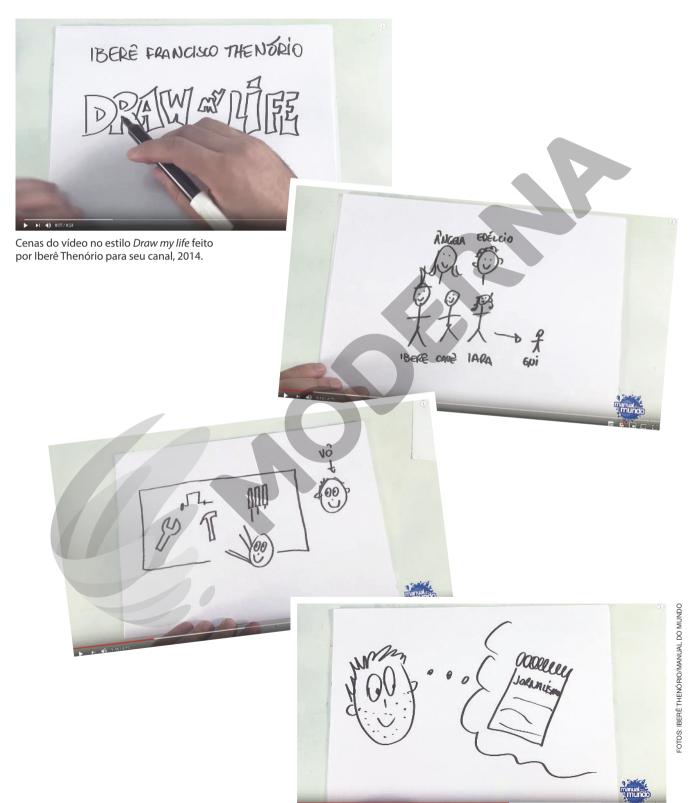
É possível que você já tenha assistido a vídeos do gênero *Draw my life* ou, em português, "Minha vida em desenhos". O primeiro deles foi filmado em 2013 pelo blogueiro inglês Sam Pepper, que estimulou outras personalidades da internet a fazerem o mesmo – os convites fizeram com que o estilo virasse um fenômeno na rede. Em geral, trata-se de vídeos curtos em que a personagem principal escolhe um aspecto de sua vida para contar com a ajuda de desenhos simples sobre um quadro branco e de uma narração.

Aqui, você será orientado a produzir um vídeo no estilo *Draw my life*. Em nossa proposta, porém, fizemos uma mudança: você falará menos sobre eventos do seu passado e mais sobre o que desenha, ou seja, o que planeja para seu futuro no que se refere ao mundo do trabalho.

Etapa 1:

Análise de referência

Escolhemos como ponto de partida para seu projeto o vídeo feito por Iberê Thenório, criador de um canal dedicado a conteúdos e tutoriais educativos, especialmente focados em ciência e "faça você mesmo".



Vá lá!

Para conhecer todo o percurso de vida de Iberê e entender melhor sobre o *Draw my life*, acesse:

https://www.youtube.com/watch?v=G94X7SUHT Zw>. Acesso em: 18 jan. 2020. Iberê percorre um trajeto que começa na infância, cercado pelas ferramentas do avô passa pelos desafios que viveu na escola e no trabalho até conseguir ingressar no curso de Jornalismo em uma universidade pública e, finalmente, alcançar mais de 1 milhão de pessoas com um canal de vídeos na internet. Pense no exposto à luz das seguintes questões:

- **1.** As experiências da infância podem influenciar os rumos da carreira de uma pessoa?
- **2.** A partir da consciência dos objetivos como o ingresso na universidade –, que ações é possível realizar para concretizar esses desejos?
- 3. Que função pode ter o trabalho em diferentes momentos da vida?
- **4.** Você acredita que, depois da formação na universidade, novas oportunidades surgirão? Com o diploma de um curso técnico ou de um curso superior, as escolhas se ampliam?

Etapa 2:

Planeje o conteúdo do vídeo

Agora que você já se familiarizou com a linguagem do gênero, vamos começar a planejar seu vídeo. Siga o passo a passo:

- 1. Lembre-se do tema: Você vai desenhar seu futuro, ou seja, vamos fazer um exercício de planejamento e previsão. Como mencionado, o foco aqui são suas realizações no mundo do trabalho. Escolha, então, um ponto final para seu vídeo. Dito de outra forma: quais são os objetivos que você quer alcançar no mundo do trabalho no longo prazo? Imagine-se daqui a 20 anos. Faça uma lista e escolha uma ou duas metas para abordar no roteiro, já que o vídeo não deve ter mais do que 5 minutos. A formação, a profissão, o lugar de trabalho, a contribuição que quer dar à sociedade e o patrimônio que pensa construir são tópicos interessantes para esta reflexão.
- 2. Que experiências da sua infância e juventude estão presentes em seus planos? De que forma elas influenciarão suas relações com o trabalho? Como você representará isso em imagens? Registre as possíveis respostas em seu caderno.
- **3.** Considere o levantamento feito na atividade anterior sobre as instituições profissionalizantes que estão em seu raio de alcance. Que caminho você pode fazer para ingressar em uma delas? Essa etapa também deve ser contemplada no planejamento do seu vídeo.
- **4.** Por fim, volte ao Capítulo 1 desta Unidade: O que *trabalhar* quer dizer para você? Indique, em seu futuro, o que você imagina que lhe trará satisfação no exercício do trabalho. Use palavras-chave para apresentar essa ideia.



Etapa 3:

Elabore o roteiro

- 1. Você já elencou os principais conteúdos, aquilo que deseja comunicar com o seu vídeo, e pode seguir para o próximo passo: elaborar o roteiro. Considere que cada desenho é uma cena e representa um momento da sua vida, desde a infância até a conquista de seus objetivos.
- 2. Organize uma sequência lógica em que as imagens que aparecem no quadro e o texto que você vai narrar se complementam. Nem tudo que será narrado precisa ser desenhado.
- 3. Os vídeos deste gênero são bastante espontâneos; você não precisa criar falas perfeitas nem decorá-las. O roteiro aqui cumpre mais a função de guia para garantir a coesão e a clareza ao espectador e também para organizar seu pensamento. É aquela velha dica: todo discurso deve ter começo, meio e fim.
- **4.** Você pode dar um nome especial ao seu vídeo. Coloque-o no primeiro quadro. Se não quiser dar título, mencione seu nome e apresente-se logo no início.

Etapa 4:

Grave e edite

- 1. Grave o áudio antes de fazer os desenhos. Assim, você conta a sua história e essa narrativa serve de apoio para as ilustrações. Os smartphones costumam vir com um gravador de voz instalado. Escolha um lugar silencioso, longe de outros celulares e fontes sonoras.
- 2. Para gravar os desenhos, você vai precisar de um apoio para o celular ou para a câmera: pode ser um tripé ou um suporte improvisado, como uma pilha de livros. Ou, ainda, peça que alguém segure o celular enquanto você desenha.
- 3. Vá desenhando, apagando e desenhando novamente em coerência com a história contada no áudio. Se você não tiver um quadro branco, pode usar um bloco de folhas sulfite, nossa referência. Desenhe uma cena e depois troque de folha.
- 4. Se a primeira gravação não ficar boa, tente novamente. Vídeos bem-feitos, em geral, são filmados mais de uma vez para corrigir erros identificados no processo.
- 5. A gravação pode ser feita diretamente em programas e aplicativos disponíveis para instalação gratuita. Alguns softwares especializados editam o conteúdo gravado e permitem a inclusão de uma trilha sonora. Se você pensa em publicar o vídeo, escolha uma trilha que tenha uma licença Creative Commons.
- **6.** Procure não ultrapassar os 5 minutos e use os efeitos para dar dinamismo ao vídeo e cumprir seu objetivo: contar aos outros como você imagina que será seu futuro no mundo do trabalho.



Creative Commons: São licenças públicas que permitem a distribuição gratuita de uma obra protegida por direitos autorais. Elas são usadas quando um criador individual ou até grandes empresas querem dar às pessoas o direito de compartilhar, usar e construir sobre um trabalho criado por eles.

7. Na edição, você pode suprimir trechos da gravação que não considerar interessantes, incluir filtros e outros efeitos especiais, acelerar cenas e também o áudio que acompanha. Assim, ainda que todos os seus colegas estejam trabalhando a partir da mesma proposta de produção de vídeo, o resultado será autoral, terá a marca das suas concepções estéticas. Ao final da edição, salve seu trabalho.

Etapa 5:

Compartilhe

Você e seus colegas de turma podem compartilhar as produções realizadas neste tutorial e contribuir para as reflexões sobre o projeto de vida de outros estudantes. Lembrem-se de escrever uma descrição e uma legenda para cada vídeo que fará parte dele. Dividir as produções entre as que abordam economia criativa, serviço público e empreendedorismo social, por exemplo, ajuda o público a encontrar a informação mais rápido.

Uma possibilidade interessante para divulgar os vídeos é organizar uma sessão de exibição dos vídeos na escola para familiares, amigos, professores, gestores, funcionários e alunos de outras turmas.



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Planejamento (construção de caminhos para a vida pessoal, profissional e a ação cidadã): o encontro com o futuro e o nós, com ênfase na dimensão profissional.
- A ação no mundo a partir de uma profunda reflexão sobre si mesmo, o outro e o nós, com vistas a um rigoroso planejamento estratégico e cidadão para o presente e o futuro, levando em consideração necessidades individuais e coletivas.
- Refletir e dialogar sobre os interesses dos estudantes em relação à inserção no mundo do trabalho, bem como à ampliação dos conhecimentos sobre os contextos, as características, as possibilidades e os desafios do trabalho no século XXI.
- Apropriar-se de habilidades pessoais, estratégias mentais e instrumentos práticos para planejamento de metas e estratégias para alcançá-las.
- Sistematizar interesses, identificar habilidades, conhecimentos e oportunidades
 que correspondem às aspirações profissionais, abrindo caminho sólido à elaboração escalonada de metas e estratégias viáveis.

Objetivos: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais.

Justificativa: A apropriação de diferentes linguagens favorece o seu desenvolvimento integral, repercutindo assim futuras competências profissionais.

✓ Competências gerais:

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

✓ Competências específicas de Linguagens:

- 3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.
- 7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

(EM13LGG305) Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo princípios e objetivos dessa atuação de maneira crítica, criativa, solidária e ética.

(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

(EM13LGG702) Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.

(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

(EM13LP14) Analisar, a partir de referências contextuais, estéticas e culturais, efeitos de sentido decorrentes de escolhas e composição das imagens (enquadramento, ângulo/vetor, foco/profundidade de campo, iluminação, cor, linhas, formas etc.) e de sua sequenciação (disposição e transição, movimentos de câmera, remix, entre outros), das performances (movimentos do corpo, gestos, ocupação do espaço cênico), dos elementos sonoros (entonação, trilha sonora, sampleamento etc.) e das relações desses elementos com o verbal, levando em conta esses efeitos nas produções de imagens e vídeos, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de apreciação.

(EM13LP15) Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

(EM13LP16) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como



também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

(EM13LP17) Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (*vlog*, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, *podcasts*, *playlists* comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.

(EM13LP18) Utilizar softwares de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

(EM13LP19) Apresentar-se por meio de textos multimodais diversos (perfis variados, gifs biográficos, biodata, currículo web, videocurrículo etc.) e de ferramentas digitais (ferramenta de gif, wiki, site etc.), para falar de si mesmo de formas variadas, considerando diferentes situações e objetivos.

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/ questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Nesta atividade, você pode olhar para o futuro por meio da leitura crítica de um gênero audiovisual e do exercício da concretização de aspirações no plano da linguagem verbo-visual. Trata-se aqui do tema Trabalho em diálogo com a Competência autoconhecimento e autocuidado, explorada de modo pormenorizado na Unidade 1. Por fim, a análise de uma história de vida, que se constrói em um percurso ético, intersecta-se à macroárea Cidadania e Civismo.

3 Escolha sua rota

No quadro a seguir, combinamos metas, instituições que podem estar presentes no seu território, ações e meios que podem ser realizados para que você alcance as metas propostas. Primeiro, escolha os itens com os quais você se identifica e que pressupõe que fazem parte do seu projeto de vida, no curto ou no longo prazo. Note que você pode adicionar itens à lista. Registre-a em seu diário de bordo.



- Assumir o negócio da família.
- Abrir o próprio negócio.
- · Fundar uma ONG.
- Prestar um concurso público.
- Ingressar em um curso superior.
- · Seguir carreira militar.
- · Fazer um curso superior.
- · Prestar vestibular.
- Fazer cursinho privado ou popular.
- Ingressar em uma universidade ou faculdade pública.
- Ingressar em uma universidade ou faculdade privada.

- Mudar de cidade ou de estado para investir na própria formação.
- · Fazer um financiamento estudantil.
- Usar a poupança para pagar os estudos.
- Pedir apoio da família para financiar os estudos.
- Trabalhar para financiar os estudos.
- Conseguir uma bolsa de estudos ou uma ajuda de custo em faculdade pública ou particular.
- Juntar dinheiro para a aposentadoria.
- · Formar uma família.
- · Viajar o mundo.
- Comprar um carro.
- · Comprar uma casa.
- Ser contratado por uma empresa.
- · Morar sozinho.
- Continuar os estudos em uma pós-graduação.
- · Investir dinheiro.
- Aposentar-se cedo.
- Ter uma casa na praia ou no campo.
- Nunca parar de trabalhar.
- · Ser proprietário de vários imóveis.
- · Mapear editais e coletivos que apoiem projetos culturais juvenis.
- Realizar campanhas de financiamento de projetos.
- · Ajudar as pessoas e o mundo a ser um lugar melhor.
- Trabalhar como freelancer.
- Trabalhar mais de 8 horas por dia.
- Trabalhar 8 horas por dia.
- Trabalhar menos de 8 horas por dia.
- Ajudar pais, irmãos e outros parentes graças ao trabalho.
- Seguir carreira artística.
- Visitar lugares relacionados à minha área de atuação, para conhecer melhor o futuro de sua profissão e fazer uma rede de contatos.
- Escrever um livro.
- Compartilhar o conhecimento com outras pessoas.

Depois de selecionar, coloque os itens em sequência, como se estivesse realizando um plano de ação: Quais são os seus objetivos no trabalho e na vida pessoal? Que atitudes tomará para alcançar esses objetivos? Com que meios?

Costumamos planejar muito o que queremos ter, mas pensamos pouco sobre o ser. Em seu diário de bordo, liste aquilo que você quer aprender nos próximos 10 anos e que não tem relação direta com o mundo do trabalho – embora possa contribuir para seu desempenho nesse âmbito.



FBERSON SANT



✓ Vivências:

- Planejamento (construção de caminhos para a vida pessoal, profissional e a ação cidadã): o encontro com o futuro e o nós, com ênfase na dimensão profissional.
- Refletir e dialogar sobre os interesses dos estudantes em relação à inserção no mundo do trabalho, bem como à ampliação dos conhecimentos sobre os contextos, as características, as possibilidades e os desafios do trabalho no século XXI.
- Apropriar-se de habilidades pessoais, estratégias mentais e instrumentos práticos para planejamento de metas e estratégias para alcançá-las.
- Sistematizar interesses, identificar habilidades, conhecimentos e oportunidades que correspondem às aspirações profissionais, abrindo caminho sólido à elaboração escalonada de metas e estratégias viáveis.

Objetivo: Projetar ações para apropriar-se de habilidades visando ao planejamento de metas e estratégias para alcançar essas ações.

Justificativa: É importante que você saiba reconhecer as ações de seu passado, valorizar as ações do momento atual, mas também que possa projetar as ações do seu futuro.

✓ Competência geral:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

✓ Competência específica de Linguagens:

2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/ questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Nesta atividade, você pôde discutir a escolha e o planejamento de ações, com foco no desenvolvimento de formação e da carreira profissional, colocando em perspectiva, como em toda a terceira unidade, o tema do Trabalho, que pertence à macroárea Economia. Além disso, foi discutido também o tema Vida Familiar e Social, uma vez que o mundo do trabalho não se separa da Cidadania e do Civismo.

4 Um portfólio para chamar de seu

Nesta atividade, vamos recuperar o percurso que você fez ao longo das três Unidades deste livro e sintetizá-lo em um portfólio. Mas o que chamamos de portfólio? Leia o que registra o dicionário.



Portefólio

(inglês portfolio)

- 1. Conjunto de material gráfico utilizado em apresentações.
- Conjunto de trabalhos ou de fotografias de trabalho de um profissional das artes.
- Dossiê ou documento com o registro individual de habilitações ou de experiências.
- 4. Pasta ou cartão duplo para guardar papéis. = DOSSIÊ, PORTA-FÓLIO.
- 5. [Economial Conjunto de títulos que está na posse de um investidor.
- 6. [Por extensão] Conjunto dos bens ou serviços que uma empresa ou um indivíduo têm disponíveis para comercializar (ex.: a consultora recomendou uma avaliação do portefólio imobiliário; o novo modelo já está em fase de produção e brevemente fará parte do portefólio da marca franco-alemã).

"Portefólio", in: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013.

Disponível em: https://dicionario.priberam.org/portefolio,

Acesso em: 27 nov. 2019.



Entre tantas acepções, escolhemos a terceira: faremos um documento com o registro individual das suas experiências. Ao longo das três Unidades, tentamos proporcionar uma série delas, por meio dos tutoriais *Mão na massa*, para que você refletisse sobre seu projeto de vida. Relembre:

· Unidade 1 - Quem sou eu: o encontro comigo

Selfies: imagens de mim

O autorretrato: uma criação biográfica

Ateliê de autorretratos

Circuito de escritas: eu, tu e nós

Árvore genealógica

Linha do tempo

Painel de inspirações (ou moodboard)

Mapa mental

Brainwriting

Carta

Unidade 2 – Expansão e exploração: o encontro com o outro

Expedição investigativa e hand maps

A busca pelo outro

Encontro com o outro

O que nos guia?

Coletivos juvenis

O que queremos dizer ao mundo?

O universo do trabalho

Cenário crítico

Minha rede intersetorial

Unidade 3 – Para onde vamos: o encontro com o nós
 Painel de significados
 Mapa afetivo de pessoas e profissões
 Expectativa × realidade
 Minha vocação
 Meu futuro em desenho e vídeo
 Escolha sua rota

Portfólio feito por aluna da escola EEEMI Profa. Ilza Irma Moeller Coppio, de São José dos Campos (SP), em 2015. Ao longo deste percurso, esperamos que você tenha compreendido mais sobre si mesmo, sobre o território em que você vive e que o(a) circunda e sobre o futuro que o(a) aguarda após a conclusão do Ensino Médio. Tais experiências serão registradas em um painel, que pode ser físico ou digital. Além das atividades, o diário de bordo pode ser seu aliado, já que concentra os registros da nossa jornada. Veja um exemplo.

MARCIO LEVYMAN



Para realizar esta atividade, providencie os seguintes materiais:



- Registros das experiências realizadas ao longo das três Unidades
- · Computador com acesso à internet ou folha de papel A3
- · Retrato digital ou impresso
- Canetas e canetinhas
- Recortes, tesoura e cola

Etapa 1:

Prepare o conteúdo do portfólio

Como se trata de uma síntese, você precisa selecionar, organizar e hierarquizar os saberes que mobilizou e produziu até aqui. Faremos isso por meio de um roteiro de perguntas, às quais você deve responder em poucas palavras. É interessante que seu portfólio comunique com assertividade dados pessoais, gostos, habilidades e desejos.

Veja o roteiro de perguntas que preparamos para você:

- Quem é você? (Apresente seu nome, sua idade e suas origens, como o local de nascimento e onde vive hoje. Você pode incluir também algumas palavras que definem o seu perfil.)
- 2. Quais são seus valores? (Considere as atividades da Unidade 1 para apontar em poucas palavras você pode se valer inclusive de tópicos o que orienta suas escolhas. Releia também o Manifesto escrito na Unidade 2.)
- **3.** Quais são suas habilidades? (Valem aspectos mais subjetivos, como a paciência, e mais técnicos e objetivos, como a facilidade para aprender uma linguagem de programação.)
- **4.** Quais são seus pontos a desenvolver? (Na atividade anterior, chamamos de fragilidades, mas pense em pontos da sua formação e da sua personalidade que podem ser melhorados, por exemplo: timidez, domínio de língua estrangeira, planejamento financeiro e afins.)
- 5. Quais são seus objetivos no curto prazo? (Pense no que você deseja: ingressar em uma universidade pública? Qual? Em qual curso? Entrar em um cursinho popular e se preparar para o vestibular? Candidatar-se a uma vaga em uma universidade estrangeira? Montar seu salão de cabeleireiro? Fazer um curso profissionalizante? Use a atividade das rotas para fazer essa síntese.)
- **6.** Quais são seus objetivos no longo prazo? (Aonde você quer chegar daqui a 20 anos? Que sentido almeja imprimir em sua vida nesse percurso? A atividade do *Draw my life* pode contribuir para a reflexão.)
- 7. Como seu território pode contribuir para que os objetivos de curto e de longo prazo sejam alcançados? (Elenque as pessoas e os lugares que podem contribuir para a concretização de seu projeto de vida.)

Etapa 2:

Construa o portfólio

Para a criação do portólio, siga as seguintes dicas:





- Escolha uma foto que seja representativa de quem você é para ilustrar o portfólio.
- Você também pode incluir mapas, desenhos e outras ilustrações para representar valores e anseios no documento.
- Crie títulos para cada seção do portfólio com base nas perguntas listadas na primeira etapa.
- Use cores para destacar as informações que mais importam para você.
- Peça que alguém revise o texto para evitar desvios em relação à norma-padrão. Seu portfólio ainda pode ser útil na dinâmica de um processo seletivo, e deslizes linguísticos não são bem-vistos em contextos formais.

Como sugerimos, seu portfólio pode ser digital ou físico, artesanal.

No **portfólio digital**, o interessante é que você consiga divulgá-lo. Há algumas ferramentas fáceis de usar com as quais você conseguirá construir essa narrativa que atravessa sua vida desde as suas origens até o porvir, reunindo as experiências mais relevantes desse processo. Existem aplicativos *on-line*, com versão gratuita, que trazem *layouts* prontos e recursos de animação. Se você não é tão tecnológico e pensa que menos é mais, os *softwares* especializados em montagem de apresentações são opções interessantes.

Para o **portfólio físico**, você se apoiará em um papel de alta gramatura (grosso, como uma cartolina ou um cartão) para desenhar seu portfólio. Pense nele como um cartaz com várias seções, determinadas pelas perguntas feitas na primeira etapa. Você pode criar símbolos para representar cada seção.

Nos dois casos, digital e físico, não se trata de aglomerar informação, mas de sintetizar e sistematizar aprendizados. Dessa maneira, a diagramação, isto é, a disposição dos diferentes elementos na página, é um aspecto importante a ser considerado. Se não for possível compartilhar o portfólio na internet, ele pode ser exposto junto com outros em uma roda de conversa com estudantes da série anterior à sua.



Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Autoconhecimento (descoberta de aspirações, interesses, potenciais e desafios pessoais): o encontro consigo, com ênfase na dimensão pessoal.
- Expansão e exploração (reflexão sobre relações sociais e ampliação de horizontes e possibilidades): o encontro com o outro e o mundo, com ênfase na dimensão cidadã.
- Planejamento (construção de caminhos para a vida pessoal, profissional e a ação cidadã): o encontro com o futuro e o nós, com ênfase na dimensão profissional.

- Refletir e dialogar sobre os interesses dos estudantes em relação à inserção no mundo do trabalho, bem como à ampliação dos conhecimentos sobre os contextos, as características, as possibilidades e os desafios do trabalho no século XXI.
- Apropriar-se de habilidades pessoais, estratégias mentais e instrumentos práticos para planejamento de metas e estratégias para alcançá-las.
- Sistematizar interesses, identificar habilidades, conhecimentos e oportunidades que correspondem às aspirações profissionais, abrindo caminho sólido à elaboração escalonada de metas e estratégias viáveis.

Objetivo: Sistematizar todo o caminho adquirido ao longo dessa trajetória para o planejamento em todas as esferas da vida (vida pessoal, profissional e cidadã).

Justificativa: É importante saber reconhecer as ações de seu passado, valorizar as ações do momento atual, mas também que possa projetar as ações do seu futuro.

✓ Competência geral:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

✓ Competência específica de Linguagens:

2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

✓ Habilidades de Linguagem e Língua Portuguesa:

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LP15) Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

(EM13LP17) Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (*vlog*, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, *podcasts*, *playlists* comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.

(EM13LP18) Utilizar softwares de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

(EM13LP19) Apresentar-se por meio de textos multimodais diversos (perfis variados, *gifs* biográficos, *biodata*, currículo *web*, videocurrículo etc.) e de ferramentas digitais (ferramenta de *gif*, wiki, site etc.), para falar de si mesmo de formas variadas, considerando diferentes situações e objetivos.

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/ questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

(EM13LP22) Construir e/ou atualizar, de forma colaborativa, registros dinâmicos (mapas, wiki etc.) de profissões e ocupações de seu interesse (áreas de atuação, dados sobre formação, fazeres, produções, depoimentos de profissionais etc.) que possibilitem vislumbrar trajetórias pessoais e profissionais.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Nesta atividade, você pôde discutir a escolha e o planejamento de ações, com foco no autoconhecimento e no desenvolvimento de formação e da carreira profissional, colocando em perspectiva, como em toda a terceira unidade, o tema do Trabalho, que pertence à macroárea Economia. Abordamos também o tema Vida Familiar e Social, já que o portfólio sintetiza, ao mesmo tempo que orienta, as relações desse âmbito. A comparação entre os portfólios dialoga igualmente com o tema Multiculturalismo por meio da percepção da diversidade cultural presente no grupo.

5 Um passo a mais: carta de motivação

Os processos seletivos já não são os mesmos – tanto para ingresso nos vestibulares quanto em postos de trabalho. Se, uma década atrás, ter bom desempenho em provas escritas e uma vasta experiência em uma única empresa era suficiente para ser aprovado ou contratado, hoje as instituições valorizam significativamente as habilidades socioemocionais, as trajetórias individuais e as atuações no coletivo – daí também a importância de pensar em um projeto e na elaboração de um portfólio.

Exemplo dessas transformações são as provas de algumas das instituições de Ensino Superior mais concorridas do Brasil em que os candidatos, além de fazer a prova escrita sobre os conteúdos estudados no Ensino Médio, entregam no ato da inscrição uma carta de motivação respondendo por que querem cursar Administração de Empresas e por qual razão escolheram a instituição. A mesma carta servirá para pautar uma entrevista com professores e recrutadores da instituição escolhida se o candidato for aprovado na primeira fase do processo. Em outra instituição de Ensino Superior, que oferece o curso de Medicina, a última etapa da seleção é composta de uma série de dinâmicas interativas que incluem entrevista, dramatização e solução de problemas. A lógica dessas instituições reflete também as novas práticas do mercado de trabalho.

Nesse contexto, propomos aqui dois exercícios que podem ser úteis para quem procura o primeiro emprego, quer solicitar uma bolsa de estudos ou um financiamento estudantil ou ainda vai participar de algum dos processos seletivos que solicitam cartas de motivação ou currículos. Com o portfólio em mãos, esse exercício será facilitado.

Etapa:

Escreva uma carta de motivação

A carta abaixo foi escrita por uma aluna que se candidatou a uma vaga para o curso de Administração de Empresas em uma instituição em São Paulo. O documento ilustra algumas características desse gênero:

São Paulo, 4 de novembro de 2018.

Prezados Examinadores,

Meu nome é [Beatriz Silva], tenho 17 anos e estou prestes a concluir a terceira série do Ensino Médio no [colégio X]. Nasci na cidade de São Paulo e vivo com meus pais, [Flávio] e [Ana Lúcia], e com minha irmã mais velha, [Lara]. Desde pequena fui uma menina ansiosa, participativa e ambiciosa em atividades dentro e fora do ambiente escolar, além de preocupada com questões que têm um impacto na sociedade. Nesse sentido, sempre procurei ajuda de pessoas mais experientes, a fim de adquirir mais conhecimento. Tais características, juntamente com a forte influência provinda das áreas profissionais em que meus pais atuam, foram decisivas para a minha escolha de cursar Administração de Empresas.

[...]

Tenho grande ligação com a área de administração, pois gerir pessoas e lugares trata-se de uma atividade nobre. Isto foi influenciado pela minha mãe e pelo meu pai. Ele trabalha em um banco e seguiu uma carreira que exige formação em economia e administração. Isso me influenciou a pesquisar mais sobre esse mundo, o que gerou uma certa familiaridade e, consequentemente, o interesse nessas áreas, tendo destaque em Administração. Apesar de a carreira de ambos ter me influenciado na escolha profissional, sempre fui muito grata pelo amparo e liberdade que tive de escolher meu próprio futuro, sem que haja uma pressão quanto a que área seguir.

Em 2018, durante uma atividade novamente promovida pelo meu colégio, [....] – no qual, após os alunos do Ensino Médio assistirem a um filme que aborda algum tema considerado polêmico, estes podem expor suas opiniões sobre tal assunto para que possa haver um debate –, tive a oportunidade, junto de três colegas, de mediar a discussão com mais de 150 pessoas sobre o tema "legalização do aborto e a liberdade de escolha pelas mulheres". Como esperado, os argumentos eram divergentes e, infelizmente, alguns ainda apresentavam a ideia de que a mulher não deve ter total liberdade de decidir o que fazer com o seu corpo. Contudo, no momento em que eu apresentava meu ponto de vista sobre a questão, foi que percebi que lutar por um espaço no qual eu seja respeitada e tenha autoridade de fala e competência para dizer o que penso em um lugar onde a fala de homens é ainda considerada superior é o que eu quero para o meu futuro.

Outro fator essencial para a minha escolha profissional foi a experiência de simular o Conselho de Segurança da ONU na minha escola, como uma atividade extra na disciplina Atualidades. O problema hipotético discutido foi se a Coreia do Norte deveria ou não sofrer punições por ter desenvolvido armamentos nucleares. Cada aluno representava um país e o meu era a Índia. A classe deveria debater questões políticas, sociais e econômicas com o objetivo de, no final, chegar a um consenso. Durante as discussões, fui percebendo um maior interesse sobre as pautas sociais, pois acredito que a questão que deveria ser tida como principal era a segurança da população mundial, principalmente, as consequências que viriam com as punições ou com a liberação de pesquisas de armamentos nucleares. Com isso, países que viam a segurança como aspecto principal formaram equipes que ajudavam uns aos outros nos argumentos, sempre respeitando opiniões divergentes.



Portanto, por meio dessa experiência, concluí que a comunicação, o trabalho em equipe e o amadurecimento emocional foram de suma importância para que chegássemos a uma conclusão. Estes são princípios pelos quais quero traçar minha carreira profissional e como farei decisões na área administrativa da empresa em que virei a trabalhar. Por isso, acredito que esta faculdade me dará o auxílio necessário para que isso se torne uma realidade. Além disso, sei que nessa instituição terei a oportunidade de me conhecer melhor e de adquirir o conhecimento indispensável para trazer benefícios a qualquer organização em que eu vier a trabalhar.

Atenciosamente, [Beatriz Silva]

(Carta adaptada do processo seletivo da Fundação Getulio Vargas em São Paulo. Para fins de publicação, os nomes foram alterados.)

Depois da leitura, reflita sobre as seguintes questões:

- 1. Qual é o objetivo da carta de motivação?
- **2.** Qual é o foco de cada parágrafo?
- **3.** É possível imaginar o portfólio de experiências de Beatriz com base no que ela relata na carta?
- **4.** Como ela demonstrou aos examinadores que merecia a vaga no curso de administração daquela instituição?
- 5. O que a carta revela sobre os valores e as habilidades da candidata?
- **6.** Beatriz estudou em uma escola privada que possibilitou uma série de experiências a ela. Em seu território, como você descreveria essas experiências para inseri-las em uma carta de motivação?

Considere a seguinte situação: Você é um jovem que acaba de concluir o Ensino Médio e está em busca do primeiro emprego. Supondo que há uma vaga para monitor da sala de informática da escola para pessoas com Ensino Médio completo, elabore uma carta de motivação apresentando seu perfil, mobilizando informações de seu portfólio e justificando por que você merece ser escolhido para a vaga de monitoria. É claro que se houver uma situação real, em seu cotidiano, em que a escrita de uma carta de motivação já é necessária, você pode adaptar a atividade aqui proposta.

Nesta atividade, exercitamos

✓ Vivências:

- Autoconhecimento (descoberta de aspirações, interesses, potenciais e desafios pessoais): o encontro consigo, com ênfase na dimensão pessoal.
- Planejamento (construção de caminhos para a vida pessoal, profissional e a ação cidadã): o encontro com o futuro e o nós, com ênfase na dimensão profissional.
- Refletir e dialogar sobre os interesses dos estudantes em relação à inserção no mundo do trabalho, bem como à ampliação dos conhecimentos sobre os contextos, as características, as possibilidades e os desafios do trabalho no século XXI.
- Apropriar-se de habilidades pessoais, estratégias mentais e instrumentos práticos para planejamento de metas e estratégias para alcançá-las.

 Sistematizar interesses, identificar habilidades, conhecimentos e oportunidades que correspondem às aspirações profissionais, abrindo caminho sólido à elaboração escalonada de metas e estratégias viáveis.

Objetivo: Preparar você para o ingresso em programas e cursos de formação ou no mercado.

Justificativa: A importância de se conseguir estruturar suas principais habilidades e histórico de ações e comportamentos para que participe de futuros processos de trabalho.

✓ Competências gerais:

- 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

✓ Competência específica de Linguagens:

2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

✓ Habilidades de Linguagens e Língua Portuguesa:

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

(EM13LP15) Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

(EM13LP18) Utilizar softwares de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

✓ Tema contemporâneo transversal:

Nesta atividade, ao apontar possibilidades para colocar o plano de ação em prática, com foco no seu ingresso em programas e cursos de formação ou no mercado, colocamos em perspectiva, como em toda esta unidade, o tema do Trabalho, que pertence à macroárea Economia. Abordamos também o tema Vida Familiar e Social, uma vez que o mundo do trabalho não se separa da Cidadania e do Civismo.





Balanço final

Você acumulou descobertas de aspirações, interesses, potenciais e os desafios pessoais com a reflexão sobre relações sociais e ampliação de horizontes e possibilidades do encontro com o outro e o mundo, das Unidades anteriores. Somados a elas, esta Unidade trouxe a capacidade de planejamento para a construção de caminhos para a vida pessoal, profissional e a ação cidadã. Agora o quebra-cabeça possui outras peças fundamentais para o seu projeto de vida.

AUTOCONHECIMENTO **PROJETO** E AUTOCUIDADO DE VIDA MUNDO RESPONSABILIDADE SOCIAL E CIDADANIA TRABALHO

Para guardar e prosseguir

Depois que você passou pela transição entre duas unidades, nesta última, sugerimos a criação de uma mostra cultural de profissões como possibilidade de compartilhamento com toda a comunidade escolar. Imagine seus colegas de turma contando a seus pais, seus amigos e vizinhos todos os aprendizados sobre as profissões que tiveram conhecimento e quais são os caminhos que eles podem escolher! Com certeza, será uma troca muito importante para seu projeto de vida e você ainda vai contribuir com outros jovens, que não passaram por esse processo ainda, e que poderão ter acesso à sua experiência de vivências nesta jornada. Afinal, você é parte de um coletivo!

Além dessa vivência coletiva planejada, você poderá ouvir a experiência de outros colegas por meio de uma escuta ativa e responsiva. Lembre-se de que você acumulou, ao longo da trajetória de seu projeto de vida, o autoconhecimento, com a expansão, a exploração e o encontro com o outro e o mundo, com ênfase na dimensão cidadã. Somados a elas, a capacidade de planejamento para a construção de caminhos para a vida pessoal, profissional e a ação cidadã! Nesse encontro com o futuro e com o nós, você agora está pronto para colocar em ação sua dimensão profissional.



PROJETO DE INTERVENÇÃO NO TERRITÓRIO PREPARA PARA O PROJETO DE VIDA

Ao longo das três unidades você refletiu sobre questões de sua vida, de sua cidade, de seu bairro e construiu projeções para sua vida profissional. Que tal agora pensar em como unir todas as reflexões? E como você pode fazer isso?

Já ouviu falar de projeto de intervenção? **Projeto de intervenção** é um projeto elaborado coletivamente, com a assistência do professor, que identifica problemas e procura soluções em determinado território. O objetivo da elaboração e implementação de projetos é possibilitar que se coloquem em prática os conhecimentos vivenciados, promovendo intervenção na comunidade, no bairro, na escola ou no território. Essas intervenções proporcionam a você o sentido de pertencimento ao mundo público e o reconhecimento de suas responsabilidades para com o bem coletivo.

Um projeto de intervenção é uma estratégia privilegiada do percurso formativo que reconhece e amplia as possibilidades de você participar da vida pública, ou seja, estar integrado na sociedade, por exemplo, a partir de movimentos culturais, e dialogar com o mundo do trabalho. Ao realizar um projeto, você é estimulado a sair do lugar de participante para criador de suas ações, aprimorando dessa forma sua capacidade de trabalhar em grupo, de planejar e de concretizar ideias.

Com a construção e implementação de um projeto de intervenção, você é estimulado a criar propostas práticas de atuação, mobilização, articulação e intervenção na vida pública do local onde vive.

Os projetos são trabalhados por grupos de estudantes com seus professores. Esse projeto conterá objetivo, justificativa, plano de ação e orçamento. O plano de ação articula as habilidades e competências trabalhadas durante todo o percurso vivido e dialoga com a realidade dos locais onde você mora.

Para iniciar um projeto de intervenção, é importante observar alguns pontos:

- ser relevante, ou seja, o projeto precisa refletir o seu desejo e o de seus colegas;
- ser relevante para o local onde você vive, com ações que visam a intervenções que beneficiam os moradores, e não um indivíduo ou um pequeno grupo;
- ter uma proposta técnica de qualidade;
- ter um plano de trabalho bem estruturado;
- estar comprometido com os valores e fundamentos do grupo;
- ter participação efetiva de todos os membros do grupo.

Vamos iniciar os trabalhos? A seguir, elaboramos as etapas necessárias para construir um projeto de intervenção.

ETAPA 1: DEFINIÇÃO DA IDEIA

Como ter uma boa ideia para o tema de um projeto? O convite é para que a turma desenvolva coletivamente um projeto a partir de uma ideia que terá como resultado ações de intervenção urbana. Um bom projeto começa com uma boa ideia e com um grupo de pessoas que acredita nela.



- O que é uma ideia?
 - Um sonho, um desejo?
- O que é uma boa ideia?
 - A prática do que sonhamos? Tudo que se pensa em realizar e tornar realidade?
- 1. Converse com os colegas e o professor e registrem no caderno o que conversaram e as ideias que surgiram.

Neste primeiro momento, é muito importante que vocês se lembrem de tudo o que realizaram até aqui:

- histórias que contaram sobre si e ouviram uns dos outros;
- entrevistas que fizeram com os moradores;
- pesquisas que realizaram sobre a escola, o bairro e seu entorno;
- pesquisas que realizaram sobre o mundo do trabalho e sobre seus desejos futuros.
- 2. Será que, a partir dessas vivências, as boas ideias não poderão surgir para o projeto de intervenção? Por exemplo: a realização de uma festa, a limpeza das ruas do bairro etc.

As possibilidades serão inúmeras. Anotem, agrupem e selecionem as mais viáveis, as que mais agradam ao grupo, as mais populares.

Com a orientação do professor, dividam-se em grupos de acordo com a ideia escolhida. Certifique-se de que você optou por esse grupo por realmente acreditar na ideia.

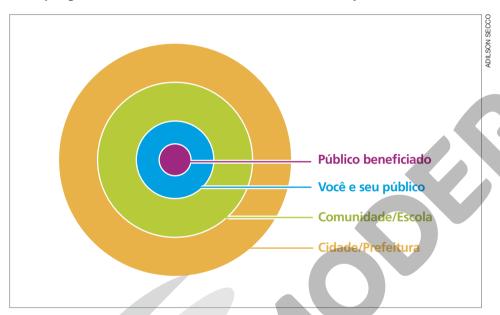
3. Com as ideias formadas, monte um quadro como o modelo a seguir, que é baseado na ferramenta de planejamento estratégico e pode ajudar a transformar em texto o que for discutido e a organizar as ideias.

Qual é a ideia?	INTEGRANTES DO GRUPO:
Quais foram as inspirações para essa ideia?	Quem são as pessoas que poderão ajudar a desenvolver essa ideia?
Que mudanças serão causadas com essa ideia?	
O que precisamos saber para colocar em prática essa ideia?	Quais recursos serão necessários para desenvolver essa ideia?
Como colocar essa ideia em prática?	

- **4.** Você e seus colegas serão divididos em grupos a partir das ideias com as quais mais se identificaram. Pense sobre o grupo em que está: você está nele por que realmente acredita na ideia ou por que seus melhores amigos fazem parte dele?
- **5.** Cada projeto deve ter entre 5 e 10 integrantes.

ETAPA 2: JUSTIFICATIVA DO PROJETO

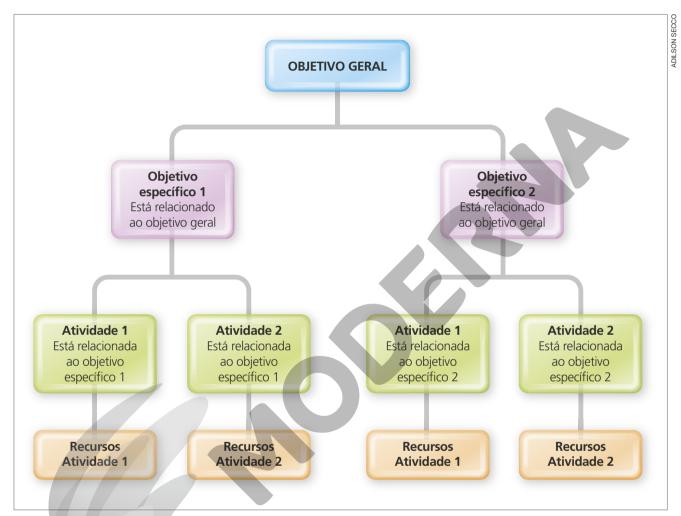
Agora é a hora de pensar na justificativa, no tema e no público de sua ação. Nessa etapa, faça uso do **mapa de contexto**, que é um instrumento de representação gráfica das diversas instâncias da vida social. Veja:



- **6.** Cada grupo/projeto deve fazer seu mapa, identificando e detalhando as pessoas, instituições, lugares, próximos ou distantes (indicando os nomes), e as instâncias que consideram importantes na relação com o público beneficiado.
- 7. Após identificar e definir quem será o público beneficiado do projeto, reflitam, passo a passo, nas outras instâncias do diagrama: Você e seu público, que se refere ao seu grupo e seu projeto; Comunidade/Escola, em que se inserem as relações de vizinhança e comunitárias, como pessoas que atuam no comércio, bem como as institucionais, ou seja, serviços públicos, como escola, hospitais, centros esportivos, e, por fim, Cidade/Prefeitura, que se refere às influências mais determinantes como legislação, governo, meios de comunicação etc.
- **8.** Para pensar o projeto, é preciso conhecer seu entorno. Então, nesta etapa, reflita sobre **sua comunidade**, quais suas características e necessidades. Como é esse lugar onde você mora?
- 9. Cada grupo/projeto deve fazer seu mapa de contexto, que ajudará na construção da justificativa do projeto. Siga na busca por responder a esta pergunta: Quem se beneficiará das ações do projeto?

ETAPA 3: OBJETIVOS E PÚBLICOS-ALVO

Nessa etapa, o desafio é pensar no objetivo geral, nos objetivos específicos, nas atividades a serem desenvolvidas, no cronograma e no orçamento do projeto. Vamos utilizar como ferramenta a **árvore lógica** a seguir.



Modelo de árvore lógica.

Para isso, o grupo já precisa ter identificado o público-alvo e o contexto em que gostariam de realizar o projeto. Para auxiliar nessa tarefa, reflitam sobre a seguinte questão:

Como é a comunidade/cidade/escola em que gostariam de estar?

Assim, será possível ter um auxílio no raciocínio, ajudando a focar em algo bem específico, fazendo com que novas ideias apareçam.

É importante valorizar as ideias de todos. Para isso, escreva em tarjetas (uma ideia por tarjeta) e exponha a ideia para a turma, permitindo sua permanente visualização e mobilidade. As tarjetas podem ser organizadas e reorganizadas por aproximação, semelhança, complementaridade.

O objetivo é ser capaz de elaborar uma frase que expresse o sonho que o grupo quer realizar com o projeto. A frase deve começar com verbo no infinitivo. Por exemplo: *Contribuir para que a comunidade leia mais*.

10. Com o objetivo principal do projeto definido, é hora de partir para os objetivos específicos, como elaborar frases que expressem passos peculiares relacionados ao sonho que o grupo quer alcançar. Para isso, precisam ser definidas as atividades a ser desenvolvidas durante o projeto.

A escolha das atividades tem que contemplar a lógica dos objetivos, por exemplo, respondendo à pergunta: Como o grupo poderá realizar o objetivo principal do projeto? Como isso poderá acontecer? Essa atividade tem que estar relacionada ao objetivo específico que se liga ao objetivo principal do projeto.

A árvore lógica é uma ferramenta utilizada na elaboração de projeto social na intenção de construir propostas de ação a partir de uma situação-problema. Sua estrutura traz clareza e foco, facilita a análise do contexto, a formulação dos objetivos e das ações previstas para o projeto. Para entender que recursos são necessários para cada atividade descrita no item 10, podemos elaborar um organograma, como o modelo mostrado na página anterior.



Com o passo a passo delineado, vamos observar o projeto "Um prato de cultura com uma pitada de respeito", desenvolvido e realizado no Jardim Lapenna, bairro da capital de São Paulo (SP).

Resumo do Projeto

"Nossa proposta é criar um evento gastronômico e cultural que gere um debate sobre a xenofobia. Resolvemos criar esse projeto porque percebemos o preconceito que os imigrantes sofrem no dia a dia na relação com os moradores do Jardim Lapenna. No bairro, a maior parte dos imigrantes é boliviana e angolana. Mesmo não sendo de maneira direta, o preconceito acontece, percebemos muitas vezes a exclusão por parte dos moradores. Então, vamos convidar imigrantes para contar o que passaram e nos ajudar a cozinhar pratos de sua cultura. Assim tentamos amenizar o preconceito que eles sofrem por parte da população."

Disponível em: https://portfoliojovem.educacaoeparticipacao.org.br/destaques/2018/02/07/um-prato-de-cultura-com-uma-pitada-de-respeito/>.

Acesso em: 14 jan. 2020.

Objetivos do Projeto

Objetivo geral

• Desconstruir o preconceito/xenofobia direcionados às pessoas e culturas de determinados países.

Objetivos específicos

- Discutir sobre o preconceito e xenofobia.
- Apresentar alguns aspectos da cultura de outros países.
- Criar um evento gastronômico/cultural com comidas típicas.

Você conhecerá a seguir o relato desse projeto.

Um prato de cultura com uma pitada de respeito

"Nós somos jovens de São Miguel Paulista, Jd. Lapenna, localizado na zona leste de São Paulo. Nos conhecemos no galpão de cultura e cidadania, através de um curso para os jovens discutirem a cidadania e os direitos do cidadão. Temos, em média, 16 anos, moramos todos no bairro [...].

O bairro Jd. Lapenna tem uma população de aproximadamente 12 mil famílias, a maior parte do bairro não tem asfalto, há saneamento básico em algumas partes do bairro, ainda há muito esgoto e córregos a céu aberto. Há somente uma escola e duas CEIs, posto de saúde há somente um. É um bairro pouco arborizado e com pouco espaço de lazer e cultura.

Percebemos o preconceito que os imigrantes sofrem no dia a dia na relação com os moradores do Jd. Lapenna. No bairro, a maior parte dos imigrantes é boliviana e angolana. Mesmo não sendo de maneira direta, o preconceito acontece, percebemos muitas vezes a exclusão por parte dos moradores.

Xenofobia significa aversão a pessoas ou coisas estrangeiras. O termo é de origem grega e se forma a partir das palavras xénos (estrangeiro) e phóbos (medo). A xenofobia pode se caracterizar como uma forma de preconceito ou como uma doença, um transtorno psiquiátrico. O preconceito gerado pela xenofobia é algo controverso. Geralmente se manifesta através de ações discriminatórias e ódio por indivíduos estrangeiros. Há intolerância e aversão por aqueles que vêm de outros países ou diferentes culturas, desencadeando diversas reações entre os xenófobos.

Muitos casos de haitianos que foram agredidos ou sofreram algum tipo de violência são relatados. Brasileiros alegam que os haitianos estão roubando seus empregos.

Em 2014, foram 45 denúncias. Já nos dois anos anteriores, foram registrados apenas dois casos. Em 2015, seriam 599 denúncias, sendo 269 crimes, que podem ter envolvido algum tipo de violência, levando os haitianos até os hospitais, que estão em estado crítico até mesmo para os brasileiros.

A chegada dos haitianos está sendo muito criticada e a maioria das suas recepções têm sido cada vez mais desagradáveis. Louis de 37 anos, haitiano, relatou que veio para o Rio Grande do Sul para conseguir emprego. Ele informou que o ofenderam por acharem que ele não entenderia.

[...]

O processo de migração internacional pode ser desencadeado por diversos fatores: em consequência de desastres ambientais, guerras, perseguições políticas, étnicas ou culturais, causas relacionadas a estudos em busca de trabalho e melhores condições de vida, entre outros. O principal motivo para esses fluxos migratórios internacionais é o econômico, no qual as pessoas deixam seu país de origem visando à obtenção de emprego e melhores perspectivas de vida em outras nações.

Conforme relatório de desenvolvimento humano de 2009, realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), aproximadamente 195 milhões de pessoas moram fora de seus países de origem, o equivalente a 3% da população mundial, sendo que cerca de 60% desses imigrantes residem em países ricos e industrializados.

No entanto, em decorrência da estagnação econômica de alguns países desenvolvidos, estima-se que, em 2010, 60% das migrações ocorreram entre países em desenvolvimento.

[...]

Os hábitos alimentares, afirma o antropólogo norte-americano Sidney Mintz, são veículos de profunda emoção. Para o autor, a comida e o comer. As atitudes em relação à comida são aprendidas cedo e bem. Na visão de Mintz, esse comportamento alimentar é nutrido por adultos afetivamente "poderosos", que conferem um poder sentimental duradouro. Assim, ele explica que o lugar onde crescemos e as pessoas com quem convivemos vão aos poucos construindo um material cultural. Esse material dá forma ao nosso comportamento alimentar que "se liga diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social. A maneira como nos alimentamos revela constantemente a cultura em que estamos inseridos."

Disponível em: https://portfoliojovem.educacaoeparticipacao.org.br/ destaques/2018/02/07/um-prato-de-cultura-com-uma-pitada-de-respeito/>.

Acesso em: 14 jan. 2020.

ETAPA 4: PROJETO DE INTERVENÇÃO

Agora que conheceu um projeto é a hora de colocar as suas ideias no papel. Utilize os exercícios realizados como base para a escrita do projeto e siga o modelo de roteiro a seguir.

Título	• Qual o nome do projeto?	
Integrantes	 Quem somos e quais são nossas funções? (jovens integrantes e suas funções) 	
Objetivo	• O que queremos fazer?	
Justificativa	 Por que queremos fazer? Por que esse projeto é necessário? Qual é a mudança que ele quer promover? Como surgiu a ideia do projeto? 	
Plano de trabalho	Quais serão as estratégicas para alcançar os objetivos? Que ações iremos realizar? Quando iremos realizá-las?	
Orçamento	Parceiros, espaços, recursos materiais e financeiros necessários à implementação das ações.	

ETAPA 5: AVALIAÇÃO

A intenção desse exercício é incentivar vocês a ler os projetos uns dos outros para que possam revisá-los, aperfeiçoá-los e contribuir com os demais grupos. Para isso, copiem o modelo do quadro a seguir e façam a avaliação dos projetos.

Não se esqueçam de inserir o nome do projeto e o de seus integrantes.

ETAPA DO PROJETO	DESCRITOR	OBSERVAÇÕES
Τίτυιο	Chama a atenção do leitor e motiva a leitura?	SODE LO
	Antecipa a temática?	O) I O
INTEGRANTES	Todas as pessoas que farão parte do projeto estão apresentadas, no início do texto, com nome e função?	
OBJETIVOS	O projeto apresenta um objetivo geral claro?	
	Os objetivos específicos estão apresentados de forma clara e correta?	
	Há relação entre o objetivo geral e os específicos?	
JUSTIFICATIVA	A proposta foi apresentada com base em dados da comunidade a que ela se destina?	EQ D ELO
	É possível localizar os motivos que levaram os jovens à elaboração do projeto?	ODETO
	O texto traz fontes (a voz de especialistas, dados estatísticos, exemplos de iniciativas similares) que sirvam como argumentos em defesa do projeto?	
	Está apresentada a importância do projeto para a comunidade?	
PLANO DE TRABALHO	Estão indicados e relacionados, de forma clara e correta, os itens data/período, ação, estratégia e recurso?	
ORÇAMENTO	Estão indicados e relacionados, de forma clara e correta, os itens recurso, quantidade, valor unitário e valor total?	ODELO
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	Estão citadas corretamente no final do projeto?	07300

PARA ONDE SEU PROJETO DE VIDA PODE LEVÁ-LO

Você se lembra de que quando começamos esta jornada o convidamos a imaginar um quebra-cabeça? Você imaginou? Naquele momento, como você idealizou as peças da sua vida? Todas juntinhas e organizadas? Todas soltas e desorganizadas? Algumas próximas e organizadas e outras nem tanto?

Nossa vida é única e intransferível e podemos percorrêla de inúmeras maneiras. O convite desta obra foi para que você pudesse repensar e reconstruir os vários campos de sua vida. A ideia era a de que, ao final dessa jornada, você tivesse feito uma primeira versão do seu projeto de vida. Vamos reconstruir esse caminho para relembrar os vários momentos do projeto?

Nos primeiros momentos dessa jornada, na Unidade 1, oferecemos a oportunidade de você lapidar sua identidade e com isso ter uma melhor versão de si mesmo – conhecendo-se e valorizando-se. Além disso, compreendendo e aprofundando as relações com sua família e construindo cada vez mais uma interação colaborativa e frutífera com a sua comunidade.

Caminhando mais um pouco, já na Unidade 2, ampliamos o trabalho para ir ao encontro do "Outro". Esperamos, ainda, que você tenha refletido sobre o bem comum, sobre a vida comunitária, e desenvolvido a percepção sobre a sua cidade e os territórios que lhe pertencem. Esperamos que essas novas experiências tenham proporcionado uma visão aprofundada de seu território, permitindo-lhe reconhecer as oportunidades que nele se apresentam.

A jornada se encerrou na Unidade 3. Nesse momento, dedicamo-nos a criar um campo de debates atrelado ao desenvolvimento profissional e à sistematização de um olhar sobre seu projeto de futuro. Pensar em um percurso de formação, encontrar caminhos para financiar seus estudos, descobrir habilidades e valorizá-las, reconhecer suas próprias fragilidades, vincular-se a uma ocupação digna e relacionar-se de modo tão crítico quanto afetivo com as pessoas e com o lugar onde você vive.

Acreditamos que trabalhar com projetos de vida na escola, por meio de estratégias como as que propomos nesta obra – mapas afetivos, autorretrato, entrevistas, painéis de inspiração, portfólio, entre tantas outras que você conhe-

ceu, tenha contribuído para que você possa enxergar sua vida vista de cima. Em muitos momentos, queríamos que você sonhasse, desse asas à sua imaginação, mas ao mesmo tempo que tivesse raízes na realidade, com objetividade e planejamento. É possível que suas escolhas passem a ser mais conscientes e que sua vida seja conduzida como um timoneiro que saiba para onde quer ir.

E falando em timoneiro, lembramos de um samba de Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho: "Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar" e, alguns versos depois, "E quando alguém me pergunta como se faz pra nadar, explico que eu não navego, quem me navega é o mar". Essa canção aponta a força do destino nas trajetórias humanas e talvez a ineficácia em tentarmos governá-las.

Em alguma medida, concordamos: há acontecimentos que escapam ao nosso controle. Por outro lado, nada nos impede de ter um plano de ação para aquilo que é possível, sim, controlar a partir da mobilização das nossas origens, dos nossos desejos, da rede intersetorial do nosso território, das pessoas que são nosso porto seguro nesse mar que oscila entre calmaria e violência e daquilo, inclusive, que está além-mar, a princípio, fora do alcance de nossa visão, mas que ainda assim pode ser cartografado por meio do nosso esforço.

Neste quebra-cabeça que chega ao fim – nestas páginas, mas não na sua vida, em que a montagem continua para além dos nossos tutoriais, textos e dicas, esperamos ter contribuído para a formação de olhares voltados para os futuros. Ora, se falamos de juventudes, temos que falar de olhares e de futuros, no plural, que se entrecruzam e se separam em razão da diversidade de contextos e rotas.

Enfatizamos que o produto desta obra, seu projeto de vida, que oscila entre o objetivo e o subjetivo, o abstrato e o concreto, não é algo engessado, um caminho fechado. Ele tem ponto de partida, algumas possibilidades de chegada e vários percursos possíveis. É um guia, sobretudo, para que diante das incertezas você não se perca de si mesmo, que use o autoconhecimento e o conhecimento do seu território e dos outros para continuar navegando, porque, acreditamos, afinal, que você já aprendeu a nadar.

Desejamos uma boa jornada!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manuel. Autorretrato falado e Canção do ver. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2011.

Livro que reúne a poesia completa de Manuel de Barros.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular:* Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

A Base Nacional Comum Curricular é um documento que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos precisam desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no Brasil por meio do estabelecimento de um parâmetro de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito.

CALVINO, Italo. A cidade e os olhos. In: As cidades invisíveis. São Paulo: Biblioteca da Folha, 2003.

O livro *As cidades invisíveis* tem sido utilizado, mundo afora, não apenas como uma obra literária profunda e inspiradora, mas também como substrato para reflexões e pesquisas do fenômeno urbano e, ainda, como ponto de partida didático para fazer você pensar sobre a cidade, sobre o espaço e sobre o território.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. *A sala de aula inovadora*: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2019.

O autor evidencia em seu livro a desmotivação do aluno em relação ao processo de aprendizagem tradicional. Camargo salienta que, ao fazer com que os alunos se sintam parte do processo, sensação essa aliada à aplicação de estratégias de metodologias ativas de aprendizagem baseadas em resolução de problemas, aumentam-se consideravelmente as possibilidades para a sua aprendizagem, quando comparada ao método tradicional. Trata-se de uma obra relevante, pois reflete a importância de o aluno desenvolver competências e habilidades, retendo maiores conhecimentos, por meio de práticas interativas e colaborativas de ensino.

DAMON, William. O que o jovem quer da vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. Tradução de Jacqueline Valpassos. São Paulo: Summus, 2009.

O principal interesse de Damon no livro é estudar o projeto vital (o termo utilizado por ele é purpose) como característica motivacional da existência do sujeito jovem, já que o projeto vital (purpose) pode motivar e influenciar positivamente toda uma existência, conferindo sentido e significado aos esforços e realizações diárias. Ao estudar o projeto vital (purpose), o principal objetivo de Damon é demonstrar a importância primordial dos projetos e metas na vida dos sujeitos, especialmente para os jovens. A proposição teórica de Damon para projeto vital (purpose) está bastante influenciada não apenas pela literatura a respeito de projetos e objetivos existenciais, mas também pela literatura sobre valores e formação moral. Durante toda a sua vida acadêmica, o autor estudou a importância da formação moral na educação de crianças e jovens. Damon afirma que, ao longo de seu trabalho com moralidade, defendeu a importância da formação do caráter e de valores, admitindo que essas ideias não são suficientes para responder à dificuldade dos sujeitos, especialmente dos jovens, para encontrar algo significativo a que se dedicar. Assim sendo, Damon se dedica a estudar o projeto vital (purpose) na juventude, pois esse é um período importante de realizações e de projeções para o futuro, representando, portanto, um momento crucial para o desenvolvimento de comprometimento com papéis sociais do mundo adulto. Ele acredita que o projeto vital durante a juventude pode auxiliar o jovem a definir como quer viver sua vida inteira, conferindo ao estudante um senso de direcionamento, auxiliando-o a encontrar estratégias para desenvolver comportamentos saudáveis e positivos e para o enfrentamento de situações adversas. Diante das incertezas do mundo contemporâneo, grande parte dos jovens tem dificuldade em encontrar algo para dedicar seus esforços e acaba apresentando apatia e desinteresse diante da própria vida e da sociedade.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017. p. 10-11.

Essa nova edição traz 21 poemas a mais que a anterior e investe numa organização muito interessante, dividida em temas que são iniciados, no livro, por trechos em prosa da autora. Assim, os 65 poemas aparecem em 6 blocos que começam com essas espécies de epígrafes, passagens que carregam o lirismo de Evaristo. O primeiro texto, por exemplo, que remete à capa, recupera a cena da mãe lavando roupa sob o sol. Poeticamente, o trecho alude às recordações da infância; além dele, há outros textos sobre memória desse período.

FERREIRO, E. *Alfabetização Digital*: Do que estamos falando? O ingresso na escrita e nas culturas do escrito – Seleção de textos de pesquisa. São Paulo: Cortez, 2013.

Este livro trata da alfabetização digital nas culturas do escrito. O termo *alfabetização digital* tem sido usado para designar um tipo de aprendizado da escrita que envolve signos, gestos e comportamentos necessários para ler e escrever no computador e em outros dispositivos digitais. Podemos pensar, assim, numa alfabetização feita com instrumentos digitais, em ambiente digital e no contexto de letramento digital.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido*: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo (RS): Editora Sinodal, 2013.

Nessa obra Frankl relata a experiência que o levou a descobrir e desenvolver a Logoterapia. Austríaco e de religião judaica em plena Segunda Guerra Mundial, Frankl foi capturado pelo exército nazista em 1942, ficando prisioneiro em campos de concentração até o final da guerra. No campo de concentração, ele perdeu a mãe, o pai e a esposa. Perdendo os seus entes mais queridos e todas as suas coisas, o autor se deparou com a redução da sua vida à "existência nua e crua". O livro (edição de 2013) é dividido em três partes, sendo a primeira uma autobiografia do autor, em que é narrada sua experiência como prisioneiro em campo de concentração nazista. Na segunda parte, Frankl expõe brevemente os princípios e pontos básicos da Logoterapia e, por fim, o livro encerra com um capítulo chamado de *A tese do otimismo trágico*, que se baseou em uma palestra apresentada pelo autor em 1983 no *III Congresso Mundial de Logoterapia*, na Universidade de Regensburg, na Alemanha.

FREIRE, Marcelino. Anotações de viagem. *Efêmero concreto*. São Paulo: Projeto AHH! n. 3, 2013. p. 38-43.

O escritor Marcelino Freire conta sobre as terras nas quais deixou parte de si, sobre o poder e o impacto de uma primeira vez e sobre as lembranças que leva consigo por todos os pontos que percorre.

FURTADO, Mailson. À cidade. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2017. p. 41-42.

Com elementos geográficos, históricos, sociológicos, políticos, físicos, metafísicos, folcloristas, genealógicos, *À cidade* é um poema que vem apresentar de forma contemporânea uma visão de uma cidade do sertão, com pano de fundo para aquelas banhadas ou mudadas indiretamente pelo caminhar do Rio Acaraú na Zona Norte do estado cearense. O poema mistura a vida do autor e suas gerações à vida construída por um povo migrante há mais de três séculos. Nele, a cidade se constrói, se destrói, se remonta, se inventa e reinventa e ganha inúmeras significações do que pode ser. Nesse sentido, o poema apresenta uma estética própria com influências de vários movimentos modernos e pós-modernos do século XX, o concretismo, neoconcretismo, a presença de rimas incertas, além da ausência de pontuação gráfica, influência vinda da poesia oriental. Essa obra instiga o leitor à pesquisa, ao mundo do conhecer, ao buscar termos, citações sobre o ambiente, que tomou por base o sertão no norte do Ceará, entre o litoral extremo-oeste, a serra da Ibiapaba, a Meruoca e das Matas.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. São Paulo: Coleção L&PM Pocket, 2005.

Tratar a memória como algo vivo, com movimento, um verdadeiro bicho inquieto: esse é Eduardo Galeano quando escreve. Na obra, ele mostra que a história pode – e deve – ser contada a partir de pequenos momentos. *O Livro dos abraços* retrata pequenos momentos do autor em suas andanças incessantes de caçador de histórias. Eduardo Galeano é bom ouvidor e o que ouviu transformou em partes desse livro.

GERALDI, J. W. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Nesse livro, João Wanderley Geraldi realiza um estudo reflexivo acerca das práticas do ensino da língua portuguesa na sala de aula. A linguagem é caracterizada pela capacidade que desenvolvemos para nos expressar na sociedade. É por meio dela que interagimos, ou seja, nossa ideologia está embasada na competência de comunicação por meio da linguagem, seja ela verbal ou não verbal. A comunicação verbal compreende a linguagem que se utiliza dos vocábulos para um ato comunicacional. Já a interação não verbal é aquela que emprega outras maneiras de comunicação, como a linguagem de sinais, as placas e sinais de trânsito, a linguagem corporal, imagens etc. É por meio da linguagem que os sujeitos se constituem como seres ativos de um sistema social.

HAASZ, Iara; BRANT, Maria; POMEROY, Melissa; SANTOS, Wagner. *Jovens urbanos:* marcos conceituais e metodológicos. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2003. p.10.

Esta publicação traz reflexões sobre o contexto das juventudes e as proposições conceituais e metodológicas do programa. Ao final do texto, há uma bibliografia consultada, documentos de referência e outras fontes de informação que podem ser de interesse do leitor. Com essas publicações, o livro promove o debate e o aprimoramento das políticas e iniciativas voltadas para a juventude no Brasil na perspectiva da Educação Integral.

HARVEY, David. O direito à cidade. Revista Piauí. São Paulo: Abril. ed. 82, jul. 2013.

Nessa matéria, David Harvey defende que um passo para a unificação das lutas sociais é adotar o direito à cidade como *slogan* e como ideal político. Assim, a cidade passa ser um território de convivência de todos.

HOLANDA, A. Pelos seus olhos eu vejo. *Revista Vida Simples.* São Paulo: Caras, ano 14, n. 169, abr. 2016.

Esse artigo trata da empatia ou a arte de se colocar no lugar do outro. Trata-se de um valor que anda em falta ultimamente e cujo exercício poderia não apenas melhorar a nossa vida, mas transformar o mundo. Patricia Moore é uma americana que, na década de 1980, revolucionou o design dos eletrodomésticos ao passar quase três anos (de 1979 a 1982) vivendo a rotina de uma senhora de 85 anos. Todos os dias, ela cumpria um ritual: aplicava camadas de látex no rosto para parecer enrugada, colocava óculos que lhe borravam a visão, tapava parcialmente os ouvidos para ter dificuldade de escutar, vestia suspensórios e enrolava bandagens para se manter encurvada, prendia talas nos braços e pernas que dificultavam a flexibilidade e, ainda, calçava sapatos desiguais que a obrigavam a andar de maneira trôpega. E assim seguia realizando tarefas que uma octogenária precisaria fazer no cotidiano. Qual é a razão de ela ter feito isso? A motivação de Patricia era entender o mundo pelo ponto de vista das pessoas mais velhas e descobrir os reais obstáculos pelos quais elas passavam diariamente.

KLEIN, Ana Maria. *Projetos de vida e escola*: a percepção de estudantes do ensino médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

A tese investiga a percepção dos(as) estudantes do Ensino Médio sobre a contribuição que as experiências escolares podem trazer aos seus projetos de vida. A pesquisadora toma por referência o conceito de projetos vitais formulado por Damon, adotando a perspectiva da psicologia positiva (Seligman e Csikszentmihalyi). Ela parte da concepção de que projetos que orientam a vida das pessoas são elementos centrais à humanidade e podem contribuir tanto para a satisfação pessoal como para fins coletivos. Entende, ainda, que a juventude é um período relevante para a identificação de tais projetos, dada a necessidade do(a) jovem de projetar seu futuro e de escolher caminhos a serem percorridos na vida adulta.

LAYS, Nayra. *Hoje eu quero atravessar em mim*. 2019. Disponível em: https://www.itaucultural.org. br/hoje-eu-quero-atravessar-em-mim>. Acesso em: 6 dez. 2019.

A matéria narra a história de Nayra Lays, que, aos 18 anos, subverteu três coisas que o racismo e o machismo tentam, de modo cruel, introjetar nas pessoas: (1) não dar a jovens como Nayra o direito de escolher um mundo fora das "quebradas" (lugar onde nasceu); (2) designar desejo e vontade próprias

como egoísmo; (3) achar que Deus só habita em igrejas cristãs e fora delas as pessoas não teriam paz. Nayra não sabia para onde iria fluir a grandeza de suas ideias. Ela começou a cursar jornalismo em uma agência-escola para jovens de periferias e se dividia entre trabalho e aulas. Ainda cursando jornalismo, idealizou um projeto com "algumas minas" de seu bairro para discutir autoestima, dando a cada uma do grupo a tarefa de descobrir potências e valores individuais. Nayra, ao longo desse percurso, deu fim a um molde religioso que seguia desde os 12 anos e começou a realizar uma tarefa de autoconhecimento que tinha por objetivo fazer tudo o que lhe ensinaram que não devia fazer: sonhar sem limites.

LISPECTOR, Clarice. Preciosidade. In: Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 83-90.

Laços de Família inclui-se entre um dos melhores livros de contos de nossa literatura. São 13 contos centrados, tematicamente, no processo de aprisionamento dos indivíduos através dos "laços de família", de sua prisão doméstica, de seu cotidiano. As formas de vida convencionais e estereotipadas vão-se repetindo de geração em geração, submetendo as consciências e as vontades. O arrefecimento da classe média carioca resulta numa visão desencantada e descrente dos liames familiares, dos "laços" de conveniência e interesse que minam a precária união familiar.

LOPES, Marina. *Jovens esperam da escola apoio para construir projeto de vida*. 2019. Disponível em: https://porvir.org/jovens-esperam-da-escola-apoio-para-construir-projeto-de-vida/. Acesso em: 28 nov. 2019.

Essa matéria mostra que a pesquisa *Nossa Escola em (Re)Construção* traz reflexões de mais de 258 mil estudantes de todo o país sobre o Novo Ensino Médio e a escola dos sonhos. Os participantes da terceira edição dessa pesquisa, promovida pelo *Porvir* em parceria com a Rede Conhecimento Social, fazem coro com outros adolescentes e jovens de diferentes regiões do país que expressaram seus sonhos e preocupações em relação à escola e ao Novo Ensino Médio. Os jovens, mais do que apenas conteúdos, esperam encontrar na escola um espaço para descobrir suas vocações, sonhos e receber orientação para fazer escolhas de vida. Para que esse objetivo se realize, quatro a cada dez estudantes gostariam de ter um orientador vocacional na escola dos sonhos.

MUSEU DA PESSOA. *Tecnologia Social da Memória:* para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. São Paulo: ABRAVIDEO: Fundação Banco do Brasil, 2009.

Em 2008, a Fundação Banco do Brasil e a Abravídeo, tendo como executor o Museu da Pessoa, iniciaram uma ação de cooperação, voltada à aplicação, avaliação e atualização editorial da Tecnologia Social da Memória. Essa iniciativa se desenvolveu no âmbito de um projeto de pesquisa e da publicação deste livro sobre a luta da autonomia política do Distrito Federal. A ação se realizou em um programa de formação de 60 horas e contou com a colaboração de sindicatos, organizações e movimentos sociais do Distrito Federal, de Brasília e das cidades-satélites. Profissionais do Museu da Pessoa conduziram a formação de representantes dessas organizações para que, ao mesmo tempo em que se tornassem aptos a aplicar a tecnologia em sua comunidade, discutissem, testassem e avaliassem o conteúdo dessa obra.

NOVAES, Regina. Conectados globalmente, coletivos juvenis agem na realidade de seus territórios. [Entrevista concedida a João Vitor Santos]. *Carta Maior*, 22 maio 2019.

Entrevista que Regina Novaes concedeu a João Vitor Santos sobre os coletivos juvenis que atuam na realidade de seus próprios territórios.

QUINTANA, Mario. Autorretrato. *In: Apontamentos de história sobrenatural*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1984.

Apontamentos de história sobrenatural contém 146 poemas; trata-se do primeiro livro de poemas de Mario Quintana. Traz também uma nota introdutória do autor, na qual ele narra alguns aspectos da organização do livro, como a disposição cronológica dos poemas, procedimento que ele nunca havia utilizado até então. Os poemas são curtos e em versos livres, contemplando também sonetos e odes, bem como poemas em prosa. Alguns desses poemas foram divulgados pela primeira vez no livro Antologia, organizado por Rubem Braga e Paulo Mendes Campos. Pela diversidade de temas e formas poéticas, o livro sintetiza algumas situações líricas de obras anteriores, recobrando temáticas como as do onírico e as do fantasmagórico. Há, ainda, certa ênfase também no memorialismo.

RESENDE, Otto Lara. Vista cansada. *Bom dia para nascer –* Crônicas publicadas na *Folha de S.Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Essa obra reúne as crônicas, de Otto Lara Resende.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Escrever, hoje:* palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018. p. 84-85.

Esse livro destaca que é importante reconhecer que a escrita é histórica e socialmente situada. Ela é viva e depende de muitas condições, inclusive e principalmente das tecnológicas. O "hoje" do título retrata a escrita como um processo. Nesse sentido, os seres humanos não são alheios à história da escrita, como se ela fosse um modo de fazer que corresse ao largo dos cidadãos. Por isso, a obra revela que a adesão a novas máquinas, novos modos de produzir texto, novos gêneros textuais são "criações" sociais, menos ou mais inusitadas, inovadoras, e nos acompanham na história da leitura e dos modos de escrever.

RODRIGUES, Cinthia. *António Nóvoa*: Aprendizagem não é saber muito. 2015. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/educacao/antonio-novoa-aprendizagem-nao-e-saber-muito/. Acesso em: 6 dez. 2019.

Entrevista realizada com António Nóvoa, autor de mais de duas centenas de trabalhos científicos nas áreas de História e Educação, reitor honorário da Universidade de Lisboa e professor convidado em Columbia (Estados Unidos), Oxford (Inglaterra), Paris 5 (França). Seu discurso evoca para a sala de aula a recuperação do básico. Para ele, "o professor tem de ajudar o aluno a transformar informação em conhecimento", resumindo em outro ponto que o bom profissional é aquele capaz de "conseguir que, no fim, o aluno goste daquilo que, no princípio, não gostava nada". Nóvoa propõe mudanças profundas na formação inicial e continuada, juntamente com maior participação da sociedade. Nesse sentido, cada educador precisaria assumir seu papel de formador de si próprio e de seus colegas também (uma rede solidária). Na opinião do entrevistado, as novas tecnologias nos tornam personagens ativos da terceira grande revolução da humanidade, sendo necessário utilizar o potencial tecnológico, o que não substitui o papel de um bom professor.

SARAMAGO, José. Passado, presente, futuro. *In: Poemas possíveis*. Portugal: Editora Caminho, 1981. Livro de poemas de José Saramago, publicado em 1981 e reeditado dezesseis anos depois.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

Esse livro é organizado em doze capítulos, os quais ora discutem conceitos fundantes sobre gêneros orais e escritos na escola básica, ora discorrem sobre as propostas de ensino, seja na língua portuguesa, seja em línguas estrangeiras, ou, ainda, no ensino de matemática, relatando sobre os estudos desenvolvidos sobre essa linha. No conjunto, os artigos trazem importantes reflexões sobre o trabalho com o oral e apresentam possibilidades de se fazer um trabalho efetivo com eles na sala de aula do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, contribuindo, assim, para mudar o cenário atual dos gêneros orais como se eles fossem secundários; ao contrário, eles não o são.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. *A pesquisa científica*. Métodos de pesquisa. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 33.

Essa obra auxilia você a conhecer mais sobre o universo da pesquisa científica: métodos, planejamento e programação.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções dos jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, 2004. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9649. Acesso em: 2 dez. 2019.

Artigo que narra a experiência e percepções de jovens na trajetória da vida escolar, período de escolhas e aprendizagens.

TEDESCO, Juan Carlos; TENTI, Emilio. Nuevos tiempos y nuevos docentes. *Documento de discusión*, v. 57, 2002. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000134675. Acesso em: 2 dez. 2019.

A conferência teve como cenário a Unesco no ano de 2002, mais precisamente julho. Tedesco e Tenti têm por objetivo fazer uma reflexão sobre alguns fatores que têm contribuído para modificar o papel dos docentes de Educação Básica na América Latina. Para os autores, será preciso (e necessário) realizar uma análise das tendências gerais de mudanças e transformações do ofício de ensinar, tendo como fator algumas evidências relacionadas às mudanças nas mais diversas esferas da vida social. Com base nisso, pode-se desenvolver algumas linhas de propostas tendo em vista as consequências que esses novos desafios implicam no papel do docente contemporâneo.

VILLAS, Sara; NONATO, Symaira. Juventudes e projetos de futuro. *In*: CORREA, Licinia Maria; ALVES, Maria Zenaide; LINHARES, Carla (org.). *Coleção Cadernos temáticos:* Juventude Brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

O Observatório da Juventude da UFMG e o Observatório Jovem da UFF criaram, em 2009, em parceria com a Secretaria de Educação Básica do MEC, o projeto Diálogos com o Ensino Médio com o objetivo de ampliar o conhecimento acerca dos jovens matriculados nesse nível de ensino e a sua relação com a escola. O projeto conta com três ações que se complementam: o Portal EMdiálogo, o Curso de Atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador – JUBEMI e a produção de uma publicação que resultou da pesquisa e produção bibliográfica relacionadas às ações do projeto, caso do artigo citado. A articulação entre as três ações caminha sempre no sentido de facilitar o acesso à informação e às produções científicas referentes às temáticas da juventude e escola e também de promover sinergia entre os diferentes atores e instituições do Ensino Médio no Brasil.

WELLER, Wivian. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectiva de futuro. *In*: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Org.). *Juventude e Ensino Médio*: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

No artigo, os autores buscam refletir sobre a noção de transição e sobre os impasses relacionados a esse momento, pois as mudanças dos padrões culturais entre as gerações anteriores e a geração atual, de certa forma, representam o reconhecimento público de que os jovens já passaram pelo período da adolescência e estão aptos para assumir novos papéis próprios da vida adulta. Os autores, no texto, pretendem compreender a importância dos projetos de vida e as dificuldades que muitos jovens enfrentam quando a sociedade espera, com certa pressão e ansiedade, que eles possam estar preparados para tomar os rumos de suas vidas, assumir responsabilidades e, o pior, responder pelas consequências das decisões tomadas.

ZANELLI, Fernanda Fragoso; SANTOS, Wagner Antonio dos (Org.). *Itinerário para as juventudes e a educação integral em Minas Gerais* – Parte 2: gestão democrática, currículo e mudança educacional. 1. ed. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2018. p. 48.

A obra busca estruturar significativas mudanças educacionais para a promoção de uma educação de qualidade na qual os jovens são sujeitos de sua aprendizagem. Essa publicação registra as reflexões e experiências desenvolvidas no escopo dessa parceria. Assim, o livro percorre as principais dimensões do processo da mudança educacional proposto pela SEE-MG para as juventudes, passando pela decisão política e a elaboração técnica, refletindo sobre suas mediações – que envolvem os diferentes profissionais que participam da sua implementação –, chegando às práticas educativas. As proposições metodológicas do Programa Jovens Urbanos contribuíram para inspirar a renovação de tais práticas.





